

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO  
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA**

Hellen Panitz Barbiero

**RECEPÇÃO DE TELENÓVELAS, MEDIAÇÕES SOCIOPOLÍTICAS E  
GÊNERO**

Santa Maria, RS

2018



**Hellen Panitz Barbiero**

**RECEPÇÃO DE TELENÓVELAS, MEDIAÇÕES SOCIOPOLÍTICAS E GÊNERO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de Concentração em Comunicação Midiática, da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Veneza Mayora Ronsini

Santa Maria, RS

2018

BARBIERO, Hellen Panitz  
Recepção de Telenovelas, Mediações Sociopolíticas e  
Gênero / Hellen Panitz BARBIERO.- 2018.  
237 p.; 30 cm

Orientadora: Veneza Mayora RONSINI  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de  
Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2018

1. Mediações Comunicativas da Cultura 2. Recepção  
Midiática 3. Telenovela 4. Relações de Gênero 5. Economia  
Solidária I. RONSINI, Veneza Mayora II. Título.

**Hellen Panitz Barbiero**

**RECEPÇÃO DE TELENÓVELAS, MEDIAÇÕES SOCIOPOLÍTICAS E GÊNERO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de Concentração em Comunicação Midiática, da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

**Aprovado em 26 de março de 2018:**




---

**Veneza Mayora Ronsini, Dr. (UFSM-RS)**  
Presidente/Orientador



---

**Denise Maria Cogo, Dr. (ESPM-SP)**  
Participação por vídeo



---

**Maria Catarina Chitolina Zanini, Dr. (UFSM-RS)**

Santa Maria,

2018



*Dedico o esforço empreendido na realização desse trabalho à minha mãe.*





## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família: mãe Claudia, Kelly e Hans por tudo. Amo vocês.

Sou grata ao meu pai Carlos Alberto (*in memoriam*) porque este trabalho é fruto de todo o incentivo que passou para que eu estudasse.

Ao Vinícius, pela calma que me passou e pela ajuda no momento de conclusão desse trabalho.

À professora Veneza, por ter me apresentado o mundo da pesquisa e ter confiado a mim trabalhos que exigiam dedicação e seriedade, estes que foram fundamentais para encarar os desafios dessa investigação. Além disso, por todas as vezes que foi mais que orientadora, que não foram poucas.

Às professoras Denise e Maria Catarina, pelas leituras generosas que fizeram desse trabalho e pelos apontamentos essenciais para a continuação dessa pesquisa.

Às mulheres que tornaram essa pesquisa possível: muito obrigada por me acolherem, me ensinarem e me tornarem uma pessoa melhor.

Ao Otávio e à Camila por todos os ensinamentos e pela parceria na academia e na vida. Muito obrigada.

A todos os colegas do grupo de pesquisa Usos Sociais da Mídia, pelos conhecimentos compartilhados.

Aos colegas do POSCOM com quem pude compartilhar disciplinas, a construção desse trabalho e aprender tanto.

Agradeço também aos funcionários e, especialmente, aos professores do POSCOM, que ministraram com maestria disciplinas essenciais para a construção desta pesquisa.

A Capes, pela bolsa concedida há aproximadamente um ano que auxiliou a realização dessa pesquisa.

Por fim, agradeço aos meus pais por terem me proporcionado as condições necessárias para o ingresso em uma universidade pública que me ofereceu, desde 2012, educação de qualidade.



“Companheira, me ajuda  
Que eu não posso andar só  
Eu sozinha ando bem  
Mas com você ando melhor”

(Ciranda de autoria anônima)



## RESUMO

### RECEPÇÃO DE TELENÓVELAS, MEDIAÇÕES SOCIOPOLÍTICAS E GÊNERO

AUTORA: Hellen Panitz Barbiero  
ORIENTADORA: Dra. Veneza Mayora Ronsini

Esta pesquisa é um estudo sobre a recepção de telenovelas com cinco mulheres integrantes de uma Associação baseada nos princípios da Economia Solidária. As entrevistadas têm entre 39 e 65 anos de idade e residem em Santa Maria/RS. O objetivo do trabalho foi investigar como as mediações sociopolíticas Associação e família conformam os usos que as receptoras fazem das representações sobre gênero na telenovela no que se refere à construção da feminilidade. Buscamos compreender quais sentidos adquire a telenovela, articulada com a socialidade das mulheres, nas identificações e nos questionamentos realizados por elas sobre as representações do feminino no âmbito das relações de gênero. Teórica e metodologicamente adotamos a perspectiva dos Estudos Culturais latino-americanos e o modelo das Mediações Comunicativas da Cultura (MARTÍN-BARBERO, 2002) nos termos da totalidade possível para a recepção (RONSINI, 2011). Analisamos as mediações da socialidade através da investigação das relações na família e Associação, da ritualidade, pelos modos de ver e ler novelas, e tangenciamos as representações nas narrativas das telenovelas para englobar a tecnicidade. As técnicas para a coleta de dados foram: observação participante (PERUZZO, 2006) com diário de campo, entrevista semiestruturada (VILELA, 2006) e o texto em ação (WOOD, 2008a; 2008b). A participação na Associação amplia o capital social, que as leva ao conhecimento de problemas comuns a outras mulheres e ao reforço do exercício dos princípios da solidariedade e da cooperação. A educação conservadora que receberam no tocante às relações de gênero apresenta sinais de enfraquecimento principalmente nos ensinamentos que transmitem aos filhos – marcados pelo incentivo à divisão igualitária das tarefas, pelo estudo e trabalho como forma de independência, pelo combate à violência contra as mulheres e pela educação sexual. Nas famílias é vigente a divisão social do trabalho baseada no sexo, que é questionada nos encontros da Associação principalmente pela presidente, que tem maior nível de instrução e relação com movimentos sociais. A maternidade ideal é defendida e exercida por elas, sendo legitimada pelos usos que realizam das novelas. Elas percebem a necessária valorização do trabalho feminino e nas telenovelas identificam-se com personagens consideradas trabalhadoras, questionando comportamentos daquelas que não o fazem. Desaprovam comportamentos e a índole de mulheres vulgares e admiram a beleza e modos de se comportar daquelas tidas como sensuais, o que reafirmam nas leituras das telenovelas. De acordo com suas experiências, essas mulheres endossam relacionamentos afetivos igualitários e um indício dessa conquista parcial de autonomia é a projeção e/ou a identificação com personagens femininas que reagem a violências, além das críticas aos homens e personagens considerados “machistas”. Inferimos que os avanços no tocante às percepções e vivências nas relações de gênero mais igualitárias podem ser discretos, mas são crescentes. As telenovelas proporcionam a criação de um espaço-tempo de sociabilidade permeado por representações sobre gênero que permite às mulheres discutir sobre igualdades e desigualdades entre homens e mulheres nos lares e na Associação.

**Palavras-chave:** Mediações Comunicativas da Cultura. Recepção Midiática. Telenovela. Relações de Gênero. Economia Solidária.



## ABSTRACT

### RECEPTION OF TELENOVELAS, SOCIOPOLITICAL MEDIATIONS AND GENDER

AUTHOR: Hellen Panitz Barbiero  
ADVISOR: Dra. Veneza Mayora Ronsini

This research is a study about a reception of telenovelas with 5 women that are integrated in an Organized Association based on principles of Solidarity Economy. The interviewed are between 39 and 65 years old and live in Santa Maria/RS. The objective of this work is to investigate how the Association and Family sociopolitical mediations conform the use the receptors make of the representations about gender in the telenovela concerning the construction of femininity. Which directions the telenovela acquires, articulated with women's sociality, have been comprehended here, in the identifications and questionings realized by them about the representations of female in the scope of gender relations. Theoretical and methodologically, the perspective of the Latin American Cultural Studies and the model of Cultural Communicative Mediations (MARTÍN-BARBERO, 2002) have been adopted, in terms of discussion about the possible totality for reception (RONSINI, 2011). It has been analyzed the sociality mediations through the investigation of meanings and Association and family relationships, of rituality, through ways of seeing and interpreting the telenovelas and touched the female representations in the narrative of telenovelas to encompass the technicality. The techniques used for data collection were: participant observation (PERUZZO, 2006) with a field diary, semi-structured interview (VILELA, 2006) and the text in action (WOOD, 2008a; 2008b). The participation in the Association increases the social capital, which takes them to be aware of common problems to other women and the enhancement to the exercise of principles of solidarity and cooperation. The conservative education they have received regarding to gender relations it presents signs of weakening, mainly concerning the teaching they pass to their children – marked by the incentive to the equal division of tasks, by studying and working as a way of independence, by combating violence against women and by sexual education. In families, it is current the working social division based on gender, which is questioned in meetings at Association, mainly by the president, who has a higher level of education and relation with social movements. The ideal maternity is defended and exercised by them, being legitimized by the uses they perform in telenovelas. They realize it is necessary to value the feminine work and in the telenovelas, they identify themselves with characters considered to be workers, questioning the behavior of those who are not. They disapprove behaviors and the nature of vulgar women and they admire the beauty and the behavior of those sensual women, which confirms in the interpretation of the telenovelas. According to their experiences, these women give signals of endorsement to equal affective relationships and a clue of this partial conquest of autonomy is a projection and/or identification with feminine characters who react to violence, as well as the criticism to men and characters considered chauvinist. In general, it has been inferred that the advances regarding to perceptions and experiences in gender relationships more egalitarian can be more discreet, but are increasing. The telenovelas provide the creation of a space-time of sociability permeated by representations about gender which allow women to discuss equalities and inequalities between men and women in their homes and in the Association.

**Keywords:** Cultural Communicative Mediations. Media Reception. Telenovela. Gender Relations. Solidarity Economy.





## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Modelo das Mediações Comunicativas da Cultura .....	39
Figura 2 – Quadro com dados socioeconômicos das entrevistadas.....	45
Figura 3 – Quadro com trecho do resultado do texto em ação aplicado com Rafaela .....	50



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

EES      Empreendimento Econômico Solidário  
UFSM     Universidade Federal de Santa Maria



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	23
<b>2</b>	<b>ESTUDO DE RECEPÇÃO PELA VIA DAS MEDIAÇÕES COMUNICATIVAS DA CULTURA</b> .....	33
2.1	ENTENDENDO A RECEPÇÃO COM JESÚS MARTÍN-BARBERO.....	33
<b>2.1.1</b>	<b>Pressupostos Metodológicos</b> .....	45
2.1.1.1	<i>Mais uma Associada? Notas sobre a imersão no campo</i> .....	51
<b>3</b>	<b>MULHER EM CONSTRUÇÃO, ECONOMIA SOLIDÁRIA E TELENOVELA</b> .....	59
3.1	“NÃO SE NASCE MULHER; TORNA-SE” E MAIS.....	59
3.2	ECONOMIA SOLIDÁRIA: DESENVOLVIMENTOS E ARTICULAÇÕES COM GÊNERO E MULHERES.....	67
<b>3.2.1</b>	<b>Articulações entre gênero e classe social para pensar a amostra</b> .....	78
3.3	DO FOLHETIM À TELENOVELA: PENSANDO AMÉRICA LATINA E BRASIL.....	84
<b>3.3.1</b>	<b>Contexto anglo americano: mídia e o feminismo como ruptura</b> .....	90
<b>4</b>	<b>MEDIAÇÕES SOCIOPOLÍTICAS: ASSOCIAÇÃO E FAMÍLIA</b> .....	97
4.1	ASSOCIAÇÃO, MOVIMENTOS SOCIAIS E RELAÇÕES SOCIAIS E PESSOAIS.....	100
<b>4.1.1</b>	<b>Trabalho: trajetórias e percepções</b> .....	113
4.2	FAMÍLIA COMO MEDIAÇÃO.....	126
<b>4.2.1</b>	<b>Maternidade</b> .....	138
<b>4.2.2</b>	<b>Relações Afetivas – Sexualidade</b> .....	142
<b>5</b>	<b>TECNICIDADE E RITUALIDADE: OS USOS DAS REPRESENTAÇÕES DAS TELENOVELAS POR MULHERES AUTO- ORGANIZADAS</b> .....	151
5.1	ACESSO E CONSUMO DE MÍDIAS.....	151
5.2	TECNICIDADE: REPRESENTAÇÕES SOBRE GÊNERO NAS NARRATIVAS.....	158
<b>5.2.1</b>	<b>As novelas pelos olhares e leituras das mulheres</b> .....	171
5.2.1.1	<i>Maternidade</i> .....	181
5.2.1.2	<i>Trabalho</i> .....	185
5.2.1.3	<i>Relações Afetivas – Sexualidade</i> .....	188
5.3	RESULTADOS E REFLEXÕES SOBRE TEXTO EM AÇÃO.....	197
<b>5.3.1</b>	<b>Entre mediações e leituras das representações de gênero das novelas</b> .....	202
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	211
	REFERÊNCIAS.....	217
	APÊNDICE A – FORMULÁRIO EXPLORATÓRIO.....	229
	APÊNDICE B – INSTRUMENTO SOCIOECONÔMICO.....	230
	APÊNDICE C – INSTRUMENTO ACESSO E CONSUMO DE MÍDIAS.....	231
	APÊNDICE D – INSTRUMENTO GÊNERO.....	232
	APÊNDICE E – INSTRUMENTO RITUALIDADE – TELENOVELA.....	234
	APÊNDICE F – INSTRUMENTO SOCIALIDADE.....	236



## 1. INTRODUÇÃO

A partir da perspectiva dos Estudos Culturais e com base na investigação das Mediações Comunicativas da Cultura (MARTÍN-BARBERO, 2002) faz-se primordial uma concepção sociocultural que investigue a recepção midiática como processo além da assistência televisiva, que se articula com instituições sociais e culturais envoltas nas experiências dos sujeitos. Seguimos o protocolo de Ronsini (2011), cuja totalidade possível para a recepção concentra-se no contexto social e cultural, no receptor e na sua posição de classe, bem como no texto midiático. Quanto ao último aspecto, esclarece que a pesquisa empírica de recepção não necessita examinar os processos produtivos, podendo apenas tangenciá-los. No plano teórico, os investigadores podem discorrer sobre os processos produtivos da indústria das comunicações de modo menos rigoroso.

Nesta pesquisa tratamos sobre as maneiras como mulheres auto-organizadas através da Economia Solidária concebem a feminilidade na e a partir da telenovela, em um movimento que vai para além da recepção midiática, mas que está também nela contida. Para tal, trabalhamos com cinco integrantes de uma Associação criada – como um grupo - em 2010 por duas moradoras de um bairro da cidade de Santa Maria/RS, onde atualmente todas as entrevistadas moram e se encontram como Associação. Por consenso das próprias mulheres entrevistadas e das demais integrantes da Associação, o nome verdadeiro do grupo não é utilizado nesta pesquisa. Ao propormos a definição de um nome fictício, as integrantes optaram por não o fazer por questões de identidade da Associação. Os nomes das integrantes, a serem apresentados ao longo do trabalho, são fictícios e foram escolhidos por elas próprias.

A Economia Solidária é entendida aqui com base em Guerín (2005) e Singer (2002) como um modo de produção que envolve um conjunto de atividades econômicas que aposta no interesse coletivo e na solidariedade mais do que na busca de lucro, sendo o objetivo dos sujeitos envolvidos a promoção da Economia Solidária tanto para oferecer trabalho e renda, quanto para difundir um modo democrático e igualitário de organizar atividades econômicas. O grupo foi criado pela constatação da precária possibilidade de inserção no mercado de trabalho por mulheres que apresentam baixo nível de escolaridade, o que as leva, segundo uma das fundadoras, a uma situação marcada por dominação e exploração, assim, com o intuito de promover a organização e a autonomia feminina<sup>1</sup>, cerca de dez mulheres maduras e

---

<sup>1</sup> Apesar de a Associação só ter sido criada burocraticamente após a incubação do projeto em uma instituição em 2017, trataremos o grupo de mulheres estudado aqui como Associação por ser assim que elas o designam, além de isso vincular os âmbitos teórico e empírico.

idosas apostam em formações pessoais e profissionais e têm como estratégias de obtenção de renda a realização de artesanatos, brechós e a produção de alimentos para comercialização.

A partir da relevância que pode adquirir a mídia na formação dos sujeitos, em suas visões de mundo e de si mesmos, essa investigação busca responder a seguinte questão: quais sentidos adquire a telenovela, articulada com a socialidade das mulheres, nas identificações e nos questionamentos realizados por elas sobre as representações do feminino no âmbito das relações de gênero? O objetivo geral é investigar como as mediações sociopolíticas na Associação e na família conformam os usos que as receptoras fazem das representações sobre gênero na telenovela no que se refere à construção da feminilidade.

Para tal, objetivamos especificamente: a) descrever as atividades individuais e coletivas realizadas pelas integrantes da Associação; b) compreender o significado do grupo nas trajetórias de vida das entrevistadas; c) mapear as relações das mulheres com a instituição família; d) tangenciar as representações sobre gênero, em especial as femininas, veiculadas pelas telenovelas e com base em pesquisas já realizadas; e) identificar convergências e divergências existentes entre as mediações sociopolíticas (Associação e família) e como elas medeiam as produções de sentido das mulheres sobre as representações de gênero nas novelas.

A partir do Mapa das Mediações Comunicativas da Cultura, apresentado por Jesús Martín-Barbero, nosso foco de investigação concentra-se principalmente nas mediações da socialidade, da ritualidade, e, em menor medida, da tecnicidade, como forma de abarcar as relações que se estabelecem entre experiências femininas e telenovelas. A socialidade, que recebe destaque nessa pesquisa pela relevância que adquire ao tratarmos do âmbito empírico, é investigada a partir do que Martín-Barbero (2009) estabelece como cotidianidade familiar, pelas competências culturais e pelo estudo da Associação da qual as entrevistadas fazem parte, constituindo o que consideramos como mediação sociopolítica. Para a investigação da tecnicidade apresentamos um panorama geral sobre as representações femininas na novela com base em trabalhos já realizados. A ritualidade abarca os modos de ver e de ler a telenovela com foco nas relações de gênero.

A análise empírica para investigação das experiências e dos usos das representações das telenovelas é baseada nas categorias da maternidade, do trabalho e da sexualidade/relações afetivas, definidas a partir de leituras teóricas, de trabalhos empíricos e da pesquisa de campo.

Teoricamente, partimos da relevância da categoria gênero como constituinte dos sujeitos, entendendo que, mesmo cada corrente feminista enfatizando um determinado aspecto



do gênero existe um campo, limitado, de consenso que estabelece que “o gênero é a construção social do masculino e do feminino” (SAFFIOTI, 2004, p. 45). A partir do termo relações de gênero buscamos entender as construções da feminilidade com base nas relações de poder que se estabelecem entre o masculino e o feminino, que podem seguir vetores em diferentes direções, consolidando-se como mais ou menos igualitárias e possíveis de serem verificadas a partir das percepções e vivências femininas. Por construção da feminilidade compreendemos “modo de pensar, agir, sentir e valorar que são tidos como “femininos”” (RONSINI et al, 2017, p.1), aqui investigados pelas representações elaboradas do feminino.

A importância da categoria gênero não enfraquece a necessidade de realizarmos uma breve articulação com classe social, que nos permite conhecer melhor as inserções das mulheres na Associação e na família para, posteriormente, tencioná-las com as interpretações e os usos realizados das representações nas telenovelas. A noção de classe vai além da visão economicista - que percebe os extratos sociais apenas pela ótica dos lugares ocupados por eles na produção - e seu tratamento empírico parte da classificação das entrevistadas pela ocupação do membro melhor situado na família, proposto por Quadros (2008).

Para o estudo da Associação partimos da premissa de que a subordinação das mulheres pelos homens é de ordem simbólica e material, constituindo-se como dominação-exploração feminina que tem vetores abertos, mas que é constantemente reforçada pelo sistema capitalista. Isso ocorre pelas tentativas constantes de legitimação de mentalidades masculinistas que levam à desvalorização do trabalho realizado pelas mulheres e pelas consequências desta e de outras atividades<sup>2</sup>. Tal argumento é reforçado a partir de dados apresentados pela pesquisa realizada em 2010, pela Fundação Perseu Abramo, intitulada *Mulheres Brasileiras e Gênero nos Espaços Público e Privado*, para a qual foram entrevistadas mais de 2.300 mulheres de 25 UFs das cinco regiões do país. Quando as mulheres foram questionadas sobre o que fariam para que a vida de todas elas melhorasse, 28% citou a necessidade do combate às discriminações no mercado de trabalho e 15% à violência de gênero.

Conjuntamente, o projeto *Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça*, divulgado em março de 2017 e realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), pela Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e Empoderamento das Mulheres

---

<sup>2</sup> Como se verá no capítulo III e na análise dos dados empíricos, a partir do conceito de relações de gênero consideramos que os vetores de dominação e exploração femininos são abertos, ou seja, não buscamos unificar as condições femininas como inseridas em regimes iguais dessas dinâmicas, entretanto, fizemos uso de dados que nos auxiliam em justificativas acerca de quem são as entrevistadas dessa pesquisa por suas inserções em um grupo baseado na Economia Solidária.

(ONU Mulheres) e pela a Secretaria de Políticas para as Mulheres do Ministério da Justiça e Cidadania, apresenta dados<sup>3</sup> que expressam as desigualdades as quais as mulheres ainda estão submetidas. Entre os anos de 1995 e 2015, as taxas de participação feminina no mercado de trabalho “pouco oscilaram” entre 54-55%, não tendo “jamais” chegado a 60%, indicativo de que quase a metade das brasileiras em idade ativa (entre 16 e 59 anos) encontra-se fora do mercado de trabalho (IPEA et al, 2017, p. 2). O percentual masculino chegou a alcançar 85% e vem caindo, beirando a 78% em 2015.

Os prejuízos no mercado de trabalho ainda predominam entre as mulheres negras, sendo que 13,3% delas encontravam-se desocupadas em 2015, enquanto 11,6% das mulheres brancas passaram pelo mesmo. Entre os homens negros, a taxa de desocupação foi de 8,5% e entre os brancos de 7,8%. Estes números indicam a hierarquia ainda predominante na desocupação do mercado de trabalho, sendo que, em ordem decrescente, a primeira posição é a das mulheres negras, na sequência as mulheres brancas, homens negros e homens brancos com os percentuais mais baixos de desocupação. Ainda, aproximadamente 17,4% das mulheres negras com ensino médio completo ou incompleto estão desocupadas.

Em 2015, somando-se as horas trabalhadas no âmbito doméstico e no público, as mulheres em geral trabalhavam 53,6 horas semanais e os homens 46,1 horas, sendo que a renda apresenta-se como um fator essencial na análise do tempo dedicado aos afazeres domésticos. As mulheres das faixas mais altas de renda gastavam cerca de 13 horas por semana nesse tipo de ocupação, quase 11 horas a menos que as mulheres mais pobres. Como consequência dos desajustes entre homens e mulheres no mercado de trabalho, a renda segue decrescendo na ordem: homens brancos, mulheres brancas, homens negros e mulheres negras.

Esses dados acerca da inserção feminina no mercado de trabalho fazem com que nos situemos sobre as condições em que se inserem as mulheres na sociedade como um todo. Eles nos fazem refletir acerca da necessidade de dar voz e visibilidade às formas pelas quais elas concebem as relações de poder que se estabelecem entre os gêneros a partir de suas experiências, bem como sobre o porquê da criação e participação em uma Associação assentada na Economia Solidária.

Como Almeida (2013), entendemos que a mídia tem a capacidade de produzir construções simbólicas através da apropriação de elementos já circulantes na cultura e consegue, mais do que isso, reforçar e normalizar determinados elementos, constituindo representações sobre gênero que podem ser consideradas hegemônicas. Apesar de auxiliar na

---

<sup>3</sup>Os dados foram coletados em 2015 a partir de indicadores da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do IBGE.

legitimação de uma estrutura invisível que favorece aos homens, entendemos que a mídia - tendo a telenovela um papel fundamental neste ponto - tem veiculado paulatinamente representações sobre relações de gênero que podem ser lidas como mais igualitárias, podendo auxiliar no reconhecimento das posições ocupadas pelas receptoras.

A assistência de telenovelas pelas entrevistadas foi constatada ainda em 2016, com a aplicação de um formulário e pelas conversas que tivemos com elas antes de iniciarmos as pesquisas. No momento de realização das entrevistas todas as mulheres afirmaram estar assistindo *A Força do Querer* (horário das 21h), *Novo Mundo* (horário das 18h) foi citada por Alice e Maria Luísa, *Rock Story* (horário das 19h) foi mencionada por Luanda, *Malhação* (horário das 17h30) foi citada por Maria Luísa e *Senhora do Destino* (horário das 16h – Vale a Pena Ver de Novo), *Tempo de Amar* (horário das 18h) e *Pega Pega* (horário das 19h) foram citadas por Rafaela. Ao tratarem sobre outras novelas já assistidas, as mulheres citam tramas veiculadas ainda na década de 70, como *A Escrava Isaura*.

A novela mais mencionada pelas entrevistadas foi *A Força do Querer*, o que, inferimos, ocorre por ser a trama transmitida pela Rede Globo no momento da realização da maior parte das entrevistas. Ainda, o longo da pesquisa elas mencionaram outras telenovelas que foram utilizadas como parte da técnica do texto em ação. A partir desse panorama, percebemos a preponderância da novela das 21h, supostamente pelo sucesso que tem, em parte, pela maneira como atinge um público mais diversificado em termos de idades, classes sociais e gêneros (JUNQUEIRA, 2009, p. 227).

Partindo do pressuposto de que a telenovela é um gênero que tem a capacidade de ativar a correspondência do *habitus* do mundo narrado com do vivido (LOPES, 2009), entendemos que é devido ao seu caráter policlassista (HAMBURGER, 2005) que o melodrama ocupa a posição de segundo gênero televisivo mais assistido pelos brasileiros, sendo acompanhada por 48% dos sujeitos (homens e mulheres) segundo dados da *Pesquisa Brasileira de Mídia* realizada em 2014<sup>4</sup>. A partir de dados como esses, entendemos que as relações que se estabelecem entre os usos realizados das representações nas telenovelas e o papel que as instituições sociais exercem na vida das mulheres precisam ser investigados levando em conta as individualidades das formas como elas se relacionam com tais esferas, mas acima disso, devem ser vistas como complementares em suas formações como sujeitos.

Ao tratar da mediação da ritualidade, Martín-Barbero (2002) afirma que ela se relaciona, entre outros fatores, às formas de convivência dos sujeitos com a cultura escrita,

---

<sup>4</sup> A pesquisa brasileira de 2016 não apresenta os resultados sobre a assistência de telenovelas e até o momento da finalização desse trabalho não haviam sido publicadas as de 2017 e/ou 2018.

oral ou audiovisual. Isso nos faz pensar na incidência desta última no Brasil, demonstrada pela *Pesquisa Brasileira de Mídia* realizada em 2016, segundo a qual 89% dos brasileiros continuam a se informar pela televisão e 73% tem acesso predominante à Rede Globo de Televisão, números que demonstram a importância que recebe a televisão mesmo em uma época marcada pelo uso crescente da internet como fonte de informação e entretenimento.

A aproximação com os estudos de gênero, com a teoria feminista e com as ciências sociais tem feito com que nos deparemos com a ideia de que todo o conhecimento é uma prática, social, situada, parcial, contingente, refutável, condicionada pelo sujeito e sua situação particular (espaço-temporal, histórica, social e cultural) (ALVARADO, 2014, p. 20). Do mesmo modo, nos aproximamos da concepção feminista de que “o pessoal é político”. A aproximação com essa ideia e com essa concepção tem servido para refletirmos acerca de nossas condições como pesquisadoras e mulheres em sociedades estruturadas por instituições que, em maior ou menor medida, constantemente reproduzem os privilégios masculinos, o que é refletido nos âmbitos público e privado. Mesmo ocupantes de posições privilegiadas, por sermos brancas e pertencentes às classes médias, a partir de nossas vivências percebemos a necessidade de dar voz às mulheres dentro do ambiente acadêmico.

Investigar as condições femininas, reconhecer e representar as diferenças existentes dentro de uma minoria social são movimentos que se consolidam através da crescente aproximação da Universidade com as demandas sociais e culturais das minorias em uma sociedade marcada pela diversificação e fragmentação de classe social, gênero e etnia. Fazemos uso de concepções de teóricas feministas para realizarmos um estudo sobre gênero por compreendermos, com Saffioti (2004, p. 43), que “[...] o próprio interesse pela temática já revela um compromisso político-ideológico com ela”.

O desejo de estudar, tanto as trajetórias de mulheres de classes populares, quanto a recepção midiática, é um projeto que mescla os âmbitos pessoal e acadêmico e angaria fôlego desde a graduação, com o ingresso, em 2013, no grupo de pesquisa Usos Sociais da Mídia, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Veneza Mayora Ronsini (UFSM), que tem se dedicado nos últimos sete anos ao estudo das relações entre mulheres de diferentes classes sociais com a mídia pelo ângulo da recepção.

Em 2015 realizamos o trabalho de conclusão de curso intitulado *A recepção do Jornal Nacional por mulheres de classes populares*, cujo principal objetivo foi compreender como as receptoras – não engajadas com movimentos e causas sociais - constituíam as representações das mulheres das classes populares a partir do texto televisual e com base nas mediações da família e do trabalho. Com este trabalho concluímos que as mediações estudadas foram

essenciais para as dinâmicas do ver televisivo e para as interpretações do texto do telejornal, sendo que as entrevistadas maduras e idosas avaliaram como positivas e identificaram-se com representações de mulheres trabalhadoras que economizam; representações que evidenciam a importância da figura materna no cuidado com a família, das melhoras nas condições de empregabilidade das mulheres e as representações de incentivo a autoestima feminina. Por outro lado, de acordo com suas experiências, elas perceberam negativamente a invisibilidade e a desvalorização feminina no telejornal, a discriminação, a representação do sofrimento da trajetória das mulheres e mães populares, a falta de condições para a realização de atividades básicas, a associação das mulheres populares ao tema da violência e às representações de mulheres fumantes e/ou que tem vícios (BARBIERO, 2015, p. 115).

A realização da monografia e o ingresso no mestrado em comunicação, acompanhados por uma aproximação paulatina com as pautas sobre gênero, fizeram surgir o interesse pela investigação da recepção midiática por mulheres auto-organizadas. Desde o trabalho de Silva (1985), um dos primeiros estudos de recepção que foi realizado com trabalhadores organizados através de sindicatos, foi revelado o potencial crítico dos receptores da televisão, especificamente, do Jornal Nacional. Segundo o autor, “a simples disposição de participar de qualquer tipo de atividade coletiva” já era um elemento que diferenciava os trabalhadores dos demais colegas (1985, p. 136), o que nos instiga a realizar este trabalho.

A opção inicial pelo objeto midiático telenovela foi impossibilitada pelas normas institucionais estabelecidas pelo colegiado do curso de Jornalismo da UFSM, assim, na dissertação resolvemos retomar o objeto em função de nossa trajetória de pesquisa desde a iniciação científica no grupo de pesquisa do qual fazemos parte.

A construção do conhecimento é vista aqui como um exercício constante de inovação e atualização, movimentos que se constroem sobre o saber já existente e consolidado. Com base nessa ideia, faz-se primordial para a elaboração de um projeto de pesquisa o levantamento<sup>5</sup> de pesquisas já realizadas relacionadas ao tema deste trabalho. Buscamos por pesquisas nos seguintes locais: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDBTD), na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo (USP), nos anais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), nos anais da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), no livro *Meios e Audiências II: a consolidação dos estudos de*

---

<sup>5</sup> De acordo com os eixos teóricos e empíricos propostos para o projeto, as buscas foram realizadas através das seguintes palavras-chaves: Mulher, Gênero, Relações de gênero, Feminismo, Feminista, Movimento Feminista; Melodrama, Telenovela, Novela, Ficção, Ficção seriada; Recepção, Consumo, Mídia, Comunicação; Economia Solidária. Todas as buscas foram realizadas com o cruzamento entre as palavras-chaves.

recepção no Brasil, organizado por Nilda Jacks, no *Meios e Audiências III: reconfigurações dos estudos de recepção e consumo midiático no Brasil e na Revista Estudos Feministas*.

Dentre os onze trabalhos que mais se aproximaram da temática desta pesquisa, apenas um se apresentou como estudo de recepção midiática por mulheres organizadas: *O fenômeno Rádio Mulher: Comunicação e Gênero nas Ondas do Rádio*, defendido por Ana Veloso (2006), que consistiu em um estudo da produção e da recepção radiofônica por integrantes de movimentos de mulheres. Essa pesquisa foi útil ao projeto pela densa construção teórica realizada pela autora que conseguiu, a partir de teóricas feministas, sintetizar as relações entre o movimento de mulheres e o movimento feminista.

Outras duas pesquisas de recepção encontradas no levantamento contribuíram com as definições deste projeto principalmente com relação às possíveis articulações teóricas e metodológicas a serem feitas, nos fazendo refletir sobre as possibilidades e os empreendimentos a serem suprimidos. São elas: *Telenovela e identidade feminina de jovens de classe popular*, defendida por Lirian Sifuentes (2010), que tratou da relação entre identidade feminina e telenovela articulando classe e gênero e a tese da pesquisadora: “*Todo mundo fala mal, mas todo mundo vê*”: *Estudo comparativo do consumo de telenovela por mulheres de diferentes classes* (2014), que tratou sobre o consumo de telenovelas por mulheres de distintas classes sociais.

Nosso entendimento é o de que esta pesquisa contribui para o estado do conhecimento no campo da comunicação e para o subcampo de recepção latino-americano por tratar do processo de recepção de telenovela por mulheres auto-organizadas. O esforço empreendido com a articulação dos eixos visa superar, mesmo que em pequena escala, a separação entre os trabalhos da área da comunicação daqueles que tratam da Economia Solidária, que são realizados em boa parte na área do Serviço Social. Conforme indicou o levantamento, os trabalhos realizados na área da comunicação têm focado em pesquisas de recepção cujas amostras não são compostas por mulheres engajadas em movimentos ou causas sociais<sup>6</sup>.

Quanto à divisão e a estrutura do trabalho: no capítulo II, em 2.1, apresentamos o entendimento da recepção pela via dos estudos culturais latino-americanos e das Mediações Comunicativas da Cultura como base, principalmente, em autores como Gomes (2004), Escosteguy (2001; 2010), Sifuentes (2014) Ronsini (2011) e Martín-Barbero (2002). No subitem 2.1.1 versamos acerca das técnicas de pesquisa empregadas para a investigação e, em

---

<sup>6</sup> Isso não significa que tais pesquisas não tenham se dedicado à análise sociocultural dos processos de recepção.

2.1.1.1 apresentamos notas relativas à inserção da pesquisadora no campo empírico da pesquisa.

No capítulo de número III, em 3.1, tratamos acerca da construção social da mulher, baseando-nos em teóricas vinculadas à teoria feminista que nos auxiliam a pensar a questão de gênero como uma categoria de análise relacional. São elas Scott (1990), Adelman (2009), Piscitelli (2002) e Saffioti (1992; 2004; 2013). Além disso, como forma de situar a pesquisa sobre gênero na América Latina e pensar a partir das particularidades da amostra, trazemos Lagarde (1996) e Alvarado (2014) Em 3.2 a economia solidária é tratada e relacionada às questões de gênero com base em Lima (2006), Gohn (2008; 2011), Singer (2002) e Guerín (2005). Nesse mesmo item versamos sobre o histórico de cidade de Santa Maria como polo de ação de Economia Solidária, bem como sobre a trajetória de um Projeto ao qual as entrevistadas se vinculam. Após, em 3.2.2, tratamos sobre a articulação entre classe social e gênero para o estudo da recepção midiática por mulheres que se auto-organizam com base na economia solidária, trazendo como referência principal Saffioti (1992; 2004; 2013). No subitem 3.3 apresentamos um breve histórico de surgimento e consolidação da telenovela a partir Junqueira (2013) e Meirelles (2009) e a forma como definimos o gênero televisivo com Lopes (2009) e Hamburger (2005). Em 3.3.1 abordamos ainda as relações que se estabelecem entre a crítica feminista e os estudos culturais de origem britânica para compreendermos as relações entre o feminismo e o melodrama com Escosteguy (2001; 2010; 2016) e Meirelles (2009).

No capítulo IV, que trata da socialidade, iniciamos pela apresentação das entrevistadas com base em pequenos perfis acerca de suas trajetórias como mães, esposas e trabalhadoras. Após essa parte, em 4.1 apresentamos o histórico de formação e de organização da Associação, enfatizando desde quando essa existe, os porquês, como e com quem ocorrem as reivindicações e ações das mulheres. Tratamos das aproximações das entrevistadas com os movimentos sociais - enfatizando o feminista - e sobre algumas mudanças percebidas por essas mulheres a partir de suas participações na Associação, principalmente no que se refere às relações de gênero. Em 4.1.1 aprofundamos suas trajetórias no âmbito do trabalho e versamos sobre as representações que elas elaboram sobre essa esfera. Também são tratadas nesse capítulo, em 4.2, as relações que elas tiveram e têm com as famílias, que nos permite entender essa esfera como uma mediação. Em 4.2.1 tratamos as percepções das entrevistadas acerca da maternidade e em 4.2.2 sobre as relações afetivas – sexualidade, com base em suas experiências.

No capítulo V, sobre a ritualidade, primeiramente, em 5.1, apresentamos um panorama geral sobre o acesso e consumo de mídia das entrevistadas. De forma a nos aproximarmos da tecnicidade com foco no texto midiático, em 5.2 realizamos uma explanação acerca do conceito de representações sociais e midiáticas com base em Jodelet (2001) e França (2004). Trataremos mais especificamente das representações sobre gênero em telenovelas com base naqueles personagens e tramas mencionados por elas ao longo da pesquisa de campo. Para finalizar essa parte, nos basearemos em Almeida (2013) e em Meirelles (2009), assim como a partir das conclusões das pesquisas de Sifuentes (2010; 2014), de Wottrich (2011) e Silva (2011). Em 5.2.1 apresentamos informações a respeito de como e quando as mulheres começaram a assistir telenovelas. Em 5.2.1.1 versamos as percepções sobre maternidade nas tramas. Em 5.2.1.2 são apresentadas suas percepções do trabalho nas novelas e em 5.2.1.3 as relações afetivas e sexualidade. O item 5.3 é composto pelos resultados e reflexões acerca da aplicação do método texto em ação. Em 5.3.1 intentamos retomar o papel das mediações nas experiências e produções de sentido das mulheres sobre as telenovelas. Em 5.4, alguns apontamentos gerais sobre as mediações e suas relações com os contextos em que se inserem as mulheres. Em 6, as considerações finais do trabalho.



## **2. ESTUDO DE RECEPÇÃO PELA VIA DAS MEDIAÇÕES COMUNICATIVAS DA CULTURA**

### **2.1 ENTENDENDO A RECEPÇÃO COM JESÚS MARTÍN-BARBERO**

Ao versarmos acerca das relações que se estabelecem entre os estudos de recepção e o modelo das mediações é imprescindível apresentar, mesmo que de forma não prolixa, as contribuições dos estudos culturais latino-americanos para o subcampo da recepção. Entendemos que essa vertente considera as peculiaridades da América Latina, advindas de um histórico marcado pela colonização e – conseqüentemente ou não – por distintas formas de dominação (GOMES, 2004, p. 74). Ainda, a compreensão de que os estudos culturais são a vertente em que aparecem situados os chamados estudos de audiência ou de recepção (COGO, 2007, p. 1) implica na apresentação das relações entre a perspectiva e o subcampo. Alertamos para o fato de que esta discussão não preza pelo ineditismo, na medida em que é realizada frequentemente por pesquisadores da área, mas segue sendo compreendida como essencial para a construção do conhecimento nesse âmbito.

De acordo com Johnson (2010, p. 18-19), cada abordagem disciplinar consegue revelar um pequeno aspecto da cultura, o que, entendemos, gera a necessária inter, trans ou mesmo anti disciplinaridade do campo dos estudos culturais, vistos como ampliadores de avenidas entre disciplinas para o entendimento de diversos fenômenos que se relacionam à cultura e/ou aos processos comunicacionais. Isso leva à compreensão de que também se faz possível uma abordagem conjunta da vertente britânica e da latino-americana que não abdique das peculiaridades dos processos ocorridos em cada território nos diferentes períodos de institucionalização do campo.

Nos anos 1960, a pesquisa em comunicação na América Latina portava marcas das análises de cunho funcionalista advindas da América do Norte, forma essa de pesquisar o processo comunicativo que entendia as audiências como passivas e sujeitas à manipulação advinda dos meios de comunicação, vistos como instrumentos de transformação social (JACKS E OROZCO-GÓMEZ, 2015). Já as análises advindas da Escola de Frankfurt, de origem europeia, eram latentes nas pesquisas em comunicação na América Latina a partir do conceito de Indústria Cultural, apresentado por Adorno (1978). Nessa perspectiva, a ênfase recaiu na crítica da mercantilização das formas culturais, que levaria a compreensão dos meios de comunicação, entre eles, principalmente a televisão, como possuidores de um caráter

ideológico negativo que atingiria a consciência e a inconsciência das massas através do reforço do *status quo*.

Foi no contexto de ditaduras e de redemocratização, a partir do surgimento de movimentos de resistência aos governos autoritários e suas estratégias de repressão e discriminação, que as práticas de comunicação alternativa e popular surgiram, apresentando um status distinto dos receptores, que passam, então, a serem considerados como agentes históricos e cidadãos. Dessa forma, a resistência e a comunicação popular são as chaves para o desenvolvimento dos estudos de recepção na América Latina<sup>7</sup> (JACKS, OROZCO, 2015).

Como visto até final dos anos 70, a existência de um paradigma hegemônico era predominante no estudo da comunicação na América Latina, constituído pelo que Martín-Barbero (2003, p. 280-283) intitula como ideologismo e informacionismo – que inferimos, referem-se às concepções da Escola de Frankfurt e aquelas de cunho funcionalistas, respectivamente. De forma geral, esse paradigma tinha como foco a análise da comunicação pela concepção teológica do poder – onipresente e onipotente - advindo dos meios, que levava à crença de que a análise de objetivos econômicos e ideológicos desses meios era suficiente para a compreensão dos usos realizados pelos consumidores. Esse modo de compreender os processos comunicacionais, situados fora do exame das condições sociais de produção do sentido, acabava por eliminar a configuração das lutas pela hegemonia e a uma espécie de dissolução do político, ou seja, da “emergência da opacidade do social enquanto realidade conflitiva e cambiante, emergência esta que se realiza através do incremento da rede de mediações e da luta pela construção do sentido da convivência social” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 284).

Para além das limitações desse paradigma dominante de pesquisa, a partir de processos sociais ocorridos em solo latino-americano, como a transnacionalização e envolvimento com uma concepção renovada do político, se pode visualizar uma valorização do âmbito cultural pela compreensão deste como algo que assinala percepções inéditas de conflito social, formação de novos sujeitos e formas de rebeldia e de resistência (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 287) - que vão além do âmbito objetivo. A partir das reconfigurações das relações entre cultura e política (a primeira adquire um *status* relativamente autônomo principalmente no contexto dos regimes ditatoriais, inserindo-se no âmbito político) torna-se fundamental a compreensão da natureza comunicativa da cultura, movimento que leva a

---

<sup>7</sup> No terceiro capítulo abordaremos o desenvolvimento dos estudos de comunicação latino-americanos e brasileiros que tiveram como objeto a telenovela (em relação à categoria de análise gênero), trajetória essa que de certa forma remonta o caráter de resistência da cultura popular assinalado aqui.

pensar os processos de comunicação a partir dela e enfraquece a redução desses processos à problemática das tecnologias e dos meios.

Segundo Escosteguy e Jacks (2005), de forma alternativa às análises funcionalistas, da dependência cultural e frankfurtianas emergem, assim, pesquisas que privilegiam conexões entre comunicação e cultura em um movimento teórico crítico expresso pela passagem de um marxismo determinista para um de corte gramsciano. No contexto latino-americano, o marxismo foi criticado por Martín-Barbero e García-Canclini, autores que rejeitam as teses do reducionismo e do determinismo econômico e a concepção marxista de ideologia como forma de pensar a mídia – enquanto discurso ideológico em um sentido negativo, tal qual as pesquisas funcionalistas –, a sociedade e as relações entre sujeitos. A ênfase marxista, segundo os estudiosos latino-americanos, mantinha a cultura como um reflexo da estrutura econômica da sociedade e o termo ideologia era diretamente relacionado com a dominação exercida pela classe dominante.

O enfoque no espaço cultural do receptor permitiu que se investigasse “o papel das mediações na configuração da relação entre sujeito receptor e meios de comunicação e não apenas as indicações da sua influência ideológica, das leituras diferenciadas do seu discurso ou da atividade do receptor” (ESCOSTEGUY E JACKS, 2005, p. 87). Para Hall, García-Canclini e Martín-Barbero a cultura não é determinada pela estrutura e a ideologia não é mero reflexo das condições de produção, sendo que são constituídas e constituem a estruturação da sociedade (ESCOSTEGUY, 2010, p. 91). Assim, a cultura é vista como um espaço de produção social e não somente de reprodução, constatando a indissolubilidade entre o simbólico e o econômico, o material e o cultural, mas não tratando nenhum desses como determinantes sobre os outros. De acordo com o conceito de hegemonia de Antonio Gramsci, a ideia de cultura popular consiste na capacidade dessa em expressar e constituir relações de poder.

Os interesses e as demandas advindos das culturas populares emergem nas análises<sup>8</sup>, sendo que o foco dos pesquisadores passa a recair sobre as formas de escape ao poder das indústrias midiáticas nacionais e internacionais. Pela ênfase que a pesquisa de recepção oferece à valorização da cultura como local que incide na estruturação das relações entre receptor e mídia, “as análises de recepção são as investigações empíricas sobre a relação entre

---

<sup>8</sup> No caminho que Martín-Barbero trilha para se inserir na investigação acerca dos usos do massivo pela cultura popular, o autor vê no Romantismo uma forma de valorizar a cultura que advém do povo, entretanto, nessa perspectiva, a originalidade da cultura popular residiria na não contaminação pelas culturas dominantes. Para o autor, isso negaria o sentido social das diferenças culturais, ponto em que justamente ele adentra quando parte da investigação dos movimentos sociais e das mediações a partir da valorização da cultura nos processos de redemocratização vividos na América Latina.

mídia e audiência realizada dentro do quadro teórico-metodológico dos estudos culturais” (GOMES, 2003, p. 29). Os estudos culturais, como um todo, propõe, assim, uma redefinição da cultura como um processo que produz sentidos, substituindo a produção canônica e pregando a valorização da cultura popular como discurso social de relevância (ESCOSTEGUY, JACKS, 2005, p. 39).

Segundo Gomes (2004), leitor, espectador e receptor não são sujeitos textuais, mas sujeitos sociais, o que significa, para os estudos culturais, sujeitos que têm uma história, vivem em uma formação social particular (que deve ser compreendida em relação a fatores sociais tais como classe, gênero, idade, região de origem, etnia, grau de escolaridade) e que são constituídos por uma história cultural complexa que é ao mesmo tempo social e textual. Essa necessidade de inserir as apropriações no contexto estruturado do receptor nos faz entender, assim como Lopes, Borelli e Resende (2002, p. 14) que a recepção midiática é um momento que ultrapassa o momento do ver televisivo e se torna um processo amplo que engloba processos subjetivos e objetivos, os considerados *micro*, controlados pelos receptores e os *macro*, que se referem às estruturas sociais e de poder que não estão no controle da audiência.

De acordo com Escosteguy (2001, p. 53)

para os estudos culturais como um todo, interessa, em primeiro lugar, especificar o que caracteriza seu objeto de estudo, considerado de forma genérica dentro da ideia de “atividade da audiência”. Esta deve ser vista em relação aos processos e estruturas sócio-políticos, isto é, em relação aos processos e estrutural e cultural através dos quais a audiência é constituída. Desta forma, a aproximação à “atividade da audiência” está sempre relacionada com operações do poder social, isto é, como as relações de poder estão organizadas dentro de práticas diversas e heterogêneas de consumo dos meios.

Nesse sentido, como reforça Johnson (2010, p. 22), a luta deve ser travada sobretudo contra a falta de conexão que ocorre “quando os Estudos Culturais são dominados por propósitos meramente acadêmicos ou quando o entusiasmo pelas formas culturais populares é divorciado da análise do poder e das possibilidades sociais”.

De forma geral, então, é a partir da perspectiva dos estudos culturais que os estudos da recepção midiática foram deslocados das abordagens que priorizavam o efeito dos meios e das mensagens para o enfoque no momento da recepção propriamente dita, o lugar em que se consolida o processo comunicativo, que é entendido não apenas como uma *etapa* do processo de comunicação, mas, sim, um lugar novo que possibilita o pensamento dos estudos e da pesquisa em comunicação (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 39). Assim, mais que interessante,

é primordial destacar que a recepção é, antes de qualquer coisa, uma perspectiva de investigação, e não uma área de pesquisa sobre mais um dos componentes do processo de comunicação, neste caso, o público.

As contribuições de Martín-Barbero<sup>9</sup> são fundamentais para pensar a recepção midiática, já que o autor se propõe a situar a comunicação no campo da cultura, isso significa deixar de pensar os processos comunicacionais como isolados dos contextos em que estão imersos os indivíduos; fato comum no estudo de bairros considerados populares. Nesse sentido, a cotidianidade passa a ser percebida como possível espaço de criatividade e de liberdade, o consumo começa a ser entendido não somente através de uma concepção reprodutivista e/ou culturalista, permitindo, assim o que Martín-Barbero denomina como “uma compreensão dos diferentes modos de apropriação cultural, dos diferentes usos sociais da comunicação” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 292).

Assim, passa-se a fazer pesquisa não pela análise das lógicas de produção e recepção para depois procurar suas relações de enfrentamento ou imbricação, mas partindo das mediações, “dos lugares dos quais provem as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão” (2003, p. 294). O mapa noturno, apresentado em *De los medios a las mediaciones* (1987) assinala o estudo de três lugares de mediação: cotidianidade familiar, temporalidade social e competência cultural, que, mais tarde, no artigo *De los medios a las practicas* (1990), transformam-se em três dimensões: socialidade, ritualidade e tecnicidade (RONSINI, 2011, p. 84).

Ao partir das Mediações Culturais da Comunicação para um mapa teórico que trata das Mediações Comunicativas da Cultura – socialidade, ritualidade, tecnicidade e institucionalidade - no livro *Ofício de Cartógrafo* (2002), Martín-Barbero sinaliza a importância de olhar a cultura a partir da comunicação. Isso expressa, segundo Ronsini (2011, p. 82), “a complexidade envolvida na relação entre comunicação, cultura e política e o protagonismo dos meios na sociedade da informação”, o que leva a pesquisa de recepção a enfatizar a análise da constituição do cultural pelas mediações comunicativas.

Martín-Barbero (2002, p. 228-229) afirma que nos anos 90 é necessário compreender a comunicação como um movimento que atravessa e desloca a cultura porque “a mediação

---

<sup>9</sup> Apesar da ligação direta que realizamos aqui entre Martín-Barbero e García-Canclini e os estudos culturais, Meirelles (2009, p. 109) aponta que estes autores se associam “à teoria latino-americana da comunicação, que na virada dos anos 1980 para 1990 contribuiu, entre muitos aspectos, para a divulgação e a discussão das propostas dos estudos culturais, notadamente das ideias de (Raymond) Williams e (Richard) Hoggart”, considerados, juntamente com Edward Thompson, os pais fundadores da vertente britânica dos estudos culturais.

tecnológica da comunicação deixa de ser meramente instrumental para se converter em estrutural”. Atualmente, segundo o autor, mais que a novidade de alguns aparelhos, a tecnologia consiste em “novos modos de percepção e de linguagem, novas sensibilidades e escritas, à mutação cultural que implica a associação do novo modo de produzir com um novo modo de comunicar que converte o conhecimento em uma força produtiva direta” (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 228-229). O lugar da cultura muda também quando processos de globalização econômica e informacional reavivam as questões das identidades culturais, sejam elas étnicas, raciais, locais, regionais, etc.. São estas mudanças, no âmbito da tecnicidade e das identidades, que levam o autor a formular o mapa das Mediações Comunicativas da Cultura, que precisa dar conta

da complexidade das relações constitutivas da comunicação na cultura, pois as mídias passaram a constituir um espaço chave de condensação e interseção da produção e do consumo cultural, ao mesmo tempo em que catalisam hoje algumas das mais intensas redes de poder. (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 229).

O modelo apresentado pelo autor é formado por dois eixos: o diacrônico (de longa duração) liga as Matrizes Culturais (MC) e os Formatos Industriais (FI) e um eixo sincrônico, que tensiona as Lógicas de Produção (LP) e as Competências de Recepção ou Consumo (CR). Segundo Ronsini (2011, p. 88), as MC “condensam a produção hegemônica de comunicação baseada no capital e nas transformações tecnológicas e sua cumplicidade com o imaginário subalterno”; os FI consistem no “tratamento das formas simbólicas e sua transformação em discursos, gêneros e programas”; as LP preocupam-se com a “organização das formas culturais em termos de interesses do Estado e de mercado na regulação dos discursos pela técnica de atender às demandas da recepção e, ainda, aos interesses políticos e econômicos institucionalizados que incidem nas formas culturais” e, por último, nas CR encontram-se “as práticas sociais que condicionam a produção de sentido” por parte dos receptores.

As relações que se estabelecem entre MC e LP são mediadas por diferentes regimes de Institucionalidades, entre MC e CR existem as socialidades, entre LP e FI medeiam as tecnicidades e entre FI e CR estão as ritualidades. De acordo com Martín-Barbero e Munhoz (1992 apud LOPES, BORELLI E RESENDE, 2002, p. 39),

as mediações são esse lugar de onde é possível compreender a interação entre o espaço da produção e o da recepção: o que se produz na televisão não responde unicamente a requerimentos do sistema industrial e a estratégias comerciais, mas também a exigências que vêm da trama cultural e dos modos de ver.

**Figura 1** – Modelo das Mediações Comunicativas da Cultura



Fonte: (RONSINI, 2011, p. 84 *apud* MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 16)

A socialidade, segundo Martin-Barbero (2002, p. 231), “dá nome à trama de relações que tecem os homens ao se juntar, e nas quais se ancoram os processos primários de interpelação e constituição dos sujeitos e identidades”. A comunicação, nesse caso, é mais uma questão de fins do que de meios, enquanto mundo da vida em que se insere, e de onde opera, a *práxis* comunicativa, sendo que nesse comunicar se mobilizam e se expressam dimensões básicas do ser social: da construção e permanecimento da coletividade, tecendo negociações que referendam o poder e outras que tentam minar sua hegemonia (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 231).

De uma forma prática, a socialidade “concerne às relações sociais, ao indivíduo/sujeito e seus múltiplos pertencimentos identitários com base em referentes individuais, de gênero, etnia e geração que são estruturados a partir de uma posição de classe” (RONSINI, 2011, p. 92). Ao se situar entre as Matrizes Culturais e as Competências de Recepção ou Consumo, a socialidade conecta “a tradição cultural com a forma como os receptores se relacionam com a cultura massiva”, sendo “o lugar das práticas sociais, onde as pessoas estão em constante negociação com a ordem vigente” (RONSINI, 2011, p. 88).

Entendemos que na socialidade estão embutidas a cotidianidade familiar – a relevância da família como espaço essencial de leitura e codificação dos textos midiáticos –, incluindo as competências culturais – que remetem a diferenças sociais mais amplas, como o pertencimento de classe – e, nesse trabalho, a Associação. Assim, investigamos as mediações

sociopolíticas da família<sup>10</sup> e da Associação com foco na forma como as mulheres que compõem a amostra da pesquisa foram educadas para ser mulheres, o que elas aprenderam sobre ser mulher, com o que elas romperam ou o que reproduzem na educação dos filhos e nos seus modos de viver; quais são os significados da Associação para cada uma, como elas vêm incorporando princípios que regem a Associação; como ocorrem as relações na Economia Solidária e com o movimento feminista; como se dão as divergências e convergências entre os valores e comportamentos endossados pela família e aqueles levados para si a partir da Associação; como elas se veem como mulheres, o que compreendem pela maternidade, pelo trabalho, pela sexualidade e relações afetivas e como tudo isso é atravessado pelas divergências e convergências citadas, entre outros pontos que nos permitem uma aproximação com as experiências dessas mulheres.

Com Ronsini (2011, p. 75) compreendemos que na pesquisa de recepção podemos tangenciar os processos produtivos da indústria cultural, sendo que não necessitamos nos dedicar teórica e empiricamente ao exame das ideologias profissionais, das rotinas de produção, de produtos e de práticas. Em um sentido restrito, Ronsini (2011, p. 88) afirma que a tecnicidade pode ser adotada como “o emprego das técnicas de produção audiovisual na produção de um texto que modela tanto as práticas dos receptores como seus modos de representação do social<sup>11</sup>”. Mesmo que haja essa possibilidade, neste trabalho não abordamos a esfera da produção.

Focamos aqui na necessidade de abarcar o estudo do texto, que, segundo a autora, eventualmente pode ser efetuado a partir de uma compilação de conclusões que já foram levantadas por pesquisadores do gênero em questão, neste caso, a telenovela (RONSINI, 2011, p. 76). Assim, nessa pesquisa apresentamos um panorama acerca das representações femininas nas novelas com base nas tramas que as entrevistadas citaram, bem como apresentamos as conclusões de pesquisas de recepção que focaram na análise das representações, painel que possibilita perceber a forma como o gênero ficcional também pode fazer parte da memória das mulheres.

Martín-Barbero (2002, p. 233) afirma que a ritualidade remete aos diferentes usos sociais da mídia e aos trajetos de leitura, “marcados pelos níveis da educação, pelos haveres e

---

<sup>10</sup> O entendimento da família como uma mediação sociopolítica advém das possibilidades colocadas pelas problematizações realizadas no movimento feminista de segunda onda, que passa a tratar do espaço privado como permeado por relações de poder.

<sup>11</sup> Em um sentido expandido, a autora supracitada afirma que a tecnicidade pode ser tomada como “estatuto social da técnica, aí demandando outro tipo de pesquisa, tal como a desenvolvida por Castells (2000), em *A sociedade em rede*, na qual o autor constata o surgimento, no século XX, de uma nova fase de desenvolvimento do modo de produção capitalista baseada nas tecnologias de processamento da informação e de comunicação de símbolos” (RONSINI, 2011, p. 88).



saberes constituídos em memória étnica, de classe ou de gênero, e pelos hábitos familiares de convivência com a cultura letrada, a oral ou audiovisual”, entre outros. Os usos sociais da mídia dizem respeito às formas como as audiências utilizam as mídias e os seus hábitos nos momentos de recepção, ao comportamento dos receptores diante dos meios e as diferentes inserções da mídia no cotidiano.

Segundo Ronsini (2011, p. 91), “a ritualidade permite pensar a modelagem dos ritmos que imprimimos ao viver o cotidiano”, sendo que “as ritualidades cotidianas organizadas com base no uso dos meios técnicos comunicacionais contribuem igualmente para definir as identidades do receptor, definições (móveis e transitórias) de si mesmo e de pertencimento coletivo”. O estudo empírico dessa mediação ocorreu, em menor medida, com base na investigação dos modos como as receptoras veem a telenovela, que servem como uma categoria para “contextualizar a recepção de programas televisivos no espaço doméstico” (RONSINI; SILVA; WOTTRICH, 2009, p. 13) e a partir das formas como elas leem o gênero, de forma a relacionar seus usos da telenovela com base no social e na própria mídia, na socialidade e na tecnicidade.

Em um estudo que tem como foco a recepção das representações de gênero nas novelas, investigar a ritualidade consiste em entender em que medida, a partir de identificações e de questionamentos, as receptoras se afastam ou endossam os valores apresentados por personagens com foco nas relações de gênero, o que nos permite entender até que ponto elas reproduzem, negociam ou resistem a determinados padrões relativos à maternidade, ao trabalho e à sexualidade e às relações afetivas. Nessa parte da investigação, o circuito da recepção parece se fechar, porque aquelas percepções advindas da experiência sobre ser mulher, sobre os significados e as relações estabelecidas com a família e a Associação são tencionadas com o exame dos usos das tramas.

Lopes (2011) aponta que mesmo com as mudanças na comunicação e na cultura, ocasionadas pelas tecnologias, as mediações continuam a ser decisivas nos momentos de atribuições de sentidos pelos receptores. Cogo (2007, p. 9), ao tratar da cidadania e dos movimentos sociais – noções que se aproximam dessa pesquisa - remete à dimensão cultural na recepção midiática ao afirmar que “segue vigente o desafio de assumir o sujeito e a cultura como pontos de partida para a compreensão dos processos comunicacionais que não podem ser reduzidos à materialidade tecnológica”. Por outro lado, a autora entende que tal desafio precisa ser tensionado com a crescente dimensão da mediação comunicacional da cultura, que leva à dificuldade, por parte dos pesquisadores, em distinguir memórias baseadas em

experiências com as tecnologias de comunicação e aquelas que não são fundadas na materialidade midiática.

Mesmo que compreendamos que a comunicação se configura como um ambiente que estrutura as mais variadas práticas, Skeggs (2017, p. 86-87) afirma que para compreender a incidência da tecnologia precisamos entender o “quadro potencial”. Isso remete a “todas as condições que nos envolvem, como elas se conectam e como elas funcionam” para não reproduzir o determinismo tecnológico. Ainda sobre isso, entende que a religião e a família, a título de exemplo, continuam importantes e que, para determinados grupos, são mais importantes que a própria mídia.

Em consonância com as dificuldades que se apresentam no momento de estudar a audiência em um contexto marcado pelas abordagens que emergem acerca da midiaticização, da transmedição, da convergência e da compreensão dos receptores como situados em uma espécie de trânsito entre posições de “televidentes” e “comunicantes” (OROZCO-GÓMEZ, 2011, p. 389), entendemos ser relevante tratar dos desafios que se colocam na área atualmente. Segundo Jacks e Orozco-Gómez (2015), a análise de recepção ou os chamados estudos qualitativos de audiência constituem um campo de investigação consolidado na América Latina há quatro décadas e hoje sobrevive ao mais recente e feroz desafio, qual seja: 1) o das migrações e mobilidades da audiência; 2) o desconhecimento desta, que tem seus membros, ou receptores, sendo intitulados por alguns pesquisadores como “prosumidores” (neologismo produtor + consumidor) ou “usuários”; 3) a sempre anunciada morte da televisão, tela que segue sendo a preferência dos estudos de recepção (JACKS E OROZCO-GÓMEZ, 2015, p. 135).

Para essa discussão, acionamos as sistematizações apresentadas por Sifuentes (2014, p. 89-90) acerca dos cinco desafios que compõem hoje o subcampo dos estudos de recepção. O primeiro desafio consiste na questão do empoderamento dos receptores, pela percepção de que eles têm sido por vezes tratados como resistentes e críticos, o que pode levar ao não reconhecimento do poder das estruturas midiáticas; o segundo consiste na problematização do conceito de audiência que, para alguns autores, não serve como sinônimo de receptor; em terceiro lugar aparece o uso do termo recepção como um recorte, teórico e empírico, do circuito comunicacional; o quarto desafio remete ao modo genérico de chamar estudos de recepção todos os estudos que envolvem mídia e públicos e o último consiste na falta de amparo que as pesquisas com foco nas novas tecnologias de comunicação, como a internet, encontram no desenho tradicional da pesquisa em recepção. Neste momento, acreditamos que

importa nos referirmos aos quatro primeiros desafios e das formas como os trataremos nesta pesquisa.

Quanto à questão da celebração do empoderamento, da resistência ou da criticidade dos receptores, entendemos ser necessário enfatizar que, em maior ou menor medida, seguimos aquilo que Ronsini (2014, p. 76, tradução nossa)<sup>12</sup> designa como Estudos Críticos de Recepção que “se definem epistemologicamente, como um esforço interdisciplinar cuja preocupação é a de combinar métodos de investigação derivados das ciências sociais com uma estrutura marxista para conceituar as relações sociais (Edgar; Sedgwick, 2003: 344)”, através da qual, por um lado, busca-se assumir que os meios não apresentam exclusivamente visões de mundo tidas como dominantes e, por outro lado, para entender que a produção de sentidos por parte dos receptores é repleta de ambiguidades, permeada por uma consciência contraditória que só se traduz em ação social na batalha política e, ainda, para reconhecer que as leituras dos textos midiáticos podem conter elementos opositivos com relação à ideologia dominante.

O termo audiência, que tem sido alvo de questionamentos segundo Sifuentes, é aqui definido de forma semelhante a da autora, a partir de autoras brasileiras. Escosteguy e Jacks (2005, p. 111) entendem que, no Brasil, há uma associação do termo “audiência” com índice de audiência. Entretanto, as autoras tomam o termo pesquisa de audiência “apropriado para abarcar toda a investigação, mesmo acadêmica, que tenha como foco central a compreensão dos sujeitos receptores, os quais recebem e/ou se relacionam com determinadas tecnologias de comunicação”.

Lidamos com o terceiro desafio, que trata da utilização do termo recepção como um momento específico do processo comunicativo, a partir da totalidade possível para a recepção, apresentada por Ronsini (2011, p. 76). A autora estabelece que essa totalidade concentra-se no contexto social e cultural, no receptor e na sua posição de classe e no texto midiático, mas esclarece que a pesquisa empírica não necessita imergir ao universo da produção de maneira profunda na ausência de um trabalho coletivo, apenas tangenciar os processos produtivos,

---

<sup>12</sup> Citação original: “Los Estudios Críticos de Recepción se definen, epistemológicamente, como un esfuerzo interdisciplinar cuya preocupación es la de combinar métodos de investigación derivados de las ciencias sociales con una estructura marxista para conceptuar las relaciones sociales (Edgar; Sedgwick, 2003: 344), no sólo para desmistificar la producción de representaciones como parte de estrategias del orden dominante, sino también para asumir, por una parte, que los medios no presentan exclusivamente visiones del mundo dominantes; y, por otra, que la producción de sentido por los receptores está llena de ambiguidades, de una conciencia contraditória que sólo se traduce en acción social en la batalla política. Reconozco, además, que tales lecturas pueden contener elementos de oposición a la ideología dominante, de los que derivan comportamientos cotidianos de una <resistencia> que permea modos de ser y de hacer con relación a sus aspectos estéticos, polémicos e éticos (Certeau, Giard, Mayol, 1996: 339-340) (RONSINI, 2014, p. 76)

sendo possível discorrer teoricamente sobre eles de modo menos rigoroso. A análise da recepção, nas condições materiais das quais dispomos, precisa ser recortada, pois, contrário a isso, “teríamos uma pesquisa sobre as potencialidades da relação entre produção/produto e recepção/consumo” (RONSINI, 2011, p. 81).

O quarto desafio apresentado por Sifuentes, acerca da problemática dos trabalhos filiados ao “guarda-chuva dos estudos de recepção”, é tratado aqui a partir da classificação que a própria autora realiza com base em autores brasileiros. Sifuentes (2014, p. 101-102) define a análise de recepção como subárea que “se interessa pela relação do público com as mensagens e as respostas a um texto específico (que pode ser um programa ou gênero), sendo importante a análise desta mensagem a que a leitura se refere”. Os estudos de consumo midiático são definidos como aqueles que focalizam “a relação do público com os meios ou com um gênero, sem atentar para a decodificação de mensagens específicas” preocupando-se em estudar “como o contexto do receptor afeta a experiência midiática e como essa impacta o indivíduo”.

Seguindo a autora supracitada, as pesquisas que tem como objetivo estudar os usos sociais atentam para “o que os sujeitos fabricam, simbólica ou concretamente, a partir da relação com a mídia. É a produção cultural do receptor que se percebe nas maneiras de empregar os produtos midiáticos”. Por último, temos a definição de estudos de identidades; como aqueles que pesquisam “o papel da mídia na conformação indentityria de um grupo, sendo essa identidade enquanto um produto de relações sociais diversas, com foco nos meios de comunicação” (SIFUENTES, 2014, p. 102).

Entendemos que a divisão apresentada por Sifuentes (2014) tem a contribuir com os trabalhos da área por tentar sistematizar as diferentes tendências dos estudos, mas temos dificuldade em fixar – mesmo que talvez esse não seja o objetivo da autora – essa pesquisa em um desses tipos. Nossa compreensão é a de que ao estudarmos a recepção da telenovela, em maior ou menor medida, investigamos as leituras das receptoras sobre as representações na telenovela, bem como nos aproximamos desse texto; compreendemos como os contextos de vida dessas mulheres afetam suas experiências midiáticas e vice-versa; investigamos as produções simbólicas (representações) das receptoras a partir das relações que mantêm com a mídia e aproximamo-nos das conformações de suas identidades femininas. Nesta pesquisa ainda apresentamos um panorama sobre o acesso e o consumo de mídia das entrevistadas para entender como esta, de forma geral, conforma maneiras de pensar das receptoras.

### 2.1.1 Pressupostos metodológicos

Como já apresentado na introdução, por consenso das próprias mulheres entrevistadas e das demais integrantes da Associação, o nome verdadeiro do grupo não é utilizado nesta pesquisa. Ao propormos a definição de um nome fictício, as integrantes optaram por não o fazer por questões de identidade da Associação. Os nomes das integrantes, a serem apresentados ao longo do trabalho, são fictícios e foram escolhidos por elas próprias.

As mulheres que participam desse trabalho aceitaram participar da pesquisa estando cientes de todos os procedimentos metodológicos realizados, os quais foram explicados durante um dos encontros com as informantes: observação das participantes durante as reuniões da Associação, observação do cotidiano das entrevistadas e da assistência da telenovela nas residências – que ocorreu em menor medida - entrevistas semiestruturadas, individuais e gravadas e aplicação individual do texto em ação. A dinâmica da assistência coletiva, a ser explicada logo mais neste subitem, foi apresentada em um dos encontros da Associação e todas aceitaram fazer parte.

A seguir, na figura 2, apresentamos a amostra com base em dados socioeconômicos:

**Figura 2** – Quadro com dados socioeconômicos das entrevistadas

Nome Fictício	Idade	Estado Civil	Etnia	Escolaridade	Ocupação anterior	Ocupação atual	Associação	Filhos
Luanda	41	Casada	Negra	Pós Graduação	Empregada doméstica	Assistente Social; Faz brechós	Presidente	5
Maria Luísa	40	Casada	Branca	Fund. Incompleto	Empregada doméstica e Cozinheira	Faz artesanatos; brechós; alimentos	Vice Presidente	3
Rafaela	39	Casada	Branca	Médio Incompleto	Empregada doméstica e Cuidadora	Revendedora de roupas e cosméticos; faz artesanatos; brechós; alimentos	Tesoureira	1
Cenira	65	Casada	Parda	Fund. Incompleto	Empregada doméstica	Faz brechós	Conselho fiscal	2
Alice	57	Casada	Negra	Fund. Incompleto	Empregada doméstica	Faz brechós	Conselho fiscal	1

Fonte: Elaboração própria da pesquisadora.

Todas as entrevistadas pertencem às classes populares e são moradoras do mesmo bairro em Santa Maria/RS. Luanda, Maria Luísa, Cenira e Alice afirmam auxiliar nas despesas dos lares, mas são os maridos os maiores responsáveis pelo sustento das casas.

Somente Rafaela considera que sejam ambos. Os demais dados das entrevistadas são apresentados no subitem IV.

Inicialmente, a amostra desse projeto foi composta por sete mulheres, entretanto, duas delas saíram da Associação em 2017 e quando questionadas em conversas informais alegaram, entre outras questões, a disparidade entre investimento e lucro durante suas participações nas feiras, fazendo-me entender que a participação na Associação deve vincular-se às formações<sup>13</sup>. No final de 2017, período em que o grupo estava na transição para a Associação e cooperativa foi sempre reforçada a necessidade de engajamento das mulheres no trabalho como um todo, em função de que os lucros desejados e mencionados no período que precedeu a incubação do projeto ainda não haviam sido alcançados.

Após essa breve apresentação da amostra, que é aprofundada no capítulo IV, faz-se necessário refletirmos sobre a combinação de técnicas aplicadas para alcançarmos nossos objetivos. Como apontam Lopes, Borelli e Resende (2002, p. 23), “o principal desafio que atravessa hoje os estudos latino-americanos de recepção está na tradução metodológica da teoria das mediações em projetos de investigação empírica”. Na busca pela aproximação com a socialidade e com a ritualidade, fazemos uso de uma metodologia qualitativa composta pelas técnicas da entrevista semiestruturada, da observação participante com a construção de diário de campo e, ainda, do texto em ação, apresentado por Helen Wood como um método, mas que aqui é utilizado como uma técnica e nos permite avançar o estudo do funcionamento das medições situadas entre a esfera da produção da telenovela e a da recepção.

A estratégia de técnicas múltiplas nos permite, segundo Lopes, Borelli e Resende (2002, p. 40), enfrentar a questão da subjetividade dos dados a partir da tentativa de objetivá-los – “levá-los a condição de dados de confiança e de afirmação” - através do que intitulam como “processo de saturação de sentido” de um fato. Isso faz com que as informantes voltem a temas por meio da repetição de questões ou mesmo através de pontos de vista distintos. A combinação entre entrevistas, observações participantes e texto em ação faz com que consigamos ir além da verbalização de experiências e das percepções midiáticas que as mulheres elaboram ao nos permitir tangenciar suas práticas.

A combinação de técnicas supre ainda uma demanda apresentada pela perspectiva dos usos sociais da mídia, qual seja, “a captação das práticas/formas culturais em fonte primária, vale dizer, um conhecimento oriundo do trabalho de campo prolongado com nossos informantes/interlocutores”, assim, “sujar as mãos na cozinha empírica é o que podemos fazer

---

<sup>13</sup> Em alguns momentos optamos por utilizar a primeira pessoa para melhor compartilhar a experiência de imersão no campo empírico.

na recepção, tentando descobrir, na relação com nossos informantes, o sentido que se produz a partir da experiência cotidiana com os meios” (RONSINI, 2011, p.76-77).

Na busca por me inteirar minimamente acerca das entrevistadas e da Associação como um todo, apliquei, em 2016, um formulário exploratório a quatro mulheres - das quais três continuaram a fazer parte do grupo entrevistado - com questões relativas aos dados socioeconômicos, à participação na Associação, à relação com movimentos sociais e o consumo de mídia. O formulário fez-me crer na possibilidade de trabalhar com a recepção de telenovela pela afirmação da assistência do gênero ficcional. Para além desse contato exploratório, no decorrer dos encontros percebi que as mulheres frequentemente citavam situações vistas na novela no intuito de tecerem comentários opinativos e/ou compararem-se no sentido de aproximar ou distanciarem-se das representações femininas e de relacionamentos afetivos veiculados pelas tramas.

As entrevistas de tipo semiestruturado são realizadas com a combinação de questões abertas e fechadas que compõem um roteiro pré-estabelecido de questões divididas por temáticas, permitindo ao pesquisador intervir na fala do entrevistado quando o assunto for desviado do tipo de informação que se deseja obter (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75). Como técnica, a entrevista é concebida como uma tentativa de abordar o outro para conhecê-lo ou com o objetivo de obter uma informação que ele possui e almejamos conseguir (VILELA, 2006, p. 47). Os instrumentos de entrevistas foram divididos em cinco: Socioeconômico; Acesso e consumo de mídias; Ser mulher – Gênero; Ritualidade; e Socialidade, totalizando 230 questões apresentadas aqui em apêndices.

A observação participante é complementar em uma pesquisa realizada no marco dos Estudos Culturais por consistir na inserção do pesquisador no contexto de ocorrência do que se pretende investigar, colocando-o frente ao fenômeno e ao contexto (PERUZZO, 2009, p. 125). Esta técnica permitiu-me entrar em contato com as entrevistadas nos encontros da Associação e nas feiras, nas quais percebi como ocorrem as relações de poder que se estabelecem entre elas, a família e a Associação. Para além da investigação da socialidade, em pesquisas que examinam as relações entre receptores e mídia, a infiltração do pesquisador no cotidiano dos sujeitos permite observar como se processa a decodificação das mensagens dos meios de comunicação (PERUZZO, 2009, p. 136), bem como as práticas realizadas pelas receptoras que podem ser associadas à telenovela. Como arquivo da observação participante, o diário de campo facilita a organização das informações obtidas e auxilia nas recordações dos pontos interessantes dos encontros.

A tradição dos Estudos Culturais, por vezes, nos faz estudar e conhecer a relação da audiência com a televisão em momentos separados, como demonstra a técnica da entrevista, o que parece realçar um distanciamento entre texto e público (SADLER, 2010, p. 180). Frente a isso, existe a necessidade de unir o texto midiático e as percepções dos receptores. Em junho de 2017, optamos por realizar o que denominamos como assistência coletiva de cenas de telenovelas com o grupo de mulheres, de forma a apresentar no exame de qualificação um panorama geral acerca dos sentidos que a telenovela (recortada) pode adquirir nas experiências das entrevistadas. Há uma inspiração na técnica de grupo focal, já que as mulheres estavam reunidas e conversaram durante a proposta, sendo que das sete integrantes da Associação presentes no encontro desse dia, somente uma não é parte da amostra da pesquisa.

Para a realização da dinâmica, levei até o espaço onde ocorrem as reuniões uma televisão de 32” e um *notebook* que possibilitaram a apresentação de seis cenas das telenovelas *A Viagem* (Rede Globo, 1994), *Senhora do Destino* (Rede Globo, 2004-2005), *Laços de Família* (Rede Globo, 2000-2001), *A Lei do Amor* (Rede Globo, 2016-2017) e *Novo Mundo* (Rede Globo, 2017). A escolha das cenas e das telenovelas apresentadas foi realizada na reunião anterior com base naquelas citadas como as que chamaram a atenção e/ou que as entrevistadas assistem/assistiram.

Esse encontro foi distinto dos outros observados porque foi permeado por discussões sobre gênero, começando por minha introdução acerca da atividade, quando versei brevemente sobre as identidades femininas e sobre as posições das mulheres na sociedade, para instigar as entrevistadas a refletirem, ainda mais, sobre suas vivências, bem como de contribuir com nossos conhecimentos para com a Associação, algo que senti a necessidade e que vi surtir resultados naquele momento<sup>14</sup>.

Apresentado como método por Helen Wood<sup>15</sup>, o texto em ação busca levar em conta a produtividade do receptor quando em contato com a mídia, sendo o espaço de diálogo entre televisão, público e contexto compreendido como um lugar de articulação e criação de novos significados (WOOD, 2008b, p. 13). A necessidade da autora do método em desenvolver o texto em ação surge justamente do intuito de ativar e capturar as relações vivas constituídas entre os sujeitos e as mídias, assim como apanhar interações verbais e não verbais, o que em

---

<sup>14</sup> No texto final, a análise dos dados obtidos na assistência coletiva da telenovela foram misturados com aqueles coletados durante as entrevistas, de forma a conseguirmos realizar algumas sínteses das percepções acerca da telenovela.

<sup>15</sup> Helen Wood é professora na *School of Media and Cultural Production* na *De Monfort University*, em Leicester, Inglaterra. É uma das principais especialistas em estudos de recepção no Reino Unido.



nosso entendimento, eleva a coleta de dados para além da lógica da prioridade do cognitivo e do racional durante as dimensões afetivas das relações com a mídia (WALKERDINE E BLACKMAN, 2001 *apud* SKEGGS, THUMIM E WOOD, 2008, p. 17).

O texto em ação foi aplicado na pesquisa intitulada *Talking With Television: woman, talk shows and self-reflexivity*, na qual Wood buscou analisar como as conversas das mulheres com a televisão colocam em prática um tipo de autorreflexão mediada. Para isto, após a seleção de edições dos *talk shows* estudados, a autora apresentou às entrevistadas em suas televisões, capturando o áudio durante o contato das entrevistadas com a mídia. Após transcrever e colocar lado a lado, em três colunas, a descrição visual da imagem do programa, o áudio e as interações das entrevistadas, percebeu que elas conversam com a televisão contando suas próprias histórias (WOOD, 2008b, p. 15), o que resultou no conhecimento da socialidade das entrevistadas com a TV e transpareceu a interação dinâmica entre ambos.

Wood, em pesquisas de recepção realizadas com Skeggs, buscou com o texto em ação explorar a parte emocional e afetiva do *reality show*, sendo significativa a “quantidade de informações paralinguísticas – suspiros, onomatopeias de desagravo, sustos (exprimidos pelas informantes)– que revelam as dimensões afetivas e emocionais destes programas” (WOOD, 2008b, p. 17), o que ela denomina como encontros textuais afetivos. Em outra pesquisa de recepção midiática realizada por Skeggs, Thumim e Wood (2008), esses envolvimentos afetivos foram traduzidos em julgamentos morais sobre as representações midiáticas.

A partir da pesquisa de Wood (2008a), bem como em Barbiero (2015), neste trabalho realizamos algumas adaptações para o estudo de recepção da telenovela. A transcrição do texto em ação ocorreu por meio da construção de um quadro com duas colunas, uma com a transcrição do áudio da novela juntamente com a breve descrição visual das imagens apresentadas e outra com a transcrição dos comentários das entrevistadas no momento da assistência. De forma estrutural, outra distinção com relação à aplicação original do método foi a intenção de capturar a sociabilidade das entrevistadas com a televisão e com a telenovela com base nas categorias das Mediações Comunicativas da Cultura, com o intuito de percebermos o atravessamento das experiências das mulheres sobre suas produções de sentido.

Figura 3 - Quadro com trecho do resultado do texto em ação aplicado com Rafaela

Cena novela – áudio e imagem	Comentários entrevistadas
<p><b>Cena 17:</b> Novo Mundo - Relacionamento abusivo – violento Thomas ameaça Anna com a guarda da filha.</p>	<p><b>Cena 17:</b> “Ai, isso aí também, a vez que ele bateu nela, isso e aquilo, ela ficou toda machucada. Mas também, ela foi sem vergonha, por causa do outro ela casou com esse aí que ela sabia que não valia nada. Eu não sei, acho que a minha cabeça ela já é ultrapassada da época, <u>sabe</u>. Se fosse naquele tempo que eles queimavam as mulheres dizendo que eram bruxas eu era queimada também (risos). Se tu soubesse mexer com ervas deu, ou se tu não aceitasse viver de acordo com o que era o certo”.</p>

Fonte: Elaboração própria da pesquisadora.

Mesmo que a partir do método texto em ação cenas de telenovelas sejam apresentadas para as entrevistadas, não realizamos uma análise do texto, o que também não está previsto no trabalho de Wood (2008a; 2008b). Apesar disso, como forma de situar as novelas e personagens mencionados pelas mulheres durante a pesquisa de campo, no capítulo V apresentamos: a) as sinopses dessas novelas; b) os perfis dos personagens com base nos materiais disponibilizados no site da Rede Globo e Memória Globo.

A escolha das telenovelas, cenas e temáticas apresentadas para as entrevistadas no texto em ação ocorreu com base naquelas que as componentes da amostra citaram quando questionadas sobre novelas e cenas que chamaram suas atenções, através do instrumento sobre a mediação ritualidade. Para além dessas, fizemos uso das cenas utilizadas na assistência coletiva, que também foram definidas pelas próprias entrevistadas<sup>16</sup>. Acreditamos que a repetição das cenas das telenovelas durante o texto em ação não tenha sido prejudicial porque a segunda apresentação ocorreu após cerca de cinco meses, além do que, as situações de assistência televisiva foram distintas; marcadas, primeiro pelo coletivo e depois pelo individual.

Esta pesquisa não contempla somente uma telenovela, mas foca na recepção do gênero ficcional como um todo porque o entendimento teórico das tramas compostas por uma ação pedagógica implica considerar as maneiras como, através das representações no decorrer dos seus 50 anos de transmissão, fixam-se na memória das receptoras que tem contato com o gênero televisivo desde tenra idade. A validade desse argumento se comprova, por exemplo,

<sup>16</sup> O download de parte dos vídeos foi realizado do YouTube porque no mês de dezembro constatamos a impossibilidade de realizar o download das cenas no site Globo Play por configurações próprias do site – o que não muda o fato de sermos assinantes.

pelo fato de as mulheres citarem cenas e temáticas de telenovelas veiculadas a partir do ano de 1976 durante a realização da entrevista sobre a ritualidade, tendo em suas trajetórias representações de personagens marcantes na teledramaturgia dos últimos 30 anos da Rede Globo, tempo de convivência que as faz mencionar atrizes, atores e diferentes personagens interpretados pelos mesmos.

Bem como afirmamos com Ronsini (et al, 2017, p. 2) em pesquisa com mulheres de classes populares, mesmo que as entrevistadas mencionem novelas de outras emissoras – que aqui foram mencionadas e não comentadas – as que são produzidas pela Rede Globo “continuam a ser referência crucial para a produção das representações das relações de classe e de gênero das receptoras”.

Mesmo que o foco desse estudo de recepção de telenovelas seja compreender a construção da feminilidade com base nas relações de gênero, é necessário classificar as entrevistadas conforme as posições que ocupam socialmente devido às maneiras como gênero e classe social conformam suas experiências e percepções. Discordar da definição das classes sociais através da utilização exclusiva do critério econômico não implica abandoná-lo para classificar as informantes a partir dele, bem como descrever os demais critérios que foram levados em conta para entender a posição de classe e a experiência da classe trabalhadora.

Realizamos a classificação pela ocupação do membro mais bem situado das famílias das entrevistadas com base em Quadros (2008), na qual a classe popular é constituída pela baixa classe média assalariada, pelos segmentos operários e demais assalariados populares e pelos segmentos inferiores dos trabalhadores autônomos. Esse critério de classificação baseado na ocupação pressupõe que, embora os rendimentos variem em ocupações semelhantes, exista um padrão médio de vida conforme a ocupação (SIFUENTES, 2014, p. 38). Assim, segundo Sifuentes (2014, p. 39) “escolhemos tomar como ponto de partida para identificação das classes a estratificação por ocupações, pois essas carregam consigo aspectos econômicos, educacionais e de reconhecimento social”.

#### *2.1.1.1 Mais uma Associada? Notas sobre a imersão no campo*

Desde agosto de 2016 o contato com as mulheres vem sendo realizado nas reuniões, nas casas das entrevistadas, nas feiras de Economia Solidária e nas festas realizadas pelo grupo. Para além dessas observações, busquei frequentar eventos que elas participam, como o ato organizado em Santa Maria no dia 8 de março de 2017, Dia Internacional da Mulher e a participação da Associação na Semana Acadêmica de um curso de graduação, realizada em

2017. Apesar de meu contato ter sido realizado ainda em 2016, em março de 2017 comecei uma imersão mais aprofundada, participando das reuniões da Associação e conhecendo - pela falta de um espaço físico destinado aos encontros - as casas de todas as entrevistadas. Em maio 2017, elas começaram a realizar as reuniões em um espaço localizado na casa de uma das entrevistadas que, juntamente com o marido, cedeu o local para uso semanal por parte da Associação.

A partir de março busquei aprofundar o conhecimento sobre o funcionamento da Associação e acerca do significado desta para as mulheres, seja em termos de renda e – ou consequentemente – das percepções sobre as relações de gênero. Em junho de 2017 tentei introduzir-me nas casas das entrevistadas, mas devido ao maior envolvimento delas com a Associação isso foi difícil.

O processo de minha aceitação nos encontros da Associação ocorreu de forma paulatina. Em agosto de 2016, mês em que fiz o primeiro contato com a Associação pela ida em um encontro, apresentei-me e comentei sobre a pesquisa de forma bastante breve, enfatizando a relevância de pesquisar os possíveis papéis que a mídia tem na formação dos sujeitos na sociedade atual. Mesmo que não tenha sido imposta diretamente pelas mulheres, senti dificuldade de entrar no encontro formado fisicamente por uma roda composta por cerca de 15 mulheres. Procurei aceitação nos olhares, mas ela nem sempre foi encontrada.

Nesse dia, ao final de minha apresentação, Luanda e Maria Luísa versaram sobre a necessidade que a Associação tem de receber retorno das pesquisas realizadas por alunos da UFSM. Como parte da instituição, aquele foi o momento de tentar reverter essa relação mantida com o bairro, e, para tal, tratei sobre o retorno dado às mulheres que compuseram a amostra do trabalho de conclusão de curso, finalizado em 2015 na mesma instituição. Isso parece ter amenizado o receio sentido pelas mulheres e auxiliado no aceite da realização da pesquisa. Importante observar que em junho de 2017, em um dos encontros no qual ajudava com a construção do plano de ação a ser encaminhado para a instituição responsável pela incubação, Luanda comentou sobre a forma como elas me “assustaram”, elogiando a persistência em continuar pesquisando a Associação.

No mês de outubro de 2016, outro passo foi dado rumo a minha maior aceitação. Um dos encontros contou com a presença de uma assistente social, que propôs uma dinâmica realizada em grupos, sendo que cada um deveria escrever em um cartaz as dificuldades e pontos positivos de participar da Associação. Durante a organização para a realização da dinâmica, mantive-me observando até ser chamada por Maria Luísa a compor um grupo, e pela suposição de ter a “letra bonita”, minha função foi escrever no cartaz.

Em novembro de 2016 passei a frequentar os encontros sem mais pedir autorização das integrantes da Associação, exceto quando sabia que haveria a presença de outras pessoas. Nesse mesmo mês, em um dos encontros houve a necessidade, por parte das mulheres, de transportar cerca de dez sacos de roupas para a realização do brechó no final de semana seguinte. Percebendo a dificuldade, realizei o deslocamento de carro.

No mês de março de 2017 realizei uma apresentação ampliada da pesquisa, tratei sobre minha trajetória marcada por uma infância simples e por uma convivência familiar com determinados tipos de violências. Percebi que algumas das mulheres emocionaram-se com as histórias, que tinham como intuito o compartilhamento e também a maior aproximação com as mulheres da Associação. Além de gerar mais proximidade e confiança por parte das mulheres, esse momento foi importante para a minha percepção do por que estar realizando essa pesquisa. Nesse encontro realizei uma leitura coletiva e completa do termo de consentimento livre e esclarecido, sanando todas as dúvidas relativas às entrevistas, ao texto em ação e, principalmente quanto às observações participantes. Desmistifiquei minha presença na Associação explicando que o intuito seria o de conseguir capturar suas vivências com a maior naturalidade possível, mesmo atentando sobre a influência que exerce a presença do pesquisador nesses espaços.

Após essa atividade, comecei a receber mensagens sobre a realização das reuniões, o que antes não acontecia e que com o passar dos meses se intensificou. Depois de um tempo, fiquei sabendo por Luanda que não era avisada sobre algumas reuniões porque estavam sendo realizadas na casa de Maria Luísa. No mês de abril de 2017, em uma reunião realizada na casa de Luanda, Maria Luísa pediu para que eu escrevesse a ata, novamente por ter a letra bonita. Associe isso também à percepção, por elas, de um capital cultural que o permitiria fazer. Isso fez com que me sentisse mais à vontade em estar no local e repetiu-se por inúmeras vezes ao longo dos 17 meses.

Em um encontro realizado em junho de 2017, quando as mulheres escolhiam tamanhos de camisetas para mandar fazer uma nova remessa, Janaína convidou-me para fazer uma camiseta também, o que topei de imediato. Essas peças são um material relacionado por elas ao pertencimento à Associação. Em maio dei carona às mulheres até a antiga reitoria, no centro da cidade, para que duas delas compusessem a mesa de uma das atividades da Semana Acadêmica de um curso de graduação, ação que também auxiliou na aproximação.

Em junho de 2017, minha presença foi reivindicada por Maria Luísa em um encontro no qual a professora representante institucional da Associação apresentaria algumas sugestões de ações para as mulheres realizarem durante o período de incubação – já que, em 2017, elas

foram aprovadas no processo seletivo. Para tal, fui convidada pela entrevistada a complementar as ações apresentadas pela professora com base nas necessidades da Associação, a serem supridas durante o processo de incubação e que se relacionam principalmente à formalização do trabalho das mulheres. No dia em que ocorreu essa reunião, tive a audácia de propor que antes da elaboração final do plano de ações a ser submetido à instituição como parte da última etapa de seleção, Maria Luísa realizasse na segunda-feira uma reunião apresentando as demandas às demais mulheres de forma a considerar suas necessidades individuais, sugestão com a qual, imediatamente, a professora concordou, bem como Maria Luísa.

Na segunda-feira, o combinado era que Maria Luísa realizasse um comentário sobre as ações propostas, o qual seria complementado por mim para que as integrantes da Associação adicionassem ou corrigissem o que havia sido discutido com base nas particularidades de cada uma. Entretanto, logo de início, fui convocada a contar o que havia sido conversado com a professora, o que causou espanto e alegria. Assim, expus sobre o que havia sido dito e passei a palavra à Maria Luísa, que, com uma fala mais apropriada tratou dos tópicos. Foi interessante perceber como minha fala, mesmo que minimamente, é carregada por um vocabulário diferente daquele apresentado pelas mulheres, pois, mesmo que eu tenha tentado tornar o diálogo mais coloquial, durante a fala de Maria Luísa houve mais empolgação e atenção por parte das mulheres.

Em seguida, Luanda contou integralmente com minha ajuda para reformular o plano, sendo que precisei abri-lo em meu celular e acompanhá-la durante toda a reunião. Fiz as contas de passagens e diárias que a Associação precisará durante os três anos de incubação, busquei por equipamentos que elas necessitavam saber os preços para contabilizar, como máquina fotográfica, jaleco, touca, cadeiras para cozinha, cafeteira industrial, fogão industrial, etc. Incentivei e pesquisei, a pedido de Luanda, preços de automóveis populares novos, ideia essa anunciada por Luanda com certo receio de não conseguir, mas com coragem.

A relação entre minorias e academia, já mencionada aqui, foi tratada quando Maria Luísa comentou que, naquele momento, as mulheres, enquanto Associação, estavam “usando” UFSM, e não o contrário. Todas riram e Maria Luísa me disse que estava “brincando”. Minha reação foi afirmar que percebia aquele momento como uma troca, pois elas dariam a chance da realização dessa pesquisa, sendo que o mínimo que eu poderia fazer era auxiliá-las no que fosse preciso e que estivesse ao meu alcance.

Logo após essas reuniões fui adicionada ao grupo do *whatsapp*<sup>17</sup>, o que eu gostaria desde o início da realização das observações, mas não expressei por receio de ser uma atitude invasiva. Isso possibilitou uma maior aproximação e fez com que eu tivesse mais informações sobre as atividades realizadas pelas mulheres. Dias depois, fui colocada como administradora do grupo, pequenas ações que se tornam grandes ao pensarmos que levaram dez meses para ocorrer.

Um dos pontos que me deu relativa garantia de estar inserida na Associação enquanto pesquisadora foi a percepção da mudança nas atitudes das mulheres na presença de pessoas que não frequentam os encontros. Esses comportamentos se referem ao menor número de falas e conversas paralelas por parte das mulheres que não Luanda e Maria Luísa, que são recorrentes nos demais encontros. Todavia, isso se complementa com a necessidade da apresentação da Associação baseada na seriedade e competência das integrantes, o que, infiro, serve para construir a legitimidade da Associação perante visitas.

No final do segundo semestre de 2017 acompanhei parte do trabalho de repaginação da marca da Associação realizada de profissionais vinculados à instituição responsável pela incubação, sobre o que participei de votações e decisões. De lá para cá realizei, em conjunto com elas, uma sessão de fotos das mulheres com as roupas a serem vendidas nos brechós para postagem na página do Facebook, além de ter participado de churrascos da Associação, sempre contribuindo com pratos de comida, conforme todas fazem.

No final de 2018 participei de um audiovisual produzido como parte da pesquisa de conclusão de curso de uma aluna do curso de teatro. Meu papel foi interpretar a história de uma das mulheres, que não quis participar do curta por sentir vergonha. A pesquisa dessa aluna, mesmo que ocorrida no período final da coleta de dados, fez com que eu me aproximasse mais ainda da Associação. Uma dinâmica marcante relativa a esse trabalho de conclusão de curso foi o compartilhamento de nossas trajetórias individuais em um momento marcado por sentimentos de diversas ordens.

Em vários momentos durante as entrevistas, as mulheres pediram que eu tratasse de assuntos que ainda não se sentem preparadas para falar na Associação, como, por exemplo, o desejo de voltar a compartilhar lanches, realizar atividades lúdicas no fim dos encontros, como acontecia no início, além da necessidade de todas compreenderem a Associação como um compromisso sério. Nesses momentos, por mais de uma vez também escutei das mulheres o quanto algumas gostaram de realizar as entrevistas por entenderem aqueles momentos como

---

<sup>17</sup> No capítulo IV aprofundamos o assunto sobre os usos *Whatsapp* pelas mulheres.

conversas através das quais puderam revisitar aspectos e memórias da infância, da adolescência e da vida adulta.

A imersão na Associação foi permeada por trocas de distintas formas. Quando as mulheres perderam uma das companheiras, estive ao lado delas oferecendo o apoio que foi possível. As caronas de volta para casa após os encontros, as idas às vendas após a realização das entrevistas, os cafés compartilhados, as receitas de comidas e doces, os artesanatos ensinados a mim com carinho, nos momentos em que fui chamada de “filha” por mulheres que nem mesmo integram a pesquisa como parte da amostra. Os risos e choros compartilhados, seja nos encontros ou durante a realização das entrevistas marcadas por reflexões muitas vezes novas a essas mulheres e a mim, fazem-me crer na dimensão política desse trabalho.

No final de 2017 fiz aniversário e, sem saber de nada, fui surpreendida por presentes, como uma boneca feita manualmente de tecido emborrachado por Maria Luísa, um bolo de Luanda e doces de Rafaela e de outra integrante da Associação. Foi um momento emocionante e que demarcou a maneira como esse trabalho foi além das trocas de saberes, mas permeou afetos.

O caráter interrogativo do título dessa parte do texto está colocado providencialmente devido à necessidade, que vejo como constante, de questionar até que ponto, quando e se ocorre efetivamente a minha inserção na Associação. Como relatado aqui, em vários momentos senti-me como uma associada, principalmente quando, durante inúmeros momentos, as mulheres me fizeram sentir assim, afirmando que sou uma delas e insistindo para que quando a pesquisa acabasse eu continuasse participando da Associação.

Entretanto, ainda após cerca de 17 meses de pesquisa de campo, foram pequenas marcas que fizeram com que eu rememorasse meu papel como pesquisadora, como quando durante a reunião de organização do amigo secreto realizado em dezembro de 2017, especificamente sobre a elaboração individual de uma lista de presentes que cada uma gostaria de ganhar para que as amigas secretas fossem sorteadas no momento de entrega dos presentes, uma integrante afirmou: “só não pode esquecer que nós somos pobres”, o que fez com que todas, inclusive eu, desse risada e concordasse.

Por último, em vários momentos durante a realização das entrevistas e das observações participantes, para além das alegrias que senti quando percebi as mudanças paulatinas discursos dessas mulheres, estive ouvindo e, mais que isso, compreendendo modos de pensar e de agir distinto dos meus, como a servidão aos maridos, a contrariedade com relação à legalização do aborto, a necessidade de a mulher saber realizar todas as tarefas da



casa e de ainda trabalhar fora, a vivência de distintas formas de violências, mesmo com a consciência de “que isso não é certo”, a obrigação da educação aos filhos ser transmitida pela mulher, entre outros – embora tenha também escutado, em menor medida, contestações a isso.

A partir disso, as duas maiores lições que ficam da convivência longa com um coletivo formado por mulheres que pertencem às classes populares são, em primeiro lugar e da mesma forma que elas apontam, o aprendizado sobre a necessidade de reconhecer as diferenças de como cada uma vivencia as relações de gênero, bem como compreende as pautas que envolvem as mulheres. Em segundo lugar, ter entendido que a luta das mulheres pela igualdade de gênero é lenta, sofrida e deve ser continuada.



### 3. MULHER EM CONSTRUÇÃO, ECONOMIA SOLIDÁRIA E TELENOVELA

#### 3.1 “NÃO SE NASCE MULHER; TORNA-SE” E MAIS<sup>18</sup>

Trabalhar com a noção de gênero não é tarefa fácil no momento em que nos encontramos no que diz respeito às concepções apresentadas por autores dos mais variados campos do conhecimento, como história, sociologia, antropologia, psicologia, entre outros. Isso dificulta seguir um percurso teórico sem permear mais de uma área do saber, e se intensifica quando se trata de um estudo na área da comunicação social, marcadamente interdisciplinar. Por outro lado, é crescente a necessidade de compreender que essa categoria adquire um viés cada vez mais político, na medida em que as posições que os sujeitos ocupam nos chamados arranjos de gênero têm consequências para suas vidas, relativas à justiça, à identidade e até mesmo à sobrevivência, sendo assim, gênero é uma categoria central para a vida pessoal, para as relações sociais e para a cultura, como expõem Connell e Pearse (2015, p. 25).

A abordagem do social pela via dos estudos de gênero clama um diálogo com os movimentos sociais e, em especial, o feminista, em sua dimensão teórica e política<sup>19</sup>, na medida em que as relações entre movimento social e teoria por vezes se afinam. Pedro (2005, p. 78) concorda com isso ao entender que o uso da palavra gênero tem uma trajetória que acompanha a luta por direitos civis, direitos humanos, igualdade e respeito. A categoria de análise do gênero foi cunhada e trabalhada na produção teórica de pesquisadoras feministas que se voltam à investigação da opressão feminina e que tem como foco a transformação das posições ocupadas pelas mulheres na ordem de gênero.

Tratando das origens do termo para orientar o debate, Pedro (2005) afirma que na língua portuguesa todos os seres, sejam eles animados ou inanimados, tem gênero, mesmo que somente alguns seres vivos tenham sexo. Da mesma forma, a reprodução não ocorre de maneira sexuada em todas as espécies, o que não impede que as palavras que as designem, em nossa língua, lhes atribuam um gênero. A autora comenta que justamente pelo fato de as palavras representativas terem gênero, mas não sexo, foi que os movimentos feministas e de mulheres, já em 1980, passaram a usar gênero para enfatizar a ideia de que as diferenças constatadas nas formas de se comportar de mulheres e de homens não dependiam do sexo,

<sup>18</sup> Referência à frase de Simone de Beauvoir.

<sup>19</sup> Piscitelli (2002, p. 18) ao tratar dos desafios que as perspectivas desconstrutivistas colocam para o feminismo, versa sobre a teoria e a política feminista. A teoria feminista seria entendida como “a reavaliação da teoria e a prática social desde o ponto de vista das mulheres” e a política feminista seria “voltada para a transformação da experiência vivida das mulheres na cultura contemporânea”.

mas se definiam pelo gênero, ligando-se, então, ao âmbito da cultura mais do que ao biológico.

Segundo Adelman (2009), Connell e Pearse (2015) e Pedro (2005), estudiosos da antropologia têm-se dedicado à investigação das funções e das construções dos sujeitos em outros locais que não no ocidente, como é o caso dos escritos etnográficos de Margareth Mead, que partem da ideia de que as sociedades humanas costumam utilizar a diferença sexual como embasamento para a constituição de papéis sociais. Porém, segundo a antropóloga, esses usos ocorrem de formas distintas em diferentes sociedades, o que a faz separar, assim, sexo (biológico) do temperamento, definido pela cultura.

O movimento feminista inicialmente esteve centralizado, sobretudo, nos Estados Unidos e na França. Segundo Pedro (2005, p. 79), o movimento começa a ter visibilidade ainda no final do século XIX, a partir da concentração na reivindicação dos direitos políticos, sociais e econômicos das mulheres, formando a chamada primeira onda. A segunda onda surge após a Segunda Guerra Mundial e dá prioridade “às lutas pelo direito ao corpo, ao prazer e contra o patriarcado – entendido como o poder dos homens na subordinação das mulheres” (PEDRO, 2005, p. 79). É justamente nesse momento que surge uma das contribuições fundamentais do movimento feminista para com a sociedade em geral e a academia, a ideia de que o âmbito pessoal é entornado pelo político. Como exemplos de reivindicações desta natureza, foca-se no “direito de ter filhos quando e se quiser, na luta contra a violência doméstica e na reivindicação de que as tarefas do lar deveriam ser divididas” (PEDRO, 2005, p. 80).

Segundo a autora, foi nessa segunda onda que a categoria gênero foi criada, sendo que os movimentos feministas e de mulheres passaram a ganhar visibilidade nos anos 60 principalmente com a publicação do trabalho de Betty Friedan, *A mística feminina* e com a organização do *National Organization of Women* (NOW), ambos nos Estados Unidos. Na França, o feminismo ganha visibilidade com o trabalho de Simone de Beauvoir.

Tratar do conceito de gênero e, como fizemos aqui, da figura e situação da mulher, remete diretamente àquela que foi responsável por uma ruptura epistemológica no que diz respeito ao gênero do cânone. Segundo Connell e Pearse (2015), a renovação das teorias de gênero no Norte Global ocorreu pelo trabalho de Simone de Beauvoir que parte da psicanálise, da literatura e da filosofia para apresentar o livro intitulado *O Segundo Sexo* (1949). Segundo Adelman (2009, p. 85), Beauvoir foi responsável por uma ruptura epistemológica ao identificar claramente um viés masculinista que permeava todo o

pensamento social ocidental, apresentando a possibilidade de se pensar a partir da alteridade, explorando como as mulheres se constituíam como um “Outro” na consciência dos homens.

A frase “não se nasce mulher, torna-se mulher” ainda hoje nos faz refletir acerca das maneiras pelas quais os âmbitos social e cultural tem um papel primordial nas formações dos sujeitos como possuidores de uma identidade de gênero. Beauvoir, muito a partir do despertar para a investigação da situação em que as mulheres se inserem, já em meados do século XX, percebe e apresenta a necessidade de pensar na desnaturalização, ou seja, na des-biologização da construção feminina como o Outro e, mais que isso, como ser social inferiorizado.

Ainda que diversas formulações de teóricas feministas já viessem sendo apresentadas, Gayle Rubin, no ensaio *O Tráfico das Mulheres: Notas sobre a Economia Política do Sexo*<sup>20</sup> (1975), pelo interesse em desnaturalizar as desigualdades de gênero por meio da investigação acerca das razões da subordinação sofrida pelas mulheres, foi quem introduziu o conceito de gênero mais fortemente na teoria, mesmo que esse já viesse sendo tratado de maneiras dispersas e diferentes. De forma a compreender como a fêmea (sexo, matéria prima) é transformada em mulher domesticada (gênero), muito a partir das formulações de Lévi-Strauss e Freud, a autora apresenta o sistema sexo/gênero, como “o conjunto de arranjos pelos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos de atividade humana e em que essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas”<sup>21</sup> (RUBIN, 1975, p. 159 – tradução nossa).

Esse sistema contribuiu de forma sumária, principalmente, durante a década de 90, quando passou a ser criticado pelo caráter binário, marcado pela oposição entre natureza (sexo) e cultura (gênero). As críticas ocorrem pela percepção de que “sexo” e sexualidade não podem ser entendidos como essências, inseridos completamente no terreno do biológico, mas são também moldados pelos sistemas culturais e sociais.

Saffioti (1992, p. 187-188) assinala que o gênero, como categoria analítica ou como processo social, deve ser entendido como relacional e o conceito de relações de gênero deve ser capaz de captar a trama de relações sociais e os processos de transformação que elas sofrem historicamente através de diferentes processos sociais<sup>22</sup>. De acordo com a autora

<sup>20</sup> Original: *The traffic in women: notes on the 'political economy' of sex.*

<sup>21</sup> Citação original: “I call that part of social life the "sex/gender system," for lack of a more elegant term. As a preliminary definition, a "sex/gender system" is the set of arrangements by which a society transforms biological sexuality into products of human activity, and in which these transformed sexual needs are satisfied.” (RUBIN, 1975, p. 159)

<sup>22</sup> Apesar dessa necessidade de inscrever o sexo no terreno da cultura, ao invés de tratarmos sobre relações sociais de sexo, mantemos a designação proposta por Saffioti (1992, p. 185), de utilizar relações de gênero, na medida em que este já está impregnado do social, enquanto é necessário explicitar a natureza social da elaboração do sexo.

supracitada, dado o caráter dualista da concepção de Rubin (1975), torna-se impossível pensar o gênero como relacional, já que as relações de gênero não resultam da existência de dois sexos, macho e fêmea, como no sistema, mas o vetor direciona-se do social para os indivíduos que nascem. Bem apontam Connell e Pearse (2015, p. 113), “nascemos em sangue e dor e nascemos em uma ordem social”.

(os) indivíduos são transformados, *através das relações de gênero*, em homens ou mulheres, cada uma destas categorias-identidades excluindo a outra. Obviamente, o sexo anatomicamente configurado sugere, em termos estatísticos, a transformação de certos indivíduos em mulheres e de outros em homens. O tornar-se mulher e o tornar-se homem, porém, constituem obra das relações de gênero. Tanto isto é verdadeiro que bebês de genitália masculina podem tornar-se mulheres, assim como bebês de genitália feminina podem tornar-se homens. Eis porque se insiste na direção do vetor: das relações de gênero para o sexo anatomicamente conformado. (SAFFIOTI, 1992, p. 187)

Para Saffioti (2004, p. 45), mesmo que cada corrente feminista enfatize um determinado aspecto do gênero, existe um campo, mesmo que limitado, de consenso que estabelece que “o gênero é a construção social do masculino e do feminino”, sendo que a estas imagens corresponde certa divisão social do trabalho; conhecida como divisão sexual do trabalho, na medida em que obedece ao critério de sexo.

A historiadora Scott, em 1990, introduz a necessidade do estudo do gênero como uma categoria útil de análise para a melhor compreensão de como ocorre o funcionamento desta nas relações sociais humanas. Para a autora, essa categoria pode ser entendida a partir de uma conexão integral de duas proposições: como “um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” e como “forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1990, p. 21).

De acordo com Saffioti (1992, p. 197), a ênfase da primeira proposição reside na percepção das diferenças, e não nelas próprias, indo, assim, o vetor do social ao anatômico e não ao contrário. Quanto à segunda proposição constitutiva do gênero, afirma que não poderia ser mais “feliz”, pois as “relações de poder exprimem-se *primordialmente* através das relações de gênero”, pois este “antecedeu, e de muito, a emergência das sociedades centradas na propriedade privada dos meios de produção” e, ainda “pelo fato de permear absolutamente todas as relações sociais”<sup>23</sup> (SAFFIOTI, 1992, p. 197).

---

<sup>23</sup> Para responder a questão que motiva seu trabalho, qual seja, como as hierarquias de gênero são constituídas, legitimadas e mantidas – o que se aproxima dos objetivos das teóricas ligadas ao movimento feminista -, Scott se baseia em estudiosos pós-estruturalistas, que enfatizam a dimensão do significado e de sua constituição (PEDRO, 2005, p. 87).

Scott (1990, p. 21) apresenta quatro elementos inter-relacionados que formam as relações de gênero: a) símbolos culturais colocados à disposição das pessoas que evocam múltiplas representações; b) a existência de conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos, o que limita as possibilidades metafóricas; c) organizações e instituições sociais; d) identidade subjetiva.

Em conformidade com as propostas de Scott (1990), principalmente no tocante à relevância das representações para o processo da formação identitária, entendemos a concepção de identidade a partir de uma perspectiva pós-moderna. Como consequência de processos da modernidade tardia – como a globalização – ocorre uma transformação com a concepção das identidades, antes tidas como fixas e imutáveis ou como “costuradas” às estruturas sociais (HALL, 2006, p. 12). Atualmente elas são compreendidas não mais pela fixidez, mas pela mutabilidade e pelo permanente processo de construção, que torna os sujeitos fragmentados, compostos não somente por uma única, mas por várias identidades (HALL, 2006, p. 12), entre elas as que advêm da classe social, do gênero, da etnia, da nacionalidade, entre outras.

Connell e Pearse (2015, p. 46-47) ratificam a necessidade de sair daquela concepção dualista de entender gênero a partir da construção cultural de homens e mulheres com base no sexo biológico. Para as autoras, a concepção dicotômica não leva em conta que a própria vida humana não se divide em apenas dois tipos, sendo que a realidade de gênero não é dicotômica como a imagem que temos dele; que a definição baseada em dicotomia exclui diferenças entre mulheres e homens do conceito de gênero, pois as possíveis diferenças podem ser relevantes para analisar relações entre homens e mulheres<sup>24</sup>; que as definições baseadas em termos de características pessoais excluem processos que se situam além do indivíduo. Alguns processos sociais de grandes dimensões pressupõem capacidade compartilhada de homens e de mulheres – mesmo que tenham dimensões também generificadas; e, por último, que uma definição em torno da diferença significa que onde ela não é detectada não há gênero, o que impossibilita o reconhecimento do desejo homossexual, por exemplo.

A partir dessas objeções, Connell e Pearse (2015, p. 47) inserem essa categoria no âmbito das relações sociais, assim, “gênero é uma questão de relações sociais dentro das quais os indivíduos e grupos atuam”. Neste trabalho entendemos gênero como uma estrutura que

---

<sup>24</sup> No contexto da análise histórica, de acordo com Pedro (2005, p. 88), o uso da categoria gênero passou a permitir que pesquisadoras e pesquisadores focassem nas relações entre homens e mulheres, mas também entre homens e entre mulheres.

conforma as experiências femininas e conseqüentemente os sentidos que as receptoras atribuem à telenovela, ao passo que investigamos sua construção a partir da articulação entre socialidade e mídia.

As ideias apresentadas, baseadas em Saffioti (2004; 2013) e Connell e Pearse (2015) nos indicam que os sujeitos são formados como homens e mulheres a partir das relações sociais baseadas no gênero, entendendo-o como uma construção social que nos permite sair da concepção naturalista da subordinação a qual as mulheres estão sujeitas. Nesse contexto faz-se importante ressaltarmos Saffioti (2004, p. 119), a definição de gênero como correspondente a algo “mais vasto que o patriarcado, na medida em que neste as relações são hierarquizadas entre seres socialmente desiguais, enquanto gênero compreende também a relações igualitárias”.

[...] o que precisa ficar patente é que o poder pode ser democraticamente partilhado, gerando liberdade, como também exercido discricionariamente, criando desigualdades. Definir gênero como uma privilegiada instância de articulação das relações de poder exige a colocação em relevo das duas modalidades essenciais da participação nesta trama de interações, dando-se a mesma importância à integração por meio da igualdade e à integração subordinada. (SAFFIOTI, 2004, p. 113).

Segundo Adelman (2009, p. 110), ao longo do tempo algumas pesquisadoras feministas criticaram o uso a-histórico do termo patriarcado, já que, segundo elas, este deveria se circunscrever ao sistema da dominação masculina característico das sociedades pré-industriais que tinham como eixo de organização social a unidade doméstico-produtiva capitalista. Assim, a autora nos faz entender que o conceito de patriarcado ou de dominação masculina necessita de atualização.

Saffioti (2004, p. 57) defende o uso do conceito de patriarcado por este não se tratar de uma relação privada, mas civil; por dar direitos sexuais aos homens praticamente sem restrição; por configurar um tipo hierárquico de relação que invade todos os espaços da sociedade; por ter uma base material; por se corporificar e por representar uma estrutura de poder que se baseia na ideologia e na violência. Para a autora, é imprescindível o reforço da dimensão histórica da dominação masculina para se compreender adequadamente o patriarcado, considerando a alegação de a-historicidade do conceito simplista.

De acordo com a autora supracitada, tratando da teoria feminista<sup>25</sup> a colocação do nome da dominação masculina – patriarcado – “na sombra” significa operar segundo a

---

<sup>25</sup> Como seguimos afirmando, essa pesquisa, apesar de abarcar a situação feminina por um viés que contesta a dominação masculina, não se caracteriza integralmente como feminista, aproximando-se mais de um estudo de



ideologia patriarcal, o que torna natural a dominação e a exploração sofridas pelas mulheres. O abandono do conceito representaria a perda do único termo que se refere especificamente à sujeição da mulher e que singulariza a forma de direito político que os homens exercem pelo fato de serem homens.

Entretanto, entendemos que a utilização do conceito de relações de gênero em uma pesquisa da área da comunicação, que utiliza das ideias da teoria feminista - por permitir reavaliar a teoria e a prática social desde o ponto de vista das mulheres (PISCITELLI, 2002, p. 10) para conceptualizar gênero, para pesquisar as representações do feminino elaboradas pelas mulheres nessas relações – não mina nosso trabalho de um aspecto neutro, mas faz com que possamos perceber, dentro do grupo de mulheres estudado, formas de opressão como produto de relações sociais específicas. Assim, buscamos enfatizar uma visão que nos permite elucidar as especificidades das inserções femininas em uma Associação baseada na Economia Solidária e não corremos o risco de regressar ao uso da categoria “mulher”, anterior às concepções de gênero.

Apesar das proposições da teórica serem originárias de um feminismo socialista, diferente da corrente radical, entendemos que Saffioti (1992; 2004) fornece pistas sobre a possibilidade de seguirmos com o conceito de relações de gênero por considerar a dominação e a exploração como faces de um mesmo processo que é interno a essas relações, o que permite que o vetor dominação/exploração se desloque no sentido de uma maior igualdade ou não. Por ventura, podemos fazer uso da ideia de ordem/organização de gênero patriarcal, mas o conceito de patriarcado não faz parte de nossa pesquisa de forma basilar.

Apesar de seguirmos a linha de pensamento do gênero como algo construído de forma relacional, compreendemos que pensar a construção da feminilidade implica reconhecer que ela é o produto da incorporação de uma socialização baseada em uma cultura regulada por normas. Assim, a identidade feminina não pode ser vista a partir do âmbito biológico, mas como uma construção que é social, formada por posições incorporadas, portanto, não fixa, mas mutável, o que leva a existência de múltiplas formas de ser mulher<sup>26</sup>.

De acordo com o exposto e com base nos entendimentos de Lagarde (1996, p. 1), de certo modo, adotamos aqui uma perspectiva de gênero que “tiene como uno de sus fines contribuir a la construcción subjetiva y social de una nueva configuración a partir de la

---

gênero, mesmo que boa parte das autoras citadas seja parte do movimento, são mencionadas pelas contribuições já assinaladas.

<sup>26</sup> A partir dessa inserção da identidade pela via pós-moderna, evocamos o conceito tal como formulado por Hall que entra em contato com teóricas da crítica feminista da mídia.

resignificação de la historia, la sociedad, la cultura y la política desde las mujeres y con las mujeres”<sup>27</sup>.

Dentro disso, nos interessa a ideia de “cosmovisão de gênero” apresentada por Lagarde (1996, p.1), que consiste na importância de reconhecer que as sociedades, os povos, os grupos e todas as pessoas elaboram visões próprias acerca do que é o gênero com base na cultura – bem como nas classes sociais - sendo essa cosmovisão parte estruturante e conteúdo da auto identidade de cada um. De acordo com a estudiosa, faz-se importante a identificação das diferentes cosmovisões que coexistem em cada pessoa, na medida em que é possível que, ao longo da vida, haja modificações nessa visão por mudanças na sociedade, o que pode resultar na transformação de valores, normas e maneiras de julgar os fatos. Em consonância com isso,

la perspectiva de género permite analizar y comprender las características que definen a las mujeres y a los hombres de manera específica, así como sus semejanzas y diferencias. Esta perspectiva de género analiza las posibilidades vitales de las mujeres y los hombres; el sentido de sus vidas, sus expectativas y oportunidades, las complejas y diversas relaciones sociales que se dan entre ambos géneros, así como los conflictos institucionales y cotidianos que deben enfrentar a las maneras en que lo hacen. (LAGARDE, 1996, p. 3)

O seguimento dessa perspectiva não ocorre nessa pesquisa tanto pela via da indagação das profundas e complexas causas ou processos históricos que originam as posições ocupadas pelas entrevistadas nas relações de gênero - como a opressão. Seu uso, mais que como uma ferramenta de análise, mas como integradora de uma maneira de ver o mundo e as relações nele contidas, torna possível investigar as formas como as entrevistadas compreendem o que é gênero, como constroem feminilidades com base na maternidade, no trabalho, nas relações afetivas e na sexualidade a partir dos usos das telenovelas em articulação com as suas experiências, que são estruturadas por posições de classe e étnicas. Como afirma Meirelles, (2009, p. 70) cada mulher é o lugar de uma multiplicidade de posições subjetivas propostas a ela pelos discursos com que ela é confrontada.

---

<sup>27</sup> Essa perspectiva, segundo Lagarde (1996, p.1) é baseada na teoria de gênero e se inscreve no paradigma teórico-histórico-crítico e no paradigma cultural do feminismo, este que, como se viu aqui, tem se inscrito no âmbito institucional através de estudos sobre mulheres, estudos femininos, estudos de gênero, etc. Segundo a autora, atualmente as mulheres têm se encontrado para discutir a situação feminina e masculina em espaços que vão “de la academia a las ONG, los organismos internacionales, las instituciones gubernamentales, los pequeños grupos, las cooperativas, los centros y sus grupos dentro de sindicatos, partidos, iglesias”, entre os quais “ellas han establecido redes de comunicación, aprendizaje, investigación y, desde luego, de participación pública y de acción política”, sendo que, com base nessa perspectiva, há uma multiplicidade de propostas, programas e ações alternativas aos problemas sociais contemporâneos derivados das opressões de gênero.

A investigação das representações que as mulheres elaboram sobre o feminino no tocante às relações de gênero ocorre, nessa pesquisa, a partir da investigação empírica e contextual, exercício que é aqui realizado pela averiguação das mediações comunicativas da cultura, que se traduzem principalmente em um grupo auto-organizado e na família.

Com isso não pretendemos exercer uma abordagem reducionista de uso unilateral da perspectiva com base em uma análise exclusivamente centrada nas mulheres, na medida em que essa investigação se baseia nas relações estabelecidas entre os gêneros e não toma gênero como sinônimo de mulher, mas como algo relacional.

### 3.2 ECONOMIA SOLIDÁRIA: DESENVOLVIMENTOS E RELAÇÕES COM GÊNERO E MULHERES

Nesse tópico versaremos sobre: as definições da Economia Solidária; as relações desse modo de produção com as questões de gênero e femininas; o desenvolvimento da Economia Solidária, tanto no Brasil, quanto na cidade de Santa Maria-RS – para este último, iniciamos tratando brevemente sobre a Cáritas (Confederação ligada à Igreja Católica e ao desenvolvimento da Economia Solidária no Brasil), abordamos as relações dessa com a Economia Solidária, apresentamos o Projeto ao qual as entrevistadas se vinculam em Santa Maria/RS e finalizamos tratando dos significados das feiras realizadas nessa cidade<sup>28</sup> -; e, ainda, sobre os vínculos da Economia Solidária com os movimentos sociais.

De acordo com Oliveira (2008), após a passagem do Brasil rural para o Brasil urbano, que, constitucionalmente, abandonou a concepção escravagista do trabalho, a marginalização de alguns setores de sujeitos, como mulheres, autônomos, subempregados, trabalhadores domésticos foi vigente. Isso decorre em boa parte porque o Estado, a partir de 1930, passou a eleger como cidadãos aqueles sujeitos que tivessem vínculo empregatício e passou a assegurar seus direitos através do registo de carteira assinado, para, assim, proporcionar os direitos trabalhistas.

Prova da falta de assistência e direitos sociais a determinadas profissões é vigente até hoje. A título de exemplo, no Brasil, o texto que regulamenta a emenda da constituição que amplia os direitos das empregadas domésticas foi sancionado em meados de 2015, entrando em vigor cerca de dois anos depois da promulgação da chamada “PEC das Domésticas”. Assim, somente no ano de 2015 foram regulamentados alguns dos direitos que são base de

---

<sup>28</sup> Para a construção desse subitem nos baseamos integralmente nos materiais fornecidos pela coordenadora do Projeto, este que não será apresentado pelo nome original nessa pesquisa.

outras ocupações, como a obrigatoriedade do recolhimento do FGTS por parte do empregador, auxílio creche e pré-escola, seguro contra acidentes de trabalho, seguro-desemprego, adicional noturno e indenização em caso de despedida sem justa causa<sup>29</sup>.

Paul Singer, economista e sociólogo que introduziu os estudos sobre Economia Solidária no Brasil através da perspectiva de um socialismo renovado em suas estratégias - a partir das críticas que vem sofrendo por parte de uma sociedade predominantemente neoliberal – é uma das bases a partir das quais compreendemos a Economia Solidária<sup>30</sup>.

Além de Singer, para entendermos a Economia Solidária em uma perspectiva mais focada nas questões de gênero, fazemos uso das teorias da economista Isabelle Guérin, que realizou um trabalho sobre mulheres e Economia Solidária na França, articulando o modo de produção com a pobreza feminina. Apesar de a autora tratar de uma realidade distinta da brasileira, as constatações alcançadas permitem refletirmos sobre as práticas e possibilidades femininas em empreendimentos do tipo.

Entendemos que, de certa forma, Guérin (2005) amplia o pensamento de Singer (2002) ao entender que, “ainda que as iniciativas de Economia Solidária consigam conciliar equidade e eficiência, o objetivo não é substituir o mercado e menos ainda o Estado, mas agir em uma estreita complementaridade”, na medida em que, “a hibridação dos recursos e a construção conjunta da oferta e da demanda de espaços públicos de proximidade permitem rearticular o econômico ao social e político” (GUERÍN, 2005, p. 16), sendo, em uma perspectiva feminista de economia, este último um dos principais objetivos.

Para Singer (2002, p. 8) a competição na economia capitalista – vista como natural a partir da instituição desse modelo econômico - gera dois benefícios: o acesso, pelos consumidores, a bens baratos e o incentivo a realização de melhores serviços no mercado. Por outro lado, a crítica do autor ao sistema hegemônico da sociedade advém dos efeitos sociais, que consistem na posição dos chamados “perdedores” frente ao sistema, pois “os ganhadores acumulam vantagens e os perdedores acumulam desvantagens nas competições futuras” pela possibilidade de acumulação de capital (SINGER, 2002, grifo original, p. 8). A desigualdade e a competição não são ações naturais, mas sim resultados do modo de produção capitalista, “cujos princípios são o direito a propriedade individual e à liberdade individual, que levam a

---

<sup>29</sup> Informações retiradas de <<http://g1.globo.com/economia/seu-dinheiro/noticia/2015/06/regulamentacao-dos-direitos-das-domesticas-e-publicada.html>>. Acesso em Jun. 2017.

<sup>30</sup> Entretanto, não adotamos a metodologia do materialismo dialético de análise no projeto, buscando focar mais nas novas relações de gênero advindas da inserção na auto-organização e não nas relações de produção advindas da Economia Solidária.

existência de duas classes: a classe proprietária ou possuidora do capital e a classe que ganha a vida mediante a venda da força de trabalho à outra classe” (SINGER, 2002, p. 10).

Singer (2002), a partir de uma perspectiva de solidariedade na economia, entende que esta só pode se realizar se for organizada de forma igualitária pelos que se associam para produzir, comerciar, consumir ou poupar, sendo que a chave desta proposta é a associação entre iguais, o que se traduz na ausência de competição entre os sócios, na medida em que todos ganham com a progressão da cooperativa. Em consonância com o socialismo, a Economia Solidária tem como princípios básicos “a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual”, tendo como resultado a formação de uma única classe de trabalhadores (SINGER, 2002, p. 10).

Esse modo de produção “agrupa o conjunto de atividades econômicas que apostam mais no interesse coletivo e na solidariedade que na busca do lucro” (GUERÍN, 2005, p. 13). Em síntese, “o objetivo máximo dos sócios da empresa solidária é promover a Economia Solidária tanto para dar trabalho e renda a quem precisa como para difundir no país um modo democrático e igualitário de organizar atividades econômicas” (SINGER, 2002, p. 16). Nessa linha, a principal diferença entre o modo de produção capitalista e o de Economia Solidária é a forma de gestão. A empresa capitalista é administrada de forma hierárquica e formada por níveis sucessivos de autoridade. Já, em EES, a administração ocorre de forma democrática, formada por níveis sucessivos de autoridade, sendo que até mesmo as pequenas decisões são decididas em assembleias.

Adentrando na tentativa de articular a Economia Solidária com as questões de gênero muito pela posição ocupada pelas mulheres na sociedade capitalista, entendemos, com Guerín (2005, p. 16-17), que “em face da delicada conciliação entre vida familiar e vida pública, de responsabilidades materiais crescentes [...], das dificuldades de acesso à propriedade e ao crédito, as mulheres frequentemente são as primeiras a se mobilizar e a se auto-organizar”.

Por outro lado, a autora entende que, para o estabelecimento de uma igualdade real, não basta às mulheres o acesso a atividades geradoras de renda, na medida em que persistem três obstáculos para a extinção ou redução das desigualdades entre os gêneros, principalmente no que diz respeito às relações de trabalho: o caráter multidimensional da pobreza; a inadequação das instituições; e a desigualdade na divisão das obrigações familiares, fatores diretamente incidentes sobre as dificuldades femininas de integração no espaço público.

Para Guerín (2005), as iniciativas de Economia Solidária, que criam espaços intermediários entre o privado/doméstico e a vida pública e entre o monetário e o não-monetário, preenchem de três formas estes bloqueios: através do papel de justiça de

proximidade, essencial ao caráter multidimensional da pobreza; por permitir a construção de espaços de discussão, reflexão e deliberação coletivas, apresentando-se como modos de acesso à fala pública que a maioria das mulheres não têm e que podem transformar instituições; as iniciativas contribuem para a redefinição da articulação entre família, Estado, mercado e sociedade civil, participando da revalorização das práticas recíprocas. Redefinição e revalorização essas que “devem tornar possível que se lute contra as desigualdades intrafamiliares ao permitir que as mulheres e os homens, conciliem melhor vida familiar e profissional” (GUERÍN, 2005, p. 17-18).

Destarte, os EES - na França e mesmo no Brasil, a partir do que os trabalhos consultados acerca do tema e do que os dados coletados nos mostram – contribuem para amenizar desigualdades de cunho social e/ou sexual. Oliveira (2008), que também vem se dedicando ao estudo da Economia Solidária pelo viés do gênero, entende a participação nesses empreendimentos como algo que vai além da possibilidade de renda, mas que se relaciona a autoestima e a inclusão social das mulheres.

A autogestão não tem como principal mérito a eficiência econômica, mas o desenvolvimento que proporciona aos praticantes, já que a participação nas decisões da Associação educa e conscientiza, tornando o sujeito mais realizado, autoconfiante e seguro (SINGER, 2002, p. 21), ponto chave para este estudo. Dessa forma, os espaços de iniciativa de Economia Solidária “auxiliam as mulheres a serem mais responsáveis por suas vidas e a reencontrarem certa dignidade, permitindo a construção de uma identidade, não herdada e imposta pela norma e pelas tradições, mas escolhida e reivindicada” (GUERÍN, 2005, p. 25).

Para se aproximar do tema do surgimento dos empreendimentos economicamente solidários (EES), Lima (2006) parte das mudanças políticas e econômicas das últimas décadas no mundo das relações de trabalho, destacando entre elas, as novas tecnologias de produção, que eliminaram postos de serviços ao passo que renovaram os processos produtivos, e a comunicação em tempo real, que favorece as trocas financeiras em âmbito global, mas descentraliza as atividades produtivas. Essas duas mudanças levam, segundo o autor, aos processos de globalização ou mundialização que podem ser caracterizados pela flexibilização. Este conceito é acompanhado da desregulamentação e da precarização, que levam à criação, muitas vezes por parte dos trabalhadores, dos EES e dos trabalhos baseados na informalidade, sendo nosso foco aqui os primeiros.

Para o Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária (SIES), EES são organizações coletivas - organizações suprafamiliares, singulares e complexas, como associações, cooperativas, empresas autogestionárias, grupos de produção, clubes de trocas,

redes etc.; cujos participantes ou sócios (as) são trabalhadores (as) dos meios urbano e rural que exercem coletivamente a gestão das atividades, assim como a alocação dos resultados; permanentes, incluindo os empreendimentos que estão em funcionamento e aqueles que estão em processo de implantação, com o grupo de participantes constituído e as atividades econômicas definidas; que disponham ou não de registro legal, prevalecendo a existência real, e que realizam atividades econômicas de produção de bens, de prestação de serviços, de fundos de crédito de comercialização e de consumo solidário (KUYVEN, KAPPES, 2013).

A partir desse detalhamento, entendemos melhor o objetivo das mulheres que integram o grupo estudado aqui, que consistia em torná-lo uma Associação e uma cooperativa. Em 2017 as mulheres, enquanto grupo, tiveram o projeto aprovado na instituição responsável pela incubação, esta que vem tornando o grupo uma Associação - sem fins lucrativos e com objetivos de caráter cultural - e uma cooperativa - com fins lucrativos<sup>31</sup>. Segundo a integrante Luanda, o registro legal fornecido pela instituição é essencial para a participação em editais, para a possibilidade de arrecadação de verbas e para o maior reconhecimento e benefícios em geral perante os órgãos estatais.

Para seguir tratando sobre o surgimento dos EES no Brasil, é necessário apresentar um breve histórico da Cáritas Brasileira. Essa foi fundada em 1951 e é definida como uma Confederação mundial diretamente vinculada à Igreja Católica, sendo vista como uma das maiores organizações humanitárias do mundo. No ano de 2015, contava com 165 organizações-membros, presentes em 200 países. A confederação se encontra no “coração da Igreja Católica e representa a expressão organizada da solidariedade” nesta instituição<sup>32</sup> (CÁRITAS, 2015, p. 8).

Segundo Dill, Bertucci e Machado (2006, p. 4-5), a Cáritas foi criada como parte da política norte-americana no período da Guerra Fria com o objetivo de combater o comunismo pela distribuição de alimentos à população pobre (caridade tutelada). Após isso, evoluiu para

---

<sup>31</sup> Lima (2006), no texto estudado aqui, divide as cooperativas em três tipos: as terceirizadas, que mantem a organização de uma empresa regular e mantém dependência estreita com relação às empresas contratantes; as cooperativas que resultam da organização de trabalhadores que contam com a participação sindical ou de ONGS voltadas ao trabalho autogestionário; e as cooperativas de geração de renda que geralmente são incubadas e que enfrentam a questão da sustentabilidade no momento de desincubação. Entendemos que a Associação em estudo faz parte do terceiro tipo.

<sup>32</sup> A missão geral da Cáritas consiste em “testemunhar e anunciar o evangelho de Jesus Cristo, defendendo e promovendo a vida e participando da construção solidária de uma sociedade justa, igualitária e plural, junto com as pessoas em situação de exclusão social”. Os princípios são: defesa e promoção da vida humana; defesa e promoção da sociobiodiversidade; mística e espiritualidade libertadora; ecumenismo, diálogo inter-religioso e intercultural; cultura da solidariedade; relações igualitárias de gênero, raça, etnia e geração; protagonismo dos excluídos e excluídas; projeto de sociedade solidária e sustentável; e democracia participativa (CÁRITAS, 2015, p. 5).

a realização de ações educativas (caridade promocional), e, desde o final da ditadura, vem enfatizando ações de caráter organizativo que favorecem a voz coletiva dos sujeitos excluídos (caridade libertadora). Atualmente, a Cáritas atua, através das diretrizes da linha de Mobilização e Controle Social, em quatro campos, sendo um deles a Incidência em Desenvolvimento Sustentável Regional/Nacional com um dos focos na Economia Solidária.

Em 1981, a Cáritas Brasileira criou um programa de apoio a Projetos Alternativos Comunitários (PACs), o que no Rio Grande do Sul ocorreu, pela Cáritas do estado, a partir das iniciativas e desafios propostos pelo bispo da região.

O programa funciona através de Fundos Solidários de Financiamento e de acompanhamento de grupos, comunidades, associações e cooperativas. A partir de Sarria Icaza e Freitas (2006, p. 15), é através desses fundos que os PACs “apoiam e acompanham projetos elaborados pelos grupos, associações e comunidades”, sendo o objetivo “contribuir com esforços de base para construir alternativas sustentáveis de sobrevivência sob a forma de autogestão” (DILL, BERTUCCI E MACHADO, 2006, p. 6). Dessa forma, os PACs auxiliam na busca pela identidade dos grupos sociais e no fortalecimento e enfrentamento do mercado.

Com a expansão gradativa dos PACs e dos Fundos Solidários, foram criadas no Brasil inúmeras organizações populares de caráter social e produtivo-econômico. Foi a partir da necessária articulação entre essas organizações - seja para atividades de cunho econômico ou para o enfrentamento político de direitos - que se constituiu o movimento da Economia Solidária.

O período de surgimento de EES no Brasil, apesar de não ser apresentado a partir de uma data fixa por autores, ocorre entre 1980 e 1990, de acordo com as proposições de Lima (2006) e Asseburg e Gaiger (2007). Em 1990, segundo Lima (2006, p. 308), as cooperativas e a autogestão começaram a constituir-se como um objeto de preocupação sindical no território brasileiro principalmente a partir da criação da Agência do Desenvolvimento Solidário e da Central Única dos Trabalhadores (CUT), que passam a apoiar a organização de trabalhadores de baixa renda e a formação de cooperativas junto a fábricas falidas.

No Brasil, o modo de produção ganha destaque a partir da criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES)<sup>33</sup>, criada em 2003, no âmbito do Ministério do Trabalho e Emprego como fruto da proposição da sociedade civil e da decisão do Presidente

---

<sup>33</sup> “A Secretaria Nacional de Economia Solidária - SENAES - foi criada no âmbito do Ministério do Trabalho e Emprego com a publicação da Lei nº 10.683, de 28 de maio de 2003 e instituída pelo Decreto nº 4.764, de 24 de junho de 2003. Em consonância com a missão do Ministério do Trabalho e Emprego, tem o objetivo viabilizar e coordenar atividades de apoio à Economia Solidária em todo o território nacional, visando à geração de trabalho e renda, à inclusão social e à promoção do desenvolvimento justo e solidário”. (Fonte: <http://www.economiaviva.com.br/?q=node/163> Acesso em Nov. 2016.)



Luís Inácio Lula da Silva. A SENAES é responsável por realizar os levantamentos de EES no Brasil, sendo que, no primeiro mapeamento, realizado entre 2005 e 2007, foram identificados 21.859 EES em 2.934 municípios do Brasil (o que corresponde a 52% dos municípios brasileiros). Entre estes, ganha destaque a participação feminina: 67% dos empreendimentos eram compostos de formas mistas, por mulheres e homens; 21% formados somente por mulheres; 12% só contavam com homens.

No último mapeamento, realizado em 2013, foram catalogados entre 19 e 20 mil EES, somente no Rio Grande do Sul existem cerca de 1.700 EES, apresentando um total aproximado de 69% homens e 31% mulheres, essas que predominam nas iniciativas que apresentam até 20 sócios (KUYVEN, KAPPES, 2013). Como mencionado, o alto número de EES que florescem no Brasil ocorre, ao menos em parte, pelas condições adversas estabelecidas no âmbito do trabalho e pelas altas taxas de desemprego, que leva à criação e/ou à participação de formas de trabalho que servem como amenizadores das mazelas sofridas pelos sujeitos marginalizados no processo das relações de trabalho.

O programa nacional de apoio à Economia Solidária da Cáritas Brasileira contribui efetivamente para o fortalecimento do movimento nacional em dois campos: o das finanças solidárias, através dos Fundos Solidários, e o das Feiras de Comercialização autogestionáveis. No que diz respeito às feiras, Santa Maria é uma referência nos territórios nacional e internacional e vem “inspirando atores sociais na luta da Economia Solidária no mundo” (DILL, BERTUCCI E MACHADO, 2006, p. 8).

Em Santa Maria está localizada a sede da Cáritas Diocesana, que desenvolve seu trabalho a partir de 12 setores de atuação, estando entre eles o Projeto ao qual as mulheres se vinculam, fundado em 1987. De acordo com Silva (2006, p. 8), o próprio nome do Projeto, o qual optamos por não apresentar, não é apenas uma estratégia de marketing desprovida de sentido concreto, mas expressa “a disposição de luta, de continuar construindo com teimosia aquilo que é interpretado como utópico [...] significa construir alternativas associativas num momento de avanço neoliberal que leva ao individualismo extremo”.

Em 1989 foi concluída a construção do primeiro Terminal de Comercialização Direta e foi fundada uma central de comercialização cooperativa que agregaria produtores urbanos e rurais, entretanto, devido a dificuldades no modelo de gestão, em 1992, a cooperativa foi assumida pelo Projeto ao qual as mulheres entrevistadas se vinculam.

De acordo com Sarria Icaza e Freitas (2006, p. 14), este projeto “reúne um conjunto de práticas solidárias de caráter emancipatório que vêm dando vida, cara, e alma à opção pelos pobres e com os pobres”, tema que caracteriza os 37 anos de caridade libertadora da Igreja no

Brasil. De forma mais prática, o projeto visa promover, incentivar, desencadear e construir o desenvolvimento urbano, rural e regional sustentável através da transformação dos saberes e das práticas criativas em alternativas geradoras de renda (SILVA, 2006, p. 9).

Entre crises e superações, atualmente o Projeto demonstra avanços que se refletem nos resultados dos grupos e no reconhecimento e na visibilidade do projeto dentro e fora da região. É responsável por ações de desenvolvimento local relacionadas ao campo educacional, cultural, social e econômico, que se traduzem praticamente em participações do Programa Fome Zero, de programas de qualificação do Ministério do Trabalho e Emprego, do Banco do Povo, da agricultura familiar, etc.

As feiras de Santa Maria são realizadas em um Centro de Referência de Economia Solidária - terminal de comercialização direta<sup>34</sup> -, sendo as principais a Feira Latino Americana de Economia Solidária (Feira da EcoSOL) e a Feira Internacional do Cooperativismo (FEICOOP)<sup>35</sup>, realizadas anualmente, e os Feirões Coloniais, realizados semanalmente, desde 1992, para sujeitos que não dispõem de outros espaços para expor e comercializar produtos. As feiras são as principais marcas do Projeto e tem sua gestão realizada de forma colegiada, participativa e interativa entre a equipe do Projeto e os grupos associados.

Como será visto no capítulo IV, segundo as integrantes da Associação, o grupo não tem qualquer vínculo com a igreja. Inferimos que essa percepção das mulheres advém da compreensão de que o vínculo associativo com o Projeto ocorre única ou principalmente a partir das participações nas feiras, ou seja, primordialmente pela geração de renda. Mesmo que não saibamos afirmar em que medida a Associação-cooperativa continuará participando das feiras devido à incubação – que envolverá a produção de alimentos em grande escala – entendemos, a partir da exposição, que de alguma forma a Associação se vincula à Igreja, o que ocorre principalmente pelos princípios da solidariedade e da autogestão que são colocados em prática.

Lima (2006, p. 308), ressalta que quando houve a emergência da Economia Solidária, por volta da década de 80, essa não consistiu em reivindicações coletivas ou em uma movimentação prévia, mas foi vista como “uma alternativa de sistematização de opções de

---

<sup>34</sup> O terreno dos pavilhões de comercialização é cedido pela Mitra Diocesana de Santa Maria para esta finalidade, bem como para outras atividades realizadas no espaço, como a Mostra da Biodiversidade, Feira da Primavera, Encontros Diocesanos da Juventude, Encontro da Rede Mística Feminina do Meio Popular, Seminários Regionais de Alternativas à Cultura do Fumo, Marchas do MST, etc.

<sup>35</sup> Segundo material passado a nós pela Coordenadora do Projeto, desde 1994 é realizada em Santa Maria a Feira Internacional da Economia Solidária, do Mercosul e da América Latina. A partir de 1998 a Feira tomou o cunho Estadual. Em 2000 se tornou feira nacional. Em 2005 tornou-se Internacional de Economia Solidária do Mercosul e em 2007 a feira tomou o cunho Latino Americano de articulação com outros continentes.

trabalho e renda a partir de formas autogeridas de produção, como resistência ao crescimento do desemprego e à exclusão social de contingentes cada vez maiores da população”.

Para alguns autores, a Economia Solidária é compreendida como um movimento social. No caso de Gaiger e Assburg (2007, p. 500), a expansão gradativa, desde os anos 1980, das múltiplas iniciativas de Associação voluntária de trabalhadores - mediante a partilha de recursos produtivos, cooperação no trabalho e gestão coletiva - veio a produzir o movimento social da Economia Solidária.

Gohn (2008; 2011), ao apresentar um panorama dos movimentos sociais nesse milênio, enfatiza, entre os 13 eixos temáticos – que envolvem lutas e demandas distintas –, o Movimento das Cooperativas Populares, composto por atividades de reciclagem, produção de bens e objetos de consumo, produção doméstica alternativa de alimentos, produtos agropecuários, entre outras. Segundo a autora (2011, p. 346), esse movimento é composto por uma grande diversidade de empreendimentos heterogêneos que se unem ao redor de estratégias de sobrevivência (trabalho e geração de renda), articulados por ONGs que tem propostas que se fundam na Economia Solidária, popular e que são organizados em redes solidárias, autogestionárias.

Mesmo que trabalhem com mulheres auto-organizadas, realizamos uma pesquisa de recepção que não tem como foco de análise compreender no que consiste, ou não, um movimento social. Portanto, nosso objetivo não é o de compreender e/ou definir se a Economia Solidária é ou não um movimento social porque através da conceptualização do que é essa forma de economia, já conseguimos alcançar os significados e consequências dessa na vida das mulheres.

Se partirmos da percepção da integrante Luanda, atual presidente da Associação que tem sua trajetória marcada por lutas sociais e também por conhecimentos teóricos, entendemos que sim, o grupo constitui a Economia Solidária vista como um movimento social. Diante disso, a seguir alguns entendimentos sobre os movimentos sociais, que, para Gohn (2011, p. 335), consistem em

ações coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas. Na ação concreta, essas formas adotam diferentes estratégias que variam de simples denúncia, passando por pressões diretas até as pressões indiretas.

Esses movimentos agem como forma de resistência à exclusão social e buscam a inclusão, criando sujeitos para a atuação em rede, criam identidades para grupos que antes

eram dispersos e desorganizados e, ao realizar tais ações, projetam em seus participantes sentimentos de pertencimento social (GOHN, 2011, p. 336). Existem três características que são fundamentais para a constituição dos movimentos sociais, quais sejam: a posse de identidade, a existência de um opositor e a existência de um projeto de vida e de sociedade.

Para Scherer-Warren (2008, p. 508), a vivência de carências – vistas aqui como possíveis a partir da classe, do gênero e da etnia – não é suficiente para causar a construção dos sujeitos e sua transformação em politicamente ativos. O movimento social, para a autora, decorre da capacidade de autoidentificação coletiva em torno de conflitos, da existência de adversários centrais que devem ser enfrentados e da construção de projetos e de utopias de mudança. Além disso, a composição de um movimento social ocorre pela articulação entre as condições materiais de existência (desigualdade, desemprego e pobreza), com a dimensão das condições simbólicas de sua reprodução (estigma, discriminação) e com condições políticas decorrentes dessas (subcidadania, entre outras) (SHERER-WARREN, 2008, p. 507).

Em parte, essa definição mencionada acima, nos remete à possibilidade de compreender a Associação em questão a partir das concepções de identidade de Castells (1999), construídas para compreender a sociedade em rede. O autor compreende por identidade “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado” (CASTELLS, 1999, p. 22), afirmando que cada indivíduo ou ator coletivo pode ter identidades múltiplas<sup>36</sup>.

O autor apresenta três tipos de identidades: legitimadora, de resistência e de projeto, cabendo a nós aqui focarmos nas duas últimas como forma de compreender melhor a Associação estudada. A identidade de resistência é

criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos [...] (CASTELLS, 1999, p. 24)

De acordo com o mesmo autor, as identidades de projeto ocorrem quando os atores sociais, “utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, buscar a transformação de toda a estrutura social” (CASTELLS, 1999, p. 24). Essa identidade, que

---

<sup>36</sup> O autor define “significado” como “a identificação simbólica, por parte de um ator social, da finalidade da ação praticada por tal ator” (CASTELLS, 1999, p. 23).

origina-se a partir da resistência comunal, produz *sujeitos* que constroem um projeto de vida diferente que se expande no sentido de transformar a sociedade em um prolongamento desse tipo de projeto. O exemplo utilizado para ilustrar esse tipo de identidade é o feminismo, que deixou as “trincheiras” da resistência e vem resultando na “liberação das mulheres, dos homens e das crianças por meio da realização da identidade das mulheres” (CASTELLS, 1999, p. 26).

Mesmo que Luanda compreenda que um dos objetivos da Associação consista na transformação social, como será visto no subitem 4.1, a partir do que pudemos observar do cotidiano desse grupo e das integrantes, a Associação se aproxima mais das identidades de resistência, estas que, segundo Castells, provavelmente são o tipo de construção de identidade mais importante da sociedade. Essas identidades dão origem às *comunas* ou *comunidades* e a formas de resistência coletiva diante de opressões que, caso contrário, não seriam suportáveis.

A Associação surge a partir da percepção da exclusão das mulheres maduras e idosas e pertencentes às classes populares do mercado de trabalho, o que vai em direção aquilo que afirma Lima (2006) anteriormente. Ao mencionar o exemplo do nacionalismo fundado na etnia, Castells (1999, p. 25 apud Scheff, 1994, p. 281) afirma que esse “surge, por um lado, a partir de um sentimento de alienação e, por outro, de um ressentimento contrário à exclusão injusta, de natureza política, econômica ou social”, ao que acrescentamos, tratando da Associação aqui estudada, a necessidade de auxílio no sustento das famílias e a necessidade de reconhecimento enquanto mulheres.

Das cinco entrevistadas que compõe a amostra dessa pesquisa, somente Luanda sabe tratar sobre o que é a Economia Solidária. A despeito do saber definir o termo, a participação na Associação favorece uma espécie de ampliação do capital social que pode levar as mulheres a se envolverem com ideias de movimentos sociais ou organizações, bem como a conhecerem e se relacionarem com outras mulheres.

Ao estudar as relações entre as classes sociais na França, para Bourdieu o termo capital deixa de ser associado somente à questão econômica, passando a existir sob quatro formas. Thomson (2008, p. 69, tradução nossa) nos auxilia nas denominações: o capital social consiste nas redes sociais e afiliações; o capital cultural relaciona-se a formas de conhecimento, gosto, preferências estéticas e culturais, linguagem, narrativa e voz; o capital econômico não é visto como único a determinar a posição dos sujeitos nas estruturas de classe e refere-se à quantidade de posses, ao dinheiro; e o capital simbólico é composto por “coisas que representam todas as outras formas de capital e podem ser "trocadas" em outros campos,

como credenciais”<sup>37</sup> (THOMSOM, 2008, p. 69). Como será visto no capítulo quatro, as diferenças nas vidas dessas mulheres após o ingresso no grupo dizem respeito principalmente à configuração do capital social, que é ampliado.

### 3.2.1 Articulações entre gênero e classe social para pensar a amostra

Os trabalhos que enfocam a Economia Solidária frequentemente focam nas novas relações de produção ao invés de concentrarem-se nas novas relações de gênero (GUERÍN, 2005) que possivelmente surgem a partir do reconhecimento dos sujeitos em outros - aqui da condição feminina em outras mulheres. Sendo assim, as proposições que partem dos estudos feministas, como articulações entre níveis de dominação e exploração, são pouco salientadas nas pesquisas que abordam o tema.

Segundo Adelman (2009, p. 125), os trabalhos apresentados pelas teóricas feministas pioneiras merecem ser estudados, valorizados e mantidos através de nossas releituras por se tratar de clássicos da área. Segundo a autora, eles não só possibilitam avanços, mas geram, ainda, muitos conceitos e sensibilidades dos quais necessitamos para continuar os nossos trabalhos.

Na trajetória dos estudos que articulam classe social e gênero houve debates constantes entre as concepções feministas e aquelas advindas do marxismo, sendo que a maior crítica das primeiras recai sobre o tratamento dado à dominação masculina por Marx e Engels, que a tinha como uma variação das relações econômicas desiguais. Partimos da premissa que indica ser absolutamente necessária a contextualização das criações teóricas, precisando levar em conta, nesse caso, o período social no qual viviam atores filiados ao marxismo, marcado pela ascensão do modo de produção capitalista e pela conseqüente emergência das desigualdades entre as classes burguesa e proletária.

Segundo Adelman (2009), Engels, no livro *As origens da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, leva a entender que a divisão sexual do trabalho foi responsável pela desigualdade ou opressão sexual apenas no momento em que as classes sociais, baseadas na propriedade privada, foram formadas, referindo-se à subordinação feminina como a primeira

---

<sup>37</sup> Citação original: “Bourdieu nominated four forms of capital: economic (money and assets); cultural (e.g. forms of knowledge; taste, aesthetic and cultural preferences; language, narrative and voice); social (e.g. affiliations and networks; family, religious and cultural heritage) and symbolic (things which stand for all of the other forms of capital and can be “exchanged” in other fields, e.g. credentials). However, unlike a carefully manicured football field, there is no level playing ground in a social field; players who begin with particular forms of capital are advantaged at the outset because the field depends on, as well as produces more of, that capital. Such lucky players are able to use their capital advantage to accumulate more and advance further (be more successful) than others”.

grande forma de desigualdade de classe, o que insere as relações entre mulheres e homens no centro da análise histórica e social, mas não as enxerga como um fenômeno *sui generis* (ADELMAN, 2009, p. 105). Segundo Piscitelli (2002, p. 3), a partir deste modo de conceber a organização social entre os sexos, “as formas de opressão sexual, tais como as formas de parentesco e a família, teriam base material na estrutura de classes”.

De acordo com a socióloga marxista Heleieth Saffioti,

a teoria socialista, na medida em que tenta derivar os fatores que envolvem a condição da mulher exclusivamente da estrutura econômica, perde de vista um certo grau de autonomia apresentado pelas outras estruturas e, com isso, a possibilidade de perceber plenamente, de um lado, a singularidade da condição feminina e, de outro, os possíveis sociais abertos ao planejamento central. [...] Engels caiu vítima de seu economicismo. (SAFFIOTI, 2013, p. 131).

A insistência em tratar a questão da subordinação feminina como uma questão *sui generis*, ou seja, diferente ou impossível de ser reduzida às questões econômicas da propriedade privada sobre os meios de produção e da exploração, começou a ser realizada por Beauvoir ainda por volta dos anos 1950 (ADELMAN, 2009). Segundo Adelman (2009), algumas tarefas foram sendo apontadas por Beauvoir em conjunto com Flax, entre elas, “o ato de repensar a sociedade também a partir das experiências das mulheres [...] em toda a sua historicidade e especificidade, isto é, a partir das relações de poder entre os gêneros e sua interseção com outras formas de relações sociais, particularmente as de classe, “raça”/etnicidade e orientação sexual” (ADELMAN, 2009, p. 95).

A partir de Scott (1990) entendemos que a exigência do encontro de uma explicação material para a opressão de gênero pode se tornar um empecilho para a análise, sendo essencial investigar também as formas de opressão simbólicas. Ao refletir sobre os primeiros trabalhos realizados pelas feministas americanas envolvendo gênero, a autora reitera a importância de trabalhar com as categorias de classe, gênero e etnia por compreender que o interesse por estas categorias “assinalavam primeiro o compromisso do pesquisador com a história que incluía as falas dos oprimidos e com uma análise do sentido e da natureza de sua opressão” (SCOTT, 1990, p. 4). Este modo de pesquisar assinalava também que esses pesquisadores levavam cientificamente em consideração o fato de que as desigualdades de poder estão organizadas segundo, no mínimo, nesses três eixos<sup>38</sup> (SCOTT, 1990, p. 4).

---

<sup>38</sup> Por outro lado, o início do movimento feminista foi marcado pela organização de mulheres que reivindicavam o direito ao voto - em sua maioria eram brancas e de classe média. Até a emergência da segunda onda, as mulheres negras, indígenas e das classes menos abastadas precisaram reivindicar seus direitos econômicos, políticos e sociais pela organização em separado, o que dá origem mais tarde ao chamado *Black Feminism*, a título de exemplo.

Diante das tentativas de invalidação da relevância da classe social, por exemplo, com o argumento de que hoje as mulheres inserem-se em maior número no mercado de trabalho ou pelo fato de que elas têm mais acesso a facilitadores como creches ou eletrodomésticos, é necessário refletir até que ponto as ditas facilidades e empregos reconhecidos formalmente estão ao alcance de mulheres pertencentes às classes populares. Mesmo nos casos de mulheres de classes abastadas, como já discutido com Guerín (2005), urge pensar se a mera emancipação econômica da mulher seria suficiente para libertá-la de todos os preconceitos que a discriminam socialmente (SAFFIOTI, 2013), na medida em que a dominação masculina está incrustada e naturalizada na cultura das sociedades modernas, gerenciadas por uma ordem de gênero desigual.

Assim, a maior socialização dos meios de produção e a elaboração de uma legislação que não discrimine os sexos na família, no trabalho, na política ou no setor cultural da vida são fatores imprescindíveis à elevação social da mulher, mas é preciso que a sociedade se empenhe na eliminação da mentalidade habituada a promover a inferiorização da mulher (SAFFIOTI, 2013, p. 129).

Ao tratarmos do simbólico e do econômico nessa investigação, refletimos sobre em que medida há uma desvinculação entre esses níveis – cultural e material - ou, se há, até que ponto o simbólico reproduz ou produz em relação ao que se propõe no plano econômico, tencionamento vigente nos estudos culturais (ESCOSTEGUY, 2001). Ao tratarmos das relações de gênero, buscamos realçar a já mencionada indissolubilidade entre estes níveis, e não a determinação de um sobre o outro. Segundo Saffioti (2004, p. 125), existe “uma unidade dialética entre as subestruturas básicas de poder da sociedade capitalista: classe, sexo, raça/etnia, na qual essas categorias estão organicamente integradas”, assim, para a autora, “o importante é analisar estas contradições na condição de fundidas ou enoveladas ou laçadas em um nó. [...] No nó [...] a dinâmica de cada uma condiciona-se a nova realidade, presidida por uma lógica contraditória” (SAFFIOTI, 2004, p. 125).

Concordamos com Skeggs (2008) quando a pesquisadora – que não se opõe à articulação entre classe e gênero – afirma que “são lógicas diferentes que têm diferentes relações com o capital [...]. Eu acho que apenas juntá-las é não fazer o trabalho duro que é exigido para essas diferentes categorias” (SKEGGS, 2006, *s/p apud* SIFUENTES, 2014, p. 55). Kergoat (2010, p. 94) nos faz entender - a partir do conceito de relações sociais como consubstanciais e extensivas - que o nó “não pode ser desatado no nível das práticas sociais, mas apenas na perspectiva da análise sociológica, uma vez que as relações sociais de classe,



sexo, raça são “coextensivas”, ou seja, ao se desenvolverem, elas se reproduzem e se correproduzem mutuamente”.

Mesmo que Saffioti entenda a necessidade de buscar no modo de produção da existência social dos indivíduos a explicação para a situação da mulher na sociedade de classes, pois, segundo ela, a consciência de classe suplanta a consciência que eventualmente uma categoria de sexo possa alcançar, entendemos ser possível, em nível analítico, distinguir as categorias. Nosso foco na questão de gênero – principalmente tratando-se das entrevistas - ocorre pelo entendimento de que o reconhecimento dos antagonismos sociais pelos sujeitos pode ser capturado por outras noções que não exclusivamente pela cristalização verbal da noção de classe, como bem mostram Murdock e McCron (2014). É com base nisso que sustentamos nossa pesquisa, entendendo que, ao tratarmos empiricamente das inserções das mulheres em uma Associação baseada na Economia Solidária estaremos tratando sobre seus pertencimentos e percepções de classe, podendo dar, assim, ênfase às formas como elas concebem as relações de gênero.

Um conceito que tem ganhado visibilidade na teoria feminista e nos estudos de gênero é o da interseccionalidade, que de certa forma pode estar assimilado pelas perspectivas que apresentamos aqui. Foi introduzido pela primeira vez pela advogada negra norte-americana Kimberlé Crenshaw na década de 90<sup>39</sup> e, no mesmo período, foi desenvolvido como uma “teoria da articulação das opressões” por Patricia Collins (KERGOAT, 2016, p. 21). O conceito que, segundo Piscitelli (2008), foi formulado com o objetivo de oferecer elementos para a formulação de políticas para evitar a violação dos direitos de mulheres, busca superar a concorrência entre opressões na tentativa de englobar mais de uma diferença em pesquisas, como a partir da articulação entre gênero e etnia.

a imagem que ela oferece é a de diversas avenidas, em cada uma das quais circula um desses eixos de opressão. Em certos lugares, as avenidas se cruzam, e a mulher que se encontra no entrecruzamento tem que enfrentar simultaneamente os fluxos que confluem, oprimindo-a (PISCITELLI, 2008, p. 267)

A partir da constatação de que duas integrantes da nossa amostra de pesquisa se auto definem como negras e considerando que ao longo de nossa imersão em campo percebemos como essa categoria atravessa, principalmente, a experiência de uma delas como mulher,

---

<sup>39</sup> Segundo Tomazetti e Coruja (2017, p. 173), um dos “vazios” dos estudos de recepção das décadas anteriores ocorre pela “falta de articulação da problematização de gênero com outras categorias importantes, como etnia e classe, que deixem evidenciar outras relações de poder intrínsecas”. Não buscamos suprir essa demanda aqui, mas que levamos em consideração para tentar articular essas esferas no âmbito empírico.

tratamos da questão étnica no âmbito empírico de acordo com tais percepções, não abordando teoricamente este ponto.

Como já visto no início deste capítulo, para entender as relações entre a construção feminina de mulheres que se vinculam à Economia Solidária, trabalhamos com as relações de gênero de forma próxima aquela apresentada por Saffioti, ou seja, permeadas por vetores distintos de dominação e exploração. Ressaltamos que o poder permeia essa relação de dominação-exploração tanto no âmbito do dominado quanto dos dominadores, o que nos permite abarcar de forma mais ampla as possibilidades de transformação em contextos microssociais:

A relação de dominação-exploração não presume o total esmagamento da personagem que figura no polo de dominada-explorada. Ao contrário, integra essa relação de maneira constitutiva a necessidade de preservação da figura subalterna. Sua subalternidade, contudo, não significa ausência absoluta de poder. Com efeito, nos dois polos da relação existe poder, ainda que em doses extremamente desiguais. [...] Em todas as sociedades conhecidas, as mulheres detém parcelas de poder, que lhes permitem meter cunhas na supremacia masculina, e assim, cavar-gerar espaços nos interstícios da falocracia. (SAFFIOTI, 1992, p. 184)

Assim, tomamos aqui dominação-exploração como faces de um mesmo processo, sendo que “desde seus inícios, a exploração econômica da mulher fez-se conjuntamente com o controle de sua sexualidade. [...] É obvio que este fato preexistiu, de longe, à existência do capitalismo, mas este se apropriou desta desvantagem feminina” (SAFFIOTI, 2004, p. 129). Apesar de endossarmos alguns pontos das concepções propostas por Scott (1986), como já mencionado, nossa linha de investigação ultrapassa a possibilidade de entender a situação das mulheres que compõem a amostra puramente sob a ótica do gênero.

Mesmo que não realizemos um estudo que busque comparar percepções midiáticas de mulheres a partir de suas diferentes posições de classe ou que nos foquemos primordialmente na classe, em linhas bastante semelhantes às de Ronsini et al (2016), buscaremos investigar as disposições de gênero apresentadas pelas mulheres, compreendendo-as como engendradas, em certa medida, por suas posições de classe. Ainda que a condição socioeconômica não explique “em si mesmas ações e representações sociais”, ela está relacionada de forma íntima com estas (RONSINI, 2007, p. 22-23), fazendo com que programas televisivos sejam interpretados e consumidos de diferentes maneiras por indivíduos pertencentes a classes ou frações de classes distintas<sup>40</sup>. Para Pierre Bourdieu (1968), os hábitos com base na classe

---

<sup>40</sup> A relevância da noção de classe social para a formação das relações e percepções dos indivíduos não é posta em dúvida, mas mantemos a observação de que as visões de mundo de grupos e classes não podem ser relacionadas de forma direta à posição de classe, pois: a) ela não produz consciência ou visões de mundo

estruturam não apenas *o que* as pessoas consomem, mas *como* elas consomem (BOURDIEU, 1968, p. 593 apud MUDOCK, 2009, p. 41, grifo do autor).

Ao longo da realização desse trabalho entramos em contato com uma pequena parcela da bibliografia que trata sobre feminismos pós-coloniais. Esses trabalhos nos auxiliam na compreensão do tratamento da amostra de pesquisa de forma contextualizada, que leva ao reconhecimento das diferenças entre as mulheres. Na busca por problematizar e refletir acerca da colonização<sup>41</sup> através do conhecimento acadêmico, Mohanty (2008) realiza uma análise do que intitula como discurso feminista ocidental sobre as mulheres do Terceiro Mundo<sup>42</sup>.

De acordo com Mohanty (2008, p. 75), o que une as mulheres representadas nos discursos analisados é uma noção sociológica da identidade de sua opressão. Essa mulher representada

lleva una vida en esencia truncada, a causa de su género femenino (léase: constreñido sexualmente) y de su ser «del Tercer Mundo» (léase: ignorante, pobre, inculta, atada a la tradición, doméstica, centrada en la familia, victimizada, etc.). Esta imagen, sugiero, se produce en contraste con lá autorrepresentación (implícita) de las mujeres occidentales como cultas, modernas, con control sobre sus propios cuerpos y sexualidades y con libertad para tomar sus propias decisiones.

As obras feministas analisadas colonizam discursivamente as heterogeneidades materiais e históricas da vida das mulheres, apresentando-as de maneira singular. Desse modo, a partir das constatações de Mohanty (2008, p.87), nos vigiamos para não tratarmos as mulheres como sujeitos fora de suas incorporações nas relações sociais ou contextos, já que “las mujeres se constituyen como mujeres a través de la compleja interacción entre la clase, la cultura, la religión y otras instituciones y marcos ideológicos”. Isso nos leva a não enrijecer as mediações estudadas, mas abordar, empiricamente, temas como religião e escolaridade.

Em sentido semelhante, Alvarado (2014), ao realizar um apanhado histórico acerca das consequências dos processos de “colonização-invasão-conquista-evangelização”

---

exclusivas e específicas; b) todas as classes estão sujeitas a formações de discursos comuns; c) a posição de classe é “atravessada” por outras posições sociais, como etnia, gênero e idade (RONSINI, 2012, p. 40).

<sup>41</sup> Cabe destacar que, segundo Mohanty (2008, p. 70), por mais sofisticado ou problemático que seja o uso do termo colonização, ele supõe, quase que de forma invariável, “una relación de dominación estructural y una supresión – con frecuencia violenta – de la heterogeneidad del/los sujeto/s en cuestión”.

<sup>42</sup> Analisa especificamente seis textos da coleção *Mulheres em el Tercer Mundo* da editora Zed Press, nos quais “se define a las mujeres como víctimas de lá violencia masculina (Fran Hosken); dependientes universales (Beverly Lindsay y Maria Cutrufelli); víctimas del proceso colonial (Maria Cutrufelli); víctimas del sistema familiar árabe (Juliette Mincez); víctimas del código islámico (Patricia Jeffery); y, por último, víctimas del proceso de desarrollo económico [Beverly Lindsay y la escuela (liberal) de las Mujeres en el Desarrollo Internacional]”.

ocorridos no continente americano, trata da forma como as mulheres latino-americanas não foram somente “racializadas”, mas também “inventadas como mulheres” (ALVARADO, 2014, p. 19), estas que carregam uma dupla subalternidade: como mulheres e como latino-americanas. Antes da colonização não havia, segundo a mesma autora, (2014, p. 19), uma divisão sexual do trabalho, as relações econômicas eram baseadas na complementaridade e na reciprocidade, bem como não existia um princípio organizador com base em sexo-gênero.

Dessa maneira, para a autora, “género, “raza” y “clase” fueron constructos coloniales que re-ordenaron las áreas de la existencia, las relaciones entre los individuos y el control de los recursos: sexo, trabajo, autoridad, colectivos, subjetividad, intersubjetividad” (ALVARADO, 2014, p. 17). Características como essas levam o continente em que nos inserimos a ter posições, leituras e condições particulares de pensar e apresentar determinados problemas.

Ao passo que com as duas últimas autoras citadas compreendemos que não é possível ignorar a “colonialidade do gênero” - o que faz com que mulheres brancas tornem-se “cegas” frente ao reconhecimento da interseccionalidade entre gênero e etnia (ALVARADO, 2014, p. 19) -, o exercício de superação da concorrência entre classe social, gênero e etnia, a qual estão sujeitas as nossas entrevistadas é feito aqui na medida do que é possível, de acordo com limitações de tempo e espaço oferecidas pelo curso de mestrado. Apesar da consciência das limitações dos avanços teóricos – que predefinem o alastramento da parte analítica – bem como Ronsini et al (2015, p. 5), partimos da ideia de que as disposições de gênero não podem ser indissociadas daquelas de classe.

### 3.3 DO FOLHETIM À TELENOVELA: PENSANDO AMÉRICA LATINA E BRASIL

O recorte estabelecido para o estudo da telenovela nesta pesquisa em recepção ocorre por este gênero televisivo ter conquistado, ao longo dos seus cinquenta e dois anos de existência, o status de integrante da cultura e da identidade do Brasil. Este caráter incrustado da telenovela no país justifica-se pelo objetivo e capacidade da narrativa de apresentar um caráter policlassista da audiência, por fazer parte de um ritual compartilhado pela família e pelo fato de o gênero possuir narrativas que opõem, frequentemente, núcleos pertencentes às classes populares e mais abastadas (HAMBURGER, 2005, p. 73). Para compreendermos o significado desse gênero televisivo como uma narrativa da nação, necessitamos tangenciar seu histórico de constituição e de legitimação.

Segundo Junqueira (2009, p.51), as novelas transmitidas pela televisão tais quais conhecemos hoje tem origem no romance-folhetim do século XIX, conhecidos por auxiliarem na popularização da cultura no contexto de transformações europeias nesse período. Os Estados Unidos começou a transmitir folhetins pelo rádio, em 1940, com o nome de *soap opera*, que tem origem nas relações tecidas entre o conteúdo e os financiadores da época: os fabricantes de sabão.

No Brasil, as radionovelas chegam em 1941, mesma década em que o campo dos especialistas em teledramaturgia passa a adaptá-las para a televisão. Com Meirelles (2009), entendemos que a construção da narrativa da telenovela inicia com os folhetins, torna-se radionovela, o que muda com o advento da televisão, a partir do que surge o teleteatro e, posteriormente, as telenovelas.

*Sua vida me pertence*, de Walter Foster, foi a primeira novela nacional, veiculada entre 1951 e 1952 pela extinta TV Tupi de São Paulo, tendo em seu nome estampado o caráter das relações de gênero representadas na época. De acordo com Meirelles (2009), a injeção de capital por parte da publicidade das empresas de sabão, juntamente com o afastamento do caráter radiofônico das tramas, fez com que as telenovelas adquirissem um status de maior qualificação principalmente a partir dos anos 60. Desde 1963, quando Meirelles (2009, p. 35) e Junqueira (2009, p. 52) apontam a veiculação da primeira telenovela diária - que surge pelo aumento da audiência, ligada ao crescimento do número de televisores vendidos no país - intitulada *2-5499 ocupado*, o gênero televisivo paulatinamente adquire um caráter realista que acompanha as mudanças sociais, ligando os sujeitos com a sociedade.

Ao longo da trajetória das telenovelas, principalmente no que diz respeito ao Brasil, vimos firmadas relações com a legitimação da televisão como aparelho audiovisual e com um contexto amplo da formação social – para usarmos a noção apresentada pelos estudos culturais de origem inglesa -, ou seja, com o âmbito econômico, político e cultural, bem como com a consolidação e o crescimento da Rede Globo de Televisão, maior produtora desse gênero televisual. Segundo Junqueira (2009, p. 53), em 1966 a Rede Globo passa a exibir novelas e nas décadas seguintes a empresa torna-se um “conglomerado de produção cultural” e a maior produtora de telenovelas, o que é acompanhado da maior autonomia da emissora com relação ao texto novelístico.

Quanto às características gerais das tramas, segundo a autora, nos anos 1960 eram ambientadas em paisagens e personagens estrangeiros que pouco possibilitava a identificação com o público nacional. Na década de 70, os autores passaram a explorar assuntos conhecidos por esse público, marcados principalmente pelas adaptações do teatro e da literatura nacional,

como *Senhora*, de José de Alencar, adaptada para novela por Gilberto Braga, em 1975, e *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, adaptada pelo mesmo autor em 1976 - entre outros. A partir desse período, as novelas passam a ter uma linguagem própria, acompanhada de uma ruptura que atinge o tratamento dado às desigualdades sociais nas tramas, veiculando temas como a discriminação.

Entre 1968 e 1969 há uma modificação que, segundo Junqueira (2009, p. 98), “constitui uma verdadeira revolução” no modo de fazer novelas a partir da exibição da novela *Beto Rockfeller*, de Bráulio Pedroso. A partir daí, passa a existir uma aproximação com os brasileiros do tipo médio e as novelas passam a ser ambientadas “no meio cotidiano das cidades e do campo”, nascendo o anti-herói como principal personagem. É a partir desse momento que “a novela passa a ser vista como um produto realmente nacional” (JUNQUEIRA, 2009, p. 99).

Em 1980, surgem séries e minisséries e inicia a exportação de telenovelas, o que coloca o Brasil em outro patamar com relação ao seu equilíbrio no mercado mundial de ficção (JUNQUEIRA, 2009, p. 53). Além disso, a partir da mesma autora, nessa década, as novelas passam a ser um produto valorizado pela classe média que passa a interferir no trabalho, de forma direta, por meio de cartas escritas à Rede Globo ou, de maneira indireta, através da “incorporação de modelos estéticos presentes nas novelas” (JUNQUEIRA, 2009, p. 113). Há, assim, um aumento da participação do público na criação de roteiros pelos escritores e autores.

Entre as décadas de 90 e 2000, as telenovelas passam por mudanças devido à absorção de novas tecnologias, período em que a Rede Globo ainda detém a liderança no ramo de produção das telenovelas e avança também na esfera da internet. É importante ressaltar que a partir de 2005 começa a nascer “um mundo fora da Globo” (JUNQUEIRA, 2009, p. 65), na medida em que há um movimento de expansão da produção de teledramaturgia para outras redes de televisão (ainda em 1953 é criada a Rede Record e em 1981 o Sistema Brasileiro de Televisão - SBT). Isso contrasta com a diminuição de custo da produção de novelas pela Rede Globo a partir da construção da Central Globo de Produção (CGP), conhecido como Projac.

A relevância desse produto ficcional televisivo fica nítida quando Hamburger (2005, p. 131) refere-se às telenovelas que apresentam um caráter de conscientização social como “novelas de intervenção”, compostas por uma espécie de marketing social que, como aponta Meirelles (2009, p.41) o fazem a partir do potencial mobilizador que o gênero apresenta. Ao tratar desse ponto, Junqueira (2009, p. 94-95) afirma que principalmente a partir dos anos 70, temas como a homossexualidade aparecem em *O Rebu* (1974-1975) e a luta contra o

preconceito em *Dancing Days* (1978-1979). Hamburger (2005) cita telenovelas mais recentes, como *Explode Coração* (1995), que iniciou uma campanha na busca por crianças desaparecidas, *O Rei do Gado* (1996), que trouxe à tona a questão do Movimento Sem Terra e da reforma agrária, *O Clone* (2001) com o tema da dependência química e *Páginas da Vida* (2006), com foco na reivindicação pela paz. Atualmente, podemos pensar nesse caráter ao tratar de *A Força do Querer* pela abordagem do jogo Baleia Azul<sup>43</sup>, bem como pelo núcleo envolvido com o tráfico de drogas.

Apresentado esse breve panorama sobre a trajetória do gênero televisual, constatamos que a telenovela é parte dos avanços da sociedade brasileira no decorrer da modernidade do país, sendo colocada nesta posição de destaque por ter assumido de forma gradual características singulares e por ter construído um repertório compartilhado de representações identitárias sobre a realidade social e sobre o indivíduo (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 23). Portanto, torna-se uma narrativa da nação e é entendida como um recurso comunicativo, visto como capaz de comunicar representações culturais que atuam para a inclusão social, para a responsabilidade ambiental e para a construção da cidadania (LOPES, 2009, p. 22-23).

A proposição de Lopes (2009) da telenovela como recurso comunicativo é de grande valia e ocorre pela capacidade de ação pedagógica implícita e espontânea que o gênero apresenta, que é “ativada pela correspondência entre o *habitus* do mundo narrado e do vivido” (LOPES, 2009, p. 33). Entendemos que a construção como recurso comunicativo advém das mudanças as quais estiveram sujeitas a narrativa ao longo do tempo, que, atualmente, apresenta capacidade de unir uma matriz melodramática com um tratamento naturalista, fundamentando, assim, a verossimilhança (LOPES, 2009, p. 32), característica fundamental para sua credibilidade.

O deslocamento dos meios às mediações que Martín-Barbero (2003) propõe para o estudo das relações entre cultura, comunicação e política, afeta e auxilia na legitimação do melodrama - nas suas formas variadas, desde suas adaptações para o rádio, para o teatro e para a televisão -, este visto pelo estudioso colombiano como o elo entre cultura popular e resistência. Para o autor supracitado, foi a partir desse gênero que os sujeitos menos abastados tiveram a oportunidade de se reconhecer na cultura de massa, através do afastamento com a ideia de educação burguesa, tida como legítima até então (MEIRELLES, 2009, p. 111-113).

---

<sup>43</sup> Assunto este que teve repercussão no Brasil em meados do primeiro semestre por trazer à tona o tema do suicídio por jovens.

É pertinente salientar que a discussão acerca da legitimação da telenovela como um objeto de estudo no campo da comunicação e no subcampo da recepção latino-americano remonta ao período de consolidação daquele, já apresentado no capítulo I, na medida em que essa trajetória ocorre de forma concomitante, ou seja, as primeiras pesquisas de recepção realizadas nesse território tiveram como objeto a telenovela.

Segundo Escosteguy (2001), no contexto latino, a relação dos estudos culturais com o feminismo não foi observada com a mesma potência que será observada no subitem 3.3.1, embora tenha existido uma preocupação com as questões da mulher. Na América Latina, os estudos tomam a mulher como variável de gênero, sendo que a condição feminina não apresentava sentido estrutural na articulação da sociedade, não tinha um significado concreto no nível da estruturação social, por isso não merecia destaque nenhum no âmbito teórico, sendo o gênero tomado como um índice socioeconômico<sup>44</sup>.

Segundo Meirelles (2009, p.74-75), no Brasil, torna-se difícil definir o que consiste a crítica feminista aplicada ao melodrama, na medida em que aqui, diferentemente do que ocorre no contexto inglês e americano, não há uma explicitação do vínculo dos trabalhos realizados com as propostas feministas através da autodeclaração politizada. Destarte, a partir da autora, é possível que nos deparemos com olhares críticos vinculados ao feminismo, com um engajamento social de gênero e/ou com o uso de referências teóricas feministas, mas não com identificações com o movimento ou vínculos institucionais assumidos.

Segundo Pinto (2003), os estudos feministas têm como foco inicial uma maior dedicação a questões que fugiram do campo da comunicação, como maternidade, infância, violência contra a mulher, etc.. Enquanto no contexto inglês já havia desenvolvimentos do movimento feminista, no Brasil, ao mesmo tempo em que o movimento se organizava em defesa da especificidade da condição feminina, havia uma ligação profunda com a luta pela redemocratização do país, contra a ditadura militar. Assim, o feminismo focava na defesa da sexualidade, corpo e prazer ao mesmo tempo em que outra parte tinha como prioridade a luta de classes e a democracia, fazendo, assim, com que as análises sobre a mídia e a cultura não fossem prioridade (ESCOSTEGUY, 2016, p. 65).

Como afirma a autora, é interessante ressaltar, a propósito de salientar as diferenças políticas entre o contexto inglês e o brasileiro, que os períodos do feminismo na ditadura

---

<sup>44</sup> A ênfase de Escosteguy (2001) na questão do gênero como algo que estrutura o mundo material e o simbólico e as experiências dentro deles não significa dizer que esse enfoque resulte no pensamento do gênero como o fator determinante das relações humanas na sociedade.



(1970) e do período de redemocratização (1980) coincidem com a aproximação inicial da crítica feminista com os estudos culturais britânicos, entre 70 e 80.

Entretanto, mesmo que as vinculações entre a teoria feminista e a crítica da mídia venham sendo realizadas de forma tímida, as relações de gênero não tem passado despercebidas pelos estudiosos de telenovela em geral. De acordo com Meirelles (2009, p. 81-83), os principais eixos teóricos seguidos pelas pesquisadoras e pesquisadores – feministas ou não – tem se baseado em Donna Haraway (1994) e em Teresa de Lauretis. A autora afirma que a primeira, ao trabalhar com questões da representação feminina concentra-se em visões não essencialistas do gênero e enfatiza a heterogeneidade e a complexidade das mulheres, tendo na ideia de ciborgue – mistura de homem e máquina – a concepção de que os próprios corpos humanos são construções sociais e culturais. Teresa de Lauretis (1994) também é amplamente citada nas pesquisas latino-americanas e brasileiras, a partir do conceito de tecnologia do gênero, que, a partir do pensamento de Foucault, que considera a sexualidade como construção cultural, compreende gênero como algo que não deve se prender à diferença sexual.

De acordo com Meirelles (2009), os trabalhos brasileiros sobre melodrama e, mais especificamente telenovela focaram principalmente nas representações femininas veiculadas pelas telas; na recepção, com foco nos usos realizados pelas mulheres acerca das representações femininas e nas identificações com heroínas ou com vilãs e nas relações estabelecidas entre telenovela e estrutura produtiva e consumo, a partir da publicidade e de pesquisas de mercado.

Apesar da constatação de que no Brasil da década de 90 havia o que Pinto (2003, p. 92-93) chama de “feminismo difuso”, no âmbito da recepção surgem os trabalhos de Ondina Fachel Leal, Rosane Prado (1986) e Jane Sarques (1987), pesquisas que não mencionam a perspectiva dos estudos culturais, mas que apresentam pontos de convergência para com estes. Esses trabalhos são vinculados às ciências sociais, como antropologia e em diálogo com o método etnográfico, no caso de Leal (1986) e Almeida (2003). Meirelles (2009, p. 99) aponta que foram dois os impulsos principais que mobilizaram os estudos sobre telenovela nesse momento: o metodológico, a partir dos estudos de recepção, e o teórico, pelo recorte de gênero. Esses trabalhos, bem como outros das décadas posteriores, serão apresentados ao longo do texto conforme, e se, surgem pontos confluentes ou diferentes entre as constatações das autoras e os dados desta pesquisa.

Ao tratar da virada do século XX para o XXI, Escosteguy (2016, p. 71) afirma que as relações entre a crítica feminista e os estudos de mídia passam a ter como baliza a questão do

pós-feminismo. Entretanto, como será visto no subitem 5.2, pode ser que as representações sobre o feminino nas novelas não apresentam mudanças tão significativas em direção a uma maior igualdade entre os gêneros.

### **3.3.1 Contexto anglo americano: mídia e o feminismo como ruptura**

É importante ressaltar que a apresentação da crítica feminista da mídia nesta pesquisa é realizada na busca pelas contribuições relacionadas à valorização da telenovela como um bem cultural, considerada um produto feminino antes não valorizado e, em segundo lugar, por abrir portas para o estudo do gênero em relação a esse produto televisivo. Dessa forma, não buscamos aqui teorizar acerca do movimento feminista de forma isolada da mídia, mas complementar um quadro de legitimação do melodrama e das telenovelas na academia em um contexto que é distinto do latino-americano, mas que contribui com este e com esta pesquisa.

Mesmo que esta pesquisa se baseie teórica e metodologicamente na perspectiva dos estudos culturais com foco maior naquela advinda do contexto latino-americano, se faz importante apresentar como se estabeleceram as relações entre o feminismo e os estudos culturais de origem britânica pela compreensão de que, em maior ou menor medida, o legado trazido por pesquisadoras, como Charlotte Brunsdon, Angela McRobbie, Ann Gray, Janice Radway e Ien Ang, ao campo permeiam essa pesquisa. A apresentação do encontro dos estudos culturais britânicos com o feminismo e de suas consequências ocorre por entendermos que, mais tarde – justamente devido às diferenças entre formações sócio históricas -, por volta de 1980, a pesquisa em recepção na América Latina e em solo brasileiro começa a entrelaçar questões sobre gênero e mídia com ênfase nas representações ou nos processos de consumo e usos dos bens culturais de massa.

Mais amplamente, enquanto no contexto britânico a partir dos anos 1970 as formulações dos estudos culturais giram em torno da ruptura ocasionada pelo movimento feminista, na América Latina e no Brasil essa perspectiva se desenvolve, nesse mesmo tempo, diante das intensas ações dos movimentos sociais que antecederam e sucederam o período marcado pela ditadura militar em diversos países.

No Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, em 1970, o feminismo irrompe muito a partir da preocupação das feministas em “ver como a categoria “gênero” estrutura e é ela própria estruturada nas formações sociais” (ESCOSTEGUY, 2001, p. 33). É a partir desse período que se inicia um trabalho que rompe com o fechamento anterior, fixado no marxismo e na ideia de que as classes sociais eram as únicas estruturas possíveis para se entender os

processos culturais. A abertura ocorre no sentido de investigar a temática das identidades sexuais, geracionais, de classe e étnicas em relação aos meios de comunicação de massa e às temáticas relativas às culturas populares. Conforme Johnson (2010, p. 15), para além do questionamento sobre onde se encontravam as mulheres nas análises realizadas pelos estudos culturais, o feminismo proporcionou uma revisão dos objetos de estudos, produzindo novos. Nos estudos relativos à mídia, essa corrente contribuiu para um deslocamento geral da crítica anterior, que focava na noção de ideologia, para abordagens mais centradas na questão das identidades sociais e nas subjetividades, na popularidade e no prazer.

Segundo Escosteguy (2016, p. 63), nesse período havia um duplo enfrentamento dentro do CCCS, no âmbito da política feminista, a partir do qual as mulheres reivindicavam a ocupação dos espaços acadêmicos e o reconhecimento de sua importância, e, no plano teórico - como mencionado - emergia a necessidade, advinda de Angela McRobbie e Charlotte Brunsdon, da inserção da dimensão de gênero na discussão da época.

Entendemos que podem ser realizadas aproximações entre as concepções do feminismo de segunda onda, conforme apresentados através de Pedro (2005) no início desse capítulo, com as alterações nos paradigmas dos estudos culturais britânicos pela sintonia dos períodos e pelas pautas tratadas, como aquelas que se estabelecem a partir do lema “o pessoal é político”, que repercute 10 anos mais tarde na crítica feminista da mídia. Isso não significa que haja, de fato, uma correspondência exata entre tais perspectivas, mas que “(...) os movimentos provocam momentos teóricos. E as conjunturas insistem nas teorias: são momentos reais na evolução da teoria” (HALL, 2003, p. 210).

Muito a partir da formação do Grupo de Estudos da Mulher do CCCS, principalmente a partir da publicação do *11º Working Papers in Cultural Studies*, intitulado *Women Take Issue*, cinco contribuições da teoria feminista emergem nos estudos culturais, são elas:

[...] a abertura para o entendimento do âmbito pessoal como político e suas consequências na construção do objeto de estudo dos estudos culturais; a expansão da noção de poder, que, embora bastante desenvolvida, tinha sido apenas trabalhada na esfera pública; a centralidade das questões de gênero e sexualidade para a compreensão da própria categoria “poder”; a inclusão de questões em torno do subjetivo e do sujeito e, por último, a “reabertura” da fronteira entre teoria social e teoria do inconsciente- psicanálise (ESCOSTEGUY, 2001, p. 31)

De forma já bastante conhecida entre os acadêmicos da área, Hall afirma, sobre esse cruzamento entre estudos culturais e feminismo, que este “[...] chegou como um ladrão à noite, invadiu; interrompeu, fez um barulho inconveniente, aproveitou o momento, cagou na

mesa dos estudos culturais” (HALL, 2003, p. 209). Descrição essa que Brunson (1996, p. 278, tradução nossa) define como “chocante”<sup>45</sup>, pois, apesar da pesquisadora reconhecer as mudanças postas pelo feminismo, reconhece a expressão de Hall como inapropriada.

É a partir da relação de Hall com o feminismo e com o pós-estruturalismo para a compreensão da temática das identidades que Escosteguy (2016, p. 69) faz o vínculo entre o autor e o feminismo, que repercute na análise feminista de mídia já durante os anos 80. Ao mesmo tempo em que a crítica feminista paulatinamente abandona o conceito de papéis de gênero e passa a enfatizar que gênero constitui a identidade do sujeito, bem como a classe e/ou a etnia, a trajetória de Hall e da teoria feminista convergem no sentido de desmontar a ideia de identidade fixa e imutável, aproximação esta que se constitui a partir de meados dos anos 80, quando o autor passa a se preocupar ainda mais com a questão da identidade, começando com a publicação de *Policing the crisis*, que trata sobre a questão racial. De acordo com Escosteguy (2016, p. 70), para Hall, o *self* se relaciona com histórias reais, a identidade se articula ao reconhecimento das diferenças e não pode ter um sentido unificado, sendo a partir daí que ocorre a confluência maior entre crítica feminista e a trajetória de Hall, mesmo que a primeira enfoque o gênero e a segunda a questão étnica-racial.

Segundo Escosteguy (2016, p. 66), no CCCS, uma das primeiras produções que revelam a ligação com a crítica feminista é o artigo *Images of Women in the Media* (1974), no qual se teoriza acerca da subordinação feminina no sistema capitalista. Em 1975, publica-se a primeira edição de *Resistance through Rituals: Youth subcultures in post-war Britain*, onde aparecem dois artigos que versam acerca das relações entre o feminino e a subcultura.

De forma a aprofundar a ruptura teórica e política do feminismo no CCCS e de se chegar às relações entre melodrama e feminilidade, na primeira fase desse encontro (1970), os problemas da mulher eram tratados sobre um mesmo guarda-chuva da opressão muito a partir da ideia de patriarcado. Em 1981, com a publicação de *Feminism for Girls*, por McRobbie e McCabe, passa a haver uma acentuação das diferenças existentes entre as mulheres, sendo necessária a investigação do que, para cada uma, significavam vivências de subordinação e opressão. Texto esse que, segundo Brunson (1996, p. 278, tradução nossa) é o texto final da primeira fase do contato entre estudos culturais e feminismo, já que o uso de termos como

---

<sup>45</sup> Citação original: “Nor do I want to claim that how I choose to tell this story is authoritative. But at the moment, one of the only accounts is that by Stuart himself, when, in a profoundly shocking description—particularly from a former Henry James scholar—he describes ‘how and where feminism first broke in’. He says, ‘As the thief in the night, it broke in; interrupted, made an unseemly noise, seized the time, crapped on the table of cultural studies’ (Hall, 1992; 282). This is a description made in 1990 to the Illinois conference”. (BRUNSDON, 1996, p. 278).

“feminismo” e “meninas”, enfatizam distâncias com relação à década de 70<sup>46</sup>. Dessa forma, a totalidade homogênea a partir da qual antes se compreendia as vivências femininas passa a ser recortada, de forma a enfatizar outras matrizes que compunham as identidades.

Segundo Escosteguy (2016, p. 70), é a partir dos anos 1990 que se configura um terceiro momento na relação entre estudos culturais e crítica feminista, ao se levar em conta a “variedade de elementos” necessários a considerar para o entendimento da “constituição da condição feminina”. Então, fortifica-se o distanciamento com a universalização da situação feminina e masculina; e parte-se das identidades, fortalecendo o movimento para o reconhecimento das diferenças entre as mulheres. Neste período, a categoria gênero, como uma construção social, passa a ser associada ao modo relacional da constituição das identidades e não mais tanto a partir do “par feminino-masculino” (ESCOSTEGUY, 2016 p. 70).

As constatações e mudanças ocorrem, em boa parte, dentro da formação de uma “agenda crítica feminista da mídia” (ESCOSTEGUY, 2016, p. 67), que acentuava o interesse, primeiramente, nas representações femininas na ficção romântica, no melodrama e nas *soap operas*, considerados parte dos gêneros femininos, e posteriormente no prazer decorrente do consumo de gêneros que tinham como público alvo o feminino - considerados tanto fonte de ideologia quanto de resistência. A compreensão da recepção pela perspectiva da crítica feminista da mídia, cunhada em proximidade com os estudos culturais, atenta exclusivamente para processos que tem ocorrência no âmbito do cotidiano, enfatizando, portanto experiências de cunho pessoal.

Por sua vez, se o doméstico faz inevitavelmente parte do privado, neste se manifestam relações de poder, dominação e opressão e, portanto, essa esfera é amplamente marcada pelo político. Assim, a problematização do espaço político, realizada pelo feminismo dos anos 1970 sob a bandeira “o pessoal é político”, repercute com potência – mesmo nos anos 1980 – na crítica feminista de mídia. (ESCOSTEGUY, 2016, p. 68)<sup>47</sup>

Brunsdon (1997 apud MEIRELLES, 2009, p. 59-61), elenca três motivos que levaram as pesquisadoras feministas a interessarem-se pelo melodrama: 1) pelo fato deste gênero ter como foco as mulheres, o que se caracterizava na própria narrativa entrecortada dos programas, de modo que fosse possibilitada a assistência feminina em consonância com as

<sup>46</sup> Citação original: “So if there is a first phase of the encounter between feminism and CCCS, beginning perhaps in 1973–4, I would suggest that its final text is the 1981 McRobbie and McCabe collection, *Feminism for Girls*, which, in its use of both ‘feminism’ and ‘girls’ suggests some distance from the 1970s. This book also marks the end of the first phase with its much stronger sense of problems with the category ‘woman’ and of difference between women.” (BRUNSDON, p. 278).

<sup>47</sup> Esse pensamento é basilar ao nosso entendimento da família como uma mediação sociopolítica.

atividades domésticas, além do forte apelo comercial das tramas; 2) a interação estabelecida entre o público e o privado, acordada com o lema da segunda onda do movimento feminista, sendo que, se no espaço privado da casa as mulheres também eram oprimidas, seria de suma importância a investigação das representações midiáticas e da vida pessoal; 3) o sentido metafórico do melodrama, que, tal qual as mulheres, era visto de forma desprezível e banal. Assim, “o olhar feminista desafiou os estudos dos meios que até então vinham sendo feitos, nos quais apenas valorizavam-se programas noticiosos de caráter político e público, incluindo, então, análises sobre telenovelas e outros gêneros considerados “femininos”” (ESCOSTEGUY, 2001, p. 54).

Meirelles (2009, p. 56) em extenso e contributivo estudo sobre a trajetória de legitimação do melodrama como objeto de estudo no contexto anglo-americano constata que o estudo do melodrama passou por duas fases: como “vilão” em 1970 e como “mocinho” entre 1980 e 1990. A partir das leituras que realizamos das obras que aqui são citadas e de trabalhos que trazem a trajetória de consolidação da telenovela no contexto britânico e norte americano, podemos pensar que essa passagem ocorre muito a partir da emergência dos estudos de recepção – pela publicação do modelo Codificação/Decodificação de Hall - que possibilitaram entender, por exemplo, a feminilidade como algo que se constrói e que é plural, a partir da saída dos textos e da ênfase nas receptoras e em suas percepções das *soap operas*, perdendo o caráter frankfurtiano e/ou funcionalista antes vigente.

Os primeiros estudos – melodrama como vilão -, com foco na construção de estereótipos, enfatizaram imagens negativas do gênero feminino transmitidas pela mídia que legitimariam “a aceitação da mulher como eternamente preocupada com questões pessoais ou familiares, subordinadas aos interesses dos homens e incapazes de ação autônoma” (MEIRELLES, 2009, p. 56). Marca dessa fase foi o trabalho de Janice Radway (1986), que analisou as representações femininas em romances *Harlequin*, constatando que o melodrama daria às mulheres a ilusão do prazer pela possibilidade do escapismo relativo às funções de donas de casa ou de mães.

Nos anos 80 e 90, como mencionado acima, o melodrama passa a ser visto como “mocinho” muito a partir da consideração das experiências das mulheres, que começam a ser investigadas com mais afinco, resultando na concepção de que as espectadoras faziam usos variados das representações negativas e positivas através da realização de adaptações dessas em função das experiências culturais e propósitos que, até certo ponto, eram particulares. Passa-se, então, à investigação do prazer como fonte da indagação acerca da ideologia e da resistência, conceitos de interesse das pesquisadoras por dizerem respeito “à construção da

feminilidade nos discursos midiáticos e porque combinam os desafios inerentes à abertura do novo campo de pesquisa, os estudos de televisão, com a luta por um novo tipo de representação e consideração social das mulheres” (MEIRELLES, 2009, p. 62).

De acordo com a autora supracitada, o foco no prazer, tema central das pesquisas que relacionaram o melodrama com a feminilidade, foi compreendido pela via da ambiguidade: as mulheres, em maior ou menor medida, sentiam isso com representações que as inferiorizavam socialmente; pelo entendimento do melodrama como escapismo, ou seja, o gênero como possibilidade de fazer com que as receptoras se distanciassem do mundo real<sup>48</sup>; e pela via da fantasia, que, com o apoio da teoria psicanalítica, entende o prazer melodramático a partir da necessidade dos seres humanos de realizarem sentimentos românticos, conscientes ou inconscientes, fazendo com que as mulheres sejam capazes de se colocar em posições impossíveis de serem ocupadas na vida real, como aquelas mais igualitárias, por exemplo.

A partir de Meirelles (2009), esse terceiro caminho foi explorado por Ien Ang na pesquisa de cunho etnográfico *Watching Dallas: soap opera and the melodramatic imagination* (1985). A autora publicou um anúncio em uma revista feminina de grande circulação na Holanda solicitando que telespectadoras do seriado de TV Dallas escrevessem a ela compartilhando experiências de assistência da série, o que levou Ang a realizar a investigação com base na análise das cartas recebidas. As telespectadoras foram classificadas pela autora como amantes de Dallas, inimigas de Dallas ou irônicas – principalmente em relação ao caráter ideológico da cultura de massa.

Com base nessa breve apresentação fica firmada, desde os anos 1970, a intrínseca e cada vez mais preponderante aproximação a ser feita entre a construção da feminilidade com a esfera midiática, na medida em que, cada vez mais, as telas adentram o cotidiano dos receptores, o que se relaciona ao estudo das mediações comunicativas da cultura. Mesmo que brevemente, essa apresentação traz alguns pontos dos quais partimos para a compreensão da recepção de telenovela por mulheres.

Questões como a valorização da telenovela, o estudo da categoria gênero e da sexualidade como legítimos e componentes das identidades e a necessidade de compreender

---

<sup>48</sup>Sobre esse ponto, Meirelles (2009, p. 67) afirma: “A narrativa – e o prazer através dela obtido – são caracterizados como escapistas porque não manteriam contato com as necessidades, os desejos e os embates dos indivíduos. [...] Contra essa visão, entretanto, argumenta-se que o melodrama não pode estar tão distante assim da vida dos indivíduos que o assistem, pois o prazer e a identificação nascem justamente de uma suposta relação entre algum aspecto da vida real do sujeito com a ficção – relação que esta intermediada com a fantasia [...]” p. 67 [...] “A linha argumentativa do escapismo contrapõe o melodrama ao realismo, um estilo que, baseado em conceitos derivados do naturalismo, privilegiaria a realidade social “objetiva” e a fidelidade aos personagens e à organização dos fatos. [...] o que é realismo em uma época pode se tornar escapismo em outra”.

as relações de poder tanto no âmbito macro como no microssocial integram essa pesquisa e são entendidos aqui como legados dessas relações entre feminismo e estudos culturais.



#### **4. MEDIAÇÕES SOCIOPOLÍTICAS: ASSOCIAÇÃO E FAMÍLIA**

Após traçarmos breves perfis das entrevistadas como forma de introduzir suas trajetórias, no desenvolvimento deste capítulo tratamos as configurações das mediações sociopolíticas – Associação e família – a partir das percepções e relações que as mulheres mantêm com essas esferas. Bem como já mencionado, a partir de Martín-Barbero (2003, 2009), compreendemos que na socialidade estão embutidas a cotidianidade familiar – a relevância da família como espaço essencial de leitura e codificação dos textos midiáticos –, incluindo as competências culturais – que remetem a diferenças sociais mais amplas, como o pertencimento de classe – e, nesse trabalho, a Associação, que moldam as produções de sentido que as entrevistadas elaboram sobre as novelas.

Através do modelo das mediações, pensamos ser possível tencionar o poder da esfera midiática com o peso que ainda recebem instituições socioculturais e/ou sociopolíticas na constituição dos sujeitos, principalmente ao trabalharmos com uma amostra de pesquisa como a que se apresenta. Esse entendimento advém não de uma tentativa de separação rígida da construção de espaços como a família, o trabalho ou dos próprios movimentos sociais em relação à esfera midiática, mas da compreensão de que - mesmo ao tratarmos do segundo mapa apresentado por Martín-Barbero (2002) -, ao menos em nível teórico, necessitamos realizar um afastamento entre essas esferas, de forma a conseguirmos investigar os sentidos que adquire a mídia nas trajetórias dos sujeitos.

No subitem 4.1 apresentamos o histórico de formação e de desenvolvimento da Associação; os significados da participação das mulheres nesta; as relações que elas mantiveram ou mantêm com movimentos sociais e grupos e/ou associações; e as mudanças e continuidades das formas como gerem as relações pessoais e sociais a partir do contato com movimentos e/ou organizações, bem como com a Associação. A mediação da Associação é a primeira a ser apresentada porque é fundamental para a compreensão dos demais itens.

Em 4.1.1 apresentamos as trajetórias das mulheres no tocante ao trabalho e suas percepções sobre essa esfera nos âmbitos privado e público. Ao tratarmos do âmbito da experiência, torna-se difícil separar as trajetórias femininas das representações que elas constituem acerca do trabalho, da maternidade, das relações afetivas e da sexualidade, na medida em que são formadas com base em vivências, que surgem através de boa parte dos relatos.

No item 4.2 apresentamos as percepções das entrevistadas sobre suas vivências e relações com a família primordial, formada por pais e irmãos, e atual, constituída por

cônjuges e filhos. Apresentamos suas percepções acerca da maternidade no subitem 4.2.1 e das relações afetivas e sexualidade em 4.2.2. O foco de todos os tópicos ocorre nas relações de gênero e na feminilidade e, em menor medida, nas relações de classe social e étnicas.

Maria Luísa tem 40 anos de idade, é branca, tem o ensino fundamental incompleto, é “juntada” com o marido há 25 anos, têm três filhos e, apesar de ter sido batizada na igreja católica, afirma não seguir uma religião específica, frequentando mais de um tipo de igreja, como evangélica e umbanda. Mora com o marido e dois filhos, sendo que esses se dedicam aos estudos. Antes de ingressar na Associação trabalhou como empregada doméstica e como cozinheira e atualmente faz artesanatos, brechós e, às vezes, salgados e doces para vender, mas se declara como “do lar”. Atualmente, o marido, que tem o ensino médio completo, está desempregado e recebendo seguro desemprego. Ele trabalhou na maior parte do tempo como serralheiro. Maria Luísa contribui com as despesas do lar quando participa das feiras ou de brechós, mas é o cônjuge o maior responsável pelo sustento do lar. A casa é própria, a família não possui automóvel e o plano de saúde foi suspenso quando o marido se desvinculou da empresa em que trabalhava. Maria Luísa afirma que entre a renda do marido e a dela “dá pra sobreviver bem, só não dá pra fazer mais coisa, se eu quero construir, assim, não tem como”, referindo-se, possivelmente, à loja de artesanato e ao brechó que gostaria de fazer em casa.

Luanda tem 41 anos de idade, é negra, pós-graduada, casada “não oficialmente” há 21 anos, tem cinco filhos e afirma que não tem religião. Mora com o marido e quatro filhos. Antes trabalhava como empregada doméstica. Atualmente é assistente social e participa por vezes da feira através do brechó. O marido de Luanda é marmorista e no momento é o maior responsável pelo sustento da casa, sendo que há alguns meses atrás era ela, que continua contribuindo com as despesas. A casa em que moram é própria e foi construída em um terreno herdado pelo cônjuge. A família possui automóvel e, apesar de possuir plano de saúde pelo vínculo empresarial do marido, faz uso do Sistema Único de Saúde (SUS) para conter gastos. Quando questionada sobre a relação de seu modo de viver com sua condição financeira, conta que precisa moldar as formas como convive com os amigos e colegas:

[silêncio] Ah, eu, por muitas vezes, até no meu ciclo de amigas, de colegas, eu sou atípica, sempre digo. Eu sou aquela que nunca tem dinheiro pra ir no *happy-hour* [risos]. A gente saía da aula e as colegas iam fazer compras, eu sempre ia olhar, nunca comprava [risos]. Sempre tive a questão da moradia que é inferior, mas isso nunca me abalou. Sempre fez com que eu quisesse melhorar pra dar condições mais dignas pra minha família. [...] Esses dias eu tava pensando que eu nunca pensei em melhorar de vida pra questão econômica, eu sempre penso em melhorar de vida das pessoas, nunca é pra melhorar a minha vida [...] Mas eu vejo que tem uma diferença muito grande da condição financeira das pessoas que eu ando. (Luanda)

Alice tem 57 anos de idade, é negra, tem o ensino fundamental incompleto, é casada há 33 anos, tem um filho e, apesar de ter sido batizada na igreja católica, atualmente frequenta a evangélica. Mora com o marido. Trabalhou durante a maior parte do tempo como empregada doméstica, profissão da qual foi afastada por problemas de saúde e atualmente, na Associação, faz brechós. O marido de Alice tem o ensino fundamental incompleto e trabalha em uma fundição, sendo o maior responsável pelo sustento da residência, no que Alice auxilia conforme suas participações em brechós e feiras. A casa da família é própria, eles possuem um automóvel e não tem plano de saúde. Ao ser questionada sobre como sua condição econômica determina a maneira como vive, Alice comenta que somente com o salário do marido “faz falta mais dinheiro”.

Rafaela tem 39 anos de idade, é branca, tem o ensino médio incompleto, é “juntada” há 21 anos, tem uma filha e se declara como vinculada à religião umbanda de forma não praticante. Mora com o marido e a filha. Era cuidadora de idosos antes de participar da Associação e atualmente reveza entre fazer artesanato, vender doces, fazer brechós, vender roupas novas e ser revendedora de produtos de beleza e domésticos através de revistas. O marido também tem o ensino médio incompleto e trabalha de forma autônoma como segurança em eventos, sendo que quando questionamos sobre quem é o responsável pelo sustento da casa, o marido responde: “somos unidos, unidos. [...] aqui é união!”, nos fazendo entender que ambos contribuem com as despesas. A casa de Rafaela é “cedida” por ter sido construída no terreno da mãe do marido e eles não pagam aluguel. A família não possui automóvel, plano de saúde e nem máquina de lavar roupas<sup>49</sup>.

Cenira tem 65 anos de idade, é parda, tem o ensino fundamental incompleto e é “juntada” com o atual cônjuge há 25 anos, tem dois filhos e, apesar de ter sido batizada na igreja católica, atualmente frequenta a batista. Mora com o cônjuge. É aposentada como empregada doméstica e atualmente faz brechós. O marido tem o ensino fundamental incompleto e trabalha com reciclagem, sendo que, por vezes também como sapateiro. A responsabilidade pelo sustento da casa recai mais sobre o marido, com o que ela contribui com sua aposentadoria, principalmente. O casal trabalha como zelador na casa e terreno onde mora há 25 anos, motivo pelo qual ela acredita que “já somos mais donos do que ele

---

<sup>49</sup> Segundo Abramo e Valenzuela (2016, p. 119 apud GUIMARÃES, 2012), em comparação ao conjunto de bens normalmente investigado pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) e pelo Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Guimaraes (2012) investigou a existência de um leque mais amplo de bens duráveis no Brasil. Com base nessas informações, é possível constatar que, entre famílias urbanas chefiadas por mulheres, o acesso aos bens duráveis ainda é bastante restrito. “A máquina de lavar roupa não estava presente em mais da metade (53,2%) desse tipo de família, assim como outros eletrodomésticos essenciais para reduzir o tempo dos afazeres domésticos [...]”.

[proprietário do imóvel] daqui, porque a gente resolve tudo”. Não possuem automóvel e nem plano de saúde, este último porque “começou a subir demais”. Quando pedimos para Cenira versar sobre a forma como vive em relação à condição econômica da qual dispõe, ela relaciona a questão à “falta” e afirma que contou com a ajuda dos empregadores para alimentar os filhos com leite e carne, assim, estes “se criaram sem passar fome”. Além do que “sempre trabalhei, não tinha feriado, domingo, não sabia o que era Natal e Ano Novo, trabalhava reto e direto”.

#### 4.1 ASSOCIAÇÃO, MOVIMENTOS SOCIAIS E RELAÇÕES PESSOAIS E SOCIAIS

É de fundamental importância apresentar o bairro em que as entrevistadas moram e no qual elas se reúnem enquanto Associação. O bairro localiza-se na região sul da cidade de Santa Maria e, com uma área de aproximadamente 2,7238 km<sup>2</sup>. A partir do censo demográfico de 2010, está entre os 50 bairros oficiais da cidade e é considerado o 9º mais populoso, o 18º bairro mais povoado (população/área), e, principalmente, um dos 39 bairros com predominância de população feminina. Com relação à distribuição populacional o bairro, que é considerado urbano, tem 8.967 moradores, sendo eles 4.371 homens (48,75%) e 4.596 mulheres (51,25%).

Com nossas visitas percebemos que o bairro conta com estabelecimentos comerciais, como lojas de roupas, brechós, restaurantes, pontos que distribuem marmitex e viandas, minimercados, padarias e bares.

Para tratarmos do histórico de formação do grupo precisamos mencionar que Luanda e Maria Luísa conheceram-se durante a realização de um curso de artesanato realizado por ambas em uma escola localizada no bairro em que todas moram. O convite de Luanda para que Maria Luísa ministrasse aula de artesanato em um loteamento estreitou a relação de amizade entre elas. Após isso, em 2010, Luanda, que já era envolvida com movimentos sociais, foi designada para o cadastramento de famílias do bairro onde mora que necessitassem de auxílio do Projeto de Aquisição do Alimento (PAA), atividade para a qual convidou Maria Luísa<sup>50</sup>. Em uma instituição de ensino superior elas buscavam iogurte e leite e na sede do Projeto buscavam verduras para serem distribuídas no bairro.

A partir da tomada de conhecimento das dificuldades das moradoras do bairro, relativas às formas como se configuravam as relações de gênero vivenciadas por elas e à

---

<sup>50</sup> Organizado e viabilizado pelo Projeto em parceria com uma instituição de ensino superior de Santa Maria para o fornecimento de alimentos a populações carentes.

renda, foi nas filas para a retirada dos alimentos no bairro onde moram - formadas principalmente por mulheres - que ambas resolveram formar um grupo para que pudessem aprender artesanato, compartilhar experiências e gerar renda de forma a se fortalecer para o enfrentamento de vivências marcadas por distintas formas de dominação e exploração: “essa questão da dominação é o que mais me incomodava e aparecia nas filas assim: ai, a fulana não pode vir hoje, tu soube que a fulana apanhou, não sei o que, e aquilo ia machucando meus ouvidos” (Luanda).

Eu disse: Luanda, quem sabe a gente começa a ensinar artesanato pra essas mulher também, porque muitas se queixavam que não tinham dinheiro [...] vamo fazer um artesanato pra elas aprender e se sustentar, né, aí foi que nós começamos o grupo, como um grupo de artesanato que começou” (Maria Luísa).

Os aspectos simbólicos e materiais se mesclam como alavanca para a formação da Associação, mas o envolvimento inicial das mulheres com o grupo ocorre em função da necessidade de suprir demandas materiais, o que pode ser percebido a partir da relação da diminuição do envio dos alimentos pelo PAA com a redução do número de mulheres que continuaram a se reunir, denotando o caráter inicial de assistencialismo de classe.

Entretanto, é a partir dessa redução de integrantes que elas passam a discutir sobre gênero através das formações, incentivadas por Luanda, e compostas pela presença de profissionais como enfermeiras, assistentes sociais e psicólogas que, durante os encontros que observamos, conversaram com as mulheres sobre temas como sexualidade e gerenciamento da Associação.

Eu sei da importância da renda, assim, mas eu sempre priorizei a formação. Até fico muito aliviada com essa coisa da incubação porque eu me sinto culpada por as gurias não ter ainda uma renda boa, nada boa a renda das guria, por eu ter insistido tanto na formação. Eu achava necessário. (Luanda)

As mulheres já participaram de eventos, como a Semana Acadêmica de um curso de graduação, a Marcha das Vadias, a mobilização do Dia Internacional da Mulher, a visita no acampamento do Movimento sem Terra, palestra sobre relações de homens e mulheres no feminismo e festas solidárias realizadas no bairro. Estivemos observando o primeiro, no qual elas trataram sobre a importância da auto-organização feminina através da trajetória da construção do grupo e foram elogiadas pela força com a qual resistem, o que revelou o reconhecimento que a Associação têm para a comunidade acadêmica – nesse caso predominantemente feminina - santa-mariense. No último, Luanda tratou sobre a necessidade

de os homens participarem da luta pela igualdade de gênero, mas reconhecendo os privilégios dos quais dispõem.

As mulheres que fazem parte da amostra de pesquisa entraram no grupo a partir do contato com Maria Luísa, que as convidava para participar dos brechós ou da futura Associação. É fundamental reconhecermos a mediação do bairro nesse processo de articulação pela proximidade geográfica, que interfere na formação do capital social dessas mulheres e possibilita a integração inicial e atual. Inicialmente, elas encontravam-se em uma igreja no bairro onde residem, depois passaram a utilizar um ginásio localizado no bairro, mas em 2016, o grupo perdeu o direito de ocupar esse espaço, estando entre os motivos a ausência do Plano de Proteção Contra Incêndio (PPCI), processo que acompanhamos e que as fez ocupar um espaço emprestado por uma das entrevistadas.

Entre 2012 e 2013 o grupo recebeu o apoio de uma instituição de Santa Maria, período no qual pode desenvolver ações de educação e promoção de saúde. Maria Luísa ratifica a relevância dessa parceria, a partir da qual “a gente começou a fazer o grupo das mulheres. Aí nas quarta feira ao invés de a gente só buscar comida, a gente fazia grupo de conversa, artesanato, fizemo curso de reaproveitamento de alimentos também”.

O vínculo do grupo com a Economia Solidária ocorreu porque Luanda já conhecia a coordenadora do Projeto pela realização de monitoria em outro trabalho. Essa ligação ocorreu com base nas participações das mulheres nas feiras e auxiliou no fortalecimento da Economia Solidária no grupo. Como estratégias de alcance de renda para e pela Associação as mulheres da amostra realizam brechós, fazem artesanatos<sup>51</sup>, doces e salgados para vender em suas casas e/ou nas feiras coloniais organizadas pelo Projeto, bem como realizam festas com o intuito de comercializar almoços no bairro onde moram, o que fortalece laços comunitários.

A pesquisa de Oliveira e Zanini (2015, p. 73-74)<sup>52</sup> indica que, segundo os feirantes, as feiras locais são compostas por “solidariedade” e possibilitam a construção de amizades. As dinâmicas nesses espaços “vão além de trocas meramente comerciais”, sendo permeadas por “sociabilidades e trocas simbólicas”, tornando-se, assim, “espaços de sociabilidade”. Mais que a renda obtida com as vendas, nas feiras, as mulheres que vão até lá como comerciantes, conhecem pessoas, trocam contatos e aprendizados sobre artesanatos e culinária: “[...] acho que os encontros da Economia Solidária, ver outras mulheres, se reconhecer em outras

---

<sup>51</sup> A origem da prática do artesanato na vida das mulheres não foi investigada.

<sup>52</sup> Esse trabalho consiste na análise da revista “Feirão Colonial – 20 anos”, publicada em 2012, por integrantes da feira, texto esse advindo das percepções da pesquisa de mestrado de Oliveira.

mulheres, ter outras referências, acho que nisso contribuiu bastante a Economia Solidária” (Luanda).

Além disso, segundo Dill, Bertucci e Machado (2006, p. 10) as feiras são espaços em que os grupos, associações e cooperativas tem tido protagonismo, na medida em que participam do processo de organização desses eventos, “seja através da exposição de produtos e materiais, como também integrando as diferentes equipes de trabalho”.

Em meados de 2017 até início de 2018 houve um afastamento desses espaços de comercialização de artesanato e de alimentos porque a relação entre investimento e lucro semanal passou a não ser tão positiva para as mulheres. Rafaela e Alice demonstram esse descontentamento que, combinado com a realização de tarefas domésticas e do exercício do papel de cuidadora nos finais de semana – seja dos filhos, neta ou maridos - as tem feito frequentar menos esses espaços. Antes de isto acontecer, eram Maria Luísa e Alice as que mais participavam das feiras, sendo os produtos de Luanda e Cenira, por vezes, enviados para a comercialização por essas duas mulheres.

Em agosto de 2017, o grupo teve o projeto de incubação aprovado em uma instituição de Santa Maria, que vem tornando-o uma Associação - sem fins lucrativos e com objetivos de caráter cultural - e uma cooperativa - com fins lucrativos - com o apoio de professores e de representante institucional para orientações de caráter burocrático e formativo. Em setembro de 2017, elas decidiram, através de votação, os cargos a serem ocupados na Associação: das mulheres que fazem parte da amostra, Luanda é a presidente, Maria Luísa é a vice-presidente, Rafaela é a tesoureira e Cenira e Alice são partes do conselho fiscal suplente.

A Associação tem parceria com uma instituição de Santa Maria e, por meio da incubação, terá acesso à verba para a compra de materiais relativos à produção alimentícia/panificação; com a cooperativa de um projeto que permite a viabilização da participação da Associação em oficinas, feiras e reuniões; com um Fórum por meio do qual a Associação participa de reuniões de planejamento e elaboração e deliberação de políticas voltadas para as mulheres e com uma Frente, pela qual as mulheres participam da organização de atividades de ativismo e resistência.

Quanto à organização interna, uma questão colocada por Luanda durante todo o tempo da pesquisa de campo é a necessidade de compartilhamento dos momentos de fala para evitar a hierarquização entre as integrantes. De 2016, quando nos inserimos na Associação, até início de 2018, percebemos um avanço no posicionamento das mulheres quanto a essa organização interna através da maior exposição de opiniões sobre diversos assuntos e participação da construção das pautas. Inicialmente, antes da chegada de Luanda nas reuniões,

as mulheres reservavam um lugar com mesa para que ela fosse a responsável pela ata, o que não ocorreu mais pelos pedidos de Luanda para que todas o fizessem. Ações nessa direção também ocorrem quando mulheres são escolhidas para compor lugares de fala em eventos organizados pela instituição a qual se vinculam.

Percebemos que Luanda é uma integrante do grupo reconhecida pelas outras mulheres não somente pelo maior capital cultural que apresenta – e que se materializa quando ela conversa com as mulheres sobre questões relativas às minorias sociais, ou quando apresenta ideias e soluções para os impasses que se apresentam na Associação -, mas também por ser uma das criadoras e atual presidente da Associação. Esse prestígio e reconhecimento são limitados por ela própria quando insiste na responsabilização de todas as mulheres pela Associação, seja através de falas ou da insistência para que cada mulher cumpra cada vez mais com suas funções, seja de vice-presidente, tesoureira, secretária, etc.

Atribuimos essas atitudes de Luanda à colocação em prática do princípio da autogestão, que, como parte da Economia Solidária, enfatiza “a gestão compartilhada ou participativa entre os diferentes envolvidos, o que significa dizer que todas as pessoas, a partir do seu espaço específico de inserção, são construtoras e co-responsáveis por um processo coletivo” (DILL, BERTUCCI E MACHADO, 2006, p. 12).

Os assuntos mais tratados nas reuniões variam de acordo com as pautas trazidas pelas integrantes e dizem respeito, geralmente, à organização dos encontros, à participação em feiras ou eventos, à presença necessária e ao comprometimento das mulheres em todas as atividades e questões de cunho burocrático - relativas à formalização da Associação e da Cooperativa. São também temas de conversas a igualdade ou a desigualdade de gênero, classe social e etnia, geralmente iniciados de forma direta e/ou problematizados por Luanda<sup>53</sup>. As conversas são realizadas com base nas experiências das próprias mulheres ou em notícias que envolvem questões como a divisão igualitária de tarefas entre os gêneros, a oposição com relação à violência contra as mulheres, pobres e negros, a situação ocupada pelas mulheres que traem – sejam amantes ou casadas, tópicos que vem muito pelas telenovelas - e já foi debatida a presença dos homens no movimento feminista.

Durante os encontros, também vimos serem debatidos temas que compõem a agenda do movimento feminista: questões relativas ao aborto, à liberdade das mulheres no que tange à família, ao casamento e ao trabalho. As opiniões femininas variam de acordo com os temas

---

<sup>53</sup> Como será visto em 4.2, a entrevistada teve a infância marcada pela relação violenta entre pai e mãe, que constantemente refere-se aos preconceitos sofridos pelas pessoas negras e que consegue ver tais experiências a partir de um senso mais crítico, o que ocorre, ao menos em parte, por suas vivências como participante de movimentos sociais e pela formação que teve no ensino superior.



comentados e, de alguma maneira, as mulheres auxiliam umas as outras na formulação de pensamentos e opiniões sobre determinados assuntos. Por cerca de três vezes presenciamos discussões espontâneas sobre personagens femininas infiéis de diferentes novelas, nas quais Luanda tentou fazer com que as mulheres entendessem a culpa dos homens e que não somente culpassem as mulheres por atos como esse.

Ainda tratando sobre a organização interna, desde antes de começarmos a pesquisa essas mulheres tem um grupo no *Whatsapp* que conta com 12 integrantes, incluindo a pesquisadora. São seis integrantes da Associação que fazem parte desse grupo, estando entre elas três participantes de nossa amostra: Luanda, Maria Luísa e Rafaela. As demais não participam do *Whatsapp* por não saberem mexer nos celulares, pelos aparelhos não suportarem esse tipo de aplicativo ou por não terem internet, sendo avisadas sobre os compromissos pessoalmente ou por ligações telefônicas.

Esse grupo é uma ferramenta fundamental de organização, sendo nele postadas informações sobre reuniões, editais possíveis de concorrer e compromissos com a instituição com a qual se vinculam. Além disso, mensagens positivas acerca de autoestima feminina e correntes são enviadas seguidamente por todas elas (no final de 2017 foram enviadas frases como “Pra hoje uma dose de confiança e bom humor porque a vida fica mais bonita quando a gente olha pra ela sorrindo”; “Eu amo a mulher que me tornei porque eu lutei para ser ela”; “[...] Que 2018 surpreenda com doses exageradas de paz, fé, saúde, alegria, afetos e amor”, etc.).

A falta de local próprio ou alugado é o maior empecilho para a realização dos salgados e doces para *coffee break* e dos brechós, que tem se restringido às feiras – quando elas participam - e às raras vezes em que os realizam nas próprias casas. A esse empecilho, Luanda acrescenta as “intrigas” internas.

Os entraves da organização com base na Economia Solidária em uma sociedade baseada em pressupostos capitalistas aparecem quando refletimos acerca da organização orçamentária da Associação. Há alguns anos, quando elas realizavam brechó quinzenalmente nas feiras, cada uma contribuía com 10 reais para a “caixinha”, o que não deu certo porque algumas mulheres acabavam não vendendo roupas e lucravam da mesma forma, “porque a Economia Solidária é isso, tu dividir o que tu conseguiu, mas daí aquela maneira não tava dando certo” (Luanda), até que elas resolveram vender os produtos próprios e criar a “tenda” do que seria destinado para o caixa da Associação.

As participações das entrevistadas em movimentos sociais ou em outras organizações e grupos são importantes para compreendermos as relações pessoais e sociais que elas

constituem, as formas como se inserem e percebem a Associação, assim como as leituras que realizam das telenovelas.

Luanda é a única que, para além da Economia Solidária, afirma participar de movimentos sociais como Feminista, além de correntes vinculadas a assuntos específicos. Ela não participa de outros grupos “em função do trabalho”. A entrevistada gostaria de participar mais do Movimento Negro, o que não faz devido a disputas internas que a desagradam. Declara-se feminista e entende o feminismo como “um movimento social que luta pela igualdade e pela equidade, porque não basta só ter igualdade”. A isso relacionamos o fato de ela entender que o pior de ser mulher relaciona-se à violência contra estas: “a gente já tá no século XXI, em pleno 2017, e ainda tem muitos feminicídios, convive com essa violência bárbara que mata as mulheres por ser mulher [...]”.

Entretanto, menciona as críticas que tem com relação ao movimento, que advém da experiência tida em espaços de formação. Essas críticas são relacionadas principalmente à necessidade de reconhecimento, por parte do feminismo, das condições em que se inserem os sujeitos participantes das lutas, relativas à etnia e à classe social: “o movimento feminista hoje é branco e elitista. Tu sai das reuniões e é uma que outra que é da vila, que vai pegar ônibus, que não pode ir nas reuniões, às vezes, porque tá trabalhando [...] Tem cobranças ainda e não vê a condição da outra”. A partir das falas durante os encontros, Luanda concorda com a legalização do aborto. A relevância dos envolvimento dessa entrevistada nos âmbitos tratados acima se revela quando afirma: “o que mais me realiza como mulher é essa parte de trabalhar com mulheres, a gente se empoderando coletivamente”.

Rafaela, Alice, Cenira e Maria Luísa não têm trajetórias marcadas diretamente pelo envolvimento com movimentos sociais, entretanto, inferimos que tem contato com alguns dos pressupostos por meio da Associação. Alice e Cenira gostariam de se envolver com o cuidado de crianças e Maria Luísa simpatiza com o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST). Quanto aos grupos, Maria Luísa conta que já fez parte de um ligado à saúde, que também funciona no bairro, e agora dedica-se somente à Associação, enquanto Rafaela, Cenira e Alice não participam de outros grupos e/ou associações.

Maria Luísa conta que “antes” de entrar na Associação “odiava isso aí [feminismo], achava horrível” e atualmente declara-se feminista pelos aprendizados, decorrentes, em sua maioria, do grupo, que a fizeram mudar a forma de educar os filhos, antes minada por tabus relacionados à sexualidade e por preconceitos. Entende que o feminismo é uma forma de as mulheres defenderem-se, pois “a mulher, por ser mulher, ela já sofre muito”. Tratando do caso desta entrevistada, esse sofrimento pode ser relacionado à discriminação sofrida que

advém diretamente da participação na Associação, pois alguns familiares “acham que a gente não presta”, atividade essa que remete à infidelidade, já que o marido escuta constantemente: “abre o olho, tu vai ficar corno”.

Não se “identifica” com a legalização do aborto, exceto em caso de estupro, e concorda com a liberdade das mulheres no que diz respeito à vestimenta: “tu tem que usar a roupa que tu quiser, que tu tem que sair na rua do jeito que tu quiser, tu tem que viver do jeito que tu [ênfase] acha que é bom pra ti e não pensar nos outros”, além de afirmar que “assim, como a mulher tem que respeitar o homem, ele tem que respeitar a mulher e tem que ter deveres como a gente tem”. Diferente de antes, afirma que hoje não limita as roupas da filha de acordo com o tamanho das peças e conversa com ela sobre virgindade e proteção sexual. Maria Luísa associa as piores coisas de ser mulher à violência contra as mulheres e ao “machismo”: “homem pode tudo, a mulher não pode nada, mas porque eles veem assim. Nós não, pra nós, nós podemos tudo”.

Rafaela, quando questionada sobre ser feminista, afirma que “nem tanto”, o que ocorre em função da maior ou menor identificação com as pautas discutidas e defendidas pelo movimento. Ela não participa de mobilizações práticas ocorridas em espaços públicos: “eu já prefiro ficar neutra nesses negócio [...] Vai pra rua, participa disso, daquilo, isso já não...”. Entende que o aborto deve ser permitido somente em caso de estupro “porque eu acho que se tu gerou uma criança tu não tem o direito de tá tirando, espera a criança nascer e dá pra alguém ou, então, evita”, além de se posicionar contra a liberdade feminina no tocante à vestimenta: “eu já não deixo a minha [filha] sair com qualquer roupa”, pois “se tu te preservar um pouquinho mais tu não vai chamar atenção dele [homem], né? Se tu tá tapada e já chama atenção, então evita, não custa tu evitar, né”. Apesar de não concordar integralmente com a legalização do aborto e com a liberdade no tocante às roupas utilizadas pelas mulheres, nesse último caso, talvez endossando o papel equivocadamente da mulher que é abusada sexualmente por mostrar o corpo, Rafaela acredita que as mulheres devem lutar pelos “direitos humanos”, defendendo salários iguais para homens e mulheres, pois “não é porque tu é mulher que tem que ganhar menos”.

Com Cenira e Alice percebemos que a definição de feminismo, ao menos no âmbito das representações, não foi alcançada até o momento da realização dessas entrevistas: “feminismo... [pensando]. Tá, feminismo, tipo assim, de eu reparar alguma coisa numa guria, numa mulher?” (Cenira) ou “o que é... não sei. Não tenho contato mesmo” (Alice). Cenira concorda com a legalização do aborto em caso de “risco de vida [morte]” da mãe, e não consente com a liberdade para se vestir.

[...] Antes não existia esse negócio de taradismo, de homem meter a mão com as mulher [...] esses dias tava calor e passou umas ali com essa parte [aponta para a barriga e costas] tudo de fora. Os calçãozinho pendurado lá em cima e as porpa da bunda tudo pendurada de fora. Eu disse pro meu marido: olha ali, ó, depois os homem metem a mão... recém fazendo uns diazinho quente, pra que andarem pelada assim? Homem é homem, eu disse pra ele. Talvez eu esteja errada, mas antes não acontecia essas coisa. O meu vestido era por aqui [aponta a metade da canela], tudo bem que hoje não ande assim, mas que ande mais um pouquinho tapada pra evitar. (Cenira)

Uma longa pesquisa de campo corre os riscos iminentes da vida, das mudanças nas formas de pensar e, em menor medida, de agir dos sujeitos, sendo que a complexidade desse tipo de investigação fica nítida quando nos deparamos com depoimentos que se contradizem. No início da pesquisa de campo, Cenira apresentou um discurso permeado pelo direito de usar roupas curtas no verão. O que nos invoca é a fala da entrevistada ser marcada por uma espécie de passo atrás no tocante às percepções sobre a posição da mulher na sociedade, que também denota a fragilidade das representações.

Dentro de um mesmo grupo de mulheres que preza há oito anos por formações relativas à experiência feminina, como visto, há disparidades acerca das compreensões do que é o feminismo. Entendemos que isso ocorre em função de fatores como a geração das mulheres, bem como de suas vivências particulares. Ainda interessa apontar que algumas delas, a despeito de não saberem versar sobre o feminismo, acabam por seguir alguns dos pressupostos do movimento na prática, começando pela participação em uma auto-organização, predominantemente feminina, que busca uma paulatina transformação social, principalmente em relação à classe social e ao gênero.

Seguindo na tentativa de compreender como essas mulheres relacionam-se com questões político-partidárias, constatamos que a escolha dos partidos políticos está relacionada à posição ocupada na estrutura de classes. Exceto Rafaela, que não tem um único partido de preferência, todas as outras mulheres votaram ou votariam em candidatos do Partido dos Trabalhadores (PT) na última eleição. As afinidades com as propostas do PT não surgem das próprias mulheres porque algumas delas referem-se aos maridos e famílias como também eleitores, como Maria Luísa: “sou petista desde que eu nasci” e “a mãe é, meu marido é, a família dele é petista”, bem como Alice: “meu marido é do Valdeci aquele, do PT e eu também”.

Tratando de pesquisas realizadas com cooperativas, Lima (2006, p. 309) afirma que o trabalho pode ser percebido de forma pragmática, como uma ocupação, e que o envolvimento

político dos participantes é variável conforme a organização ou a incubação dos empreendimentos. Para o autor, geralmente constitui-se um grupo de trabalhadores mais envolvido com a organização e mais preocupado com a questão política da autogestão, ou mesmo mais comprometido com o ideário da Economia Solidária. Os outros participantes se envolvem de formas bastante diversificadas, o que se reflete no modo de participação nos assuntos da cooperativa e em como percebem a gestão da propriedade coletiva.

A partir das observações participantes, percebemos que as entrevistadas dessa pesquisa reconhecem, valorizam e se envolvem com as atividades da Associação que vão além da renda, como demonstra o interesse pelas formações oferecidas, ou seja, os aprendizados com profissionais que frequentam os encontros, como assistentes sociais e enfermeiras. Isso não suprime a importância que tem a geração de renda para essas mulheres.

Uma questão que entendemos ser chave para compreender a participação das mulheres na Associação diz respeito aos motivos que as levam a preferir participar de um EES a vincular-se a outro tipo de trabalho - para além da aposentadoria e dos problemas de saúde que algumas apresentam. Apesar de ser uma das integrantes que mais busca fazer com que a Associação vá além da dimensão material, quando questionada, Maria Luísa remete à questão financeira, que tem como eixo principal o auxílio ao sustento da família e a garantia da continuidade dos estudos dos filhos.

Em função do trabalho, Luanda nunca conseguiu se dedicar exclusivamente à Associação, ratificando, quando questionada, que isso ocorre em função da renda. O que fez Rafaela entrar na Associação e que também é um dos motivos pelos quais ela se mantém nesta é a possibilidade de aprender artesanato. Alice e Cenira, que não tem outra ocupação formal, contam que se mantém na Associação por conta da convivência com outras mulheres.

Tratando de uma mescla de princípios e objetivos do grupo, Maria Luísa e Rafaela remetem ao valor da solidariedade quando citam o “companheirismo”, pois “quando uma de nós precisa de ajuda as outras sempre veem o que podem fazer, ou com dinheiro, ou às vezes só com uma palavra”<sup>54</sup> (Maria Luísa). Em dois encontros, nos quais observamos e participamos, houve pedidos de dinheiro emprestado. A partir do vínculo com a Economia Solidária, Luanda versa sobre a ideia de “transformação social” ao qual a Associação está ligada. Menciona que “o princípio maior é o respeito com o ser humano” e complementa que o foco são as questões relativas às mulheres e os direitos humanos.

---

<sup>54</sup> Na dinâmica da assistência coletiva de novela, essa percepção apresenta-se quando Maria Luísa, após conversar com as integrantes sobre sua relação com o marido, afirma que “é bom desabafar” porque “às vezes, tu fica com medo de as pessoas te criticar, né”, percebendo a Associação como um espaço de solidariedade.

Independentemente do vínculo mais ou menos pragmático com a Associação, todas as mulheres constroem um círculo de companheirismo que permite, nos momentos de dificuldades de saúde, financeiras, familiares ou conjugais, manter-se focadas em seus objetivos de ser mais independente possível. As mudanças em termos de capitais podem se relacionar à capacidade dos EES em gerar mais que renda. Estes, como afirmam Asseburg e Gaiger (2007, p. 499-500), podem se efetivar como medidas de redução do empobrecimento, proporcionar novos entendimentos acerca da vida social e uma postura crítica diante das relações de poder.

Os aprendizados das mulheres com a participação na Associação e com as participações em outros movimentos sociais e organizações, são variados. Perpassam o respeito às diferenças dos sujeitos por Luanda, que entende que “o essencial [do grupo] é que eu aprendi a respeitar as pessoas” e a saída de uma individualização para a possível transformação em sujeito que reconhece a si como pertencente a um coletivo, visível na fala de Rafaela: “vivendo em grupo tu vê que não é só tu que tá passando por isso ou só tua família que passou, ou tu ajuda também nem que seja com alguma experiência que tu tem”, bem como nas Alice e de Maria Luísa. No caso desta entrevistada, percebemos o uso de termos pejorativos realizados pelo marido sobre sua condição social.

Ai, eu aprendo muita coisa que eu não conhecia e que as gurias falam ali, eu gosto. [...] Tem uma coisa que eu perguntei pras gurias o que era, eu não lembro. [...] É que assim, a mulher vai perdendo a vontade de transar com o homem e isso foi uma coisa que eu aprendi naquele dia, eu pensava: será que sou só eu? E eu vi que não. Não é só eu, é muita gente que tem [...] (Alice)

Eu acho que eu aprendi bastante a pensar em outras pessoas, sabe, não pensar só em mim. Eu só pensava em mim, só na minha vida, e aí não via o que acontecia com os outros, sabe? Tu não pensa, tu não sente a vida dos outros, é só tu que sofre. Eu me sentia muito coitadinha [...] E sei lá, eu fico com as gurias, assim, porque todas elas têm as vidas delas, e gostam de conversar, de contar as coisas, e tu precisa conversar. Eu gosto muito do grupo [...] olha, pra eu sair só se eu morra mesmo. (Maria Luísa)

A principal qualidade de Maria Luísa é o companheirismo, que, segundo ela, foi adquirida ainda na infância, nos tempos da escola: “sempre tive aquela coisa de ser humana, sabe, de pensar no próximo”, característica essa que foi reforçada após a entrada na Associação. Para Skeggs (2017, p. 93), o individualismo é a declaração do neoliberalismo e não é universal, sendo que, para a estudiosa, os teóricos que aplicam esse termo à realidade parecem descrever a classe média, já que “há uma grande diferença entre quem pode e quem

não pode viver a individualidade”. Em sua pesquisa com mulheres das classes trabalhadoras o termo “individual” era utilizado pelas informantes como um insulto.

Por Cenira constatamos aprendizados de âmbitos mais práticos: “eu tenho muita coisa guardada na minha cabeça que eu aprendi. Só que eu não sou muito de falar, entende? [...] Tinha que fazer uns avental pra vender, mas aí desistiram dos avental. Eu amo costurar”. Além disso, entendemos que esse vínculo pode auxiliar na continuidade do modo de ser solidário de Cenira, este que resiste mesmo que parte da sobrevivência dela e do marido advenha de doações para reciclagem: “[...] outra coisa que eu adoro na vida é se eu tiver uma coisa sobrando, dar uma coisa pra uma pessoa e ver ela feliz”.

Para Luanda, a principal qualidade das mulheres relaciona-se à administração do que é escasso, é a “garra” daquelas que lutam pela igualdade, bem como a capacidade de se “reinventar”, que abarca mulheres de todas as classes sociais, independentemente de envolvimento com movimento social ou Associação, o que aqui relacionamos a tipo de vínculo. Ao tratar sobre isso, Luanda nos remete a uma das singularidades que Neveau (2014, p. 390) percebe a partir dos escritos de Hoggart sobre a família operária inglesa, a da “economia da privação” que o autor percebe nos corpos das mulheres e que ocorre em função da necessidade de obter o máximo com o pouco, da renúncia a todo o gasto pessoal e da diminuição da própria porção de alimentos para dar conta de alimentar a família.

Essa garra de tá sempre lutando pra conquistar uma sociedade sem preconceito, equânime e justa. E também de se reinventar, eu acho que as mulheres se reinventam a cada dia. [...] as mulheres, no cotidiano, mesmo aquelas que não se envolvem em movimento social. Tem pouco recurso, tem pouca alimentação e daquele pouco conseguem alimentar muitas pessoas, acho que isso é se reinventar. Alimentação, vestimenta, as mulheres tão sempre na linha de frente pra dar um jeito. (Luanda)

Ao tratar do que mudou em suas vidas com a participação na Associação, Cenira e Alice referem-se às mudanças nos modos de estar entre as pessoas, mencionando o quanto deixaram de ser “quieta(s)” e “tímida(s)”. Maria Luísa trata da divergência que passou a constituir com relação às ideias do marido:

Mudou tudo, bem dizer, meu modo de ver as coisas, meu modo de sentir, de viver, porque eu vivia só pra casa, pro marido e pros filho. Eu não me dava com ninguém, minhas vizinha era só um oi, boa tarde e deu [...] Hoje em dia é até um terror, eu vou numa parada de ônibus e começo a conversar com uma pessoa e não paro mais, né. Antigamente não, capaz que eu ia olhar pra uma pessoa e cumprimentar, deus o livre [...] (Maria Luísa)

No dia que antecedeu o feriado de Páscoa, em 2017, o marido foi viajar e ela, que iria acompanhá-lo até a casa da sogra, optou por permanecer na reunião em que estávamos, legitimando seu trabalho com base na renda adquirida: “a gente contribui com as coisa, mas se eu não posso ter meus compromisso não adianta [...] e eu nem quero contribuir se for pra fazer o que eu não gosto, já disse pra ele”. Em 2016, essa mulher comemorava o fato de usar maquiagem, o que antes o marido não permitia, sendo que hoje ela sai com batons de tons fortes e brincos grandes e coloridos. Ainda conta que antes deixava de sair por precisar de autorização do cônjuge, entretanto, “agora não, se a minha irmã me ligar e disser vamo lá, eu digo: vamo agora, já tô indo”.

A fala de Luanda sobre o processo pelo qual está passando Maria Luísa nos dá nítidas percepções acerca do papel da auto-organização e da renda no processo de construção da autonomia feminina:

[...] é um momento de reconhecimento, ela [Maria Luísa] tá se reconhecendo e dizendo: basta isso! E é isso que o grupo tem que produzir em nós. Nós temos que refletir a todo o momento. É isso que eu mereço? Eu mereço estar com uma pessoa que fica todos os dias falando: essa isso, essa aquilo? (Luanda)

As falas de Rafaela, do seu marido e a de Luanda convergem no sentido de explicitar as maneiras como passam a ser vistas após o envolvimento com a Associação, demonstrando o que a maior problematização de determinadas temáticas pode acarretar. Quando questionada, Rafaela afirma que “não mudou nada”, enquanto o marido afirma que “ela ficou mais chata”.

Mudou bastante, isso eu digo: bastante. Eu cobre mais ainda, tinha coisas que eu não me dava conta e comecei a fazer a cobrança. [...] Claro, que, às vezes, eu escuto que depois que entrei [para a Associação] eu fiquei mais chata [risos] e é claro que eu não me importo porque pelo que eu luto pode me chamar de chata. (Luanda)

A maior problematização de questões no seio familiar e as percepções masculinas acerca do que isso significa, como nos casos de Luanda e Rafaela, não impedem de haver compreensão sobre a participação feminina na Associação por parte dos maridos. No entanto, as falas de Cenira e Alice diferem das demais quando, ao tratarem do que mudou na relação com os maridos após o ingresso na Associação, enfatizam, mais que a neutralidade, o incentivo dos cônjuges com relação às suas presenças no grupo: “não, não mudou nada, ele até me incentiva muito” (Cenira) e Alice: “pra melhor. Ele diz: é bom que tu sai. Ele gosta que eu participe, ele não fica brabo”. Apesar de as falas serem positivas se pensarmos nas



relações das duas entrevistadas com idade mais avançada da amostra, em trechos como “até” e “não fica brabo” percebemos que ainda há resquícios – ou mais que isso – da necessidade de aceitação por parte deles, o que ilumina marcas da dominação.

As relações com os filhos, principalmente no tocante às formas de educar, também são tocadas por conta da participação na Associação, o que fica claro nas falas de Luanda e Maria Luísa. A primeira afirma que “mudou” e que por mais que às vezes se “irrite” com eles, “nas ações é diferente, quando eles compartilham as tarefas da casa, no trato com as namoradas, com as atitudes com outras pessoas e com a preocupação social que eles têm”. Maria Luísa entende que “mudou principalmente na forma de educar, do preconceito que eu tinha [...] de raça, de cor”, além do que “eu não deixava [a filha] sair, não deixava usar roupa curta. E de julgar as pessoas: ai, aquela é vagabunda, aquela é china”, percepções que, como visto, também associa ao feminismo.

Ao tratar das mudanças na relação com a filha, Rafaela enfatiza que esta aprendeu atividades de âmbitos práticos na Associação, como biscuit e a conviver em grupo, enquanto Cenira e Alice comentam que as relações com os filhos já eram “boas” e não mudaram após suas participações na Associação.

#### **4.1.1 Trabalho: trajetórias e percepções**

A partir dos dados apresentados na introdução dessa pesquisa, percebemos que “ainda que a sociedade tenha vivenciado várias mudanças culturais, o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho se deve, sobretudo, à necessidade de sobrevivência” (TEMER et al., 2012, p. 32). Mesmo que o Brasil seja um país marcado pela diversidade das mulheres em distintos âmbitos, elas carregam traços em comum, pois são “rostos, corpos e histórias que se distinguem, ao mesmo tempo em que se confundem, no intuito comum de lutar com garra pela sobrevivência e pela dignidade de si mesmas e dos seus” (ABI ABIB; MIRANDA, 2013, p. 13).

Tratamos do trabalho como uma esfera que toma proporção ampliada no contexto de vida das mulheres por se constituir como a base de sobrevivência delas e da família. De certa maneira, a afirmação de Almeida (2013, p. 116)<sup>55</sup>, a partir de diferentes pesquisas realizadas com mulheres de camadas médias e populares, remete a nossa amostra de pesquisa:

---

55 Conforme a autora, o texto utilizado aqui remete aos resultados de duas pesquisas: *Telenovela, consumo e gênero: muitas mais coisas* (2003); *Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela* (2007), realizadas com base em sua tese de doutoramento Almeida (2001) e em dados de outras pesquisas empíricas realizadas por ela. Além

[...] parece importante destacar como elas [mulheres] revelam os dois grandes valores associados ao feminino: por um lado, a maternidade, por outro o trabalho e independência social [...] Mesmo aquelas [mulheres] de camadas populares, que sempre tiveram que trabalhar e não tinham outra opção, declaravam a importância que sentiam em ter sua parte no dinheiro da família, o que lhes permitia tomar certas decisões.

Luanda começou a trabalhar aos oito anos de idade na mesma casa em que a mãe trabalhava como empregada doméstica. Ela conta que “eles tinham uma escada de mármore branca e eu era responsável por deixar branquinha”, o que “odiava”. Esse sentimento está atrelado à vergonha que sentia quando os colegas da escola em que estudava passavam na rua e a viam trabalhando<sup>56</sup>. Hoje entende que não se sentiu representada etnicamente. Observamos a importância desse fato na vida dela quando a ouvimos, por mais de uma vez, relatar o sentimento de constrangimento que a situação a causava, enfatizando que a escola particular oferecia atividades no turno da tarde das quais ela não conseguia desfrutar pela necessidade do trabalho.

Ao ser inquirida a se auto definir, Luanda conta que quando quebrou um copo “martelinho” de um empregador ele xingou de forma que ela se sentiu violentada, o que a fez abandonar o trabalho: “na hora que ele chegou eu fui contar pra ele e ele pensou no copinho e disse: filha da mãe! Porque ele tinha ganhado de herança, só que eu entendi que era pra mim e disse: a filha da mãe tá indo embora agora e depois tu diz pra tua mulher porque eu deixei o balde aqui”, afirmando que sente “orgulho disso”. Apesar de relatar que “gostava” de trabalhar porque nas casas havia crianças, a profissão não era o que Luanda “queria profissionalmente”, sendo que “sempre tava infeliz”. Após um tempo, decidiu retomar os estudos. Ingressou no curso de Serviço Social, passando a ser Assistente Social, profissão que gostaria de ter e de vincular à Associação.

Apesar de não gostar, Luanda realiza as tarefas domésticas quando e como pode - em alguns momentos da pesquisa de campo esteve estudando para concurso ou muito envolvida com o trabalho fora -, assim, a ordem é: “quem chegar em casa primeiro vai fazendo”. Nas vezes que fomos até a casa da entrevistada, percebemos uma menor divisão de trabalho por sexo, ocasiões em que vimos o filho realizando tarefas. Segundo ela, o marido também realiza as atividades domésticas, pois “não é porque ele trabalhou o dia inteiro que não vai fazer. Ai, eu carrego pedra. Eu digo: ai, eu trabalho com meu intelectual, filho, e cansa também. Assim

---

disso, o texto utilizado mescla dados de uma pesquisa empírica da Fundação Perseu Abramo e alguns dados da pesquisa Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado. (ALMEIDA, 2013).

<sup>56</sup> Na época, a mãe de Luanda trabalhava com o prefeito da cidade e conseguiu bolsa de estudos para ela em uma escola particular, da qual em seguida saiu.

que a gente foi construindo”. Na tentativa de agir tal qual o marido quanto ao trabalho doméstico, conta que se ele “chegou, sentou na frente da TV, eu vou junto. Na hora de descansar, descansamos juntos”, enfatizando: [...] eu sempre digo que não moro num hotel.

Entretanto, o trabalho de responsabilidade sobre os modos como as tarefas devem ser realizadas ainda recai sobre ela, que ressalta as dificuldades de conciliar o trabalho nos âmbitos público e privado.

[...] é bem complicado, é satisfatório trabalhar fora e tudo. Eu, nesse momento atual, tô muito cansada. Eu tô dando conta do trabalho e também em função das responsabilidades da casa. Por mais que eu não esteja fazendo as tarefas de casa, mas cansa muito, assim: que horas que vai sair... **O trabalho que é mais mental?** É, o trabalho mental. Saber que eu que tenho que buscar, eu que tô com essa reponsabilidade [...] É bem cansativo administrar a casa e o trabalho fora. (Luanda)

A trajetória de Maria Luísa no mundo do trabalho iniciou aos nove anos de idade quando foi enviada pela mãe a outro estado para trabalhar como babá. Lá, ela era a responsável pelo cuidado de duas crianças, filhas de pai viúvo e enfatiza que “era como se eu fizesse parte da família”, mas que o empregador não deu a ela a oportunidade de estudar. A entrevistada não tinha acesso ao salário, que era enviado para sua mãe. Trabalhou nessa casa até os 13 anos de idade e quando voltou para ficar apanhou da mãe. Em seguida ela casou. Na adolescência, após ter o primeiro filho, continuou a trabalhar como cuidadora, dessa vez de um idoso “acamado”, o que fez com que ela adoecesse devido à “dor nas costas”. Após esse emprego, passou a trabalhar como cozinheira por um período de mais ou menos nove anos, no qual teve seus outros dois filhos. A exploração feminina se sobressai: “ela [empregadora] me exigia muito, sabe. Ela fazia uma coisa psicológica com a gente” por ter ampliado o restaurante e mantido um número insuficiente de funcionários.

Após sair do emprego, Maria Luísa passou a fazer faxinas, do que “não gosto, tinha pavor”. Nesse meio tempo fez cursos sobre artesanato [*biscuit* e chinelos com tiras bordadas] e alguns anos depois conheceu Luanda. Mesmo com a experiência negativa relativa ao emprego, a entrevistada gostaria de ser cozinheira porque gosta da profissão.

Essa entrevistada é a maior responsável pelas tarefas domésticas em casa, o que não gosta de fazer. Mesmo que ela peça ajuda, os filhos, adolescentes, às vezes “tão brabo e aí não fazem nada”, sendo que, por vezes a filha cozinha. Segundo ela, enquanto o marido estava empregado, legitimava constantemente a maior valorização do trabalho realizado no âmbito público, o que não mudou com o desemprego, já que a renda maior continuava a ser a dele

pelo recebimento do seguro: “ah, o meu marido, Deus o livre, [ele diz]: eu trabalho fora, não faço nada em casa porque trabalho fora”.

Apesar de considerar-se “do lar”, Maria Luísa trabalha pela Associação e afirma que é difícil conciliar as tarefas domésticas com aquelas realizadas fora de casa, na medida em que “tu vai lavar uma roupa, aí tu já tem que fazer a janta, tu não consegue fazer tudo e ainda tem que trabalhar fora. Se tu tem ajuda do marido... mas o meu não faz nada”. A despeito de viver dessa forma, Maria Luísa aparenta estar em uma fase de transição porque percebe que esse tipo de trabalho não precisa ser somente de sua responsabilidade. Ela tem se sentido mais livre para deixar de realizar certas tarefas, diferentemente de antes, quando não era valorizada como entende que deveria ser:

[...] quando eu não tô com vontade eu não faço. Porque eu já fiz muito e não fui reconhecida, como eu digo, eu cuidava da casa e deixava de cuidar da gente e acabei tomando na cabeça. Então, eu resolvi cuidar mais de mim. Se alguém chega aqui e diz: vamos sair? Eu digo vamo. Agora não tem mais aquela coisa: ai, não vou porque tenho que lavar roupa, fazer pão. (Maria Luísa)

Com nove anos de idade, morando em uma cidade pequena, Alice começou a trabalhar cuidando de crianças nas fazendas próximas ao local em que morava com a família. Nesse mesmo lugar trabalhou ainda como empregada doméstica em uma casa, na qual “fazia toda a lida, passar roupa, cozinhar, tudo isso aí, fui aprendendo a fazer”. Após esse período, ela trabalhou como cuidadora de uma idosa. Vindo para Santa Maria durante a adolescência, Alice voltou a trabalhar como empregada doméstica na casa de uma senhora que “queria que eu posasse no emprego”, esta vista como “muito boa”. Após alguns anos na última casa em que trabalhou, Alice adoeceu e foi demitida, o que a fez ficar “bem depressiva”, mas recuperou-se em função da realização das tarefas da casa. Ao ser questionada sobre já ter sido discriminada, a entrevistada afirma que “a empregada doméstica é um pouco desvalorizada”. Se pudesse escolher, Alice “não ia querer ser doméstica. Ia querer ser cozinheira em um restaurante” porque “eu gosto de cozinhar”.

Alice é a maior responsável pelas tarefas domésticas, assim como acontecia no tempo em que ela trabalhava fora. O marido, que trabalha fora, “chega cansado, vai tomar mate”. Por vezes ele “varre a casa” e nos sábados, quando e se ela vai à feira comercializar, ele a “ajuda” com as tarefas, principalmente com a arrumação da cama e a realização do almoço. A entrevistada gosta de cuidar da casa e não reclama da carga de trabalho, o que pode advir da necessária realização desde tenra idade. Relembrando o período em que trabalhou fora, constata a dificuldade da conciliação com os cuidados da casa, esta que talvez seja amenizada

pela ideia de que as tarefas domésticas são obrigação da mulher: “era um pouco difícil, mas eu tinha que fazer. Eu sempre dei conta de fazer. Às vezes, chegava de noite e fazia tudo”.

Rafaela começou a trabalhar com 12 anos de idade e desde lá vem exercendo inúmeras atividades: iniciou fazendo faxinas nos sábados, “varria, passava aspirador, tirava pó, essas coisas” na mesma casa em que a mãe trabalhava. Após um período começou a trabalhar como babá, depois como empregada doméstica, ainda trabalhou em fruteira e em mercado, enfim, como bem resume: “já fiz um pouco de tudo nessa vida”. Ao ser questionada, afirma que já foi discriminada “pela profissão”, pois “a mãe nos criou sendo empregada doméstica e eu trabalhei como empregada doméstica, não tenho vergonha de dizer. Mas eu sofri por dizerem: filha de empregada doméstica... é empregada doméstica [com voz fina]”. Com 16 anos a entrevistada começou a ser revendedora de revistas de artigos para casa e vestuário e com 18 anos iniciou a venda de roupas, época em que engravidou da filha. Atualmente, ela reveza as atividades para geração de renda, e as vendas de utensílios através de revistas seguem sendo realizadas. Ela afirma que faz “o que gosta”, mas que “se eu tivesse dinheiro colocaria uma lojinha de artesanato”.

As tarefas domésticas da casa de Rafaela recaem mais sobre ela. Afirma que o marido limpa a casa e cozinha eventualmente, sendo responsável pela limpeza de partes específicas, o que ela não consegue fazer por que tem tendinite e sente dor nas costas. A filha ajuda cozinhando quando a mãe está doente, por exemplo. Das vezes em que fomos até a casa da entrevistada era ela quem estava realizando as tarefas, sendo que somente uma vez o marido recolheu os lixos.

Ela acredita que conciliar o trabalho fora e o realizado dentro de casa é “tranquilo” desde que a mulher consiga elaborar e executar uma “rotina”, sobre a qual ela trata e nos deixa evidente que é a maior responsável pelas tarefas domésticas:

Eu levantava e atendia a [filha] porque ela tava na creche do colégio. Até os 12 anos eu que vestia ela, porque se não, ela botava só o que queria, não usava uma roupa mais quente, nada. Até uma certa idade dela eu levava até a porta do colégio e voltava. Eu sabia que eu tinha almoço pra fazer e que as duas eu tinha que pegar o ônibus [para trabalhar]. E mesmo se eu fosse no centro, se eu tivesse médico, alguma coisa de manhã, eu sabia que eu tinha que chegar e fazer comida pra mandar ela pro colégio e depois ligar pra saber se ela tava em casa e bem, porque aqui a gente não podia contar com os outros, mesmo morando no mesmo pátio. A gente até ensinou ela a usar o micro-ondas, qual caneca que dava pra deixar o leite ali e não esquecer e botar o metal ali. Pra mim foi tranquilo, eu sabia que eu tinha que chegar e lavar roupa. (Rafaela)

Rafaela gosta de realizar esse tipo de atividade e não reclama da quantidade de trabalho. Chega a mencionar os benefícios de realizar as tarefas em casa se comparado

àquelas feitas sob as regras dos empregadores: “gosto, sempre fiz. E outra que tu faz do jeito que tu gosta também. Só não gostava quando era na casa dos outros que ficavam me mandando pra fazer isso e aquilo, falando que tá sujo”.

Diferentemente do restante da amostra, Cenira começou a trabalhar mais tarde, com 25 anos de idade, mas também como empregada doméstica. No primeiro trabalho tinha uma empregadora com a qual “saía para viajar [...], tudo, cozinhava, fazia o serviço geral da casa”. Passou por várias residências, nas quais trabalhou durante anos, e se orgulha da relação que conseguia manter com os empregadores: “sempre digo que conquistava meus patrão pela comida, porque eu adoro cozinhar, enfeitar prato”. Conta que se sentia “bem no serviço, não tanto por dinheiro, mas pra ter uma ocupação maior na cabeça”, pois “quando eu trabalhava, eu já acordava pensando no que eu ia fazer de almoço, no que eles gostavam”.

Ela adoeceu no período em que esteve no último emprego e aposentou por tempo de serviço. Depois disso afirma que “estranhou”: “[...] chorava [ênfase] vendo as mulher indo trabalhar na rua [...] eu disse pro meu filho que eu não tinha como ficar sem meu dinheirinho, ia ficar doente e louca em casa”, o que superou com o passar do tempo. Diferentemente do que realizou durante a vida no trabalho, ela ratifica que gostaria de “trabalhar numa creche de criança” porque tem “pique pra isso, pra lidar com criança”.

Cenira realiza as tarefas de casa e afirma que as compartilha com o marido. A entrevistada gosta de “limpar” e o fato de ter os produtos de limpeza de qualidade é um argumento utilizado para legitimar este gosto: “eu tenho tudo pra limpar uma casa, sabão, vênix [vanish], saponácio pra tirar a gordura”. Relembrando o período em que trabalhava fora, acredita que não é “difícil” conciliar as atividades: “não achava muito trabalhoso, limpava minha casa de noite”. Cenira afirma que gosta de ser mulher por se sentir “bem em casa, mexer no que é meu, cuidando da casa, plantando minhas florzinha [...]”. Para tratar do que é ser mulher, Cenira cita o trabalho doméstico e legitima este como responsabilidade da mulher:

Eu acho que se a mulher trabalha fora ela tem que atender fora e as coisas dentro de casa também. Se estiver em casa fazer os seus afazeres, sua obrigação, se o marido tiver trabalhando, quando chegar em casa, eu tenho essa mania de o almoço tá prontinho na hora, esse é o certo. A minha mãe me ensinou assim [...] Eu tenho essa mania, quando ele trabalhava [fora], Deus o livre quando ele chegava em casa capaz que ia ter uma panela por fazer. (Cenira)

Apesar de ter conciliado as tarefas domésticas de casa e o trabalho como empregada doméstica e não reclamar disso, para esta entrevistada o pior de ser mulher deve-se a preocupação contínua com a casa e a família, que recai sobre as mulheres: “é a preocupação,

porque se a mulher tem cabeça ela tá sempre preocupada com tudo, qualquer problema sempre a mulher tá se preocupando mais que o homem, eu sou mais preocupada. Se eu tenho que fazer hoje eu já faço ontem”.

Um tema ligado diretamente ao tratamento da relação entre as mulheres e a Economia Solidária é o da divisão sexual do trabalho. Para a compreensão desse conceito nos baseamos em Hirata e Kergoat (2007), autoras que contestam a lógica economicista de valorização do capital - que conceitua o trabalho como aquele tipo de atividade que gera renda - por meio da conceituação do trabalho doméstico como um trabalho que deve, necessariamente, ser reconhecido.

Segundo Hirata e Kergoat (2010), “a divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos”. Quanto a esta definição, as autoras afirmam que tal divisão tem dois princípios, o da separação, ou seja, da existência de trabalhos distintos para homens e para mulheres, e o hierárquico, que remete ao maior valor do trabalho masculino frente ao feminino, nos âmbitos econômico, cultural e social. Princípios esses que valem para as sociedades conhecidas com suas variações no tempo e espaço e que podem ser aplicados por um processo que tem como base a ideologia naturalista, a qual rebaixa o gênero ao sexo biológico e acaba por associar as mulheres a trabalhos reprodutivos e homens a ocupações produtivas.

O tratamento da divisão sexual do trabalho pode ser abordado por duas tradições sociológicas diferentes que coexistem enquanto paradigmas de estudo na França. Ao tratar da divisão sexual do trabalho como “vínculo social” as autoras trazem a ideia de uma lógica de complementariedade do trabalho doméstico e assalariado que aparece em duas formas. Segundo Hirata e Kergoat (2007, p. 604), no modelo tradicional de relacionamento entre homem e mulher no âmbito do trabalho, o papel doméstico é assumido inteiramente pelas mulheres, sendo o papel de provedor destinado aos homens. No modelo de conciliação cabe a elas, quase que exclusivamente, conciliar vida familiar e vida profissional.

Podemos relacionar a divisão do trabalho por sexo à concepção de Mattos (2006, p. 170), que compreende que, independentemente da classe social a qual pertencem, as mulheres tem em comum “o fato de estarem separadas dos homens pela divisão de universos de domínio – os homens, o domínio público, e as mulheres, o domínio privado”. Segundo a autora o que subjaz a essa divisão

é um consenso intersubjetivo que percebe os homens como sendo os detentores, por excelência, de capacidades como autodomínio, racionalidade e competitividade, necessárias para a realização do desempenho diferencial no trabalho, enquanto as mulheres, diferentemente dos homens, são mais guiadas pelo coração, pelas emoções e pelos sentimentos. Portanto, as mulheres são mais “dadas” aos cuidados da casa, dos filhos e do marido.

Maria Luísa, Cenira e Luanda percebem que o trabalho doméstico é desvalorizado. A partir da primeira, a mulher que se dedica ao lar é “a primeira que levanta e a última que dorme”. Cenira afirma que “teria que ser valorizado” e Luanda problematiza a invisibilidade a qual mulheres que se dedicam ao âmbito doméstico estão sujeitas, bem como as responsabilidades colocadas sobre elas:

Invisibilizadas, infelizmente: ah, mas só fica em casa, não fez isso porque só fica em casa... Culturalmente ainda tem os mitos que a mulher só fica em casa fazendo fofoca, a mulher é muito estereotipada ainda, a mulher que fica com os afazeres da casa. Além de ela não receber nada por isso, ainda é toda estereotipada. Ainda tem a obrigação, porque se não trabalha fora tem que tá tudo pronto, tem que dar conta, os filhos não podem ir mal na escola, ela é culpabilizada pelo fracasso dos filhos, tudo o que acontecer de negativo na família é em função da mulher. (Luanda)

Rafaela e Alice relativizam essa questão e entendem que as atividades que realizam são valorizadas pelos maridos. Rafaela afirma que “o [marido] sabe reconhecer, chegar e ver que tá limpa a casa”, entretanto, “têm homens que chegam e não dão valor nenhum, assim como tem mulher também [...] Uma comida que tu faça pra agradar, tem mulheres e até filho, às vezes, que não sabe reconhecer”.

Mesmo que não faça parte da rotina de todas essas mulheres a divisão dos afazeres domésticos, elas acreditam que deve haver divisão de tarefas de forma igualitária e que os homens tem capacidade de aprender o que não sabem para fazer em casa. Alice acredita que o marido a “ajuda” por varrer a casa “se tá suja”, esperá-la com a comida pronta nos dias em que participa das feiras e arrumar a cama nos sábados, afirmando ainda, quando questionada se os homens ou mulheres trabalham mais, que “o homem tem que ajudar a mulher e a mulher ajudar o homem”, sendo que durante toda a semana ela é a responsável pelas tarefas domésticas “porque ele trabalha, né”.

Aqui, diferente do que constatamos em Ronsini (et al, 2017, p. 7), os reclames das entrevistadas acerca da não existência da divisão de trabalho com os maridos “expressam o desejo de mudança do comportamento masculino” – o que ocorre em maior medida com Luanda e Maria Luísa – o que, inferimos, pode ocorrer pela participação na Associação.



Rafaela afirma que “os homens tem sim [habilidade], o [marido], de vez em quando, eu boto ele na cozinha, o que ele não sabia ele aprendeu [...]”. Apesar de não haver dedicação masculina por parte do marido no âmbito da casa, Maria Luísa também entende que os homens, se ensinados, são capazes de aprender essas atividades, relatando os ensinamentos passados para o filho mais velho: “eu ensinei ele a fazer comida [...]”. Apesar de legitimar o trabalho doméstico como uma função feminina em outros momentos, Cenira associa a não realização das tarefas domésticas por parte dos homens ao “machismo” e Luanda versa sobre a construção social dos homens e das mulheres que leva a essa naturalização da dedicação masculina ao espaço público e feminina ao privado.

Ai, eu acho importante que tenha divisão, não é porque é homem que não vai lavar um prato, estender uma roupa, lavar uma casa, acho que eles têm que dividir. Se não sabe, aprende. Tem homens que deixam tudo pra mulher, não fazem nada dentro de casa porque são homem, são machista, se lavar um prato parece que vai deixar de ser homem. (Cenira)

Eu acho que tem que compartilhar, porque, como eu disse antes, a gente não nasceu mulher, a gente se tornou mulher. Eles não nasceram sabendo fazer tarefas e nem eu, mas, ao longo da vida, a gente vai aprendendo, mesmo que não gostando. Eu odeio fazer tarefas domésticas, detesto [...] Claro que a pessoa pode não fazer igual eu faço e tudo e a gente tem que respeitar o tempo de cada pessoa, mas se eu tenho capacidade de fazer a outra pessoa também tem. Eu sou super a favor do compartilhamento. (Luanda)

Na percepção de Luanda, “as mulheres trabalham muito mais [ênfase]. Muito, muito. Dizem que se eles têm uma jornada a gente tem três, mentira, se eles tem uma, nós temos milhares de jornadas, porque a gente dá conta de muita coisa”. Ao ser questionada sobre o quê é ser mulher, Luanda ratifica esse modo de pensar e aponta a invisibilidade dessa carga de trabalho atribuída às mulheres:

É bem complexo porque hoje, entendendo melhor, eu vejo o quanto é difícil ser mulher, por todas as dificuldades do dia a dia, desde casa, onde a gente tem o trabalho invisibilizado, na sociedade ainda em pleno 2017. É difícil porque tem a invisibilidade do papel da mulher, porque muitas vezes, na nossa sociedade, a gente faz as mesmas coisas que os homens, mas parece que os homens são mais valorizados. Hoje eu já não falo mais em tripla jornada porque hoje a gente tem muitas tarefas, dá conta de muitas questões, tanto financeira, quanto organizacional, todo o planejamento, toda a execução do orçamento da família passa pelas mulheres. Em casa mesmo, eu tenho um debate sistemático [...] se acontece qualquer coisa fora da rotina eu que dou conta. Então, pra ver o quanto a gente ainda acumula de tarefas. O cuidado das crianças que fica conosco, o cuidado com a saúde, com a educação, a mulher ainda tem esse papel, por mais que seja muito gratificante ser mulher, lutar pela causa das mulheres é muito desafiante e, às vezes, até amedronta [...]. (Luanda)

Diferentemente disso, para Alice e Rafaela, ambos, homem e mulher, trabalham a mesma quantidade e esta ainda destaca diferenças de âmbito biológico e corporal para afirmar que existem trabalhos específicos para homens e para mulheres: “a mulher que tá ali trabalhando como mecânica, de virar roda e aquilo. O homem, querendo ou não, tem uma diferença pra mulher, o corpo da mulher não foi preparado pra fazer certos tipos de serviço”.

Para Maria Luísa, Cenira e Alice, é importante que a mulher trabalhe fora de casa para complementar a renda e, para a primeira, pela independência com relação ao marido. Maria Luísa reconhece as tarefas domésticas como um trabalho, da mesma forma como aquele realizado fora do lar, mas entende que “[no trabalho] de fora tu é remunerada e em casa não te dão nada”, assim, “eu acho bonito a mulher que trabalha fora porque ela tem a questão daí de se auto sustentar”. Cenira acha que “a mulher tem que trabalhar, com essa carestia, tem que trabalhar pra ajudar o marido”. Alice acha importante trabalhar fora “porque é um dinheiro a mais que entra na renda” e somente quando inquirida a falar sobre a relação do trabalho feminino no âmbito público com a independência feminina afirma que com o trabalho “a mulher não ficar só dependendo do marido”.

Inferimos que principalmente pela classe social em que se inserem – que não as permite dispor de empregadas domésticas ou abrir mão de trabalhar fora - Alice, Rafaela, Cenira e Luanda acreditam que as mulheres devem conciliar o trabalho fora, o cuidado com os filhos e com a casa, sendo que a última entende ser necessária a remuneração do trabalho doméstico: “eu acho que a mulher tem que se dedicar aos dois. Tem que ter trabalho e ter tempinho pra dedicar pras crianças. Eu sempre fiz” (Alice). Rafaela entende que “tu não pode esquecer que tem marido, filho e casa. E saber que o companheiro também tem que te ajudar, né [...] Tem mulheres que acham que só tem que trabalhar fora de casa, daí eu acho errado. E essa história de não ter tempo é mentira”. Luanda pensa que “não deve ter uma prioridade”, mas “uma conciliação”, defendendo que “a mulher tem que ter não [necessariamente] um trabalho que saia de casa, mas um trabalho remunerado”, já que “a gente tem que ser remunerado pra que tenha satisfação no que faz”.

Diferentemente, Maria Luísa acredita que a prioridade das mulheres deve ser o trabalho fora, o que acontece em função da renda, que leva à independência com relação ao marido e pode resultar na maior autonomia feminina. Para ela, “a mulher tem que ter sua auto sustentação. Não ser sustentada por ninguém [...] não esperar pelo marido” entendendo que no fim das contas “tudo vira dinheiro, aí se ela tá em casa, que nem eu, tem que depender dele pra tudo”, além de legitimar a função do trabalho na formação feminina: “eu acho que o

trabalho enobrece bastante a mulher, porque aí ela tem aquela autoestima, pode comprar o que ela quer, pode sair, fazer o que quiser”.

Como percebem Abramo e Valenzuela (2016, p. 118) ao se referirem a uma crise do trabalho de cuidado no Brasil, existe um movimento expressivo de incorporação das mulheres no mercado de trabalho, entretanto, não ocorreu uma “nova pactuação em relação à responsabilidade pelo trabalho de reprodução social, que continua sendo assumido exclusiva ou principalmente por elas”. As entrevistadas sempre trabalharam fora e atualmente se dedicam até mesmo a mais de um tipo de atividade, mas o trabalho da casa e de cuidado com os filhos ainda recai sobre elas, por mais que todas entendam os benefícios da divisão igualitária das tarefas entre homens e mulheres.

Quando versam, de forma geral, sobre o que o trabalho representa e significa, as entrevistadas remetem à relação dessa esfera com âmbitos práticos, a sanidade mental e com questões de gênero. Alice enfatiza que o trabalho é “tudo” e entende que “a pessoa tendo saúde tem que trabalhar”. De maneira prática, para Cenira, o trabalho é uma forma de se manter ativa, “significa tu não tá parada [...]”, bem como para Rafaela, que acredita ser “um meio de vida, se tu ficar parado não adianta nada”, além de enfatizar a “independência”. Para Maria Luísa, o trabalho também se relaciona à independência com relação ao marido: “pra mim é tudo, se eu não trabalhar, o que eu vou fazer? Não tenho as minhas coisas, vou depender só do marido? Aí não tem como”. Luanda ratifica esse modo de pensar: “principalmente essa independência pro que significa ser mulher. É fundamental a questão do emprego pra se reafirmar enquanto mulher na sociedade”.

O trabalho é indispensável pelo viés econômico, pois “a quantidade de rendimentos impõe limites, indo determinar não só o que pode ser comido ou vestido, mas também de que maneira a cidade pode ser apropriada; ou seja, é a renda que vai ditar, em boa medida, a maneira de viver” (CALDEIRA, 1984, p. 104). Percebemos que para essas mulheres o trabalho vai além da concepção econômica, mas também ao âmbito da moral dos trabalhadores que compensa as desigualdades socialmente dadas, na medida em que é construído dentro de outro referencial simbólico, diferente daquele que o “desqualifica” socialmente.

Ao lado da negatividade contida na noção de ser pobre, a noção de ser trabalhador dá ao pobre uma dimensão positiva, inscrita no significado moral atribuído ao trabalho, a partir de uma concepção da ordem do mundo social que requalifica as relações de trabalho sob o capital. Se o trabalhador se localiza como pobre no mundo social, não se considera pobre de espírito, porque tem os valores morais que lhe permitem, quando *cair no buraco, se levantar*. (SARTI, 1996, p.67 – grifo da autora).

Para além das individualidades que devem ser consideradas nas trajetórias dessas mulheres, inferimos que todas as mulheres foram exploradas no mundo do trabalho<sup>57</sup>, seja por terem que realizar tarefas que, em maior ou menor medida, fugiam das suas obrigações enquanto empregadas domésticas e/ou faxineiras - mesmo que só anos depois a profissão tenha sido regulamentada - ou pela forma como algumas adoeceram no trabalho, sobretudo pela condição de classe que obriga sujeitos a trabalharem por muito tempo.

Para as entrevistadas jovens pertencentes às classes populares da pesquisa de Sifuentes (2010), o trabalho é visto como “elemento importante para a realização pessoal, porém, (elas) não almejam a independência financeira”. A autora constata que as meninas relacionam mais a profissão à possibilidade de “estar fora de casa, convivendo com outras pessoas que não as de suas famílias, e o salário como forma de terem um dinheiro próprio para fazerem suas compras pessoais, sem necessitar pedi-lo ao marido”. Todas as entrevistadas desta pesquisa acreditam que as mulheres devem trabalhar fora de casa e os motivos para isso parecem variar, ponto que podemos relacionar às percepções da autora.

Se pensarmos a partir das constatações de Sifuentes (2010), inferimos que Luanda, Maria Luísa e Rafaela são as entrevistadas que mais almejam a própria independência financeira a partir do trabalho, principalmente com relação aos maridos. Luanda chega a afirmar que prefere que sua renda seja maior que a do marido e que busca constantemente ser independente dele. Maria Luísa, que acredita ser fundamental que as mulheres se “autosustentem”, deixa mais nítido o desejo de conseguir se sustentar justamente quando remete à convivência conflituosa com o cônjuge, independentemente dos benefícios que percebe na convivência com outras mulheres a partir do trabalho e da relação deste com a possibilidade de “comprar o que quer, sair, fazer o que quiser”. Rafaela acredita no potencial do trabalho como possibilidade de tornar a mulher mais independente, percebe essa atividade como “um meio de vida” e compreende que ambos, ela e o marido, sustentam a casa, o que é ratificado por ele.

Cenira e Alice não parecem relacionar essa esfera com a independência feminina, mas com os outros aspectos citados por Sifuentes (2010). Após se aposentar, Cenira chegou a pensar que ficaria sem o “dinheirinho”, “doente e louca em casa”. Ao contar que trabalhava “não tanto por dinheiro, mas pra ter uma ocupação na cabeça” e ao afirmar que é necessário que a mulher trabalhe para “ajudar o marido”, não remete diretamente à relação do trabalho

---

<sup>57</sup> Entendemos que essa exploração não ocorre em função direta das relações entre empregadas e empregadores, mas que também é estrutural, funcionando articuladamente entre o âmbito macro e o das relações, micro.

feminino com a independência. Semelhante a isso, Alice entende que as mulheres precisam trabalhar para complementar a renda do marido e somente quando questionada sobre a relação do trabalho feminino com a independência é que afirma que as mulheres precisam trabalhar fora para não ficar somente “dependendo” do cônjuge, portanto, essa percepção não advém da informante de forma espontânea.

A autora acredita que a menor pretensão de independência financeira das jovens as quais entrevistou se liga ao contexto em que se inserem, “no qual o homem é o provedor e a mulher apenas contribui para a renda familiar”, o que se assemelha às práticas de nossas informantes. Nos termos apresentados por Hirata e Kergoat (2007), nos parece que, exceto Rafaela – que divide o sustento da casa com o marido, apesar de ser a maior responsável pelas tarefas do lar - todas as entrevistadas de alguma maneira se inserem no modelo tradicional, ou seja, são as responsáveis pelas tarefas domésticas e os maridos são os maiores provedores do sustento dos lares.

As percepções das entrevistadas acerca do trabalho nos levam às constatações de Mattos (2006, p. 162), que, ao realizar uma pesquisa com mulheres de classes médias e populares, constatou que há um “ideal da nova mulher emancipada, autônoma que atinge as mulheres de classe baixa como uma ideologia, como um imaginário social de vida, que, no entanto, está em total dissonância com suas práticas”. Inferimos que esse ideal permeia principalmente as percepções de Luanda, Maria Luísa e Rafaela, mulheres que parecem estar buscando uma maior independência por meio do trabalho e que podem enfraquecer essa distância entre discurso e prática principalmente pelo trabalho na Associação.

Mesmo inseridas nesse contexto social, entendemos que as percepções de Rafaela e Maria Luísa sobre os vínculos do trabalho com a independência financeira feminina podem se vincular à mediação da Associação pelas maneiras como, nesse espaço, o trabalho é vinculado a esse tipo de posição feminina principalmente por parte de Luanda. Essa relação do trabalho com a independência também pode estar vinculada às suas trajetórias, marcadas pelo trabalho desde tenra idade, o que contribui para a sensação de independência de Rafaela e de Luanda.

Inferimos que todas elas acreditam que o trabalho feminino – seja ele no âmbito privado ou público – precisa e/ou deveria ser valorizado e entendem que os homens tem capacidade de aprender a fazer as atividades domésticas. A despeito disso, acreditamos que muito por conta da classe social – que as impede de ter empregada doméstica e de abrir mão do trabalho remunerado – exceto por Maria Luísa, existe defesa da conciliação do trabalho realizado em casa com o público. As cinco realizam as tarefas da casa, trabalham fora/na Associação e, ainda, três delas Cenira, Alice e Rafaela, parecem perceber o trabalho

doméstico como uma obrigação que é mais feminina, diferente do que ocorre nas percepções de Maria Luísa e Luanda.

#### 4.2 FAMÍLIA COMO MEDIAÇÃO

Para tratarmos das configurações das famílias das mulheres, bem como das relações tecidas nessa esfera, nomeamos a família primordial como aquela formada pelos pais e irmãos e a atual como formada pelos cônjuges e filhos. Souza (2012) entende a socialização familiar como primordial no entendimento das classes sociais, já que é na família que as primeiras relações das pessoas são construídas, além de estar diretamente ligada às heranças possíveis de serem passadas entre gerações, estas não somente financeiras, mas também ligadas às transmissões afetivas e de comportamentos. Com base nas constatações de Winocur (2009, p. 15), associamos a família à formação dos universos simbólicos de pertencimento das entrevistadas, base de suas produções de sentido e, conseqüentemente, das apropriações que realizam das tramas.

As trajetórias de todas as entrevistadas foram marcadas por algum tipo de conflito envolvendo os pais (homens). Como constatou Mattos (2006, p. 183) ao estudar sobre mulheres de “classe baixa”, aqui são comuns os casos de “ausência da figura paterna” e de “desagregação familiar”.

Os pais (homens) de Rafaela, Maria Luísa, Luanda e Cenira apresentavam vícios (álcool e jogos) e/ou comportamentos violentos. Cenira relembra a sensação que tinha, juntamente com os irmãos, quando se deparava com o pai alcoolizado: “ele brigava muito com a mãe, queria bater nela. A gente tinha pânico quando ele chegava bêbado em casa [...]”. Luanda afirma que “quando a minha mãe chegava do trabalho, ela sempre foi muito trabalhadora, e ele sempre aos gritos, ficava semanas sem aparecer em casa e quando chegava, chegava bêbado e batia na minha mãe.” Esse passado, marcado por violências de diversas ordens, tem relação direta com a militância que exerce no feminismo: “eu sempre coloco isso. Eu tenho uma relação de muita cobrança com meu companheiro acho que por causa disso. Eu prometi pra mim que eu nunca ia me abaixar pra homem nenhum.”

Os pais de Alice e de Maria Luísa tinham o costume de jogar e até vendiam produtos de casa. Alice conta que “a mãe tinha vaquinha, ovelha, e ele colocava tudo em jogo” e remete à novela quando comenta que ao ver a personagem Silvana (Lília Cabral – *A Força do Querer*) “lembrava dele”.

Maria Luísa sente-se “muito sentida” ao tratar da vez que o irmão precisou interferir na agressão física realizada pelo pai sobre sua mãe. Mas esse incômodo não advém das vezes em que o pai violentou sua mãe, e sim do fato de o irmão ter agredido o pai, já que “um filho nunca poderia bater num pai”, pois “ele [o pai] incomodava no sentido de cuidar da gente, porque ele queria todo mundo em casa [...]”.

A relação que Maria Luísa tinha com o pai é descrita de forma saudosa, pois ele “pra mim era tudo” e a partir de uma determinada época ela lembra de uma condição de classe melhor que aquela seguida da aposentadoria do pai, o que se vincula principalmente à alimentação. A visão do pai enquanto provedor também aparece na fala de Cenira:

[...] nós fazia rancho de caminhão, era quatro caixa de comida dessa altura [meio metro]. Nós tinha de tudo, era como se fosse vida de rico, né. Depois que o pai se aposentou ele emprestou dinheiro [...] e nós ficamos na merda. [...] eu me levantava e dizia pro pai: tô com fome, pai. E ele: mas não tem pão, o pai vai dar uma saída pra fazer um jogo, depois o pai vem. E aí, ele mandava eu juntar os saquinhos de arroz, de feijão, onde eu achasse e eu trocava na venda por banana. [...] Às vezes era só banana que nós comia de manhã. Eu cansei de comer banana com água de manhã. [...] Às vezes, ele não comia e deixava pra nós. Esperava todo mundo comer e rapava os pratos da gente, assim, e botava no prato dele. (Maria Luísa)

Uma coisa boa do pai era a quantidade de comida que ele ia buscar [...] de saco, carne também, ia longe buscar o véio. Trazia cabeça de gado, mondongo, trazia carne também. A cabeça do gado ela não botava fora, dava uma aferventadinha e fazia um reviradinho com farinha de mandioca ou de milho, com pimentinha do reino. Nós comia aquilo ali e não reclamava de nada, ia bem alimentado pro colégio. (Cenira)

Rafaela não tem contato com o pai porque este nunca a procurou. Luanda também não convive com o progenitor e afirma que no tempo em que morava em casa “era a única que enfrentava ele”. O fato de esta entrevistada não falar com o pai tem relação com um momento específico que ela avalia como “bem traumático”. Conta, ainda, que “quando ele chegava em casa todo mundo mudava até a voz, eu não tenho vergonha de dizer, a gente falava baixinho [fala baixo]”.

As relações de Rafaela, Cenira e Alice com as mães são descritas como tranquilas e boas (nos casos de Cenira e Alice eram, pois as mães já faleceram). Diferente disso, Maria Luísa descreve a relação como “turbulenta” e afirma que o maior ressentimento que tem com relação à progenitora ocorre por ela ter tirado-a da escola para trabalhar. Afirma que não faria o mesmo com a filha porque hoje sabe “o que é ser uma mãe”.

Luanda descreve que a relação com a mãe era “conflituosa” por conta do relacionamento que esta mantinha com o marido em meio às violências que sofria: “[...] eu

não aceitava, assim, ela passar por aquela situação, eu achava que ela era muito pacífica. Ele batia e no outro dia ela tava de bem. Eu ficaria de mal pro resto da vida se alguém me desse um tapa. Não me olha mais! [...]”. Conta ainda que a mãe fazia rituais para “segurar” o marido, enquanto ela “fazia o contrário [risos], contava pra ela se via ele com a outra”.

A despeito dos conflitos relatados nas famílias primordiais estarem em grande medida associados às figuras paternas, as relações entre pais e mães são descritas por Cenira, Alice e Maria Luísa como boas, mas, para tal, permeadas pela submissão das mães. A relação dos pais de Cenira é vista como “tranquila”, apesar de o pai não ser muito “de conversa”, sendo que “quando ele começou a beber ele falava, mas xingando [...]”. Alice conta que “até que era calma. Ele era muito saidor pra jogo e ela, a coitada, aceitava. Dizia pra ele que não era pra fazer, mas ele ia, teimoso”, apesar disso, “se davam bem, ele chegava de tarde e ela esperava ele com o chimarrão pronto”.

É, quando o pai bebia... e a mãe era, como diz o ditado, bocuda, invés de fechar a boca a mãe batia boca com bêbado, né. Aí acabava brigando, né, e isso machucava muito a gente porque ela agredia ele. **Aí vocês tinham que interferir?** Sim, por ele podia bater na mãe também, né, porque a mãe não ficava quieta, né, aí a gente se intrometia. (Maria Luísa)

Já, Rafaela e Luanda reconhecem que as relações entre pais e mães eram marcadas por violência, como afirma a primeira: “péssima. Eu fiquei sabendo há poucos dias que a mãe tem o nariz quebrado porque ele quebrou e ela só foi falar agora”. Luanda conta que “ele [pai] era super tranquilo com os filhos, mas com a minha mãe eu não me lembro de momentos felizes deles, eu só me lembro de briga, briga, briga. Sempre oprimindo a minha mãe”.

Atualmente, as relações que as mulheres tecem com as famílias primordiais – sejam elas maternas e/ou paternas - são marcadas pela união. Elas e os irmãos receberam uma educação rígida e marcada por ensinamentos relativos a valores morais prezados pelos pais, como o respeito e a honestidade. Luanda conta que, apesar dos transtornos no relacionamento dos pais, eles eram “muito preocupados”, entretanto, percebia a figura paterna como “um desmoralizado”: “eu pensava: mas o que quer me falando, se não tem moral?”. Alice, remetendo aqueles valores já tratados, afirma que a educação recebida “foi bem, boa. Eles sempre nos diziam que se achasse alguma coisa no colégio, um lápis, uma coisa, que devolvesse pra professora”.

Cenira não teve orientações sobre o futuro. O pai de Maria Luísa gostaria que ela e os irmãos estudassem, enquanto a mãe “era mais do serviço”. Alice e Rafaela também relatam que foram aconselhadas a estudar e a trabalhar: “a mãe queria que a gente estudasse, mas



tinha que trabalhar igual. Antigamente a pessoa preferia que a criança trabalhasse e não estudasse, isso que aconteceu comigo” (Alice). Rafaela afirma que “até hoje ela me diz pra estudar, trabalhar”.

Luanda conta que vinha da cidade onde morava com a família para realizar um tratamento de gastrite no Hospital Universitário da UFSM e comentava com a mãe sobre o desejo de um dia estudar na instituição. Esta, apesar de incentivar, dizia “[...] pra gente que tinha lugares que não era pra gente, como a universidade”, que na época tinha alunos mais abastados. Mesmo que não objetivemos aprofundar essa discussão devido a sua complexidade, a questão dos limites que a mãe da entrevistada coloca com relação aos espaços que ela não poderia frequentar tem relação direta com a posição de classe social e nos remete ao conceito de *doxa* de Bourdieu. Segundo Deer (2008, p. 120, tradução nossa) nas sociedades consideradas modernas, a *doxa* refere-se a percepções que são pré-reflexivas e a opiniões “compartilhadas, mas inquestionáveis, mediadas por microcosmos sociais (campos) relativamente autônomos que determinam práticas e atitudes "naturais" através do "senso de limites" internalizado e pelo *habitus* dos agentes sociais nos campos”<sup>58</sup>.

Como afirma Saffioti (1992), é preciso compreender que as relações de gênero não resultam da existência de dois sexos, mas o vetor direciona-se do social para os indivíduos. Em consonância com isso, compreender especificamente o que as entrevistadas aprenderam sobre ser mulher é de fundamental importância nessa pesquisa.

Parte da educação que elas receberam foi marcada pelas diferenças impostas socialmente sobre os comportamentos relativos a gênero. Maria Luísa, Alice e Rafaela percebem que os meninos e as meninas tiveram níveis de liberdades diferenciados quanto à ocupação do espaço público. Maria Luísa discordava disso, em certa medida, opunha-se. Afirma que para posar fora era necessário mentir aos pais e irmãos que ia à casa de alguma amiga, ou precisava fugir.

É, o pai sempre dizia que homem podia fazer tudo e mulher não. Homem podia andar na rua. E eu dizia: ai, mas como é que o fulano pode chegar tarde? E o pai: Ah, mas o teu irmão é homem. Sempre teve isso aí. Tinha que diferenciar homem de mulher, até pra se comportar, até na roupa que usava. O pai não deixava a gente usar minissaia, ele não gostava. A gente tinha que se comportar, mas claro que falava aqui e saía lá, e a Maria Luísa usava minissaia, uma azulzinha que eu nunca vou

---

<sup>58</sup> Citação original: “In modern societies, doxa similarly refers to pre-reflexive, shared but unquestioned opinions and perceptions mediated by relatively autonomous social microcosms (fields) which determine "natural" practice and attitudes via the internalized "sense of limits" and habitus of the social agents in the fields. Doxa is "a set of fundamental beliefs which does not even need to be asserted in the form of an explicit, self-conscious dogma" (Bourdieu 2000a: 16). It refers to the apparently natural beliefs or opinions that are intimately linked to field and habitus.”

esquecer na minha vida, que o pai queria rasgar e eu não deixava. Eu sempre fui turrona, sempre, até hoje. **E os teus irmãos podiam namorar na rua?** Ah, os meus irmão podiam fazer o que quisesse. E naquele tempo não existia essa porcaria de droga né, e não, meus irmão podiam amanhecer na rua e ninguém se preocupava. Nós [filhas mulheres] não. (Maria Luísa)

Maria Luísa acrescenta que “[...] ele [pai] nunca admitia que namorasse na rua, tanto é que quando eu comecei a namorar meu marido eu disse pra ele: tu vai ter que ir na minha casa, porque o pai não vai deixar eu namorar na rua”. Alice comenta as restrições que tinha para ir com as irmãs a festas:

Ai, pra fora tinha aquelas Festa de São João [fala animada] e os guri tinham que ir junto, as guria não podiam ir sozinha, isso aí ele sempre foi bem... sabe? E assim, olha, a gente morava numa casa bem grande e era uns quantos empregado da firma que tinha e a minha mãe cozinhava pra eles. O meu pai sempre dizia pra ela: tu não deixa as guria irem pra tal lado por causa dos homem, não deixa as guria irem tal hora lavar roupa... (Alice)

Como a mãe de Rafaela trabalhava fora durante todo o dia, ela convivia muito com os irmãos e, na época em que era criança, não percebia maiores privilégios deles por serem homens. Apesar disso, ao afirmar que na adolescência só podia ir a boates se pagasse para eles irem junto, deixa marcas de uma educação com diferenças nas liberdades entre meninos e meninas, o que se fortalece quando conta que “tinha que ficar limpando a casa e os guri ficavam na mordomia”. Ela comenta que se tivesse um filho atualmente “ia ser criado do mesmo jeito, fazer as mesmas coisas, aprender a cozinhar e tudo mais”.

Rafaela e Luanda comentam sobre como os meninos sofriam mais agressões físicas do que elas. Por outro lado, os irmãos tinham mais liberdade para sair do que Luanda e as irmãs: “[...] quando nós era pequeno o pai não deixava sair pra fora, não podia ficar pra fora do portão”. Cenira afirma que tanto ela quanto os irmãos “era preso”. Quando tinha 12 anos de idade queria “namorar” com um menino em uma festinha, mas o pai, que estava espiando-a, pediu que a mãe fosse buscá-la. Fica nítida a forma como a mãe lidava com a questão quando afirma que ao receber uma cartinha de um menino “[...] tinha que esconder da mãe [...]”.

Os aprendizados sobre o que é ser homem não são atribuídos ao tema das relações de gênero por Cenira, que afirma que os irmãos eram “calmos”. Luanda afirma que os papéis a serem realizados por homens e mulheres eram diferentes, pois o homem era o provedor do lar e a divisão de tarefas entre os sexos era instaurada: “sempre assim, que o homem bota o sustento pra dentro de casa, então ele tinha que ser quase um rei dentro de casa, não fazia nada. E tinha papel de mulher e papel do homem”. Inspirada nos diálogos que Luanda incita nos encontros da Associação acerca da necessária problematização da naturalização do

machismo na sociedade, Alice percebe que os homens tinham e têm mais direitos que as mulheres:

Eu, às vezes, vejo a Luanda falando que o homem tem mais direitos, eu fui criada assim, eu acho. Os guris lá em casa chegavam, tomavam um banho e saíam pra um bar, uma coisa assim, e a mulher já era diferente, eu não ia fazer isso aí. As roupa que eles usavam a gente que tinha que passar, os friso, tudo, pra eles não saírem amassados, a gente tinha que fazer porque era irmã deles, né. Era bem cuidada as roupa deles. A mãe sempre ensinou nós assim [...] Graças a Deus tudo o que eu sei fazer eu gosto de fazer. (Alice)

Os ensinamentos sobre ser mulher remetem a valores mais conservadores. Maria Luísa conta que “pra mãe, ser mulher era obedecer ao marido e cuidar da casa e da família. Mulher tinha que saber cozinhar, saber limpar a casa e cuidar do marido, estar em casa quando o marido chegasse”. Certo conservadorismo também permeia os ensinamentos que tiveram Luanda, Alice e Cenira. Elas associam essa questão às lições sobre sexualidade e ao funcionamento do corpo feminino, que aconteciam mais através da observação dos comportamentos, já que o diálogo era praticamente inexistente por parte das mães, sendo que os pais não são sequer mencionados. Percebemos a relevância da televisão e dos empregadores, estes possivelmente com maiores níveis de instrução, como fontes de educação sexual.

Foi mais na prática, foi no ver, eu aprendi vendo as coisa errada. Foi ao contrário, assim, sabe? Porque de sexo eles não falavam, eles desligavam [a TV]. [...] **E sobre o papel, o lugar da mulher, o que tu aprendeu?** Bem conservador. Que a mulher tem que ficar em casa, ser mais submissa, se submeter. (Luanda)

A mãe não era de contar as coisa, porque eu não sabia o que era menstruação, a mãe escondia. Mas eu aprendi muita coisa na casa dos outros trabalhando, as patroa falavam pra gente. E eu tinha um medo porque diziam que se tu tava menstruada e pegasse na mão de um homem tu ficava grávida, eu tinha um medo que Deus o livre [risos]. (Alice)

Nada. Não ensinavam nada. A primeira vez que eu menstruei... Não ensinavam nada, nada, nada. Nós fomos pro rio nadar, eu parecia uma marreca, adorava água. No outro dia eu levantei com dor na cabeça, enjoada, me sentei na cadeirinha de palha. Quando eu me mexi eu levei um susto [ênfase]. A mãe dizia assim: vai tomar café guria, tá todo mundo lá. E eu não levantava. Eu disse pra ela, depois de uns 40 minutos: eu tô toda suja de sangue. E ela: e precisa fazer esse bicho todo?! Mas também, ninguém explicava nada. E veio acho que uns 15 dias sem parar. Mas era tudo sigiloso sabe, agora com cinco anos já sabem tudo [...] Eu acho que tem que aprender cedo. (Cenira)

Cenira afirma que através da convivência com as irmãs aprendeu a ser vaidosa, um dos imperativos que recaem sobre as mulheres e que ela afirma já ter exercido mais. Esse

decréscimo pode ter relação com a participação na Associação, e, inferimos, relaciona-se também com o fato de ela ter se aposentado e começado a ficar mais em casa.

Eu aprendi, não nasci assim. Quando criança, a mãe levava nós tudo junto pra lavar roupa no sangão. Pra cima tinha uns pé de maravilha e tinha tipo uma tabatinga, uma terra avermelhada. Sabe o que nós fazia? Eu e minha irmã passava aquelas maravilha nas unhas pra fazer de esmalte e passava aquela terra no rosto pra fazer de rouge, de blush. Do tempo antigo, né. Nós vinha tudo empiriquitada de lá e levava as florzinha pra pintar [as unhas] em casa. **E onde vocês viam essas coisas pra aprender?** Ai, acho que nas pessoa, nos rico que moravam ali perto de casa. A gente via, podia sonhar, mas os pai da gente não tinha condições de dar, né. Era aquela fantasia, nós se achava bonita, tinha um espelhinho redondinho que nós levava pra se olhar [risos]. (Cenira)

Ao tratar sobre se as qualidades femininas são aprendidas ou se as mulheres nascem com elas, somente Rafaela relativiza: “tem muitas que nascem e outras que adquirem com o tempo se precisar”. O restante das entrevistadas tem como consenso que as qualidades são aprendidas ao longo da vida, o que fica nítido na fala de Luanda, que afirma ser “a partir do cotidiano, da nossa cultura que a gente vai se refazendo e nos percebendo enquanto mulher”.

Em consonância com os papéis de gênero aprendidos, a divisão do trabalho era vigente nas famílias primordiais das mulheres, pois nenhuma delas cita os pais e/ou os irmãos como responsáveis por quaisquer tarefas realizadas dentro de casa. Cenira afirma que “[...] todo mundo ajudava. Mas os guri mais eram na horta, a mãe tinha uma baita de uma horta e botava eles lá a limpar e aterrar as plantinha. Nós era mais em casa”. Luanda comenta que o pai opunha masculinidade ao serviço doméstico:

[...] a mãe, pra ela, todos tinham que fazer a mesma coisa. Quando o pai tava em casa ela preservava o meu irmão, porque pro pai homem não lavava a louça. **Tu pai não fazia as tarefas domésticas?** Não, meu pai não fazia. Ela que levava a toalha no banho, montava o banho dele, só faltava tomar por ele, sabe. (Luanda)

Sim, nós limpava tudo, nós e a mãe, porque as guria era mais pequena. Eu arrumava as cama, porque homem não arruma cama. O meu, agora, arruma. Iam pra lavoura cedo e não arrumavam naquele tempo. Eu alevantava, ia já com a vassoura varrer, trocava lençol e a mãe lavava roupa no açude [...] (Alice)

[...] [quando] a mãe já tava com meu padrasto quem limpava a casa era eu. **Os gurus já não moravam em casa?** Tavam, mas era eu que limpava. [...] eu chegava em casa no sábado e tinha que limpar a casa, só essa parte, que aí era a mulher, né. Se eu quisesse sair de noite, de tarde a casa tinha que tá limpa. (Rafaela)

Era a minha irmã [...] que mandava. Eu era pra passa cera na casa, porque naquele tempo tinha que passar cera naquelas tábuas, assim, ó [acena comprimento], e aquilo tinha que brilhar. [...] Aí, eu limpava o chão, passava cera e lustrava, a minha irmã limpava assim, as janela, as outras coisa, a outra lavava a louça, a outra quase não parava em casa porque ela trabalhava já fora. (Maria Luísa)

Atualmente é pelos filhos que as mulheres lutam em busca de melhores condições de vida. Assim, a esfera familiar, além do significado emocional, serve como o estímulo para o trabalho, tendo influência direta nele. A família torna-se um lugar de referência identitária, o que significa dizer que é nela que estas pessoas formam-se como indivíduos sociais, onde têm seu primeiro contato com um grupo. É também para ela que pessoas recorrem quando necessitam de qualquer tipo de auxílio, seja de ordem emocional ou econômica.

Tratando sobre as relações entre família e classe social, Sarti (1996) afirma:

A família não é apenas o elo afetivo mais forte dos pobres, o núcleo da sua sobrevivência material e espiritual, o instrumento através do qual viabilizam seu modo de vida, mas é o próprio substrato de sua identidade social. Em poucas palavras, a família é uma questão ontológica para os pobres. Sua importância não é funcional, seu valor não é meramente instrumental, mas se refere à sua identidade de ser social e constitui o parâmetro simbólico que estrutura sua explicação do mundo (SARTI, 1996, p. 33).

Para Rafaela, Luanda e Maria Luísa, a família atual, formada pelos cônjuges e pelos filhos, é “tudo”, é “estrutura, minha base” e “sem eles eu não sei viver [...] Pra mim eles são tudo, razão de eu levantar todos os dias de manhã, saber que eu tenho eles pra cuidar, alimentar, ser mãe”. Cenira afirma que família “significa tá com a consciência limpa com marido e com os filho, numa boa, sem ter problema”. Sobre isso, Alice conta que a única coisa que a incomoda é o fato de o marido sair para pescar, e, após nossa conversa, constata que não gosta de ficar sozinha.

É importante destacar que essas mulheres consideram-se dependentes das famílias. Isso se relaciona aos maridos, de forma econômica e para a resolução de problemas, e aos filhos em um sentido afetivo. Maria Luísa afirma que a dependência econômica com relação ao marido a impede de separar-se do cônjuge. Luanda tenta “ser o mais independente possível”, entretanto, afirma que depende dos filhos e da mãe pelos laços afetivos que mantém com essas pessoas. Atualmente, a renda do marido é a maior de sua casa, mas ela afirma: “tô sempre tentando que a minha renda seja maior porque também é uma maneira de eu me colocar. A gente luta por igualdade, mas é tanta desigualdade que em algo a gente quer ser superior [risos]”.

Quanto aos conflitos entre elas e os maridos, Maria Luísa versa sobre o fato de ela e o marido “jogarem” um para o outro a responsabilidade pela educação dos filhos. Entretanto, em uma análise mais geral, entendemos que, predominantemente, é o marido quem “joga” a ela essa responsabilidade, na medida em que ela expressa menos suas ideias sobre o assunto

para o cônjuge<sup>59</sup>. Os conflitos também são associados à forma como o marido compreende, ou não, a participação dela na Associação. No formulário exploratório, a entrevistada mencionou que o marido a “deixava” participar das festas, das viagens e dos encontros da Associação, sendo que, atualmente, ela diz não avisar quando precisa sair para qualquer atividade.

É aquilo assim, às vezes eu tenho que sair e ele não gosta muito, esse negócio das Maria, ele não gosta, ele quer meio manipular. E eu já não aceito mais que ele manipule nada. Aí, então, é isso aí que a gente briga mais, né. E, questão de eu tá em casa e as criança tão brigando, às vezes, e ele chega e diz: ah, tua mãe não dá educação pra vocês. Mas não é só a mãe que dá educação, ele também tem que dar educação. [...] **Mas isso do teu marido implicar com a Associação não te impede de participar?** Não, nunca deixei. (Maria Luísa)

Quando as divergências com o marido envolvem a participação de Maria Luísa na Associação, ela afirma conversar com ele na tentativa de fazê-lo a respeitar. Isso foi nítido quando ela contou que após não saído com o marido por estar em uma reunião, ele ficou bravo e ela exigiu que o cônjuge se desculpasse publicamente: “conversamo bastante e eu disse pra ele: pensa bem, era um compromisso importante pra mim, assim como era importante tu ir pra fora”, “então, eu disse pra ele, tu não faz mais assim, porque se eu tenho compromisso, eu vou”. Todavia, quando questionada diretamente sobre os conflitos que tem com o marido, ela afirma que eles são inexistentes.

Luanda acredita que os conflitos ocorrem mais em função de sua “posição política”. Com relação ao marido, existem conflitos no tocante à organização da casa, já que ele não segue o mesmo ideal de limpeza que ela. O caso de Luanda ilustra aquilo que Mattos (2006, p. 178) afirma ao se referir a um dos “tipos” de mulher moderna: aquela que tem na família e no trabalho as coisas mais importantes da vida. Entretanto, essa mulher precisa enfrentar “os dilemas da conciliação” entre vida profissional e afetiva: “se, por um lado, deseja ter uma certa igualdade na divisão do trabalho doméstico e dos cuidados com os filhos, por outro, tem dificuldade de perder o seu poder de “dona de casa””. A autora entende que “é conflituoso para elas abrir mão de seu “domínio” no espaço privado”, bem como percebemos com a entrevistada.

Ao ser questionada especificamente sobre os conflitos que tem com o marido, Luanda menciona as diferenças do casal no tocante ao gerenciamento da renda da família, já que a prioridade dela é reformar a casa, o que difere da preferência dele. Por outro lado, em tom de

<sup>59</sup> O fato de Maria Luísa não expressar sua forma de pensar para o marido, principalmente no que se refere às divisões entre tarefas, modos de se relacionar e educação dos filhos ficou visível quando Cenira, no dia em que realizamos a assistência coletiva das telenovelas, afirmou que “a Maria Luísa tinha que falar, tu não fala com ele [cônjuge] as coisas”.

reconhecimento, afirma que investe em “conhecimento” e que, em função disso, já deixou de pagar algumas contas da casa. Apesar desses conflitos, conta que o marido inicialmente tinha um discurso repleto de “ideias direitas”, mas, atualmente, debate sobre problemas sociais, como o racismo, no trabalho, tendo sua identidade “étnico-racial” mais aflorada, o que ela avalia positivamente.

Nos casos de Alice, Rafaela e Cenira, os conflitos ocorrem de forma casual e não tomam grandes proporções. Os de Alice ocorrem por falta de comunicação ou de saber onde o marido está, problema que ela não avalia como “sério”. Rafaela afirma que estes ocorrem quando a filha não quer realizar alguma tarefa em casa e, segundo Cenira, na sua casa os conflitos são praticamente inexistentes.

[...] Eu tenho uma vida que não posso me queixar. Eu sou uma pessoa pobre, mas sou feliz. Tudo o que ele vai fazer ele me diz: galetto, churrasco. Eu que, às vezes, sou meio irritada, sou meio autoritária [risos]. Mas ele é o rei da paciência. Se todos os homens fossem como ele não existia desavença na família e nem mulher sofrendo. E ele é bem mais moço do que eu [...]. Mas eu não tenho o que me queixar dele, ando meio neurótica, às vezes, dentro de casa, e daqui a pouco tá tudo na boa [...]. (Cenira)

Da mesma maneira como foram educadas, Cenira e Alice ensinaram os filhos a respeitar as pessoas e a eles mesmos e diferentemente dos conselhos profissionais que receberam, elas aconselharam os filhos a estudar. No caso de Cenira, os conselhos não surtiram o efeito desejado, já que as trajetórias no trabalho perduraram em relação aos estudos dos filhos. Quando eles reclamam do trabalho, ela afirma: “tá aí, ó, quando eu disse pra estudar não quiseram [risos]. Eu digo: viu só, se naquela época eu fosse mais rude com vocês [...] teria feito estudar”.

Luanda e Rafaela focam na necessidade de os filhos estudarem. Luanda considera-se até “conservadora”. Para Rafaela, a educação é uma forma de prevenção quanto à incerteza do futuro: “tá bem criada aí, tô sempre ensinando tudo, porque a gente nunca sabe as coisas como vão ser. Se acontece alguma coisa vai ficar na mão de quem? [...] A gente tenta preparar ela pra vida”. Em função das incertezas colocadas pela possibilidade de uma reforma da previdência no Brasil, a entrevistada apresenta um discurso meritocrático de pensar as relações entre as classes sociais quando considera o esforço um recurso para o alcance de um futuro certo: “[...] que ela se esforce, já que ela quer o futuro, que ela se esforce, corra de atrás. Cada dia tá ficando pior, mais difícil. Cada vez mais... tu vai ter que tá com 100 anos pra poder se aposentar”.

Quando questionada sobre os conselhos profissionais dados aos filhos, Maria Luísa cita a necessidade de estudar e “focar no que tu quer”. Ao tratar da filha, ressalta que isso é numa forma de evitar a dependência com relação ao marido: “[...] a pior coisa que tem é depender de marido, porque eu já dependi muito do meu marido e eu não gostei disso e não vou gostar nunca mais. Então, eu sempre digo pra ela: trabalha e estuda pra ti não depender do teu marido”. Além disso, afirma que aconselha o filho mais velho a “ser trabalhador”, “honesto” e “cuidar da família” à batalha, respeito e honestidade: “o que ele passava pra mim, eu passo pro meu filho [...], né, de sempre ser trabalhador, ser uma pessoa honesta, e assim, de sempre cuidar da família”.

Diferentemente da educação conservadora que receberam no tocante às relações de gênero, principalmente no que diz respeito à divisão de tarefas, Luanda afirma que “essa questão de menino e menina pra mim não existe”:

As gurias brincam de carro, de moto, de boneca. Eu compro bonecas negras por causa da questão da identidade étnico-racial. Sempre a gente teve a tabela de tarefas e os guris sempre fizeram, limpar banheiro, lavar a louça, arrumar, essa questão do cuidado que as meninas é muito através da boneca que tem essa questão os guris tiveram com as irmãs deles, porque desde pequenos eles tiveram responsabilidades, levavam em creches e tudo. A gente sempre compartilhou tarefa aqui em casa, mas foi uma briga pra mostrar que era compartilhamento e não ajuda, até hoje tem essa questão aqui. (Luanda)

Maria Luísa conta que diz para o filho mais novo: “se a [filha] pode lavar o banheiro, tu também pode. Se a [filha] coloca o lixo na rua, tu também pode”. Apesar disso, como visto no subitem 4.1.1, os filhos ajudam muito pouco nas tarefas domésticas. Essas tentativas de romper determinadas normas estabelecidas culturalmente acerca das relações de gênero apresentam-se também quando Maria Luísa afirma ensinar o filho mais novo a respeitar as meninas com as quais convive.

Maria Luísa afirma que, independentemente do gênero, cria os filhos mais “presos”. Os filhos de Cenira e Alice tiveram liberdade para sair, mas sempre com horário marcado para o retorno. A filha de Rafaela tem liberdade de namorar em casa, mas os pais colocam limites principalmente de acordo com seu rendimento nos estudos. No caso de Luanda, apesar de liberar os filhos, que “vão por tudo”, o maior receio está na possibilidade do uso de drogas. Ela trata sobre as contradições existentes entre a maternidade e a militância no tocante às restrições que faz com relação às companhias dos filhos, além de enfatizar o contexto em que vive:



[...] tu sabe que se eles [polícia] pegarem eles [filhos] juntos roubando vão pegar todos e até provar isso, já viu... e aqui [no bairro] tem muito ataque, que é a polícia revistar e eles já foram muito examinados nas esquinas, porque ele ficam nas esquinas com a gurizada. E aí, quando tu coloca a militante e a mãe fica conflitante, sabe, eu vejo que meu lado mãe conflita muito com meu lado militante. Bastante. (Luanda)

Os ensinamentos que as entrevistadas passam às filhas e aos filhos sobre o que é ser mulher ocorrem com base, em maior ou menor medida, na ruptura com aquilo que aprenderam acerca disso, e se relacionam ao combate à violência contra as mulheres e ao respeito próprio<sup>60</sup>. Luanda ensina que mulheres e homens devem ter os mesmos “papéis” principalmente no tocante à divisão de tarefas domésticas e enfatiza o incentivo do combate à violência contra as mulheres. Maria Luísa ressalta o respeito próprio e a abertura que dá a filha para conversar sobre sexualidade: “eu digo pra ela que ser mulher é se respeitar, ser quem ela quer ser. Se dar o respeito e ser respeitada [...] se um dia ela quiser namorar, que ela chegue pra mim e fale”, forma como também lidou com a educação sexual do primogênito. Rafaela coloca-se contra a violência física por parte de homens, mas ratifica a necessidade de a filha dar conta de múltiplas jornadas de trabalho:

Eu digo pra ela que a mulher, não adianta ela só trabalhar fora e não saber fazer um prato de comida, dar atenção pros filhos, pro marido, não é só parte dela, mas faz mais parte da mulher passar pro filho e pra filha o que faz. E o dia que ela tomar uma tunda dum homem ela vai toma uma tunda de mim. Já que eu nunca encostei a mão nela, ela que não me venha apanhar de homem. (Rafaela)

Alice versa sobre a necessidade de gentileza que o filho foi ensinado a ter com as mulheres. Cenira expressa o papel do ex-marido na forma como educou, sozinha, o filho de ambos sobre o que é ser mulher. Isso se traduz em formas de ação e modos de pensar masculinos que não se restrinjam ao fornecimento de condições materiais às mulheres quando desprovidas daquelas sentimentais e de respeito: “trabalhador ele era. Eu tinha uma casa de princesa, a casa mais bem mobiliada, com o jardim mais caprichado, mas o que adiantava eu ter tudo aquilo ali e não ter prazer e felicidade com ele?”, complementando: “eu falava pra eles [filhos]: mulher não é cachorro”.

Os ensinamentos que passam aos filhos sobre ser homem são variados e remetem menos aos ideais de masculinidade do que aqueles que tiveram. Ressaltam a necessidade de trabalhar, o incentivo ao exercício da cidadania e a necessária igualdade na realização de

---

<sup>60</sup> Esses ensinamentos ficam divididos entre as que têm filhas e conseguem verbalizar sobre como as ensinaram, incluindo nisso formas de agir frente aos homens (Luanda – em menor medida por ter filhas pequenas -, Maria Luísa e Rafaela), e aquelas que têm filhos, que versam sobre como os ensinaram a agir com relação às mulheres (Alice e Cenira).

tarefas. Cenira enfatizou a necessidade de “trabalhar e ter as coisas antes de ter filho”, Alice ensinou a não brigar, Luanda preza para que tanto filhos quanto filhas sejam “cidadãos” e Rafaela ensina que a filha deve, antes de casar, “ver como é que a pessoa é e como a pessoa age”. No caso de Maria Luísa, os ensinamentos sobre ser homem vão mais em direção de uma igualdade na divisão de tarefas.

#### 4.2.1 Maternidade

A experiência da maternidade foi e é importante na vida de todas as entrevistadas porque as faz refletir acerca do futuro, realizar sonhos e projetar sentimentos escassos na infância. Ter o primeiro filho foi importante para Luanda pensar mais sobre o futuro e atualmente ela entende que ser mãe é o melhor de ser mulher. Para Rafaela “mudou tudo. Realizei um sonho. Pude amamentar, pude ficar com ela toda aquela trajetória de pequeninha [...]”. Quando questionada sobre o que é ser mulher, associa a capacidade reprodutiva - de “gerar uma criança na barriga” - a uma “magia” e entende que a melhor coisa de ser mulher é ser mãe. No caso de Maria Luísa, a importância de ter sido mãe se deve a possibilidade de destinar aos filhos sentimentos que ela percebe como faltantes na infância. Esta entrevistada relaciona o melhor de ser mulher à maternidade: “eu acho que isso é uma dádiva muito grande que Deus fez com que nós tivesse esse privilégio”. Alice e Cenira rememoram tempos passados e mencionam a ansiedade pela espera dos bebês e a curiosidade de conhecer os filhos, acompanhadas de dificuldades advindas da condição de classe: “[...] quando eu ganhei meu primeiro filho não era essas flarda [fraldas] de agora, era de pano, eu comprava os metro de pano. As roupinha eu fazia em casa” (Cenira).

A relação colocada por Maria Luísa e Rafaela aqui vai além da centralidade da família e/ou da importância dos filhos, mas à concepção corporal, ao parto, a Deus e à dádiva. Durante a nossa investigação sobre as experiências dessas mulheres, o papel da igreja não recebeu destaque por parte delas em suas trajetórias, porém, essas percepções nos incitam a refletir acerca da mediação que a instituição pode realizar sobre a esfera da maternidade. Como já apresentado, as duas entrevistadas foram batizadas na igreja católica, mas atualmente Maria Luísa afirma vincular-se mais à igreja evangélica e à umbanda e Rafaela atualmente relaciona-se mais com os pressupostos da umbanda, mesmo que não frequente centros<sup>61</sup>.

---

<sup>61</sup> Apesar de não termos tido tempo suficiente para investigar os níveis de envolvimento dessas mulheres com as religiões, entendemos ser importante trazer algumas informações acerca de suas principais regras, que de alguma forma podem intervir na forma como elas concebem a maternidade. A religião Umbanda é afro-brasileira e sintetiza o catolicismo, o espiritismo e as religiosidades africana, indiana e indígena. Apesar das diversas

É comum a maneira como a maternidade compõe o sentido da vida dessas mulheres, mas há diferenças sobre como elas relacionam a completude e a realização feminina com essa esfera. Maria Luísa, Luanda e Rafaela acreditam que nem todas as mulheres precisam ter essa experiência para serem completas e/ou realizadas, já que “não é só a maternidade que realiza, ela é uma parte importante, mas a gente tem outras questões que também nos realizam” (Luanda), ao que Rafaela acrescenta: “existem mulheres que não deviam ser mãe, tu vê ali, as crianças padecendo”<sup>62</sup>. Apesar de não ser essencial para a completude feminina, as três colocam essa esfera como primordial em suas vidas: “eu acho que não seria nada sem meus filho”, “eu, hoje, não me vejo sem a maternidade” e “eu acho que ia me odiar pro resto da vida se não tivesse tido ela”.

Diferentemente disso, Cenira e Alice não conseguem dissociar a completude e felicidade femininas da maternidade. Cenira afirma que “tem que ter filho” e questiona o próprio sentido da vida sem eles: “já pensou eu, se não tivesse nenhum filho agora, qual é o sentido, né? [...] acho que é uma vida solitária. Fica uma vida sem emoção” e Alice entende que “tem que ter filho” e “sou muito feliz com filho”.

Uma boa mãe é descrita de forma a validar suas experiências e permeia a educação – marcada pela imposição de limites e transmissão de valores –, o afeto e a presença na vida dos filhos nas condições que são possíveis. Maria Luísa acredita que “não é tu ter as coisas pra dar, é tu ter carinho, não é dinheiro. Acho que tu tratando bem o filho, cuidando, ensinando a ser bom pras pessoas”. Luanda também ressalta a importância de ensinar valores que se concretizem nas formas de pensar e nas ações dos filhos. A forma de educar aparece na fala de Rafaela, que acredita ser uma boa mãe aquela que não pode “deixar fazer tudo o que quer, tu tem que mostrar o certo e o errado e não fazer tudo na frente, tu tem que dar o exemplo”.

Cenira e Alice entendem que uma boa mãe é aquela que está presente nas vidas dos filhos e que é afetuosa. Cenira afirma que “uma boa mãe é aquela que dá atenção pros filho, compartilha o dia a dia com os filho quando são criança, depois, quando casam, de vez em quando tem que tá presente na vida dos filho” e Alice entende que “é gostar muito do filho, amar muito ele. Quando é pequeno que depende da mãe, ela sempre tem que tá junto, se tem médico, na aula, tudo”.

---

vertentes dessa religião, os Orixás geralmente são a manifestação divina através de espíritos. Entre os principais princípios comuns às formas de Umbanda estão: a fraternidade, a caridade e o respeito ao próximo. Fonte: umbanda-orixas.info. O evangelicismo é um movimento cristão que surge no século XVII depois da Reforma Protestante. Esse termo é abrangente e inclui um grande número de tradições. A fé evangélica concentra-se na salvação trazida aos pecadores por Jesus Cristo, tendo entre um dos seus princípios a ideia de que toda a humanidade pecou e que o pecado separou o homem de Deus. Fonte: religião.culturamix.com.

<sup>62</sup> A contradição fica visível na fala de Rafaela quando, ao ser questionada sobre o que é ser mulher, afirma que “no meu entender uma mulher pra ser completa teria que ser mãe”.

Ao tratar do comportamento de mães que consideram “más”, de certo modo, todas as entrevistadas referem-se à falta de cuidado e atenção e três delas vinculam os descuidos à violência. Maria Luísa afirma que é aquela que “deixa os filho sofrer qualquer tipo de violência e não tá nem aí”. Luanda entende que o certo é “não julgar” por conta das trajetórias individuais de cada mulher, que podem ser marcadas por violências de diversas ordens, entretanto atribui “as que cometem violência” ou permitem que outros façam. Rafaela acredita que são “essas que deixam os filhos serem abusados, arranjam um namorado, por exemplo, e deixam as filhas serem abusadas”. Cenira e Alice entendem que uma má mãe é aquela que “não dá atenção pros filho, não cuida” (Cenira).

Tratando das próprias experiências, elas percebem que as mudanças das relações de casais após a chegada dos filhos ocorrem pela maior dedicação do tempo das mulheres às crianças, por elas deixarem de atender a determinados padrões corporais, mas a maternidade também serve para aproximar os casais. Alice afirma “a gente tira do marido porque tem que se dedicar mais ao filho”. Na percepção de Maria Luísa, a maternidade modifica a relação com o parceiro principalmente no que diz respeito ao corpo feminino, já que a mulher “que era bonitinha, ajeitadinha, muda bastante, o corpo muda, então, eles já mudam também”. Luanda e Rafaela entendem que a chegada dos filhos as “aproximou” e “uniu” mais aos maridos. Cenira não percebe mudanças. Inferimos que as duas primeiras modificações ocorrem pela maneira como os maridos e as mulheres encaram a maternidade e a paternidade.

Na percepção de Alice, Maria Luísa, Luanda e Rafaela, os pais e as mães devem ter responsabilidades iguais no que diz respeito à educação dos filhos, apesar de Luanda e Maria Luísa entenderem – e criticarem - que recai mais sobre as mães. Alice, a partir da sua fala, foi a que mais compartilhou a educação do filho com o marido: “os dois tem que ter. Ele trabalhava e quando era entrega de boletim, no sábado, ele ia, pegava, às vezes, levava ele pra vacinar, ele sempre tava junto”.

Maria Luísa acredita que a responsabilidade pela educação dos filhos deve ser compartilhada entre pais e mães, compartilhamento este que ela não percebe em casa: “pra mim tem que ter a mesma responsabilidade. Se minha filha tá namorando ele tem que ter a mesma responsabilidade, se tá doente tem que ter e lá em casa sempre fui eu, só eu”. Luanda enfatiza novamente que o planejamento diário das filhas recai sobre ela, sobre o que “não tem um dia que eu não debata com meu companheiro” e Rafaela também acredita que “deveria acontecer, né. Se fez tem que ter responsabilidade”, apesar de entender que “tá normal” os pais e mães sozinhos cuidarem dos filhos, bem como os casais gays.

Essas percepções da ausência da figura do pai remete àquilo que afirma Mattos (2006, p. 56), acerca de “um consenso pré-reflexivo difundido e reproduzido através de instituições entre nós” que secundariza a figura paterna. A autora afirma:

não existem seres humanos que sejam mais ou menos afetivos em relação aos filhos, mas uma generalização abstrata e preconceituosa, sem qualquer abertura aos casos concretos, que essencializa a mulher como repositária das virtudes afetivas e emocionais por oposição às virtudes intelectuais e racionais do homem (MATTOS, 2006, p. 56)

Cenira é a única que entende que as mães devem ser as maiores responsáveis pelos filhos porque “tá convivendo todo o dia com eles” e, no caso de esta trabalhar fora, traz sua experiência para legitimar um modo de pensar e agir: “eu trabalhei fora e os meus nunca me deram problema. Eu conversava muito, acho que a mãe tem que ser mãe e amiga”, já os pais tem que ser amigos, “mas é raro, tem uns que Deus o livre”. Ela realiza leituras mais conservadoras no tocante ao papel da mulher na sociedade, principalmente no que diz respeito à maternidade e ao trabalho.

Todas as entrevistadas sacrificariam a vida pelos filhos e somente Luanda problematiza o papel paterno em relação ao materno. Luanda apesar de achar que não é “o certo” também faria “pelo amor”. Refere-se ainda às diferenças entre a carga de trabalho feminina e masculina: “[...] hoje o homem tem o papel de pai e a mulher tem o papel de mãe, de administradora, de empregada doméstica, de contadora, de tudo”. Rafaela entende que “sim” porque “se tu botou aquela pessoa no mundo tu é responsável por ela, ela não pediu pra nascer. Claro que eu não acho que tu tenha que abrir mão de tudo, mas enquanto é dependente de ti é tua responsabilidade”.

Cenira, Maria Luísa e Rafaela acreditam que o amor e o afeto que as mães sentem pelos filhos é maior que aquele sentido pelos pais, seja porque isso caracteriza uma “boa mãe”, pelas relações conflituosas entre pais e filhos ou pelo aspecto reprodutivo, ligado à gestação feminina. As experiências delas são os pontos chaves para compreender esse modo de pensar. Cenira afirma que “é maior, se for uma boa mãe, é maior. O pai sente, mas é sempre mais desligado que a mãe”. Maria Luísa entende que “o homem não tem aquele amor que a mãe tem”. Rafaela menciona a experiência do tempo em que esteve com a filha após seu nascimento. Já, Luanda retira a questão do âmbito do sentimento e acrescenta o comprometimento: “eu não sei se o amor e o afeto, mas o comprometimento por esse amor e por esse afeto é diferente”. Para Alice, que parece ter contado mais com o marido do que o

restante das mulheres da amostra no tocante à educação e cuidados com o filho, “o pai sente também, acho que é igual” e não generaliza, mas conta que “o meu sempre”.

#### 4.2.2 Relações Afetivas – Sexualidade

Quando questionadas sobre o que os homens buscam nas mulheres para se casar, as entrevistadas tratam sobre padrões e papéis femininos construídos socialmente. Entendem que eles procuram aquelas que não sejam vulgares, tenham corpos que atendam aos aspectos desejáveis, saibam realizar tarefas domésticas, sejam boas mães e apresentem um equilíbrio entre ceder e manter limites principalmente com relação ao aspecto sexual.

Luanda acredita que “ainda tá muito ligado ao corpo, aos bons costumes, assim, o que eles acham de vulgar parece que pra ser esposa não pode”. De certo modo, Maria Luísa também se refere a um padrão de comportamento relativo à subserviência feminina: “ele [marido] quer mulher pra lavar, passar, cozinhar e passar o dia inteiro fazendo coisa [sexo]. Mulher que esteja 24 horas disponível pra ele”. Além disso, durante a assistência coletiva de novela, segundo Maria Luísa, a “primeira coisa que o homem pergunta, quando troca de mulher é: e aí, é bonita? [...] Eles não valorizam as pessoas, só veem por fora”. Cenira é a entrevistada que apresenta um ponto de vista mais conservador por afirmar e parecer legitimar que os homens procuram por uma “mulher sincera, uma boa dona de casa”.

Rafaela afirma que a mulher deve ser “meio a meio” e remete a um equilíbrio entre atitudes mais conservadoras e liberais: “não vou te dizer que é a santinha porque pode parecer no início, mas eles vão procurar outras. Não pode se oferecer demais porque no início pode ser bom, mas depois acaba enjoando”, já “se tu for aquela que tu sabe dizer não e pronto, é essa que eles querem, por mais que eles digam que não”, entendendo que “eles vão testar aquelas outras primeiro, mas não vão querer te perder. Depois vão correr de atrás”. Alice acredita que é fundamental ter “amor” e “respeito” e entende que na percepção atual dos homens não é decisivo o fato de as futuras esposas saberem realizar tarefas domésticas.

Quando incitadas a versar sobre o que as mulheres procuram nos homens para casar, os papéis de gênero cultural e socialmente estabelecidos ficam nítidos ao citarem trabalho e inteligência. Também mencionam personalidade equilibrada e companheirismo. Para Cenira, as mulheres procuram um “homem que respeite, que seja sério, não deixe faltar as coisa dentro de casa, que não seja vagabundo, preguiçoso”, associando o homem ao trabalho e ao papel de provedor. Alice menciona que o homem “tem que ser respeitoso, saber respeitar a mulher”. Luanda afirma que esse deve ser “inteligente”, além de ter que concordar com o

projeto de sociedade que ela acredita. Rafaela remete a um necessário equilíbrio relacionado à personalidade masculina: “nem aquele tão parado e nem aquele cafajeste. Nem o palhaço, nem o ogro”. Maria Luísa afirma: “[...] um homem que me ouvisse, que nas horas boas e nas ruins sempre tivesse me apoiando, que fosse meu companheiro, assim, quer sair, vamo, me ajude a limpar a casa”.

Mattos (2006, p. 182) percebe que as mudanças na estrutura das famílias brasileiras são um dos sinais das transformações das sociedades modernas, entretanto, a autora entende que a nova compreensão da família e de relacionamentos não pode ser atribuída às mulheres brasileiras de forma geral, pois

[...] os novos valores dizem respeito principalmente às mulheres de classe média, atingindo as mulheres de classe baixa apenas de maneira refratária. Em geral, é na classe média onde se tem desenvolvido relações amorosas mais igualitárias, baseadas em afeto, cumplicidade e satisfação sexual.

Nas percepções de Maria Luísa, Alice e Rafaela, algumas mulheres decidem não casar para não terem certas responsabilidades e/ou pelo desejo de serem independentes e livres. A primeira menciona que essas não querem ter “obrigação com o marido. Muitas têm que ter, não era pra ter, mas tem aquela obrigação de lavar a roupa, limpar a casa. Tem mulher que não quer isso aí pra vida delas, não são mais bobas”. Alice acredita que a mulher não quer casar para ter “liberdade”, “[...] não ter marido, não ter que cuidar da casa”. Para Rafaela, a atenção que o casamento demanda pode fazer com que as mulheres não queiram casar, já que na falta dessa corre-se o risco de haver traição: “acho que elas não gostam de rotina ou porque não querem compromisso, né. Que nem eu te disse, tu tem que ter compromisso com casa, filho e marido”, além de ressaltar o âmbito sexual que deve ser suprido pela mulher: “tu não vai o tempo todo, todas as noite, mas tu vai ter que dar atenção se não, tu perde ou leva um par de chifre”. Apesar de perceber as relações dessa forma, Rafaela entende que é valorizada pelo marido e que ele “é mais feminista do que machista”. Para Luanda e Cenira, o fato de as mulheres decidirem não casar está associado a uma “independência geral”, como afirma a primeira. Cenira acredita que em “primeiro lugar por medo, será que vai se dar bem... Outras [...] pra não passar por certos pedaços [percalços], são decididas elas mesmo a não depender de homem”.

Como visto, ao versarem sobre as razões pelas quais as mulheres optam por não casar, elas deixam nítidas as reponsabilidades que percebem ser atribuídas a estas nas relações

matrimoniais, que envolvem afeto seguido, geralmente, de uma casa e de filhos para cuidar, o que elas vivenciam.

Com base nas experiências femininas, as principais diferenças entre os homens e as mulheres residem na forma como eles usufruem da liberdade, no maior desleixo masculino – tanto no tocante à responsabilidade com a casa, como com a beleza, e no possível menor engajamento com causas sociais. Para Maria Luísa os homens “saem na hora que eles querem, voltam na hora que eles querem, não dão satisfação. Tu tem o filho, né, não vai sair, passar uma noite fora”. Cenira menciona a menor responsabilidade que os homens podem ter no âmbito da casa: “nas parte de dentro de casa, sobre alimentação, ele tem que ter mais reponsabilidade, tem mulher aí que tem que trabalhar porque o homem pega dinheiro e bota tudo fora”.

Tratando de exemplos específicos, Luanda menciona que o homem pode ser menos comprometido com causas sociais, importando mais o sentido “financeiro”. Alice, remetendo a um padrão de beleza que deve ser seguido exclusivamente pelas mulheres, afirma que “a mulher tem que se cuidar mais, né, o corpo, e o homem não [...] bota uma bermuda e uma camiseta”. Quando questionada sobre o porquê de os cuidados com a aparência terem que ser realizados somente ou mais pelas mulheres, reflete e afirma: “não sei, o homem também tem que se arrumar, né”.

Ao serem questionadas sobre as formas como percebem as relações entre homens e mulheres, se a partir da igualdade, dominação ou violência, Maria Luísa e Cenira entendem que atualmente, diferente do passado, são mais igualitárias, sendo que a primeira afirma isso tratando dos relacionamentos das integrantes da Associação e considera a igualdade nos relacionamentos um resultado que advém principalmente dos esforços femininos. Para ela, “a mulher não se deixa dominar, se ela deixar, acabou”. Remetendo à própria experiência, afirma que em “algumas coisas eu ainda sou dominada [...]”, mas “até pra não brigar eu deixo fazer o que quer”. Cenira afirma que “é mais de igualdade”: “aqui [no bairro] tem de monte” no sentido de que “homem e mulher poder fazer as mesmas coisa”.

Rafaela relativiza a questão e afirma que “depende” da atitude a ser tomada pela mulher em uma relação violenta ou de dominação. Menciona casos de mulheres que sofrem violência física e verbal por parte dos parceiros e permanecem nesse tipo de relacionamento:

[...] eu, o cara me levantou a mão é tchau, não tem volta. Se te ameaçar e tu aceitou um tapa, depois vem um soco, um chute ou coisa pior. Agora se tu impõe, desde o início que tu não aceita aquilo e na primeira que ele tentar, nem que tu vá morar num serviço, claro que é a pior coisa que tem, mas tem pra onde ir. Mas tu aceitar aquilo ali, depois não vai ter como tu dizer que não. Eu disse desde o início: não quero um



cara que beba, que fume e que seja agressivo, porque o pai batia na mãe também.  
(Rafaela)

Alice acredita que “tem algum homem que é mais machista, quer mandar mais”. Luanda diz que as relações são mais de “submissão” por parte das mulheres. Realça em sua fala, mais uma vez, a forma como percebe as configurações dos papéis de gênero demarcados socialmente: “ainda tem a questão que o homem é o chefe da família, que a mulher não pode muitas coisas perante a sociedade”, “colocam a mulher ainda nesse papel muito submisso”.

Ao tratar sobre a posição das mulheres em relações marcadas por violência é de vítima ou se elas podem agir e impedir o sofrimento, Maria Luísa, Alice e Cenira entendem poder agir e ressaltam as ferramentas das quais dispõem hoje, como a televisão – como fonte de informação - e a Lei Maria da Penha – como proteção legal. Demonstram posicionamentos contrários à violência contra as mulheres, mas modos de pensar distintos no que concerne à posição feminina em relacionamentos violentos. Maria Luísa entende que “[...] às vezes, a mulher aceita aquilo aí, entendeu, às vezes, por medo, de não ter pra onde ir, deixar os filhos, então, elas vão aceitando aquele tipo de violência”, entretanto, acredita que “a mulher tem que se impor, que ela tem a vida dela e ela não vai depender só daquele homem ali”. Alice acredita que “ela deve fazer alguma coisa pra sair daquele relacionamento”, pois “hoje em dia as mulheres são mais independentes, elas sabem mais, não vão morrer de fome se saírem do casamento, sabem fazer”, bem como faz Cenira ao afirmar que “ela é uma vítima, mas ela pode se defender”, pois “tem aí a lei Maria da Penha que ajuda”, ratificando que é contra a agressão feminina: “eu sou contra homem bater em mulher, acho covardia, provalhecimento”.

Rafaela afirma que dependendo do caso as mulheres permanecem em relações marcadas por violência ou dominação porque “gostam”. Ao citar o comportamento de omissão do personagem Eugenio (Dan Stulbach) para com a esposa sobre a relação extraconjugal que manteve com Irene (Débora Falabella – *A Força do Querer*), demonstra a relevância da telenovela para fazê-la refletir sobre as relações de gênero e os comportamentos feminino e masculino em casos de infidelidade:

Antigamente tu não tinha como, sabe, porque tu não tinha a televisão que ensina, tu não tinha ajuda nenhuma, agora tem tudo. [...] esse negócio de aí, a mulher tá sendo dominada, dependendo de certos lugar de certas região que tu não tem escolha, talvez ainda justifique, mas dependendo do lugar que tu tá, que tu pode pedir uma ajuda pro teu pai, pra tua mãe, um parente, tu fica lá porque tu quer, porque tu gosta. Se tu não impõe desde o início que tu não aceita aquilo... Pode uma traição? Falar mais alto que tu? Tu vai aceitar te impor as coisas? Aí fica uma roleta russa que tu não sabe onde tu vai parar. Por exemplo, no caso da Irene né, ele [Eugenio – Dan Stulbach] podia já ter cortado as asa dela, né? Mas não, ele foi deixando. Ao invés de ele falar pra mulher dele que a outra tava lá assediando ele lá, mas ele não é

advogado? Ele não tem celular? Não podia ter gravado alguma coisa pra mostrar que não é isso... Ele deixou a mulher chegar lá, entrar na casa, ser amiga da mulher dele. Então não é só o homem que vai ali, a mulher também faz. (Rafaela)

Apesar de continuar relativizando o lugar que ocupam as mulheres em relacionamentos violentos, quando Rafaela refere-se às qualidades femininas em geral, menciona que são “guerreiras”, tratando da capacidade feminina de rejeitar relacionamentos violentos:

[...] Tu não pode generalizar uma coisa. Pelas que eu conheço são guerreira, quando querem, né. Se tu não for guerreira tu fica à mercê do homem, aí tu acha que o cara te bateu, mas tu precisa e vai ficar lá. Eu, comigo não tem, como eu já passei por isso e por ver a mãe também que não precisou de homem. [...] (Rafaela)

A partir de uma reflexão, Luanda relativiza a questão por entender que as relações são sustentadas por sujeitos com trajetórias que podem, ou não, facilitar o permanecimento em relações marcadas por violência. “Eu não culpabilizo porque depende da situação, é muito relativo isso. Muitas mulheres não tem condição financeira, não tem qualificação, às vezes, fica muito a culpa na mulher: ai, não sai porque não quer, porque gosta”, pois “às vezes, a mulher tá numa dependência econômica, financeira, muito grande e não consegue sair daquele ciclo de violência. Até pela criação, se tu foi criada toda a vida numa questão de violência, tu naturaliza aquilo”.

De modo geral, todas as entrevistadas entendem que as mulheres que vivenciam relacionamentos marcados por violência têm condições de agir e de impedir o sofrimento – seja por meio do conhecimento que adquirem pela televisão ou por meio de aparatos legais – portanto, não são vistas como vítimas inativas. Inferimos que exceto no caso de Luanda, para tratar da saída de relacionamentos abusivos e/ou violentos, não há uma reflexão macro, ligada às estruturas sociais.

Ao serem questionadas sobre o que há de melhor no casamento, Alice, Luanda e Rafaela citam o “companheirismo”. Maria Luísa associa isto à maternidade ao afirmar que se relaciona mais à “convivência com os filhos, com a família”. Cenira associa os pontos positivos do casamento ao valor que tem como referência: “respeito em primeiro lugar”. Para elas, o pior do casamento é a infidelidade, as diferenças de gostos por atividades, a falta de reconhecimento e a moradia compartilhada. Maria Luísa destaca o desgaste ocasionado por traições e por agressões verbais. Afirma que são “[...] coisas que vai [desgastando]... é traição, xingamento e coisa”. Cenira entende que “a traição não tem solução”. Alice pensa que o pior do casamento são as diferenças de gostos por atividades realizadas pelo casal. Rafaela associa

o pior do casamento à falta de reconhecimento: “quando a outra pessoa não sabe reconhecer o que os outros tão fazendo”. Já Luanda acredita que dividir o lar é o que há de mais negativo no casamento, o que acaba por reduzir a privacidade do casal principalmente no início da relação: “tem coisas que a gente não gosta de dividir”.

A seguir, aprofundamos as percepções das mulheres sobre o tema da infidelidade, que, para elas, é um dos piores pontos do casamento. A infidelidade masculina é vista a partir de uma junção entre uma construção social e cultural e aspectos biológicos, naturais. Maria Luísa refere-se à relação entre a natureza e a construção social quando comenta que “os homens traem porque já são sem vergonha desde que nascem, que os pais já ensinam que o homem pode tudo e a mulher não pode nada”, mesma forma de Cenira pensar quando afirma que homens traem “por ser sem vergonha mesmo [risos]”. Alice acredita que a precipitação no momento de casar, atrelada ao não conhecimento da parceira, pode levar o homem a trair: “tem uns que não conhecem direito a mulher e casam de vereda, sei lá, às vezes, a pessoa não é bem como ele acha que é”.

Rafaela descontrói – em nível de fala – a influência dos aspectos naturais na traição masculina, entendendo que “tu trai porque tu quer, não existe esse negócio de porquê tu trai [...] Aquela coisa: ai, porque homem necessita, é instinto do homem, mentira!”. Quando questionada sobre o instinto da mulher em tom provocativo, afirma que “a mulher, se trai, é puta [risos]”. Apesar disso, em outros momentos, Rafaela parece atribuir uma culpa maior às mulheres que são infiéis e/ou amantes. Luanda entende que “tem circunstâncias” e que “se a mulher pode, também acho pros homens”.

Maria Luísa, Cenira e Alice relacionam as traições realizadas pelas mulheres a “carências”, em um sentido afetivo, sejam elas de “atenção”, de felicidade e/ou de “amor correspondido”. Além disso, é também uma razão para a traição a consolidação de uma “rotina” no relacionamento. Rafaela, em um sentido mais prático, entende que a mulher “faz também porque ela quer, não existe, isso é desculpa”, entendendo que o mais justo no caso de “dar o troco” seria “um pé na bunda”. Luanda busca compreender as necessidades e satisfações que estão por trás da infidelidade feminina: “eu já fui mais caretona. Hoje em dia eu acho que a pessoa tem que ser feliz, e cada um acha a sua maneira. Às vezes, é com uma pessoa, às vezes, é com mais de uma, às vezes, é contando pra pessoa, às vezes é não contando”.

Saindo um pouco do tema das relações afetivas, Alice é a única entrevistada que tem dificuldades para compreender o que seria uma mulher sensual e associa isso com ser “discreta”. Maria Luísa, Rafaela, Cenira e Luanda atribuem a sensualidade à autoestima,

sendo que para a primeira, ser sensual é quando “eu me sinto bem quando eu vou sair, quando eu boto um batom, um perfume, eu gosto muito de perfume [...] às vezes, eu passo um creme, uma roupa que eu gosto, que eu me sintam bem assim, aparentemente”, o que antes era associado a “ter um corpo bonito [...] que todo mundo te olhasse, mexesse contigo”.

Da mesma forma, Rafaela afirma que ser sensual é “botar uma roupa, assim, te arruma, uma maquiagem, um negócio pra se sentir bem”. Versa sobre a incompatibilidade que vê entre sensualidade e condição de classe social através da personagem Joyce [Maria Fernanda Cândido – *A Força do Querer*], através do que ela parece legitimar a forma como lida com essa situação. Rafaela nos leva a refletir acerca da percepção em Ronsini (et al, 2017, p. 8), quando, na pesquisa, constatamos que as entrevistadas das classes populares levantavam discussões acerca da “impossibilidade de seguir o modelo de beleza feminino idealizado socialmente, em razão da escassez de capital econômico e da posição social”. No caso da pesquisa mencionada, essas limitações se relacionavam à impossibilidade de compra de produtos de embelezamento. Aqui, isso também se relaciona à necessidade de dar conta das tarefas domésticas:

Sensual é aquela mulher que... vou dar o meu exemplo. Eu ando... não é atirada como dizem, eu ando... tenho pavor de chegar em casa e tá toda empiriquitada. Seu eu chegar da rua eu tenho que tirar brinco, tudo, menos aliança. Tem gente que diz: ai, pelo menos um brinco. Maquiagem eu também não ando em casa. Cabelo tá praticamente sempre preso. Quando tu vai fazer comida, lavar roupa, limpar uma casa, tu não vai tá de cabelo solto. A gente tava olhando esses dias... que nem a Joyce da novela, como que ela tá sempre arrumada e maquiada 24h, e eu disse: mas ela não faz nada. Ela tem empregada que levanta arrumando tudo as coisas dela já. Só levanta, toma banho... acho que nem existe roupa de andar em casa. Ela não precisa lavar uma roupa, fazer uma comida, ela não toma nem conta da criança [...] se a filha dela fosse ter um filho acho que nem a filha dela ia cuidar, a babá que ia cuidar, tomar conta. Uma mulher que precisa trabalhar fora não vai tá assim. (Rafaela)

Luanda busca retirar a sensualidade do âmbito corporal ao afirmar o seguinte:

Ai, eu acho que até, às vezes, um sorriso, a maneira como se está vestida num dia, a maneira de falar... Tem várias maneiras de a pessoa ser sensual, não é só com as pernas de fora, não é só apelando pro corpo. Até um sorriso, a maneira como tu fala, o papo, às vezes, pode ser sensual, tem vários tipos de, tanto homens, quanto mulheres, de serem sensuais. [...] Eu acho que a sensualidade é um conjunto e nesse conjunto tem coisas que podem ficar de fora, às vezes, não é só mostrando o corpo. Tu pode tá totalmente vestida e conseguir ser sensual. (Luanda)

Por Maria Luísa, Cenira, Alice e Luanda, a vulgaridade é associada à moral e a modos de comportamento e de falar. Maria Luísa associa esse comportamento ao “linguajar”, “falar

muito nome” e a comportamentos não contidos: “chamar muito atenção, gritar e coisa assim, acho muito feio”. Para Cenira, a vulgaridade “começa pelo palavreado, falar besteira, coisa que não tem sentido, coisa banal. Não gosto de conversar com pessoa assim, banal. Eu acho ridículo”. Alice associa a vulgaridade à pessoa “escandalosa”. Luanda é enfática ao resumir seu modo de pensar: “nunca associo a vulgaridade a corpo. Eu nunca gostei da tal da fofoca, então, uma pessoa vulgar é uma pessoa fofoqueira. Sempre faço essas associações [...] fofoca, inveja, ser baixo, falar mal do outro”. Maria Luísa e Alice percebem o homem vulgar da mesma forma: como “bagaceiro” e “gritão”.

Rafaela é a única entrevistada que associa a vulgaridade estritamente ao comportamento corporal. Exemplifica com a relação entre uma mulher casada e o amigo do marido: “a vulgaridade é, digamos: chega um amigo do teu marido e tu tava com uma roupa e troca de roupa e fica passeando pra cá e pra lá, inticando [provocando], se mostrando. Tu vai lavar uma roupa, vai se abaixar [...]”.

É interessante relacionar essas percepções a outros momentos que observamos: no arraial da Associação, em 2017, vários *funks* tocaram e Maria Luísa, assim como as outras mulheres, dançaram, sendo que Luanda foi a única a demonstrar preocupação pelo fato de as filhas pequenas estarem lá, o que acreditamos ter ocorrido em função das letras. Mesmo que, de maneira geral, as entrevistadas aprovelem e dancem *funk*, por outro lado, expressam certo desconforto com roupas que não cobrem o corpo. Isso foi percebido durante um encontro, em abril de 2017, as mulheres conversavam na tentativa de decidir o novo modelo de camiseta da Associação. Nessa ocasião, algumas delas criticaram o decote em formato de “V” por mostrar demais os seios, ficando determinada gola arredondada. Além disso, por consenso de todas, as blusas deveriam ser mais compridas na parte de trás.



## **5. RITUALIDADE: OS USOS E AS APROPRIAÇÕES DA TELENOVELA POR MULHERES AUTO-ORGANIZADAS**

Neste capítulo apresentamos os usos sociais que as entrevistadas realizam das representações das telenovelas. No subitem 5.1, trazemos um panorama geral acerca de como se configuram o acesso e o consumo de mídias por parte das mulheres. Em 5.2 nos aproximamos das representações de personagens e de sinopses de telenovelas que são citadas pelas entrevistadas para nos aproximarmos da mediação tecnicidade.

Em 5.2.1 focamos primeiramente na investigação de quando e como as entrevistadas começaram a assistir novelas; nos seus modos de ver televisão; nas novelas assistidas no momento da realização das entrevistas; no que elas consideram como temas principais tratados por essas tramas; em que medida as novelas auxiliam as entrevistadas a compreenderem o que é ser mulher e que mulher elas são; e nos motivos que as levam a se identificar com determinadas personagens femininas.

Em 5.2.1.1 focamos nas suas percepções acerca da maternidade nas tramas. Em 5.2.1.2 tratamos das maneiras como leem as representações sobre o trabalho. No subitem 5.2.1.3 apresentamos as percepções das mulheres acerca das relações afetivas e da sexualidade nas telenovelas.

Em 5.3, trazemos os resultados e algumas reflexões sobre a aplicação da técnica texto em ação. Versamos sobre as cenas apresentadas às entrevistadas e acerca das principais interações que realizam com os textos das telenovelas. Em 5.4, tratamos sobre as mediações sociopolíticas e as relações com os contextos em que as mulheres se inserem.

### **5.1 ACESSO E CONSUMO DE MÍDIAS**

Ao realizarmos um estudo de recepção de telenovela em um período marcado pela globalização, que é um fenômeno também comunicacional e no qual a dimensão midiática se alastra, necessitamos ampliar nossa atenção de modo que a pesquisa não fique restrita ao meio de comunicação televisão. Essa extensão engloba outros meios que auxiliam na conformação do entorno social e cultural dos receptores.

Buscamos pensar os usos entrecruzados dos meios de comunicação de forma a “comprender la variedad de maneras en que los medios nuevos y los antiguos se adaptan unos a otros y conviven en formas simbióticas, y también cómo vivimos con ellos en tanto partes de nuestros “conjuntos de medios” personales o domésticos” (MORLEY, 2008, p. 123). Em um movimento que se assemelha aquele apresentado pelo teórico latino-americano

Jesús Martín-Barbero: se concentrar menos no objeto e mais na captura das dimensões do processo comunicativo, Morley (2008, p. 123) afirma que precisamos ir além do interesse exclusivo na televisão e abarcar uma gama de tecnologias da comunicação, descentrando os meios para compreender melhor as maneiras em que eles se entrelaçam na e com a vida cotidiana.

Refletir sobre como se configura o acesso das receptoras às mídias nos faz pensar, juntamente com Morley (2008), em uma dimensão espacial - em um sentido físico - e na posição sociocultural ocupada por elas. Importa pensar, assim, que “en general, la distribución de estas nuevas tecnologías copia las estructuras de poder establecidas, y los flujos del tráfico por Internet tienden a seguir las rutas establecidas por las formas de comunicación anteriores” (MORLEY, 2008, p. 124-125). A possibilidade de relacionar esse acesso às estruturas mais amplas de poder torna o trabalho em recepção permeado pelo diálogo entre os âmbitos micro e macro social. O acesso à internet pelas entrevistadas é um tanto limitado por suas condições de classe. Uma delas afirma que atualmente não tem *wifi* por necessidade de redução de gastos.

Quando questionadas sobre o meio de comunicação mais utilizado, Maria Luísa e Alice citam a televisão. Luanda e Cenira fazem mais uso do celular. A primeira pelo acesso à internet através do aparelho e a segunda porque o marido tem um celular que porta três chips de operadoras diferentes que facilita a realização de ligações. Diferente disso, Rafaela aponta que utiliza tanto o celular, pelo consumo de internet, quanto à televisão de forma mais intensa do que outros meios.

A televisão é importante na vida dessas mulheres porque perpassa o acesso à informação, ao entretenimento, possibilita entrar em contato com ideias distintas, fornecer assuntos para conversas e servir como companhia. É através do aparelho que Luanda e Alice mantêm-se informadas, ao que a segunda acrescenta o entretenimento. Com a assistência da televisão, Cenira afirma que “parece que a minha mente fica mais aberta pra tudo o que acontece, sabe?”. Serve ainda “pra me informar, pra ocupar minha cabeça, até pra conversar com outra pessoa [...] Então eu tenho assunto pra falar”. Para Rafaela, a televisão serve como companhia “[...] porque tu chega em casa, às vezes, tá sozinha, tu quer ouvir um barulho pega e liga a televisão”. Maria Luísa, apesar de afirmar inicialmente que “importante eu não digo que seja”, conclui que “faz falta se eu ficar sem”, já que “esses dias faltou luz e nós passamos o dia inteiro sem ter o que olhar [...]”. Ela também assiste quando e porque, às vezes, não está “muito bem”.



O canal preferido de Maria Luísa, Alice e Rafaela é a Rede Globo. A última justifica o interesse maior no canal “por causa das novela que eu gosto de olhar, filme, os jornal”, além de haver uma condição geográfica, pois “aqui também pega melhor o 12”. Cenira opta pelo SBT e Luanda cita o TV NBR (TV do Governo Federal), o qual prefere “faz tempo”, mas não justifica o porque. Esta entrevistada versa sobre a importância das telenovelas como gênero que fornece assuntos para dialogar com as pessoas com as quais convive a partir de um modo prático:

[...] aprendi com [...] uma das minhas referências que sempre me falava: Luanda, as pessoas pregam que a gente não deve olhar Globo, mas como eu vou debater com meus vizinhos se são esses os programas que eles assistem? Então, assim, se eu tivesse tempo, eu acho que assistiria novela, assistiria Globo, poder debater, ai aquela mulher foi violentada, eu saber, ter o contexto pra falar: nada justifica uma violência. Eu acho que se a gente não faz isso a gente acaba sendo muito teórica e ser teórica com as pessoas do meu convívio elas vão me achar chata Parece que eu vou ser supassumo perto delas, e eu quero ter um debate com as pessoas partindo do dia a dia delas, eu não posso partir do dia a dia que eu tenho hoje, porque é um dia a dia voltado pra academia. Eu sempre digo que apesar de ser uma mulher negra eu sou privilegiada. (Luanda).

Os gêneros televisivos preferidos pelas mulheres são os que permeiam o entretenimento e a informação e são veiculados pela Rede Globo. Rafaela menciona filme, telenovela e a série Pronto Socorro - Histórias de Emergências, através da qual aprende noções básicas de primeiros socorros, o quê tem relação com o cuidado. A telenovela é preferida por Maria Luísa, juntamente com telejornal e filme. Cenira também prefere as telenovelas veiculadas pela Globo e os programas de auditório, como do “Ratinho” e do “Silvio Santos”, veiculados pelo SBT. Alice prefere o programa Vida e Saúde, transmitido pela Rede Globo e Luanda tem predileção por um programa que trata de políticas públicas, veiculado pela TV NBR.

Apenas Luanda teve Netflix e não tem mais acesso porque “eu esqueci de pagar [risos].” Nenhuma mulher tem antena parabólica e, exceto Cenira, todas tem TV por assinatura: três são NET e uma Oi. Luanda designa certa condição de classe ao se referir à limitação de planos mais básicos de TV por assinatura: “é meio limitado, mas se tu for pagar um plano completo é muito caro”. Talvez por essa “limitação” que seu marido opte pela Rede Globo.

Exceto Cenira, todas as entrevistadas têm acesso e consomem internet. Rafaela e Luanda têm *wifi* em casa e 3g no celular e Maria Luísa tem somente 3g porque cancelou a *wifi*. Alice tem acesso a *wifi* em casa, mas não utiliza porque o *notebook* estragou e o celular

não permite o consumo. Os usos gerais da internet servem para pesquisar sobre artesanato, receitas culinárias, informações sobre política e notícias através dos sites e páginas de jornais da cidade e da região. Rafaela também usa a internet como forma de gerar renda. Utiliza redes sociais para vender rifas e demais produtos confeccionados por ela, seja pelo *Whatsapp* ou em grupos de troca e venda no *Facebook*: “[...] pra poder divulgar as vendas, fica mais barato do que tu gastar crédito do celular, como tem internet em casa tu usa ali com mensagem ou até liga”. Apesar de não estar utilizando a internet no momento por falta de aparelho que possibilite o uso, Alice, que customiza roupas usadas para vender, afirma que “gostava de ver moda, coisa de compra, assim, sabe, gostava de procurar”. Luanda afirma que atualmente consome mídias tradicionais, como o jornal Zero Hora, porém: “[...] em um momento da minha vida eu tinha crítica a acessar os jornais que eu considero coxinha, mas eu aprendi fazer minha reflexão a partir daquilo que eu acredito”.

Mesmo que as entrevistadas afirmem não utilizar a internet para realizar pesquisas sobre telenovela, no dia em que realizamos a entrevista sobre ritualidade com Rafaela ela nos mostrou, através do *Facebook*, pelo celular, uma cena da novela *A Força do Querer*. Isso nos faz perceber que os usos da internet podem se entrecruzar com o consumo de outros conteúdos apresentados em meios convencionais, como a televisão.

Nos casos de Alice e Cenira, os usos do celular se restringem às ligações realizadas e recebidas e ao envio de SMS. O celular é mais utilizado por Maria Luísa, Rafaela e Luanda para acessar as redes sociais e realizar as buscas na internet, mencionadas acima. O celular é a ferramenta mais utilizada para o consumo de internet pelas entrevistadas que fazem uso desta.

As mulheres que utilizam internet participam das redes sociais *Facebook*, *Whatsapp* e, em menor medida, *Instagram*. As limitações econômicas e tecnológicas medeiam as formas como as redes sociais são utilizadas. Quando questionada sobre o nível de atividade nas redes, Maria Luísa afirma que “tô sempre, só quando tô sem cartão que não [risos]”. Luanda conta que precisa baixar os aplicativos do *Instagram* e do *Whatsapp* novamente “porque o meu celular não comportava, pra eu baixar um aplicativo específico sobre o meu curso [Serviço Social] eu tinha que tirar alguma coisa, daí eu tirei o *Instagram* e o *Whatsapp*”.

Os usos das redes sociais são variados. Entre Maria Luísa e Rafaela os conteúdos postados, bem como aqueles que chamam atenção, relacionam-se ao artesanato e/ou são tópicos engraçados e leves. No *Facebook* Maria Luísa gosta de “coisa bem alegre. Às vezes, quando eu tô deprimida, eu posto alguma coisa assim, um sentimento [...] mas não sou de dizer assim: ai, hoje eu tô triste”. Utilizando o *Facebook* ora como forma de entretenimento, ora como local possível de expressar emoções de forma contida. Já, o *Whatsapp* tem um uso

mais voltado à família e às amigas através dos grupos de conversas, Maria Luísa sente-se à vontade para compartilhar o local em que está e o que está fazendo.

Os usos que Luanda faz das redes sociais parecem ser os mais críticos, o que precisa controlar devido à relevância que recebem as postagens nas possibilidades de arranjo de emprego.

Eu, agora, voltei a ser eu, como eu digo, mas eu postava muita crítica ao sistema, ao governo e tudo. E aí uma amiga minha disse: tu não vai arrumar emprego. Por causa dos meus posicionamentos, e aí eu comecei a compartilhar coisas de comer [risos]. Só que eu não posso me transformar pra arrumar emprego [...] Eu jamais vou postar alguma coisa que ofenda alguém, não vou postar nada que tenha ódio de alguém por ele ser de direita. Todos somos ser humanos. Por mais que a pessoa tenha uma ideologia, ela é ser humano, então jamais vou postar um discurso de ódio. Essas questões que eu posto, assim, contra a violência das mulheres, questões das minorias [...] (Luanda)

Quando questionamos sobre a existência de um atravessamento político nos usos que ela realiza das redes sociais, a entrevistada menciona o curso de graduação como impulso para isso: “o curso que eu escolhi é um curso muito político. A gente tem um direcionamento ético-político muito grande”. Uma esfera que compõe a socialidade e que deve ser destacada quando tratamos das problematizações e/ou visões críticas acerca das relações de gênero e de classe social é a escolaridade das entrevistadas. Luanda é a mulher que tem maior nível de escolaridade (pós-graduação), sendo que isto, se comparado ao do restante das mulheres, é proporcional à sua criticidade sobre certos temas. Isso ocorre mesmo que a trajetória escolar vivida durante a infância tenha sido marcada pela falta de inclusão, pois ela não se “reconhecia” nos colegas, que eram majoritariamente brancos e pertencentes a classes abastadas.

Essa relação entre nível de escolaridade e senso crítico com relação às mensagens da televisão – e que aqui surgem também ao tratarem de suas experiências - foi constatada por Silva (1985, p. 140) em seu trabalho de recepção com trabalhadores participantes de sindicatos. O autor constatou que por parte dos militantes sindicais e partidários que faziam parte de universidades foram ouvidas “críticas à TV com um nível de elaboração e uma consistência ideológica” maiores do que os que não eram envolvidos com essas instituições. Segundo o autor, o curso superior, sendo cursado ou já concluído, “afetava seu poder de verbalização e sofisticava o caráter de sua análise”, como vimos ocorrer com Luanda. Apesar disso, cabe ressaltar que o trabalho de Silva (1985) buscou mostrar - e conseguiu - que “qualquer trabalhador, mesmo que não seja uma pessoa com sua consciência de classe perfeitamente desenvolvida, é capaz de ser crítico diante da programação jornalística de

televisão, desde que disponha de elementos mínimos que completem a sua representação do real”.

Os aprendizados nas redes abrangem as diferentes formas de pensar e/ou são de cunho mais práticos. Luanda afirma que aprende a ser mais tolerante com os discursos e ideologias que divergem dos seus, principalmente as posições políticas “de direita”. Rafaela relaciona as redes sociais com uma forma de aprender receitas de comidas e artesanato através de vídeos. Quando questionada, Maria Luísa afirma que não gosta de correntes que podem prejudicar pessoas injustamente.

Maria Luísa conta que o *notebook* é mais utilizado pelos filhos e Luanda usa mais à noite, momento em que tem tempo para estudar. A filha de Rafaela tem *notebook*, mas a entrevistada afirma que prefere o celular por questões relativas ao manuseio da ferramenta, pois no *notebook* “tu tem que tá mexendo aqui e ali, lembrando”. Cenira não tem computador e o de Alice está estragado. A única entrevistada que tem *tablet* é Maria Luísa, que não usa.

Nenhuma entrevistada assina jornal impresso. Luanda e Maria Luísa acessam as notícias pelo *Facebook*, o que, segundo Luanda, ocorre pela limitação do número de acessos às notícias pelo site do jornal Zero Hora. Cenira, Alice e Rafaela olham telejornal. O envolvimento de Luanda com questões étnico-raciais aparece quando diz que no jornal prefere conteúdos relacionados à “polícia, política e economia [...] porque a gente tem visto um extermínio muito grande da população negra”.

Nenhuma das entrevistadas assina revista. Luanda assinou por um período, mas devido ao “tempo de crise” cancelou a revista Serviço Social e Sociedade. Cenira lê aquelas que vêm “na reciclagem”, “vem a Rainha [Rainha dos Apóstolos], vem a Dorense, Claudía, sendo que, às vezes, vem até do mês, sabe? Eu sempre separo umas pra mim, adoro, vem receita, notícia.” Maria Luísa gosta de ler, mas não assina. Alice não assina, mas cita o interesse pelas revistas “de novela” porque gosta de “saber antes” da trama ser veiculada na televisão. Rafaela percebe que hoje é possível ver “quase tudo pela internet”.

Há dificuldade em ler livros em função das rotinas femininas atarefadas. Rafaela não lê porque “na correria não tem como” e, ao deitar para descansar, “[...] deixa a luz apagada, aí tu mexe no celular”. O último livro que Maria Luísa leu foi *Cidades de Papel*, romance através do qual John Green conta “sobre uma menina, assim, ela tem a fantasia de ter uma cidade diferente, sabe, ela quer viver num lugar diferente. Ela é diferente. Aí, nessa cidade tem na cabeça dela. Ela vai embora, foge e tem um rapaz que se apaixona por ela”. Isso remete a uma possível identificação ou projeção na personagem principal no que diz respeito às relações de gênero.

Alice e Cenira leem livros voltados para a religião. A primeira diz que lê a Bíblia regularmente e a segunda lê “mais da igreja, de pensamento, de provérbio [...]”. Luanda costuma ler livros “da minha área, teórico”. O último título que leu foi “Serviço Social e Saúde” e ainda não conseguiu “chegar na metade” do “O Diário de Frida Kahlo”, que ganhou de presente.

Alice, Maria Luísa e Luanda costumam escutar rádio com objetivos distintos. A primeira conta que a Carai FM (sem fins lucrativos transmitida do bairro onde moram) é sua rádio preferida, mas não escuta todos os dias. Maria Luísa costuma escutar músicas sertanejas pela Medianeira FM ou através do *pendrive* em que as “grava”. Luanda escuta a rádio Gaúcha e gosta do programa A Voz do Brasil “por mais que eu saiba do histórico de criação, que foi pra promover o presidente”. Entre rádios que considera alternativas, Luanda escuta também a Carai FM e a rádio a qual tem acesso durante as feiras do Projeto. Cenira e Rafaela não escutam rádio.

Esse panorama do acesso e consumo de mídia explicita que cada vez mais em contextos populares os usos sociais realizados dos conteúdos veiculados pela televisão estão conformados pelos das redes sociais através do celular e do computador. Isso pode ocorrer através da facilitação da compra e acesso às tecnologias de informação e comunicação.

Os usos que essas mulheres fazem da TV estão ligados ao entretenimento e a informações sobre a sociedade. Esse meio de comunicação também serve como fonte de assuntos a serem conversados com familiares e vizinhos. No caso de Cenira, entrevistada que não acessa e nem consome internet, a televisão tem a capacidade de ampliar a visão de mundo sobre certos temas. Ainda, importa sinalizar que as leituras de jornal e de revista impressa estão paulatinamente migrando para a internet, seja pelos aplicativos, sites ou páginas no *Facebook*. O rádio, o jornal impresso e as revistas, em seus formatos tradicionais, parecem perder força nesse contexto, enquanto há um maior direcionamento para o virtual.

Constatamos que os meios de comunicação mais importantes são a televisão e o celular, sendo que a televisão também foi o meio mais relevante para as entrevistadas da pesquisa de Sifuentes (2014). Quatro entrevistadas tem TV por assinatura, nenhuma compra jornal e a leitura de livros é dificultada pelas rotinas atarefadas. Compreendemos que usos realizados da TV, da internet e das redes sociais – neste caso de Rafaela, Maria Luísa e Luanda, que fazem uso da internet - convergem com alguns dos pressupostos e atividades que as mulheres têm acesso na Associação: acesso à informação e ao entretenimento, aprendizados sobre o respeito às diferenças, artesanato, culinária e a possibilidade de geração de renda. Dessa forma, diferente da pesquisa de Sifuentes (2014, p. 184) que constata que os

usos da internet pelas “batalhadoras” são instrumentais, aqui eles parecem ir além desse âmbito.

## 5.2 TECNICIDADE: REPRESENTAÇÕES SOBRE GÊNERO NAS NARRATIVAS

O conceito de representação vem sendo construído nas fronteiras da Psicologia, Semiótica e da Sociologia, sendo que, para França (2004, p. 02), elas podem ser “tomadas como sinônimos de signos, imagens, formas ou conteúdos de pensamento, atividade representacional dos indivíduos, conjunto de ideias desenvolvidas por uma sociedade”.

Entre os possíveis caminhos para a definição de representações sociais, elencamos o conceito abordado por Jodelet (2001, p. 22), que as compreende como formas de interpretação através das quais os sujeitos relacionam-se com os outros e com o mundo ao seu redor. Elas intervêm em processos variados, tais como: “a difusão e a assimilação dos conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição de identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais”. Assim, a autora as classifica como sendo:

[...] uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber do senso comum ou ainda saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada do conhecimento científico. Entretanto, é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto este devido à sua importância na vida social e à elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais. (JODELET, 2001, p. 22)

Estas formas de conhecimentos existem em uma dimensão simbólica que é compartilhada socialmente, assim, complementar ao que Jodelet (2001) apresenta, as representações são compreendidas aqui como “universos simbólicos que emergem em contextos interacionais” (SIMÕES, 2010, p.13). Simbolicamente, elas produzem significados e por meio deles os sujeitos dão sentido à experiência e àquilo que são, o que significa dizer que “os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os sujeitos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (WOODWARD, 2012, p. 17-18).

Por outro lado, para que as representações sociais se efetivem como sentidos cristalizados social ou individualmente - e para que auxiliem na formação identitária - elas devem necessariamente recrutar os indivíduos como sujeitos. Isso posto, “os sujeitos são sujeitados aos discursos e devem assumi-lo como indivíduos que se posicionam a si próprios”. Pelo ângulo da recepção podemos avaliar o papel da telenovela na construção de

representações simbólicas sobre gênero que tomam forma e podem se naturalizar na sociedade pela familiarização do gênero ficcional.

Mesmo que aqui nos retemos no texto e não na esfera da produção, ao tratar do âmbito da mídia e das representações midiáticas, Canclini (2010, p. 201), reflete sobre a forma como, através das adaptações das mensagens e ações que as instituições e corporações midiáticas transmitem e realizam, ocorre a renovação do poder de tais instituições. Esses ajustes, realizados de acordo com a variedade de destinatários e de referências culturais - que ordenam as identidades dos sujeitos - remetem à necessidade de recrutamento dos significados construídos pelos discursos para que as representações sirvam às construções identitárias. Essas percepções nos levam a entender que

[...] o estudo das representações se apresenta como área de fundamental importância para o campo da comunicação, uma vez que as instâncias midiáticas, sejam estas do jornalismo, da publicidade ou das narrativas ficcionais, estão constantemente oferecendo, reutilizando e se apropriando de representações imagéticas e textuais para construir seus discursos e promover a interação com seus públicos. (CORRÊA; SILVEIRA, 2014, p. 125)

Considerando que o gênero é construído socialmente e que as representações sobre masculino e feminino vigentes nas sociedades em distintos períodos de tempo não podem ser fixadas ou permanentes, entendemos que as formas de representar as mulheres e as relações que se constroem entre os gêneros passam, para além das instituições como religião e família, pela televisão, que integra “a construção dos sentidos simbólicos”.

Bem como em Ronsini et al (2015, p. 13), as telenovelas são aqui “examinadas sobre o ponto de vista das receptoras e não a partir de uma análise textual, narrativa ou discursiva”, ou seja, como fez Leal (1986, p. 11) em *A Leitura Social da novela das oito*, aqui focamos mais no “polo da recepção da mensagem” e não nos detemos em analisar o conteúdo midiático. Entretanto, como forma de situar as representações, as quais as entrevistadas mencionam nos subitens seguintes, a seguir apresentaremos uma breve descrição das sinopses de novelas e de perfis dos personagens citados pelas mulheres, o que é realizado com base no conteúdo apresentado pelos sites da emissora Rede Globo de Televisão<sup>63</sup> (Memória Globo e

---

<sup>63</sup> As sinopses das novelas não serão apresentadas de forma completa por questões relativas ao espaço desse trabalho. Não apresentaremos personagens sobre os quais as mulheres versaram pouco e/ou que, a partir de uma constatação geral, não contribuem de forma basililar para o desenvolvimento dos objetivos e para a compreensão das conclusões dessa pesquisa. Os personagens apresentados pelo texto em ação que não serão descritos aqui são das novelas *Pedra sobre Pedra* (1992), *O Clone* (2001-2002) e *Páginas da Vida* (2006-2007). Também não são apresentadas aqui as sinopses de novelas que não geraram dados relevantes para o texto em ação e, por isso, também não são mencionadas em 5.3: *Mulheres de Areia e Laços de Família*.

Globo.com). Além disso, apresentaremos um panorama geral sobre as representações femininas com base em três pesquisas de recepção já realizadas<sup>64</sup>.

Por realizarmos um estudo de recepção que engloba mais de uma telenovela, não organizamos essa descrição a partir das categorias de análise utilizadas para o estudo da ritualidade, mas enfatizamos as características dos personagens que, de alguma forma, se aproximam dos aspectos de gênero.

Apresentar as tramas com base naquilo que é produzido pela própria emissora nos traz uma noção próxima das representações midiáticas com as quais as entrevistadas estiveram em contato ao longo de suas trajetórias. A relevância de tratar das representações tal qual foram construídas pela Rede Globo fica nítida quando tratamos do modelo *Encoding Decoding* (Codificação Decodificação) apresentado por Hall (2009). Segundo o autor, não há uma necessária correspondência entre codificação e decodificação, sendo que a primeira pode preferir, mas não prescrever ou garantir a segunda, que tem suas próprias condições de existência.

Por outro lado, o autor afirma que a menos que seja “disparadamente aberrante, a codificação produz a formação de alguns dos limites e parâmetros dentro dos quais as decodificações vão operar” (HALL, 2009, p. 376). Em síntese, Hall propõe que a mensagem é impregnada de signos dominantes, entretanto, devido ao seu caráter polissêmico e por sua leitura ser realizada por atores sociais que são inscritos em formações histórico-sociais, a mensagem pode ser lida de formas imprevisíveis (RONSINI, 2004).

A novela *A Escrava Isaura*, de autoria de Gilberto Braga e dirigida por Herval Rossano e Milton Gonçalves, foi veiculada pela Rede Globo, no horário das 18h, entre 11 de outubro de 1976 e cinco de fevereiro de 1977 pela Rede Globo de Televisão, com 100 capítulos. Uma versão desta novela foi produzida pela Rede Record e transmitida entre 2004 e 2005. Em 2012 foi lançada em DVD pela Globo Marcas. A trama, que remete a época em que telenovelas baseavam-se na literatura, foi inspirada em obra homônima de Bernardo Guimarães e retrata a trajetória da luta abolicionista no Brasil, tendo como fio condutor a paixão doentia de um senhor por sua escrava branca.

Isaura é a personagem dessa novela que é citada pelas entrevistadas. Vivida por Lucélia Santos, é escrava branca, órfã, criada pela mãe de Leôncio (Rubens de Falco) e protegida como se fosse filha. Descrita como “dócil e submissa”, a personagem sonha conquistar a liberdade, principalmente após conhecer o jovem Tobias (Roberto Pirillo), dono

---

<sup>64</sup> Essas pesquisas são parte dos resultados das buscas que realizamos para compor um levantamento prévio à realização desse trabalho, mencionado na introdução.



das terras vizinhas. Entretanto, ao longo da trama é cruelmente castigada por Leôncio, que por ser “apaixonado por Isaura e furioso por não ser correspondido” apodera-se de sua carta de alforria. Segundo Junqueira (2009, p. 87-88), além da dupla objetificação sofrida por Isaura, por ser escrava e por ser mulher, sua sexualidade pertence aos outros, sobretudo ao senhor patriarcal, porque enquanto “proprietário” “ele é detentor do seu corpo e de qualquer função social que ele possa exercer, inclusive o trabalho e o sexo” além disso, “é do homem o direito do uso do sexo da mulher”.

A novela *A Viagem* foi veiculada pela Rede Globo, no horário das 19h, entre 11 de abril e 22 de outubro de 1994, tendo como autora Ivani Ribeiro e diretores Wolf Maya, Ignácio Coqueiro e Mauricio Farias, com 160 capítulos. A novela tem como tema central a vida após a morte, inspirada na filosofia de Allan Kardec, o codificador do espiritismo, tema que foi mencionado principalmente pela entrevistada Luanda. O desenrolar da trama girou principalmente em torno do personagem Alexandre (Guilherme Fontes), “um delinquente que se mata na cadeia após ser condenado por roubo seguido de homicídio e passa a infernizar a vida de todos que julga responsáveis por seu trágico destino”.

A disposição para o cuidado parece ser uma marca da personagem Diná (Christiane Torloni) pelas tentativas constantes de ajudar o irmão Alexandre a ser alguém melhor, este que acaba preso, suicida-se na prisão e atormenta os que tentaram o prejudicar em vida. Entretanto, essa novela é mencionada pelas entrevistadas a partir da relação que Diná mantém com Téo (Maurício Mattar), anos mais jovem que ela. O casamento é conturbado e marcado por crises constantes de ciúmes por parte da mulher, o que se resolve quando, mais tarde, ela se apaixona por um homem mais velho, casal que se torna protagonista da trama. Téo é descrito como “jovem, arquiteto, carismático” e como alguém que “sofre com os ciúmes exagerados da mulher”.

*Mulheres Apaixonadas* foi transmitida pela Rede Globo entre 17 de fevereiro e 11 de outubro de 2003, no horário das 21h. De autoria de Manoel Carlos e dirigida por Ricardo Waddington, entre outros, com 203 capítulos. A trama central gira em torno da personagem Helena (Christiane Torloni) que se separa e resolve viver uma nova paixão após 15 anos de casada. Tem como temas principais as relações familiares e teve a mulher e o amor no centro das discussões. Nessa novela, o que chama atenção das entrevistadas é a personagem Heloisa, vivida por Giulia Gam, principalmente no tocante à forma como lidava com seu relacionamento com Sérgio (Marcello Antony), marcado por crises de ciúme por parte dela. A personagem é descrita como uma “mulher problemática” que “morre de ciúmes do marido, por quem nutre uma paixão doentia”, vivendo desconfiada das mulheres que dele se

aproximam. Já, o marido é descrito como “de bem com a vida” e como alguém que “não deixa de apreciar a beleza de outras mulheres, mas nada que abale o amor que tem por Heloisa”.

*Senhora do Destino* foi transmitida pela Rede Globo entre 28 de junho de 2004 e 12 de março de 2005, no horário das 21h. A trama foi escrita por Aguinaldo Silva, entre outros colaboradores, e dirigida por Wolf Maya, com 221 capítulos. Dividida em duas fases, *Senhora do Destino* é uma novela que teve forte apelo à questão social a partir da ascensão de classe da personagem principal, Maria do Carmo Ferreira da Silva (inicialmente vivida por Carolina Dieckmann). Na segunda fase da novela a personagem é vivida por Susana Vieira.

Nordestina abandonada pelo marido Josivaldo (Manoel Candeias), com seus cinco filhos tidos no interior de Pernambuco, Maria do Carmo segue para o Rio de Janeiro, onde mora inicialmente com o irmão. Descrita como “mulher solidária, segura de si [...] terna, passional e amantíssima” e de certa forma “autoritária”, após ter a filha recém-nascida sequestrada, preza pela união familiar. É construída para ser uma “matriarca”, “todos gravitam em torno dela e, de um modo ou de outro, acabam sempre necessitando da sua compreensão, do seu apoio ou do seu amparo”. Com forte apelo à ascensão de classe social pelo esforço e mérito pessoais, a personagem é retratada como alguém que se torna referência na vila onde passa a morar, no Rio de Janeiro, e “se hoje vive uma vida tranquila, é porque a mereceu: pagou por ela, dia após dia, com o suor do próprio rosto”.

Outra personagem, citada mais de uma vez pelas entrevistadas, é Rita de Cássia, vivida por Adriana Lessa. No site da Rede Globo, ela é descrita enquanto “mulher maltratada pela vida”. É mãe de Lady Daiane (Jéssica Sodré) e Maikel Jeckson (Agles Stibe) e caracterizada como “dependente química e vítima de violência doméstica” por parte do marido, Cigano (Ronnie Marruda), bandido preso em alguns momentos da novela e descrito como “safado”, “não passa de um bandido “muquirana””, “covarde e medroso” que “cresce diante da família, que mantém aterrorizada”. Enquanto está na prisão, o homem exige “sacrifícios” que o tirem de lá. Com o desenvolvimento da trama, Rita conhece e passa a contar com Maria do Carmo, além de se apaixonar pelo motorista de táxi Constantino (Nuno Melo), que apresenta características opostas as de Cigano.

Outra novela que tem seus personagens mencionados pelas entrevistadas é *A Lei do Amor*, veiculada no horário das 21h pela Rede Globo entre 3 de outubro de 2016 e 31 de março de 2017, composta por 155 capítulos. A trama foi escrita por Maria Adelaide Amaral e Vincent Villari com colaboradores e foi dirigida por Natália Grimberg e Denise Saraceni. A história, dividida em duas partes, ocorre em torno da história de amor de Heloisa

(Isabelle Drummond Claudia Abreu) e Pedro (Chay Suede / Reynaldo Gianecchini) “e a força desse sentimento que será capaz de se manter vivo através do tempo de adversidades”.

Heloísa Martins (Claudia Abreu) era a filha de um casal “muito humilde”. Ao conhecer Pedro, descrito como “um líder nato, forte, firme e determinado”, não conseguia compreender “o que um homem bonito, rico e tão cheio dos melhores predicados tinha visto nela”. Com o passar do tempo, a menina entregou-se a esse amor, que não durou muito tempo por intrigas causadas pela madrasta de Pedro. Após envolver-se com Tião Bezerra (José Mayer), um homem rico por “bem querer” e ter com ele dois filhos, “sofisticou-se, instruiu-se, mas, essencialmente, permaneceu a mesma mulher sensível, ávida, direta e transparente”. Após conhecer a personalidade do marido, “um homem vingativo e rancoroso”, reencontrou Pedro e reatou a relação com ele.

A chegada de Laura (Heloísa Jorge), mãe da filha de Pedro, ao Brasil, estremece a relação entre Heloísa e o marido, o que se agrava com a convivência maior dos dois e que chega ao ápice quando Pedro trai a esposa com a mãe de sua filha. Em notícia publicada pelo site da Rede Globo, a atriz que interpreta a personagem Laura a descreve como sendo “graduada em Lisboa, mestrado e doutorado em Londres, executiva bem sucedida, independente”, ou seja, uma mulher que apresenta um alto capital cultural. O fato de Heloísa ter flagrado ambos na cama faz com que rompa o relacionamento com Pedro.

Outra novela que merece destaque é *Novo Mundo*, veiculada pela Rede Globo entre 22 de março e 25 de setembro de 2017, no horário das 18h. Foi escrita por Thereza Falcão e Alessandro Marson com colaboradores e dirigida por Guto Arruda e mais colaboradores. Segundo reportagem do gshow.com, a trama, que ocorre por volta do início do século XIX, gira em torno do amor sentido pelos protagonistas Anna (Isabelle Drummond) e Joaquim (Chay Suede). Ela, uma professora de português de origem europeia e ele, ator de origem brasileira, se conhecem em uma embarcação vinda para o Brasil por obra do “destino”. Anna, como professora, vem ao Brasil por ser integrante da comitiva que traria Leopoldina (Letícia Cohen) para conhecer o seu “esposo mulherengo e incorrigível”, Dom Pedro (Caio Castro).

Leopoldina é arquiduquesa da Áustria e vem ao Brasil para reinar em um lugar que não conhece. Decepciona-se com o marido, que ainda não conhecia, mas acaba se apaixonando pelo lugar em que passa a viver. Dom Pedro cresceu sendo simpático com o povo, sendo querido especialmente com as mulheres, “as quais conquista sem dificuldades”. Enquanto casado apaixonou-se “perdidamente” por Domitila de Castro (Agatha Moreira). Ele torna-se o príncipe regente e depois o primeiro Imperador do Brasil.

Domitila, personagem criticada pelas entrevistadas por se envolver com Dom Pedro, é casada com um oficial da guarda e “colecciona amantes”, sendo que não contava com a paixão que passa a sentir por Dom Pedro. Elvira (Ingrid Guimarães) também é mencionada pelas mulheres da amostra. Integrante da companhia de teatro de Joaquim, aproveitou-se de uma “bebedeira” do colega para obriga-lo a casar-se com ela. É descrita como “uma verdadeira peste”, apesar de ser muito engraçada e verdadeiramente apaixonada por Joaquim.

A novela mais mencionada pelas entrevistadas foi *A Força do Querer*, o que, inferimos, ocorre por ser a trama transmitida pela Rede Globo no momento da realização da maior parte das entrevistas. Essa telenovela foi transmitida entre 3 de abril e 20 de outubro de 2017. Criada e escrita por Glória Perez e teve direção geral de Pedro Vasconcelos. Através do que pudemos observar<sup>65</sup>, a trama girou em torno da relação amorosa e conflituosa entre Zeca (Marcos Pigossi) e Rita (Isis Valverde), que envolveu também Ruy (Fiuk) e Jeiza (Paolla Oliveira). Além disso, inicialmente distinto, mas que depois se aproxima, há o núcleo formado por Bibi (Juliana Paes) e Rubinho (Emilio Dantas), que teve como foco a questão do tráfico e as relações entre homem e mulher.

A personagem Bibi, interpretada por Juliana Paes, está entre uma das personagens mais citadas pelas entrevistadas. É descrita como “bonita, sensual, alegre, calorosa, intensa, cheia de energia e muito bem humorada”. Inicialmente, ela termina o noivado com o advogado Caio (Rodrigo Lombardi) e envolve-se com Rubinho (Emilio Dantas), com quem fica por anos. Após o envolvimento do marido com o tráfico, a vida de Bibi passa por mudanças: ela deixa de ser uma estudante de direito e vai morar no morro com o cônjuge, levando o filho consigo. A personagem acoberta os crimes de Rubinho e chega a ir presa por ser “capaz das maiores loucuras pelo marido”. Bibi é traída por ele com uma série de mulheres e, ao fim da trama, fica novamente com Caio.

Outra personagem mencionada pelas mulheres com frequência é Jeiza, vivida por Paolla Oliveira. Filha da “engraçada e namorada” Cândida (Gisele Fróes), a personagem é descrita como “policia linha dura” do Batalhão de Ações com Cães e lutadora de MMA. Construída para ser uma “mulher bonita, sensual, cheia de garra e atitude”, ao longo da trama Jeiza envolve-se com Zeca (Marcos Pigossi), com quem tem frequentes diálogos sobre comportamentos masculinos e femininos, sempre prezando pela própria liberdade. Também tem um rápido relacionamento com Caio (Rodrigo Lombardi).

---

<sup>65</sup> Até o momento da escrita não havia sido divulgada a sinopse da trama no site da Rede Globo, o que também não encontramos em outros locais.

Zeca é “homem de sentimentos intensos, tudo nele é grande e intempestivo: o coração, os gestos e a capacidade de ser tão rude quanto delicado”. Criado somente pelo pai, Zeca conhece, apaixona-se e fica noivo de Rita (Isis Valverde) em sua cidade, Parazinho. Após a moça conhecer Ruy (Fiuk), “rapaz alegre, bem humorado, que viveu sem grandes preocupações”, e com ele fugir na noite de casamento com Zeca, este parte para o Rio de Janeiro para ser caminhoneiro. Na cidade grande conhece Jeiza, com quem se envolve em uma relação marcada por conflitos relativos a modos de pensar divergentes no tocante às liberdades masculinas e femininas, sobre as quais ele apresenta um comportamento mais conservador. É também marca do relacionamento a presença constante de Ritinha entre os dois.

Ritinha é “jovem e linda”. Cresce em Parazinho, fica noiva de Zeca. Na noite do casamento com este foge com Ruy muito pelo desejo de conhecer o Rio de Janeiro, para onde Zeca negou-se a levar a moça. Na cidade grande descobre estar grávida de Zeca, a partir do que começam a desenrolar problemas entre ela, Ruy e Zeca. Ritinha é descrita como alguém que tem uma “inconsequência” que “há de provocar muitos estragos”. Outra marca fundamental da personalidade da personagem é o amor próprio, o que deixa transparecer nas vezes que afirma para Zeca e Ruy que gosta dos dois, mas mais dela mesma.

Silvana, vivida por Lília Cabral, é também mencionada pelas mulheres. Descrita como “arquiteta bonita e inteligente” no site da emissora. Durante a trama, mostra-se viciada em jogos, prática que acaba colocando sua família, marido e filha em risco, por mais de uma vez. Seu cônjuge, Eurico (Humberto Martins), também é mencionado pelas mulheres. O personagem é empresário e, apesar de não ter paciência para alguns fatos do dia a dia, é paciente ao compreender as confusões nas quais Silvana se envolve.

Joyce, interpretada por Maria Fernanda Cândido, é esposa de Eugenio e mãe de Ruy e Ivana/Ivan (Carol Duarte). Mulher “requintada, bem nascida e ligadíssima no que diz respeito à beleza”, sonha que a filha seja da mesma forma. Entretanto, durante a trama Ivana se descobre um homem transexual e, apesar de demorar, passa a contar com o apoio da mãe. Durante boa parte da novela, o marido de Joyce envolve-se com Irene (Débora Falabella), mulher “capaz de tudo para conseguir o que quer”, o que faz o casal passar por uma crise que é superada principalmente após com a morte de Irene.

Principalmente com base no livro *Meios e Audiências III: reconfigurações dos estudos de recepção e consumo midiático no Brasil*, que traz um panorama sobre os estudos dedicados às relações entre as audiências e os meios desde a década de 1990 até 2015, definimos as pesquisas que nos auxiliam na compreensão de como as mulheres vem sendo representadas

em diferentes telenovelas – com foco nas relações de gênero. A seleção ocorreu entre os trabalhos que são apresentados no capítulo do livro acerca da ficção seriada televisiva, escrito por Silva e Noll (2017) e naquele dedicado ao panorama dos estudos de recepção e consumo que tem como eixo ou temática as relações de gênero, elaborado por Tomazetti e Coruja (2017).

Entre 2010 e 2015, foram realizadas 33 pesquisas de recepção e consumo midiático que trataram de relações de gênero e/ou mulheres. Destas, apenas 15 propriamente tematizaram as relações de gênero, dentro das quais cinco trataram das telenovelas: Sifuentes (2010, 2014); Wottrich (2011); Silva (2011); John (2014). Dessas cinco pesquisas, três são vinculadas ao Programa de Pós Graduação em Comunicação – POSCOM da UFSM, bem como se vinculam, por orientação, ao Grupo de Pesquisa: Usos Sociais da Mídia<sup>66</sup>. Selecionamos as pesquisas de Sifuentes (2010), Silva (2011) e Wottrich (2011) porque estas são pesquisas de recepção, seguem uma abordagem sociocultural<sup>67</sup>, tem como objeto de estudo a recepção de telenovelas, tematizam as questões de gênero e dedicam-se a tratar das representações midiáticas<sup>68</sup>. As três pesquisas analisam detalhadamente telenovelas que não foram mencionadas pelas nossas entrevistadas, mas que trazem apontamentos atuais e servem para pensar as tramas em geral.

A dissertação realizada por Sifuentes, defendida em 2010, *Telenovela e a identidade feminina de jovens de classe popular* teve como objetivo compreender como os embates entre a audiência da telenovela e os demais elementos do cotidiano – família, classe social e escola – conformam a identidade feminina de jovens mulheres de classe popular. A autora busca estudar as mediações da ritualidade e socialidade como essenciais e, de forma menos central, a institucionalidade e a tecnicidade, com base na perspectiva latino-americana dos Estudos Culturais. Metodologicamente, além da aplicação do modelo *encoding-decoding* de Hall, realizou uma etnografia da audiência amparada em Geertz, tendo como técnicas de coleta de dados: formulário, entrevistas semidirigidas, observação do espaço doméstico com diário de campo e assistência da novela nas casas das entrevistadas.

A partir da análise de seis capítulos da telenovela *Caminho das Índias*, transmitida no horário das 21h pela Rede Globo em 2009, bem como de leituras referente ao tema, Sifuentes

---

<sup>66</sup> De forma geral, entre os trabalhos que problematizam as questões de gênero, está também a dissertação de Bordinhão (2012), que, vinculada ao mesmo grupo de pesquisa, tratou das relações entre construção de masculinidades e publicidade.

<sup>67</sup> Segundo Jacks, Menezes e Piedras (2008), a abordagem sociocultural compõe os estudos que “[...] abarcam uma visão ampla e complexa do processo de recepção dos produtos midiáticos, em que são consideradas múltiplas relações sociais e culturais”.

<sup>68</sup> Por não se enquadrarem em nossos objetivos, deixamos de fora os trabalhos que tratam das questões LGBTTT.

(2010) observa que “ainda” é uma constante na novela a obrigação de ser uma boa mãe, bem como existe uma recorrência de ser o amor, representado pelo casamento, o prêmio final das “boas mulheres” representadas nas tramas. Segundo a autora,

[...] nas telenovelas as mulheres são as protagonistas por excelência e suas representações, de maneira geral, podem ser consideradas positivas do ponto de vista do modelo tradicional feminino, pois são amorosas, respeitáveis, sacrificam-se pela felicidade dos filhos e têm finais felizes”. (SIFUENTES, 2010, p. 106)

Segundo essa autora, “as representações femininas na telenovela não tem variado significativamente ao longo dos tempos”. Um indício disso para Sifuentes (2010, p. 200) são os indicativos da análise do trabalho de Sarques (1986), que já indicava que na novela *Os Gigantes*, veiculada há mais de 30 anos, havia a “valorização do casamento e da maternidade para as mulheres, que, caso não se comportem como boas mães e esposas, ou decidam não se casar ou não ter filhos, serão castigadas”.

Existe a constatação da secundarização ou inexistência do trabalho na vida das personagens mulheres, que faz com que elas sigam um “modelo tradicional de comportamento feminino” através da dedicação à família, estando comumente associado às mulheres o “trabalho de cuidado dos mais frágeis, relativo ao aspecto maternal feminino” (SIFUENTES, 2010, p. 86-88). Diferentemente, entre os homens o destaque ao trabalho é maior. Assim, permanece “a representação do feminino vinculado ao espaço privado e do masculino, ao público” (SIFUENTES, 2010, p. 89).

Tratando dos âmbitos da sexualidade e das relações entre homens e mulheres, segundo Sifuentes, existe na telenovela a crítica à infidelidade dentro do casamento. Entretanto, como vimos ao tratar das relações entre as personagens Joyce, Irene e Eugenio em *A Força do Querer*, há “uma condescendência com os casos de traição masculina, o que não se percebe com as mulheres” (SIFUENTES, 2010, p. 91). Tratando ainda desse âmbito, Sifuentes entende que a sexualidade foi a esfera que mais apresentou transformações ao longo do tempo, na medida em que, principalmente a virgindade era uma regra na década de 80, por exemplo, o que hoje é pouco relevante nas tramas.

Um aspecto da relação entre homem e mulher na novela é a valorização da beleza feminina, que é por vezes associada à sensualidade. No caso dos personagens masculinos, os predicados mais valorizados são a “inteligência, a competência e a posição social” (SIFUENTES, 2010, p. 96).

Entendemos que as representações femininas nas telenovelas são marcadas pela complexidade, na medida em que, a despeito dessas representações sobre comportamentos femininos mais conservadores, existem aquelas que apresentam relações de gênero mais igualitárias. Essa “via alternativa de relações de gênero” é apresentada pela mulher que é “autossuficiente, bem sucedida profissionalmente e não depende do homem para ser feliz, uma vez que os relacionamentos amorosos tem um fim em si mesmo” (SIFUENTES, 2010, p. 106). A autora entende que mesmo com brechas nas representações, estas “não contribuem para uma relação de igualdade de gênero, pelo contrário, reproduzem o padrão de mulher subordinada às vontades alheias” (SIFUENTES, 2010, p. 106), à proporção que as personagens que representam esse tipo de relações geralmente não são as protagonistas.

Inferimos que a novela *A Força do Querer* pode ter sido inovadora nesse ponto ao apresentar uma possível “via alternativa” a partir de Ritinha, personagem interpretada por Ísis Valverde. Durante a trama, essa personagem fez questão de demonstrar o quanto sua autoestima era alta, bem como o seu amor próprio. Mesmo que tenha se relacionado ao longo da trama com dois personagens, ao final da novela, ela acaba sendo bem sucedida no trabalho, morando com o filho e solteira. Entretanto, como será visto nos subitens que segue, a personagem é vista por algumas entrevistadas predominantemente de forma negativa. Cenira e Rafaela criticam a forma como ela causou “intrigas” entre os personagens com quem se relacionou; Rafaela entende que ela era uma mãe cuidadosa, mas que “não sabe o que quer da vida” e Alice, quando questionada sobre se Ritinha era vulgar, entende sim pelo comportamento um pouco “escandaloso”.

As conclusões da autora sobre as representações femininas indicam que, apesar de haver concordância sobre a maneira como as representações da TV afetam modos de agir e de ser das mulheres, “são raros os passos adiante que a telenovela dá no que refere à dominação masculina” (SIFUENTES, 2010, p. 108).

A dissertação de Silva, defendida em 2011, intitula-se *Feminino velado: a recepção de telenovela por mães e filhas das classes populares*, teve como objetivo perceber de que forma as receptoras elaboram noções de feminino a partir da telenovela, articulando as categorias de classe, gênero e geração. A novela estudada foi *Passione*, veiculada pela Rede Globo entre 2010 e 2011. A pesquisa parte da perspectiva dos Estudos Culturais latino-americanos e da teoria das mediações de Martín-Barbero. Metodologicamente utiliza o modelo *encoding/decoding* de Hall e a etnografia crítica da recepção a partir de Ronsini. As técnicas empregadas foram entrevista semiestruturada e observação participante e a classificação de classe realizada a partir de Quadros e Antunes.



Bem como em Sifuentes (2010), as conclusões de Silva (2011) apontam que, “a maternidade é um tema tratado de maneira bastante hegemônica na telenovela” (SILVA, 2011, p. 73). Há certa “idealização” dessa esfera que faz com que as responsabilidades entre mães e pais nas tramas não sejam compartilhadas, o que contribui para que “as mulheres sejam mais facilmente ligadas ao âmbito doméstico, abdicando do trabalho produtivo ou tornando-se expert na conciliação de tarefas” (SILVA, 2011, p. 80). Existe, ainda, a constatação da necessidade de um companheiro para que a mulher seja valorizada socialmente.

Em conformidade com Sifuentes (2010), percebe-se que alguns tabus foram quebrados em relação à sexualidade feminina, pois além de essa esfera ser representada como natural em diversas idades, o discurso da trama foi “enfático ao ressaltar a busca pelo prazer feminino no sexo” (SILVA, 2011, p. 78). Assim,

[...] é no terreno da sexualidade que os autores se atrevem a ousar mais em termos de liberação feminina. Parece posto que a esfera da sexualidade é um espaço de empoderamento feminino na atualidade [...] foi na esfera da sexualidade que a telenovela mais contribuiu para desmanchar estereótipos e propor novas possibilidades para se pensar o feminino. (SILVA, 2011, p. 79-80)

A dissertação de Wottrich, defendida em 2011, intitulada *Envelhecer com Passione: a telenovela nas vidas de idosas das classes populares* teve como objetivo entender como a telenovela conforma representações da velhice e como as mesmas são apropriadas pelas receptoras na conformação de suas identidades, principalmente a partir das mediações de gênero e de classe social. Parte da perspectiva latino americana dos Estudos Culturais, da teoria das mediações de Martín-Barbero e articula o modelo *encoding/decoding* de Hall. O estudo foi configurado como uma etnografia crítica da recepção a partir de Ronsini, com técnicas de entrevistas exploratórias e posteriormente semiabertas, observação no espaço doméstico com auxílio de diário de campo e assistência da telenovela com algumas das entrevistadas.

Apesar de não termos conseguido extrair muitos elementos da análise realizada por Wottrich (2011) pelo fato de a autora ter se concentrado nas representações sobre a velhice na novela, como reivindica seu trabalho, é importante sinalizar que seus apontamentos, de forma geral, seguem a direção das outras duas pesquisas sobre as quais nos debruçamos aqui. Ou seja, segundo a autora, “as codificações mais opositivas da velhice foram observadas mais nas esferas da vida afetiva, da sexualidade, família e, de forma menos expressiva, nas

codificações sobre o trabalho”, entretanto, as codificações dominantes permeiam todas as dimensões.

Em termos de teoria de gênero, Almeida (2013) parte da ideia de que a mídia é integrante da construção de sentidos simbólicos, podendo ser considerada uma tecnologia do gênero, nos termos de Teresa de Lauretis (1994):

Os bens culturais industrializados e distribuídos pela mídia eletrônica têm a capacidade de produzir certas construções simbólicas, apropriando-se de elementos que já circulam na cultura que produz tais bens, mas os reforçam e normalizam, constituindo representações hegemônicas sobre gênero. (ALMEIDA, 2013, p. 114)

Apesar das mudanças que assistimos nas representações midiáticas e, mais especificamente, na telenovela, sobre as mulheres e as relações de gênero, em conformidade com o que foi apresentado, Almeida (2013) percebe que o ideal de mulher ainda perpassa a necessidade de atender diferentes segmentos de necessidades do âmbito público e privado, como trabalhar fora, ser boa mãe e dona de casa, linda, magra, etc. Representações que, apesar de serem constantemente negociadas pela audiência, se incrustam na realidade dos (as) brasileiros (as) justamente pela convivência com um gênero que perdura há mais de meio século em rede aberta.

Meirelles (2009) corrobora ao entender que, a despeito de ser dado cada vez mais espaço para a representação de mulheres independentes nas tramas, isso não significa propriamente uma mudança estrutural nos modos como as relações de gênero vêm operando nas narrativas. Segundo a autora, sobre as relações de gênero, as vozes femininas nas telenovelas ainda apontam para “modelos estáveis e conservadores da relação homem-mulher, embora com uma nova roupagem”. Assim, a televisão “oferece um discurso audacioso e atrevido, mas que, na verdade, estabelece os limites para essa nova mulher e cristaliza operações normativas já há tempo conhecidas” (MEIRELLES, 2009, p. 90)

As novelas mexeriam pouco com as relações de gênero, na medida em que as mulheres liberais não reivindicam direitos iguais, mas endossam um padrão de supermulher que é mãe, esposa e provedora, como aponta Hamburger (2005). Ainda, a contraposição entre personagens femininas como vilãs e mocinhas apresentada nas pesquisas iniciais acaba por empobrecer a imagem da mulher, na medida em que as personagens seriam más ou boas, ocupariam espaços públicos ou privados, sempre a partir de percepções binárias.

Escosteguy (2016, p. 71), ao versar sobre a virada do século XX para o XXI, afirma que as relações entre a crítica feminista e os estudos de mídia passam a ter como baliza a questão do pós-feminismo. Cita McRobbie (2006) para enfatizar que, através do pós-

feminismo, há um apagamento do movimento feminista quando esse passa a ser representado como algo datado e já sem função. Segundo a autora supracitada, no Brasil dos últimos anos, tem sido realizadas pesquisas sobre essa perspectiva, cruzando identidade, feminismo/pós-feminismo e mídia, como o de Messa (2006).

A partir do circuito de cultura de Richard Johnson, Messa reflete sobre o programa norte-americano *Sex and the City*, da HBO, sendo os três momentos do circuito – a produção, o texto e a recepção – contemplados para compreender as relações entre mulheres e cultura da mídia na sociedade contemporânea, especificamente para investigar quais as representações da mulher que o programa difunde, como as representações da feminilidade e masculinidade expostas são interpretadas, reproduzidas ou resistidas pelas fãs e até que ponto o programa reconfigurou, remodelou e/ou reafirmou uma determinada identidade feminina.

Metodologicamente realizou pesquisa bibliográfica, utilizou o modelo *encoding/decoding* de Stuart Hall, com o intuito de complementar o circuito de cultura de Richard Johnson e a técnica empregada foi entrevista em profundidade com as receptoras fãs da série. A *sitcom* é uma experiência de vida, uma chance de refletir sobre situações familiares e empoderar as entrevistadas para os acontecimentos. As fãs pregam que a mulher teve muitas conquistas, entre elas fazer uso de seu corpo e prazer como bem entender, entretanto, não agem deste modo e julgam as que assim fazem.

A autora conclui que o feminismo, na série, é apresentado como algo do passado, e passa-se de exploração à liberação. Além disso, que o grande avanço da mulher contemporânea é que ela não abre mão de ter uma carreira, mas sua maior conquista está ainda nas mãos masculinas, pois só com um homem ao lado a felicidade se completa, tanto na série quanto nas experiências femininas, o que é corroborado pelas percepções das autoras citadas acima.

### **5.2.1 As novelas pelos olhares e leituras das mulheres**

Exceto Cenira, todas as entrevistadas começaram a assistir novelas ainda na infância por influência dos pais ou dos empregadores. Cenira começou a assistir novela há cerca de 10 anos, o que se intensificou após a aposentadoria, já Maria Luísa afirma que o acompanha as tramas desde a infância: “Ai, eu olho novela desde pequena. O pai sempre assistia novela” (Maria Luísa).

Desde pequena, eu lembro que a mãe assistia. Eu fui morar cedo com a patroa da mãe. A mãe ia trabalhar de dia, ia pra casa e eu ficava e eu lembro que ela olhava a novela das seis, das sete e das oito. Eu sou muito esquecida, mas eu olhava, eu lembro, que ela sentava e do lado tinha dois puff. E eu ficava sentada num puff olhando novela com ela [...]. (Luanda)

Ih, desde pequena. **Vocês sempre tiveram TV?** Sim. As TV quando eu era pequena sempre queimava os fusil [fusível] aí ficava só imagem, um chuvisco ou só o som. Aí tinha que comprar aquela pecinha. A nossa já era colorida, às vezes, ficava preto e branco, e era desse tamanhozinho, assim [faz gesto de quadrinho de mais ou menos 20 cm]. **Vocês assistiam o que?** Novela, filme, seriadinho... A mãe saía bastante e a gente passava com a televisão ligada. (Rafaela)

Eu não sei se é do teu tempo Pai Herói. Eu assisti, é bem antiga essa novela, era preto e branco a TV. Eu era criança ainda e o pai comprou uma. Antes a gente ia na casa de uma vizinha assistir e a gente falava pra ele que gostava e ele comprou uma, pequenininha, mas era uma felicidade, né. (Alice)

Elas assistem novelas por diferentes motivos. Luanda afirma que após “fazer as pazes com a novela” pela “função social” que acredita ter o gênero, começou a acompanhar novamente. A entrevistada acredita que essa função tenha se estendido à sua experiência no trabalho, já que as representações sobre as empregadas domésticas serviram a ela como impulso para deixar a profissão: “o que as novelas fazem? Elas retratam o nosso dia a dia. Olha as empregadas domésticas, ainda são pretas, pobres, da favela, é difícil”.

Eu aprendi muito [com minha referência] sobre isso. Ele dizia: Luanda, como que a gente não vai olhar novela, se as próprias [mulheres integrantes da Associação] assistem novela? Como que tu vai dialogar com alguém se tu não olha a novela, pra ti ter essa relação? Como vai desconstruir? Eu ainda não tô conseguindo sentar e olhar a novela, mas comecei a assistir por causa dessa função social que ela cumpre. (Luanda)

Alice e Rafaela assistem novelas porque gostam das histórias e dos atores, o que Alice detalha ao contar que conheceu uma atriz de Pega Pega, veiculada pela Rede Globo no horário das 18h, daí o gosto pela assistência desta telenovela. Maria Luísa acompanha as tramas para entreter-se: “às vezes, não tem nada pra fazer, tá chovendo, e eu gosto, sabe”, enfatizando que “se um dia tiver que sair eu não deixo de ir pra olhar a novela, não sou fanática [...]”. Cenira não sabe porque assiste telenovelas.

A imersão nas casas das entrevistadas foi mais delicada e difícil de ser realizada. Associamos isso ao fato de realizarmos a pesquisa com mulheres que integram um grupo e que, por conta disso, encontram-se todas as semanas. Mesmo que no termo de compromisso livre e esclarecido constasse que uma parte da metodologia consistiria em realizar observações no contexto doméstico, só conseguimos frequentar as casas das mulheres nos dias de realização das entrevistas. Nas quartas e sextas-feiras dos últimos meses elas se

reuniam durante a tarde enquanto Associação e, após a incubação na instituição a qual se vinculam, precisaram frequentar esta para tratar de assuntos burocráticos ou participar de mesas e rodas de conversa. Ainda, como esposas, mães e trabalhadoras, essas mulheres tem uma gama de atividades que são realizadas todos os dias, dessa forma, optamos por realizar uma descrição detalhada de como as entrevistadas contaram sobre seus modos de ver televisão.

Elas assistem televisão principalmente na sala, no quarto e na cozinha e todas contam com a companhia dos maridos. Luanda, Maria Luísa e Rafaela contam também com a presença dos filhos, com quem conversam sobre as tramas. Luanda revela que a partir dos conteúdos televisivos consegue dialogar sobre temas que envolvem gênero e etnia, também conta que os filhos dizem que “[...] a mãe vê machismo em tudo, vê racismo em tudo”. Os conteúdos das novelas revelam papel semelhante para Maria Luísa, ao relatar que o marido apresenta o modo como pensa a o lugar ocupado pela mulher na sociedade a partir da trama:

[...] o meu marido dá muito palpite. **Teu marido é noveleiro, então?** É, é noveleiro, mas fala muita bobagem. Ah, meu Deus! É tomara que morra, tomara que aquela praga se acidente! Ele não gosta daquela mulher da novela das 21h agora, a Jeiza [Paolla Oliveira – *A Força do Querer*]. Claro, né, porque aquela mulher, tá louco, queria ser eu aquela mulher ali. **Tu acha que ela é empoderada?** Mas bah... e eles [homens] odeiam isso [risos]. Ele diz: tomara que leve um tiro na cara<sup>69</sup>.

As atividades que elas realizam durante a assistência da TV variam de acordo com a preferência por determinados programas ou gêneros televisivos. Luanda afirma que “às vezes, a gente já jantou e tudo, eu sento aqui, tá dando a novela e eu olho”, diferente de Maria Luísa, que “gosta” de ficar “parada olhando”. No caso de Rafaela, o trabalho doméstico serve como regulador para a possibilidade de dedicação exclusiva para assistência da novela: “ah, às vezes, a das sete ou a das seis [novelas], que daí eu já fiz as coisas lá fora e sento um pouco. Mas se não assisto e vou fazendo as coisas”. Alice fica confeccionando as roupas que vende: “quando eu tô olhando filme, alguma coisa assim, que eu gosto, eu paro, ou, se não, eu pego, sempre tem uma roupa pra costurar, arrumar [...]”. Cenira é a única entrevistada que só consegue concentrar-se suficientemente para assistir novela quando está deitada em seu quarto.

Bem como em Leal (1986, p. 34), a posição que ocupa a televisão no universo popular é a da centralidade nas peças da frente da casa, é cercada pelos objetos de valor das unidades

<sup>69</sup> Jeiza é uma personagem referência para Maria Luísa. Durante a realização do texto em ação, em janeiro de 2018 ela mencionou novamente a admiração que tem pela personagem e confirmou que o marido não aprova as formas de agir desta.

familiares, como bibelôs, flores de plástico e fotos da família, dando sentido a um sistema carregado de significados que acompanha o aparelho. Na casa de Alice, a televisão de 21 polegadas fica no meio de uma estante na sala e é envolta por porta retratos com fotos da família e de bibelôs. Nas ocasiões em que realizamos as entrevistas a televisão estava sempre ligada na Rede Globo antes de chegarmos.

Na casa de Luanda, o aparelho televisivo de 32 polegadas fica na estante da sala da casa e também pode ser assistido do quarto, que é separado da sala por um roupeiro. Na estante estão postos livros, textos xerocados, porta retratos com fotos da família e o quadro de formatura da entrevistada.

No caso de Rafaela, a televisão mais assistida é de 14 polegadas e fica em uma prateleira na cozinha. A visão para o aparelho é melhor da pia e do tanque de lavar roupas que fica na área externa, comparada àquela que se tem a partir da mesa em que a família realiza refeições. Isso ganha sentido ao pensarmos que a entrevistada assiste televisão durante a maior parte do dia enquanto realiza tarefas domésticas. Entre o quarto dela e o da filha há outra televisão que acreditamos estar posicionada ali para que todos possam assistir ao mesmo tempo. Esta TV é de 32 polegadas e está sempre coberta por um pano – como forma de proteção – e envolta pelas roupas e mercadorias que Rafaela comercializa.

No início da pesquisa de campo houve limitação de minha presença na casa de Rafaela porque com isso a privacidade da família estaria comprometida, com o que concordamos em absoluto. Com o contato mais seguido, a partir das compras de roupas que realizamos da entrevistada, das caronas oferecidas por nós a ela e ao marido, das buscas por informações acerca dos interesses da filha deles, bem como da necessidade de realizarmos as entrevistas, essa limitação foi enfraquecida e Rafaela passou a escolher diferentes horários para que fossemos fazer entrevistas.

Das vezes que fomos à casa de Cenira não conseguimos ver a televisão na cozinha ou na sala e deduzimos que o aparelho deve ficar localizado no quarto, lugar em que ela prefere assistir. Principalmente devido aos conflitos com o marido, não tivemos acesso à área interna da casa de Maria Luísa, realizando as entrevistas na varanda ou na casa de sua mãe.

A pesquisa de campo desse trabalho teve duração de aproximadamente 17 meses. Mesmo que tenhamos realizado as entrevistas no período que antecedeu o exame de qualificação e após, entre os meses outubro e novembro, as entrevistadas estiveram em contato com uma gama de telenovelas. Quando questionadas sobre quais telenovelas estavam assistindo no momento de realização das entrevistas, todas elas citam *A Força do Querer* (horário das 21h), *Novo Mundo* (horário das 18h) é citada por Alice e Maria Luísa, *Rock Story*

(horário das 19h) é mencionada por Luanda, *Malhação* (horário das 17h30) é citada por Maria Luísa e *Senhora do Destino* (horário das 16h – Vale a Pena Ver de Novo), *Tempo de Amar* (horário das 18h) e *Pega Pega* (horário das 19h) são citadas por Rafaela<sup>70</sup>. As entrevistas foram realizadas em momentos diferentes, o que ocasiona mudanças nas condutas dos personagens, que ora são julgadas, ora são elogiadas pelas entrevistadas, como será visto ao longo desse capítulo.

Quando questionadas sobre do que tratam essas novelas, as mulheres detêm-se em *A Força do Querer* e, exceto *Cenira*, todas mencionam os núcleos que giram em torno do “tráfico” e da “favela”. Luanda apresenta uma dúvida acerca do que os autores gostariam de representar através da personagem Bibi (Juliana Paes – *A Força do Querer*): “eu não sei se é tráfico de droga ou se é questão da mulher sendo usada pelo homem [...]”, o quê com o desenrolar da trama, acaba envolvendo as duas questões. Alice remete à sua experiência quando afirma que a telenovela trata do tráfico, tema que ela tem interesse principalmente porque um parente participou de uma missão no Rio de Janeiro como militar: “a gente quer saber, por que o [parente] era do quartel e ficou quatro meses lá. Ele ia pra esse negócio das favela, do tráfico e a gente ficava preocupada. A novela é quase igual, né”.

Rafaela também menciona a questão do tráfico e enfatiza um caráter pedagógico negativo da trama ao entender que “os bandido tão aprendendo com a novela”. Esta entrevistada afirma ter percebido um descompasso de tempo na trama a partir da gestação da personagem Ivana (Carol Duarte).

Maria Luísa menciona a questão do “tráfico de droga”. Entretanto, foca na forma como a personagem Joyce (Maria Fernanda Cândido) idealizou uma relação amorosa para o filho (Ruy - Fiuk) que não foi efetivada porque ele acaba se relacionando com Ritinha (Isis Valverde). Um dos maiores conflitos que Maria Luísa tem com o marido ocorre porque ele tem dificuldade em aceitar determinadas escolhas de um dos filhos, o que durante a realização do texto em ação é reafirmado: “ela [Joyce] tinha um planejamento de vida bem diferente, ela tinha uma expectativa. Serve pra dizer que tu não tem que pensar no futuro do teu filho. É ele que vai fazer o futuro dele”.

Ao versar sobre do que a novela trata, *Cenira* critica Ritinha pelo modo como se relaciona e causa intrigas entre Zeca (Marcos Pigossi) e Ruy: “ela fica jogando um contra o outro [...] Ela fica fazendo aquele jogo dela, tirando o dela fora, sendo que ela é a culpada”.

---

<sup>70</sup> A partir desse panorama, percebemos a preponderância da novela das 21h, supostamente pelo sucesso que tem, em parte, pela maneira como atinge um público mais diversificado em termos de idades, classes sociais e gêneros (JUNQUEIRA, 2009, p. 227).

Os pontos ressaltados pelas entrevistadas reafirmam o que Hamburger (2005, p. 131) intitula como “novela de intervenção” para se referir à maneira como as tramas abordam de temas de cunho social, característica dos textos ficcionais apresentados por Glória Perez. No caso de *A Força do Querer* o tráfico recebeu destaque.

Cenira reitera a relevância das experiências nas leituras que faz das novelas ao afirmar: “Ah, muitas coisas! Eu pensava assim: eu passei por isso aí. De repente vai acontecer como tá acontecendo na novela”. Luanda afirma que “a gente tá olhando, se indigna com as coisas e vai refletindo e colocando nosso posicionamento”, enfatiza a torcida para que Rita de Cássia (Adriana Lessa- *Senhora do Destino*) conseguisse sair da situação de violência em que se inseria: “ela [Rita] reagiu [...]”. Maria Luísa também menciona a trajetória de Rita e enfatiza a violência sofrida pela personagem na trama por parte do cônjuge, reproduzindo um diálogo que teve com o marido no momento em que assistiam à novela.

E, agora mesmo que tá dando aquela Nossa *Senhora do Destino* de novo (Vale a pena ver de novo) e ontem eu olhei. Tem aquela Rita, sabe? **Sim.** Que o marido dela [Gílson das Neves/Cigano - Ronnie Marruda] é presidiário, sabe? E aí agora o taxista tá gostando dela, o Constantino [Nuno Melo], né. Aí ontem o meu marido disse: olha ali aquela vagabunda, o negão tem que quebrar ela mesmo a pau. E eu disse é, né, a coitada sempre trabalhando e ele sempre putiando e aí ele da-lhe pau nela, foi preso, tudo, ladrão. Aí isso aí é bom, né? A mulher não direito mais de se apaixonar, nada, né? [Falando com bastante calma ou baixo para o filho não ouvir]. É vagabunda! [Tom indignado]. (Maria Luísa)

A novela faz Alice pensar na trajetória de envolvimento que seu pai teve com jogos a partir da personagem Silvana (Lília Cabral), pois “é uma coisa que marca a gente né. [...] Eu não sei, tem coisa que a gente lembra de fora, que a gente morou [...] tem coisa em novela que eu me lembro”. Por último, Rafaela acredita que “de cada novela tu tira uma lição”. Ela cita o caso da relação conturbada entre Bibi (Juliana Paes) e Carine (Carla Diaz) pelo fato de esta ter se relacionado com o marido da primeira (Rubinho – Emilio Dantas). A entrevistada critica Carine por entender que “merecia [apanhar de Bibi] por ter se metido” e relaciona o permanecimento de Bibi em um relacionamento abusivo com o desempenho na futura carreira que a personagem teria: “tem que deixar o cara [Rubinho] também. [...] imagina a advogada que ela ia ser? Advogada de porta de cadeia que nem dizem”.

As novelas nunca fizeram Luanda e Cenira sonhar com algo. Nos casos de Alice, Rafaela e Maria Luísa, os sonhos advindos das novelas remetem aquilo que ainda não conseguiram alcançar: lugares que gostariam de conhecer, como a chácara que Alice gostaria de comprar, e Maria Luísa já sonhou “bastante” “até mesmo com o amor [ri e suspira]”. A percepção de Maria Luísa nos remete as constatações do trabalho de Janice Radway,



intitulado *Reading the Romance: women, patriarchy and popular literature* (1984), trabalho desenvolvido no âmbito dos Estudos Culturais que investigou a produção, os textos e a recepção de livros de ficção romântica por 42 mulheres (SILVA, 2011, p. 12). A partir das leituras de Sifuentes (2010, p. 52) acerca da pesquisa de Radway, por um lado, “o romance melodramático destinado ao público feminino seria prejudicial à transformação da situação da mulher na sociedade, pois sua leitura poderia desarmar o ímpeto por mudanças”, por outro lado, “a autora considerava que esse tipo de narrativa poderia oferecer fantasias de uma vida diferente às mulheres, conferindo-lhes poder”.

Maria Luísa acredita que as novelas não ajudam a entender o que é ser mulher por serem marcadas por um caráter ficcional que não representa as mulheres de diferentes classes sociais: “é muita ficção, sabe. Não é o que a mulher vive mesmo no dia a dia, não tem realidade. A realidade da mulher é outra”. Percebe um caráter maniqueísta na personalidade das personagens que representam as classes mais abastadas: “é muito diferente, porque elas são rica e tudo, mas elas tem aquele sentimento, aquelas coisas, sabe, que a novela não demonstra”.

Cenira, Alice, Luanda e Rafaela entendem que a novela exerce esse papel por apresentar personagens que tem trajetórias semelhantes ou diferentes das suas, que, inferimos, se ligam a relações de gênero mais ou menos igualitárias. Alice entende que a novela ajuda a entender o que é ser mulher pela diferença. Cita uma personagem<sup>71</sup> que se comporta diferente dela: “quando tá com o namorado parece que ela quer chamar atenção dos outros. Não é chamar atenção porque ela quer o homem, é porque ela quer as coisas do jeito dela, bem mandona”.

Luanda acredita que as tramas podem servir como incentivo para a saída de relacionamentos violentos ou abusivos a partir do reconhecimento: “de alguma forma ela [novela] consegue sim”, pois “quando tu consegue problematizar aquilo que tá passando tu consegue te reconhecer. E quando tem a virada como eu digo, quando a personagem consegue passar aquela fase eu acho que as mulheres também se sentem encorajadas pra também dar um basta naquilo”. Rafaela também concorda que as tramas ajudam a compreender o que é ser mulher e ratifica o modo como pensa a possibilidade de ação de mulheres vítimas de agressões:

Ah, acho que ajuda às vezes. Porque, por exemplo, no caso da Bibi [Juliana Paes - *A Força do Quere*], ela teve ali por se livrar do cara e dançou [...] Ah, ontem ainda eu

<sup>71</sup> Pesquisamos e não conseguimos concluir se a entrevistada refere-se à Sandra Helena, vivida por Nanda Costa, ou Luiza, vivida por Camila Queiroz.

tava pensando. Tem muitas mulheres que dizem que não tem pra onde ir. Tem muitas que o cara bota na cabeça que elas não fizeram tal coisa então, tão apanhando por isso. **Colocam a culpa na mulher?** Isso. Aí o cara diz que ela tá passando por aquilo ali porque, por exemplo, ela não fez uma comida. Tipo, a culpa é dela mesmo de tá passando por aquilo ali, mas se acorda de noite recebendo chute e soco e nem sabe porque.[...] Aí: aí, eu não tenho pra onde ir, e voltam pra casa do sem vergonha de novo. Tem tanto serviço que pedem, às vezes, pra ti morar no serviço, seria uma. Agora, se tu tem filho, tenta, de alguma forma alguém vai te ajudar, um parente... (Rafaela)

A novela ajudou cada entrevistada a compreender que mulher elas são através de identificações e de questionamentos relativos aos modos de se posicionar nas relações de trabalho, de gênero, como mães e com relação à moral. Bem como em Ronsini (et al, 2017, p. 9), “é nítida a relação entre comportamentos, trajetórias e o reconhecimento de que há correspondência nos modos de ser e de viver dentro e fora da tela”.

As falas demonstram os aprendizados que as mulheres têm a partir da novela. Cenira, por meio da identificação, afirma: “eu penso, assim, às vezes, um pedacinho que passa e eu já passei na minha vida. Bah, mas me recuperei! É quase igual a minha história no passado, né”. Alice menciona a mesma personagem de antes para se diferenciar: “eu não gosto de depender dos outros, não gosto de tá pedindo, se eu puder fazer, eu faço e tem mulher que já gosta. Essa gurria não é igual a eu”, bem como faz Maria Luísa quando declara que a novela ajuda a pensar que mulher ela é pela não identificação “com aquelas mulher”.

Sim. Eu sempre dou um exemplo que as novelas fizeram eu me transformar no que eu tô me transformando. Porque eu só via negra como empregada doméstica e eu era empregada doméstica e eu dizia que eu não queria aquilo pra mim [...] eu acho que a novela ela me ajudou a querer mais, a ser ambiciosa e não querer ficar naquele lugar que eu via que não era pra mim [...] (Luanda)

Ah, ajuda a pensar a que eu sou e a que eu não quero ser [risos]. Tem muita coisa, que nem a Joyce [Maria Fernanda Cândido - *A Força do Querer*] eu jamais seria. Por mais que eu não gostasse de uma pessoa eu não ia tirar a criança dela. Agora ainda que ela ficou sabendo que o marido trai e que a Irene tá grávida dele. Ela não prestou atenção na filha dela [Ivana – Carol Duarte], ela queria que a gurria fosse igual a ela e continua [...] **Quais personagens te ajudam a te entender como mulher?** A Jeiza [Paolla Oliveira - *A Força do Querer*] porque ela tem aquela coisa de se importar com a mãe dela e coisa assim, me acho parecida. **Tu admira a Jeiza pelo trabalho?** Sim, a Jeiza sim. Ela não fica se metendo na vida dos outros, ela faz ali a parte dela. E não é que ela seja fria, ela tem coração (Rafaela)

A identificação das entrevistadas com personagens femininas perpassa questões relacionadas à discrição no modo de viver, por Rafaela; as características de atrizes, no caso de Alice; à questão étnica, além do trabalho como empregada doméstica, no caso de Luanda; ao trabalho como empregada doméstica e ao modo de relacionar-se com os empregadores, por

Cenira; e à maternidade, por Maria Luísa. Rafaela identifica-se com Jeiza (Paolla Oliveira - *A Força do Querer*) e Maya (Juliana Paes - *Caminho das Índias*) porque “ela vivia a vida dela [...]”. Alice identifica-se com a atriz Débora Duarte, de quem “as gurias no colégio me chamavam” pela “aparência e o jeito de ser”. Maria Luísa cita Maria do Carmo (Susana Vieira – *Senhora do Destino*), por criar os filhos sozinha.

Ai, eu acho que a empregada aquela, da Silvana, que fala as coisa pra ela, não fazer isso, não fazer aquilo (Dita – Karla Karenina). Eu sei porque eu trabalhei na casa de uma que deu problema, ela descobriu não sei o que lá do marido dela e sempre tava chorando. Ela me contou as coisas e eu até fiz um chá pra ela. Até contei um pouco da minha vida, né: eu passei por tantas, mas tantas coisas, mas a senhora deve se contentar que ele não é agressivo, o meu era agressivo. (Cenira)

Luanda ratifica a relevância da questão étnico-racial ao afirmar costuma “focar” nas personagens negras. Ela “gostava” de Preta (Taís Araújo) e, ao tratar das personagens que julga como realistas, afirma que a trajetória da personagem é marcada pelo enfrentamento de preconceitos relativos à cor da pele: “acho que afastaram ela [Preta] dele [Paco – Reinaldo Gianecchini] porque ela era negra e ele era branco. Eu acho que isso é a realidade, é isso que a gente vivencia”. Luanda é a única entrevistada que conta sua trajetória individual como marcada por preconceitos raciais, ela que tem relações com o Movimento Negro. A partir de uma análise geral das leituras que a entrevistada realiza acerca das representações das novelas, percebemos que a grande maioria das personagens com as quais ela se identifica, admira e/ou se distancia, são negras. Isso leva à percepção de que suas leituras são mediadas pela identidade étnica.

A entrevistada já foi discriminada por ser uma mulher negra principalmente na “academia”. Na dinâmica da assistência coletiva ela remeteu às formas como esse tema vem sendo tratado no Brasil: “Eu fico braba, principalmente na escola, que chamam de *bullying*, isso é racismo, é preconceito, mas tudo agora é *bullying* e parece que isso minimiza o que a gente sofre. E eu digo: isso é crime, tá sujeito à condenação”.

Deixa nítida a percepção sobre suas vivências como mulher negra e pertencente à classe popular ao refletir sobre como percebe serem desvalorizadas suas experiências diárias.

É bem difícil. Às vezes, eu me sinto cansada. Chego em casa cansada porque parece que a gente sempre tem que se dar mais. Se uma pessoa branca faz algo em uma hora, parece que a gente tem que fazer mais rápido, tem que ser mais inteligente, a gente tem que tá sempre mostrando, coisa que as outras pessoas fizeram e pronto. [...] Eu vejo que ainda tem uma discriminação muito forte se tu é pobre, a questão étnica, a questão de classe [...] (Luanda)

É através das experiências dessas mulheres que as telenovelas as fazem refletir sobre assuntos como a violência contra as mulheres, problemas familiares, como vícios, e de casais, como a infidelidade, assim, as relações entre o que é vivido na família e o que os personagens encenam acerca das relações familiares aparecem na maior parte das leituras que realizam das tramas.

A partir dos dados apresentados nesse tópico, que são mais gerais, Maria Luísa consegue perceber a semelhança entre a relação de Joyce [Maria Fernanda Cândido – *A Força do Querer*] com o filho com aquela que mantém o seu marido com o filho deles, permeada pela idealização de determinados pontos que não se concretizam na vida do filho, modo de pensar e agir que a entrevistada não concorda. Esta entrevistada trata de Rita de Cássia (Adriana Lessa – *Senhora do Destino*) como uma personagem que “reagiu” às violências exercidas pelo marido e demonstra traços de projeção e/ou identificação com esta; se identifica com Maria do Carmo porque esta cria os filhos “sozinha” e as novelas fazem com que ela sonhe com o “amor”. As leituras realizadas por essa entrevistada remetem às suas vivências familiares e conjugais.

Outra entrevistada que aqui deixa nítida a ideia da família como “situação primordial de reconhecimento” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.295) - já mencionada no segundo capítulo - é Alice. Ela entende que a novela trata da questão do tráfico e se interessa por isso porque um parente passou uma temporada no Rio de Janeiro como militar, sendo que, a partir da personagem Jeiza (Paolla Oliveira – *A Força do Querer*), a trama poderia saciar sua curiosidade acerca do cenário da favela e amenizar a preocupação pela situação em que se inseria o parente. A novela a faz se lembrar do pai, que era viciado em jogos, através da personagem Silvana (Lília Cabral – *A Força do Querer*), que bem como ele, chega a vender utensílios de dentro de casa para realizar apostas. Além disso, se distancia da personagem que considera “mandona” e acredita não ser assim com o marido, com quem ela entende que vive uma relação igualitária.

Em Ronsini (et al, 2017, p. 4), compreendemos que “é pelo enfrentamento entre a trajetória da ficção e a pessoal que se firmam os sentidos de “ser mulher” dentro e fora da tela”. Para além dessas indicações, ao longo da pesquisa ficam nítidas as relações dos usos que as entrevistadas fazem das representações das novelas com as vivências familiares, que, juntamente com as vivências na associação, por meio de divergências ou convergências, servem para que as informantes endossem ou se afastem dos modos de ser dos personagens.

### 5.2.1.1 Maternidade

A partir da pesquisa de recepção de telenovela realizada com jovens de classes populares, Sifuentes (2010, p. 202) constatou que, mesmo na vida das jovens que entrevistou, a maternidade é o “aspecto mais importante da vida de uma mulher, “parecendo estranho” quando uma mulher opta por não ser mãe”. A partir das entrevistas e do texto em ação, constatamos que, mesmo que a maior parte das mulheres se posicione contra a responsabilização integral das mães pelos filhos, a maternidade segue traços idealizados e é, também, invariavelmente, parte do sentido da vida dessas mulheres. Inferimos que essa idealização ocorra em menor proporção no caso de Luanda, entrevistada que problematiza a esfera na Associação, na família e tem mais dificuldades para definir boas e más mães.

Todas as mulheres se identificam com personagens que são mães cuidadosas, atenciosas, compreensivas, que impõem limites na educação dos filhos, estas que são as personagens consideradas boas mães. Ao citar Leopoldina (Leticia Colin – *Novo Mundo*) como uma boa mãe por ser cuidadosa e protetora dos filhos, o que a personagem faz independentemente das traições do marido Dom Pedro (Caio Castro), Maria Luísa legitima o exercício dessa esfera independentemente de adversidades, como a ausência dos pais na educação, o que remete à própria trajetória, já que ela afirma não contar com o marido para educar os filhos, o que percebe e questiona nos encontros do grupo. Cenira cita Joyce (Maria Fernanda Candido – *A Força do Querer*) pela compreensão, por aceitar e apoiar a transexualidade da filha e, ao citar as representações gerais da maternidade na novela, menciona Nazaré (Luci Pereira – *A Força do Querer*) - tia de Zeca que praticamente o criou – por ela sempre “aconselhar” o sobrinho com base “no certo”, por ser “correta”.

Para Rafaela, as boas mães da novela ainda abrem mão do amor pelos filhos, ou seja, os colocam antes da gestão de si. Ela menciona que Helena (Vera Fischer - *Laços de Família*) era uma boa mãe porque “deixou o homem, o Gianecchini [Edu] porque a guria se apaixonou por ele”; cita Cândida [Gisele Fróes – *A Força do Querer*] como “bem mãezona” por ficar apreensiva com a segurança da filha no trabalho como policial, bem como acredita que ficaria caso a filha tivesse ocupação semelhante; entende que Ritinha (Isis Valverde) tornou-se uma mãe cuidadosa, o que destoa do fato de não saber “o que quer da vida”. O endosso à proteção dos filhos faz Rafaela entender que após o envolvimento da personagem Bibi (Juliana Paes) com o tráfico, a mãe (Aurora - Elizangela) deveria ter entregado a filha à polícia como forma de evitar uma prisão mais longa: “eu não sei tu, mas eu achava preferível que ela entregasse [...] era melhor a filha dela ter ido presa ali, ter parado, e não tá tão ferrada agora”.

Para Alice, a personagem Maria do Carmo (Suzana Vieira – *Senhora do Destino*) é uma “batalhadora” pela persistência em procurar a filha sequestrada e Luanda considera Mamuska (Rosi Campos – *Da cor do pecado*) uma boa mãe pela rigidez aplicada na educação dos filhos: “[...] porque ela era durona, fazia com que eles obedecessem, tivessem princípios, mas ela sabia a hora de puxar e sabia a hora de acarinhar também”.

As percepções das entrevistadas acerca da maternidade, que referendam o endosso ao cuidado, à proteção e à compreensão por parte das mulheres com relação aos filhos nos fazem refletir acerca das considerações de Badinter em *Um Amor Conquistado: o mito do amor materno* (1985). As constatações da autora são consonantes com nossa conceptualização de gênero porque, a partir de uma pesquisa de caráter histórico, a estudiosa constata que o instinto materno que é atribuído às mulheres e, por vezes, por elas legitimado, consiste em uma construção social, ou seja, a “conduta” das relações entre mães e filhos não deve ser entendida como universal. Inferimos que é muito por conta de tal “mito” que essas mulheres concebem as boas e más mães, se aproximando e se distanciando delas, respectivamente.

De maneira geral, os questionamentos são realizados sobre as mulheres e personagens que não atendem aos preceitos maternais mencionados acima, ou seja: não protegem, não cuidam ou não educam os filhos de acordo com o ideal. Maria Luísa cita Elvira (Indrigo Guimaraes – *Novo Mundo*) por ter “alugado” uma criança para conseguir ficar com um homem e critica a personagem Bibi (Juliana Paes – *A Força do Querer*) por deixar o filho pequeno em casa à noite para dançar: “vão pra gafeira e o gurizinho fica sozinho em casa”, atitude divergente das dela: “Deus o livre, jamais deixaria um filho meu pra sair e dançar”.

Rafaela remete a outra fase dessa mesma personagem quando menciona que Bibi “levou o guri lá pra cima do morro, tirou do convívio da vó, acho que nem estudando a criança não tá [...] não sabe se ele não vai levar um tiro. Eu acho que não é uma boa mãe aí, é irresponsável”. Apesar de compreender que Ritinha (Isis Valverde - *A Força do Querer*) era uma boa mãe, com as mudanças na trama, “não pensou nem no filho dela” quando, segundo Rafaela, ocasionou a desavença entre Ruy e Zeca e fez com que este fosse baleado. A entrevistada enfatiza, negativamente, o amor próprio da personagem: “que nem ela disse: eu amo mais a mim do que aos outros”. Antes de passar a apoiar a transexualidade da filha na novela, Joyce (Maria Fernanda Cândido - *A Força do Querer*) é citada por Rafaela “por não aceitar a diferença” da menina. Esta entrevistada lembra-se do descuido de Heleninha (Totia Meirelles - *A Força do Querer*) quando seu filho envolveu-se com jogadores do Baleia Azul: “como que tu não vai prestar atenção no teu filho? Fica só mandando mensagem no celular e tu não vai lá ficar sabendo com quem tá falando?”. Ela costuma ajudar a filha a arrumar o seu

roupeiro e utiliza isso como forma de vigiar possíveis aspectos diferentes que possam surgir em meio aos pertences da menina. Essas percepções parecem fazer com que Rafaela acredite que no tocante à maternidade a novela “poderia ter um pouquinho mais da forma como tu age”, relacionando as representações à falta de cuidado.

Alice também menciona Joyce enquanto uma mãe relapsa pela falta de compreensão e sentimento para com a filha, mas percebe a mudança na personalidade da personagem: “[...] uma mãe que não queria ser, parece, depois que ela foi pegando o amor pela filha, ela queria que a filha fosse igual a ela, né, e tem mulher assim na vida real. Mas ela mudou depois”. Cenira entende que Silvana (Lília Cabral – *A Força do Querer*) não é uma boa mãe porque “ela não pensa nos filhos, já que “naquelas jogatina dela, olha as fria que ela tá entrando. A alegria dela é o jogo, não é filhos, marido”. E Luanda cita Nazaré (Renata Sorrah – *Senhora do Destino*) como uma mãe contraditória pelo amor que sentia pela menina que sequestrou.

Os entendimentos acerca do auxílio da telenovela para pensar a maternidade são variados: Maria Luísa entende que não aprende a ser mãe com as telenovelas. Rafaela compreende que as tramas ajudam mais pelas diferenças das personagens em relação a ela: “tem certas coisas ali que tu sabe que se tu for fazer tu vai te ferrar”. Luanda, Cenira e Alice aprendem sobre ser mãe com as novelas principalmente no tocante a formas de educar os filhos. Luanda cita Mamuska (Da Cor do Pecado), considerada por ela como uma boa mãe, e afirma que aprendeu com a personagem “a questão dos limites”, já que esta “brigava com eles [filhos] porque ela queria que eles se transformassem em pessoas com responsabilidade”, o que complementa com sua experiência: “sempre falo pros meus filhos que eles têm que ser pessoas com responsabilidade e respeito”. Isso se assemelha ao que busca exercitar com os filhos, como fica nítido ao contar sobre a atitude de um deles quando a loja em que trabalha foi roubada, na qual ela percebeu que os valores passados estão sendo colocados em prática.

A partir dos usos que faz da novela, Cenira parece reforçar o modo de pensar que atribui às mães a educação dos filhos:

Ai, eu acho, [aprendo] muita coisa. Acho que mãe deve ser mãe, amiga e companheira dos filhos, eu sou assim, tanto que se eles tem um problema eles vem falar pra mim, sobre como agir, um serviço, tudo. Falam pras mulher, mas falam pra mim também [risos]. E pode ver, o filho quando tem um problema ele vem falar com a mãe. Antigamente não era assim, eu, quando tinha um problema, não falava, mas agora os filhos são assim. (Cenira)

Como visto no capítulo IV, apesar de realizarem a função materna da melhor maneira que podem, Maria Luísa e Luanda percebem que a responsabilidade pelos filhos (com relação

ao amor e à educação) recai predominantemente sobre as figuras maternas e discordam dessa configuração. Nas novelas, Maria Luísa constata que “é muito difícil ter pai” e Luanda percebe que “o papel ainda fica sobre as mulheres”, pois “[...] uma que outra novela que o homem é responsável e cuida dos filhos”. Alice e Rafaela, de maneira geral, percebem que a responsabilidade pelos filhos recai mais sobre as progenitoras e/ou sobre pais e mães de maneira equilibrada, apesar de acreditarem que essa tarefa deveria ser dividida. Elas entendem que “tá parelho” e que “quase sempre é a mãe, mas tem homem que educa também”. Para exemplificar, ambas citam o caso do personagem Abel (Tonico Pereira - *A Força do Querer*) que criou o filho sozinho.

A partir das novelas, Cenira parece aprovar a ideia de que a maternidade deve mesmo recair sobre as mães quando acredita serem elas as maiores responsáveis porque “o pai no serviço e a mãe no dia a dia, ali”, o que leva os filhos a terem “mais intimidade com a mãe do que com o pai pra falar certas coisas”, percepção esta que remete a forma como a entrevistada sempre geriu as relações com os filhos, mesmo que tenha trabalhado fora durante a maior parte da vida.

Ao tratar sobre se o amor que as mães e os pais sentem pelos filhos nas novelas é maior, menor ou diferente, Maria Luísa afirma que existem “pais que sofrem bastante na novela [...] pai preocupado, tem pai que é bem presente” o que difere de sua percepção no âmbito da realidade. Nas percepções de Luanda, Alice e Cenira, o amor e o afeto que as mães sentem pelos filhos nas novelas é maior daqueles sentidos pelos pais. Luanda, que afirma que o “comprometimento” dos pais pelo amor aos filhos é menor que o das mães, entende que nas novelas “[...] tu vê, os homens vão pros clube, fazem isso, aquilo, sempre sozinho. As mulheres sempre que vão nos lugares tem que se preocupar com os filhos”, atitudes que critica. Alice confirma que “às vezes, na novela, tem pais que não dá atenção pros filho, mais é a mãe [...]” mencionando o exemplo de *Malhação*, “que o pai não dava atenção pra filha [Clara – Isabella Scherer – *Malhação Viva a Diferença*] e ela começou a se cortar”. Cenira ratifica seu modo de pensar ao afirmar que “[...] se o filho tem problema, ele não chega no pai pra falar, chega na mãe”.

Existem discussões nos encontros do grupo acerca da necessária divisão igualitária da responsabilidade pelos filhos entre pais e mães – seja no tocante à educação ou ao afeto. Como já visto no capítulo IV, essas conversas são geralmente iniciadas por Luanda. Nos usos que faz das telenovelas, essa entrevistada parece reafirmar que essa responsabilidade recai predominantemente sobre as figuras maternas, entretanto, não concorda com isso e, afirma dialogar sobre esta forma desigual de divisão com o marido. Maria Luísa também avalia como



incorreta essa repartição de responsabilidades mal equilibrada, entretanto, discute mais sobre isso nos encontros da Associação. Cenira, Alice e Rafaela também confirmam suas percepções a partir das tramas, apresentando em seus discursos que percebem um equilíbrio entre pai e mãe e/ou entendem que os filhos são de responsabilidade das progenitoras nas tramas e os posicionamentos mais contrários a esse modo de gerir a relação com os filhos são mais nítidos nos casos de Rafaela e Alice.

Ao tratarem da maternidade nas novelas, elas parecem reforçar parte dos papéis de gênero que aprenderam na infância e na adolescência, o que pode ocorrer em função do desejo de suprir carências sentidas nesses períodos. Interessa ainda destacar que as mulheres só mencionam as figuras paternas quando inquiridas a tratar sobre o assunto. Bem como afirma Silva (2011, p.116) sobre as conclusões do seu trabalho de recepção de telenovela com mães e filhas de classes populares, “a idealização da maternidade está profundamente ligada a uma ideologia patriarcal” e, nesta pesquisa que se apresenta, “a problematização em torno das relações de gênero” também foi de fundamental importância para entendermos as percepções das entrevistadas sobre a novela.

### 5.2.1.2 Trabalho

Mesmo que Luanda reivindique a valorização do trabalho intelectual – como visto ao tratar da sua relação com o marido - a percepção dessa esfera nas telenovelas ocorre, por todas, com base no âmbito manual, o que torna nítida a valorização deste tipo de atividade e se relaciona às trajetórias das entrevistadas, que foram predominantemente empregadas domésticas. Maria Luísa, Rafaela e Alice consideram a personagem Maria do Carmo (Susana Vieira – *Senhora do Destino*) trabalhadora, alguém que “mesmo tendo empregado, tá sempre trabalhando”. Da mesma novela, Rita de Cássia (Adriana Lessa) que é “cabelereira, botou um salãozinho” é mencionada por Alice e Luanda. Jeiza (Paolla Oliveira – *A Força do Querer*) também é citada como uma personagem trabalhadora por Maria Luísa e Rafaela porque “é polícia e leva a sério o trabalho dela”, é “batalhadora”.

Para tratar de personagens femininas que se dedicam ao trabalho do lar, Maria Luísa menciona a “mãe da Jeiza [Candida – Gisele Fróes]” e a “mãe do gurizinho que tá sempre no celular [Heleninha – Totia Meirelles, mãe de Yuri – Drico Alves]”. Alice entende que “aquela, a mãe da Ritinha [Zezé Polessa – *A Força do Querer*] tava sempre costurando, aquela eu acho que sim”. Somente quando questionada sobre outras novelas é que Rafaela se lembra de Griselda/Pereirão (Lília Cabral – Fina Estampa), personagem trabalhadora que no

final da trama acerta na loteria: “[...] ela trabalhava fora, ela trabalhava em casa, ela cuidava dos filho, cuidava dos filho dos outros. [...] foi a única que mostrou mesmo, e ela não tinha vergonha de mostrar o serviço dela e nem como ela era. Depois ela fez papel de fina no final”. Como demonstrado na trajetória de Rafaela, no capítulo IV, essa entrevistada afirma que já foi discriminada por ser empregada doméstica, o que pode estar relacionado a essa ênfase que dá à valorização da ocupação pela personagem.

Luanda e Cenira entendem que as mulheres trabalham mais nas novelas, o que remete à divisão do trabalho já citada com base em Hirata e Kergoat (2007) e Mattos (2006). A primeira menciona que “até quando dá as cenas de banho, os homens pedindo as toalha pras mulher” (Luanda), entrevistada que, ao tratar da experiência, relembra que a própria mãe fazia o mesmo para o seu pai, atitude com a qual ela discordava. Cenira também relaciona o maior trabalho nas novelas às mulheres e afirma que “defendo muito as mulher, porque os homem chegam do trabalho e podem descansar, né, e a mulher não, se bobear ela passa o dia inteiro sem parar. Até pode sentar, mas eu sou uma que tô sempre pensando no que tem pra fazer”. Essa entrevistada entende que as mulheres, em geral, estão sempre mais preocupadas, entretanto, isso não parece se apresentar como uma insatisfação com relação ao marido, sendo que ela não trata como conflito.

Apesar de as entrevistadas conseguirem, em alguma medida, versar sobre personagens femininas que trabalham fora ou em casa, de forma geral, a partir das suas percepções, o trabalho feminino – seja ele realizado em espaço privado ou público - não é representado suficientemente nas telenovelas, o que se nota pelas falas a partir das entrevistas e do texto em ação, que denotam a dificuldade que algumas mulheres apresentam para citar personagens que trabalham. Isso é compatível com as conclusões das pesquisas de Sifuentes (2010), autora que percebe a “secundarização” do trabalho feminino nas novelas, sendo as mulheres mais voltadas para a família e o cuidado, e os homens ao âmbito público.

Os questionamentos relativos às personagens que não trabalham deixam mais nítida a ideia de que o trabalho manual é mais valorizado por essas mulheres. Maria Luísa, Cenira e Rafaela entendem que Silvana (Lília Cabral – *A Força do Querer*), que é arquiteta, “não trabalha, passa jogando” e que “a Silvana acho que não, ela não trabalha, só no jogo”. Rafaela apresenta um panorama de personagens de classes populares ou mais abastados que não trabalham:

Porque a Joyce [Maria Fernanda Cândido - *A Força do Querer*] não faz nada. A outra [Silvana – Lília Cabral - *A Força do Querer*], que diz que é arquiteta, tu nunca vê ela fazendo um trabalho de arquitetura. A empregada dela [Dita – Karla Karenina- *A Força do Querer*] nunca tá fazendo nada, só tapando a sujeira da

patroa. A Ivana [Carol Duarte - *A Força do Querer*] não fazia nada, só queria dinheiro e agora que apareceu trabalhando lá, por isso que também não sabia o que queria da vida. A prima dela também, só vive do dinheirinho ali do pai. O Ruy [Fiuk] vai pra lá, dá aquela brincadinha no escritório e vai embora. (Rafaela)

Quando questionada sobre se os homens ou as mulheres trabalham mais nas telenovelas, Maria Luísa é a única a afirmar que são eles os que mais trabalham, pois “estão sempre saindo pra trabalhar”. Essa percepção da entrevistada pode ser relacionada à falta de representação do trabalho feminino nas novelas, seja ele no âmbito público ou privado. Em um mesmo sentido, Luanda aproxima o trabalho braçal com os menos abastados e o intelectual com os mais: “na novela, se tu é pobre aparece mais o teu trabalho, se tu é de uma classe com mais dinheiro não aparece, mesmo que tu seja dona de casa. Só se tu tiver no escritório que retratam mais, se não, não”. Esta entrevistada, além de perceber, revela o incomodo que sente com a falta da representação do trabalho feminino nas tramas,

Isso foi uma coisa que sempre me incomodou. Parece que é uma coisa fútil o trabalho. Agora faz tempo que eu não presto atenção, assim, mas parecia que as pessoas tinham mais lazer e nisso eu achava que não demonstrava a realidade. Parece que as pessoas tinham mais lazer, mais tempo de se envolver em relacionamentos. Porque as novelas giram muito em cima de relacionamento. E parece que trabalho e coisas que demandam mais tempo do nosso dia a dia na novela era gasto pouquinho tempo. (Luanda)

Cenira percebe que as personagens não trabalham em casa: “aquelas ali, cada uma têm empregada, a não ser aquela parte do Zeca que as mulheres tão tudo em casa, não trabalham fora”, mas quando questionada sobre que trabalho estas mulheres realizam, afirma que “não, não aparece. É difícil alguma coisa aparecer”. Rafaela comenta sobre a falta de trabalho doméstico quando afirma que “não aparece nada, a não ser a mãe da Bibi [Aurora – Elizangela - *A Força do Querer*] ali, fazendo um bolo, servindo um café”.

De maneira geral, as questões sobre as novelas parecem fazer com que elas pensem sobre o que é trabalho, seja ele doméstico, realizado em âmbito público, manual, intelectual e/ou mental – o que se refere a constante preocupação feminina com a casa e a família. Elas identificam-se com as personagens que consideram trabalhadoras e a maioria questiona os comportamentos daquelas que não o fazem, seja no âmbito público ou privado. Luanda percebe que através das representações sobre as empregadas domésticas, com as quais ela parece se identificar, mas, ao mesmo tempo, se distanciar, as telenovelas a auxiliaram a deixar a profissão, o que, inferimos que ocorreu na busca por uma melhor condição de classe e pelo desejo de estudar.

### 5.2.1.3 Relações Afetivas – Sexualidade

Adentrando a esfera das relações afetivas e da sexualidade, ao pesquisarmos a recepção de telenovela na busca por compreender o papel da telenovela na construção de uma feminilidade de classe por mulheres não envolvidas com movimentos sociais, com Ronsini et al (2015, p. 14) apontamos que a novela oferece “padrões de comportamento sexual, modos (respeitáveis) de apresentação no espaço público e o modelo do *self* ideal burguês”. Concordamos que “o princípio sexista da vida privada como responsabilidade feminina e da vida pública como esfera masculina é vivido” pelas entrevistadas e que pode ser “parcialmente, reforçado pela incorporação do modelo da mulher “batalhadora” das heroínas do melodrama”. Na pesquisa mencionada, as representações sobre relacionamentos conjugais das telenovelas eram tidas como mais igualitárias do que aquelas vividas pelas informantes e poderiam ser apropriadas como modelos de relacionamentos satisfatórios, bem como, em alguma medida, ocorre aqui.

Como será visto, Maria Luísa e Cenira, que identificam as suas relações conjugais - atual e anterior respectivamente - com relacionamentos fictícios marcados por dominação e violência, o fazem de forma a afirmar que já passaram por estágios semelhantes. Inferimos que Maria Luísa, por outro lado, através de projeções realizadas com personagens, percebe as possíveis mudanças pelas quais sua relação com o marido ainda pode passar no que diz respeito à maior igualdade.

Quando questionadas sobre com qual relacionamento da telenovela elas identificam traços semelhantes àqueles que mantêm com os cônjuges, Maria Luísa cita a relação que vive Rita de Cássia (*Senhora do Destino*) – marcada por violências e mais tarde pelo enfrentamento destas por parte da personagem – e afirma que “antigamente era assim, agora mudou um pouco, porque eu não deixo mais”. Cenira retorna às características do primeiro casamento e o identifica com a relação de Eugenio (Dan Stulbach) e Joyce (Maria Fernanda Cândido), contando que “a gota d’água foi quando eu descobri que ele engravidou uma guria, tudo isso” e não identifica a relação atual com nenhuma representada nas novelas.

Já, Alice identifica seu casamento com a relação de companheirismo de Silvana (Lília Cabral) e Eurico (Humberto Martins) na novela *A Força do Querer* porque este “que era apaixonado por ela” e porque “ele queria sempre tá com ela, se ela tava doente, com dor de cabeça, ele e ela tavam junto”. Seu marido é descrito como alguém que “[...] gosta muito que eu fique junto, ele não se importa se eu fiz tal coisa”. Rafaela e Luanda não conseguem definir alguma relação com a qual possam identificar as suas.

Exceto Alice, ao tratarem especificamente das relações entre homens e mulheres nas novelas, a percepção das entrevistadas demarcam marcas de dominação nas tramas. Maria Luísa, Luanda, Rafaela e Cenira – mulheres que não identificam as relações que mantêm com os maridos na novela ou o fazem com relacionamentos abusivos com marcas de ação feminina e/ou marcados pela infidelidade - atribuem as relações entre homens e mulheres representadas nas novelas à violência e à dominação. Maria Luísa, que identifica sua relação atual com o cônjuge com esse tipo de representação, o faz de forma a afirmar que já passou por estágios semelhantes, para ela “os homens sempre dominam mais” e para exemplificar, cita o marido de Silvana (Eurico – Humberto Martins – *A Força do Querer*) como “homem bem chato”, personagem esse que controla as ações da mulher principalmente no que diz respeito aos jogos.

Quando Maria Luísa se refere à Jeiza (Paolla Oliveira – *A Força do Querer*), ela remete à maneira como parece conceber as relações desiguais entre homens e mulheres ao tratar das tentativas de dominação do namorado sobre a personagem. Enfatiza a persistência desta em seguir seus ideais: “é discriminada, o Zeca [Marcos Pigossi – *A Força do Querer*] mesmo, tenta domar ela, e ela não vai deixar”. Ao tratar dos modos como vê televisão, a entrevistada afirma que se identifica com a personagem, o que, inferimos, ocorre por comportamentos como este e pelo discurso mais igualitário de Jeiza.

Ao tratar das relações entre homens e mulheres, Luanda aproxima as representações ficcionais da realidade ao entender que as relações são predominantemente de dominação “que é a dominação, a submissão de um gênero pelo outro”. Rafaela cita a agressão que o personagem Rubinho (Emilio Dantas - *A Força do Querer*) exerceu sobre a esposa e a forma como esse tipo de comportamento masculino pode tomar maiores proporções: “[...] tapou a boca dela [Bibi], segurou os braços dela. Isso é um passo pra depois ser mais violento”. Rafaela, que defende a necessidade do trabalho feminino, percebe que as proibições que Zeca (Marcos Pigossi – *A Força do Querer*) pretende impor após o casamento com Jeiza não convergem com o projeto de profissão desta: “o Zeca disse pra ela: depois que tu casar comigo tu vai ficar por casa. Mas como que ela vai ficar por casa se ela tem a profissão dela?”. Esta entrevistada não menciona conflitos sobre o marido em relação à sua participação na Associação ou nos demais serviços que ela realiza.

Cenira associa a questão da igualdade à situação masculina, afirmando que as personagens se encontram em um estado de “calmaria” – marcado pela dominação - como Joyce (Maria Fernanda Cândido) que, ao contrário do que ela faria, aceita a infidelidade do marido: “não sei, meu sistema, meu gênio é diferente, eu não aceitaria, jamais na vida,

jamais”. Alice é a única entrevistada que acredita serem as relações entre homens e mulheres na novela mais igualitárias, pois “violência até não tem muito”, apesar de lembrar que Rubinho, marido de Bibi, não era violento, mas se tornou.

Ao tratarem de personagens masculinos que chamam suas atenções, as entrevistadas citam aqueles que apresentam características avaliadas como positivas, principalmente no tocante às relações que mantêm com as mulheres e que se aproximam dos ideais que apresentam ao tratarem de características que avaliam como positivas em homens para casar. Eles são cuidadosos, amam as esposas e famílias, são trabalhadores, tem boa “índole”, não são violentos e nem “machistas”. Maria Luísa cita Joaquim (Chay Suede – *Novo Mundo*) “porque ele gosta da Ana, ele cuida muito dela”. Alice e Rafaela citam o personagem Zeca (Marcos Pigossi - *A Força do Querer*) porque “ele era bem atencioso com o pai dele e com a tia, né” e “pela índole dele”. Rafaela contrapõe o “machismo” com a propensão para o trabalho: “a única coisa que eu não gosto dele é aquela parte de machismo”, já que “ele perdeu a Ritinha aquela vez porque ela queria ir pro Rio e ele não deixava, só quando casasse que ele ia levar ela pra ficar uns dias na lua de mel”, apesar disso, “ele é trabalhador, tem bom coração, cuida bem do pai dele”.

Cenira menciona Caio (Rodrigo Lombardi) por dar liberdade à companheira: “o namorado da Jeiza agora” porque “agora ela vai lutar e ele aceita”. Entende, ainda, que “tudo o que ele fala pra ela é certo. Ele não é agressivo, não é estúpido. Ele aceita o que ela fala pra ele” e acrescenta que “ele é bonito”. Luanda cita o ator Lázaro Ramos “porque ele tem uma intensidade nos personagens que ele faz, por mais que ele seja vilão. Aquele Foguinho (Cobras e Lagartos) era um idiota, mas mesmo assim ele passava uma verdade”.

Por mais de uma vez durante a pesquisa, Luanda se refere diretamente a atores e atrizes das telenovelas, o que remete as constatações de Junqueira (2009, p. 233) em pesquisa de recepção acerca das desigualdades e telenovelas. A autora compreende que, a partir dos anos 2000, a classe C passa a aumentar o domínio do fluxo de teledramaturgia e a aprimorar o domínio do tempo teledramatúrgico, o que leva os sujeitos a se transportarem mais facilmente de uma novela para outra. Segundo a autora, essa maior aproximação dos receptores com as telenovelas fica nítida com o “aumento da frequência, no discurso dos telespectadores, da referência, ou mesmo da identificação aos atores e atrizes e não mais estritamente aos personagens representados em determinada novela”.

Exceto no caso de Luanda, as personagens femininas que chamam atenção apresentam características que se relacionam ao cuidado e a atenção, entendidas pelas entrevistadas como parte das vivências femininas com relação à família. As personagens femininas são citadas

pelas formas como gerenciam as relações que vivenciam, marcadas por amor, cuidado, atenção com os familiares, amigos e cônjuges, respeito e trabalho. Em alguma medida, essas personagens não são submissas e buscam ser valorizadas. Maria Luísa menciona Edith (Viviane Araújo – *Rock Store*) por ter um relacionamento em que “ele valoriza ela e ela valoriza ele” independentemente da beleza de ambos. Ao tratar dessa personagem, a entrevistada traz a experiência do casamento: “se o meu marido fosse bem feio, eu gostaria dele do mesmo jeito, e ele não, ele mudou muito depois que eu engrordei”. Rafaela menciona Jeiza (Paolla Oliveira - *A Força do Querer*) e Simone (Juliana Paiva) pelo cuidado que ambas tem com a mãe: “tá sempre cuidando mais dos outros do que dela mesma” e Anna (Isabelle Drummond – *Novo Mundo*) por estar à frente de seu tempo pelo modo como pensava: “de não querer ser submissa ao homem, que naquela época tinha que ser. Se ele quisesse dormir contigo tu tinha que dormir, porque era obrigação da mulher, tu tinha que servir”.

Alice menciona “aquela gordinha” Abigail (Mariana Xavier – *A Força do Querer*) porque “é uma pessoa assim bem atenciosa, bem alegre, eu gostava dela”. Cenira cita Nazare (Luci Pereira), porque “acho ela super legal, em tudo”. E, por fim, muito pela identificação étnica, Luanda se refere à Michele (Taís Araújo) da série *Mister Brau* “porque ela traz várias questões [...] traz assim, problematiza, traz Elza Soares”. Ela cita ainda as empregadas domésticas que chamam sua atenção “desde criança”, “porque eu quero ver como é que é, como tão retratando as empregada doméstica”.

Borato (2012) realizou um estudo de recepção da telenovela *Insensato Coração* com integrantes do Movimento Negro na tentativa de investigar a mediação das identidades e representações étnicas pela telenovela, bem como sua recepção. Semelhante ao que a autora constata, a partir das questões realizadas por nós, do texto em ação, bem como das observações que realizamos, por vezes Luanda menciona as formas negativas como acredita serem as personagens negras representadas nas novelas, como a representação das empregadas domésticas como “[...] pretas, pobres, da favela”, o que a entrevistada identifica com a realidade vivida, mas busca se afastar.

Bem como na pesquisa tratada, ao analisarmos as leituras realizadas por ela acerca das representações nas telenovelas, percebemos que as “matrizes de identidade funcionam como chaves de leitura, sendo a base de classificação de nós/eles, ou seja, permitem estabelecer reconhecimentos/distinções em relação à telenovela” (BORATO, 2012, p. 89). Sendo assim, “a etnia é um ponto forte para entender as teias de significados da recepção, reforçando o sentimento de pertença negra” (BORATO, 2012, p. 101). Nos termos da pesquisadora, a etnia pode ser considerada um dos principais códigos interpretativos portado por essa entrevistada.

É interessante perceber que Alice também se autodeclara como negra e não realiza leituras que tem como ponto chave a etnia, o que serve para refletirmos na forma como a participação em movimentos sociais, especialmente o negro, nesse caso, pode interferir nos usos realizados por Luanda. Aqui também se torna “difícil identificar quando é o negro falando e quando é o militante social negro falando” (BORATO, 2012, p. 101).

Ao tratarem dos pontos positivos do casamento, elas citam valores que endossam, como companheirismo, união, respeito ou associam à maternidade – como é o caso de Maria Luísa, que relaciona o melhor do casamento à convivência com os filhos. Diferentemente disso, os pontos negativos do casamento são, em boa parte, vivenciados pelas mulheres.

Pela participação na Associação, que é atrelada às vivências anteriores e atuais, como visto, por diferentes vias, essas mulheres endossam relacionamentos afetivos igualitários e um indício dessa conquista parcial de autonomia é a projeção e/ou identificação com personagens femininas que reagem a violências. Além disso, elas questionam comportamentos de homens e personagens considerados “machistas”, caracterizados por agredirem mulheres e não realizarem tarefas domésticas, ao que podemos acrescentar os que não auxiliam na educação dos filhos - o que não significa o desvinculo com relações desse tipo nas práticas. Aqueles descritos por elas como adequados para casar são trabalhadores, inteligentes, tem uma personalidade equilibrada e são “companheiros” das mulheres - características que também não determinam os modos de ser de seus cônjuges.

Como apresentado em 5.2, Sifuentes (2010) constatou que nas representações da trama que analisou existe crítica à infidelidade no casamento, mas que há uma maior “condescendência” com as traições masculinas, o que não percebe com as femininas. Isso é convergente com o que aparece nas novelas mencionadas pelas mulheres para tratar desse ponto e pelas leituras que algumas fazem das tramas. Alice entende que a partir das representações “quase sempre é a mulher que é errada, mas tem que ver o homem também”. Para Rafaela as mulheres, quando infiéis, são mais julgadas nas novelas. Nesse momento, ela entende que quando Ritinha (Isis Valverde - *A Força do Querer*) traiu Zeca (Marcos Pigossi) foi mais criticada quanto à infidelidade de Ruy (Fiuk) para com Cibele (Bruna Linzmeyer), o que pode advir da sua própria forma de pensar. Maria Luísa finaliza afirmando “os homens sempre são mais aceitos”.

Apesar de haverem alguns questionamentos, Luanda afirma que a maior aceitação da infidelidade masculina é percebida nos encontros da Associação a partir das falas – e inferimos que das ações – de algumas mulheres, pois “é uma briga que nós temos desde sempre, que numa traição o homem tem essa vantagem, homem pode trair, a mulher que é a



“sem vergonha”, o que ficou nítido no encontro em que realizamos a assistência coletiva da telenovela. Na ocasião, quando questionamos sobre o que elas achavam da personagem Domitila (Agatha Moreira – *Novo Mundo*), amante de Dom Pedro (Caio Castro), Rafaela e Maria Luísa afirmaram que não gostavam da personagem “porque ela se meteu na história lá”. A outra é apaixonada pelo marido, a princesa, e ela aproveitou que ele gostava de ter amante...” (Rafaela).

A seguir traremos o diálogo travado entre Maria Luísa, Rafaela e Luanda de forma a ilustrar o papel da Associação no reconhecimento das mulheres acerca das vivências nas relações de gênero.

Luanda: É que assim, sempre cai a culpa na mulher. Rafaela: Não, mas essa aí [Domitila] é culpada. Maria Luísa: Depende da mulher. Luanda: Não, não tem de depende da mulher, o homem tava junto [...] Maria Luísa: Assim, eu sou tua amiga e vou andar com teu marido, eu sou o que? Luanda: Ela é sem vergonha também, mas os dois. Maria Luísa: Então. Não é que seja só a mulher. Luanda: Mas o que eu falo é que sempre sobra pra mulher. Rafaela: É, mas se ela não quisesse não faria.

Quando Luanda afirma que é necessário tratar ambos, homens e mulheres infiéis, como “sem vergonhas” e não somente ressaltar o papel da mulher como negativo, Rafaela, se referindo ainda a relação extraconjugal entre Domitila e Dom Pedro, afirma que “no caso ela aproveitou porque o desgraçado era carne fraca e tinha um monte de amante. [...] os dois são sem vergonha, mas a mulher, já sabendo que ele é uma praga desgraçada, ela vai e se mete, ela fica sendo a mais sem vergonha da história”, no que salienta a ideia de que os homens traem por uma questão instintiva. Sobre o que Luanda afirma: “Ah, ele é carne fraca, ela é sem vergonha, viu? [ênfase]”. De alguma maneira esses diálogos demonstram o papel das novelas em fazer essas mulheres refletirem sobre as posições ocupadas por homens e mulheres infiéis.

Nas entrevistas, quando questionadas sobre suas opiniões acerca das cenas de sexo nas novelas, Maria Luísa e Luanda afirmam fazer uso dessas representações como uma ferramenta de auxílio na educação sexual delas mesmas e dos filhos, o que ocorre em função da ausência desse tipo de ensinamento durante suas infâncias e adolescências. Outrora, Maria Luísa se “apavorava” e não deixava os filhos assistirem esses conteúdos, comportamento que difere do atual, quando afirma que “é uma coisa que tu tem que aprender e o teus filhos tem que aprender”, pois ser mulher “pra minha mãe era cuidar da casa e pro meu irmão mais velho também. Tanto é que uma vez eu achei as pílulas [anticoncepcionais] da minha irmã [...] e ela me deu uma tunda de pau porque não era pra mexer nas coisas dela”. Apesar de acreditar que

atualmente “tá aparecendo mais explícito”, Luanda entende que “a gente tem que falar com a linguagem de uma criança de quatro, de cinco [anos de idade], tem que explicar”, afirmando que “na minha infância, pra mãe era um tabu”.

Entretanto, a experiência familiar que tiveram durante a infância e adolescência não determina o uso da novela como instrumento de auxílio, já que a maioria das mulheres, por exemplo, não aprova a exposição de cenas que veiculam representações de sexo em horários inapropriados – o que não impede que realizem esses ensinamentos a partir de outras instâncias das próprias novelas e, menos ainda, por diálogos travados cotidianamente que não ocorrem a partir das narrativas. Rafaela, Alice e Cenira são contra a aparição de cenas com conteúdo sexual nas telenovelas em horários considerados inapropriados principalmente em função dos filhos(as) ou netos(as). Rafaela entende que a filha “tem que saber” sobre esses conteúdos, entretanto, “agora pouco começou a ver, mas ela fica meio encabulada” e “quando tá dando um filme, uma coisa, que a gente já sabe que vai dar alguma cena, a gente já troca de canal”, comportamento esse que se assemelha ao vivenciado na infância, pois “nós também não ficava olhando na frente da mãe aquelas parte” porque é “uma parte mais íntima”.

Quando pedimos que Cenira mencionasse uma personagem que, a seu ver, se aproxima da realidade, ela cita Ivana (Carol Duarte – *A Força do Querer*) e expõe certo desentendimento quanto ao que significa ser transexual. Demonstra, assim, o papel da telenovela em apresentar e, em alguma medida, explicar temáticas diferentes, o que denota o caráter pedagógico das tramas nos termos de Lopes (2009):

Ai, não sei, eu me invoco muito com aquela que era guria e que virou trans agora. Eu penso, penso, quero entender, mas não entendo como que ela fez aquilo ali, como é que... eu não consigo entender o que é trans, o que ela fez pra virar homem? [tento explicar]. Mas no caso, assim, o que ela tá preferindo é mulher ou é homem? (Cenira)

A sensualidade feminina é atrelada à autoestima sentida através da aparência, esta que deve atender a pressupostos que, em alguma medida, podem ser determinados pelas próprias entrevistadas, ou seja, ao “se sentir bem” talvez mais do que a padrões instaurados – usar maquiagens, acessórios e se vestir na medida em que consideram corretos. Mesmo que o termo possa não apresentar uma única definição, Cenira não desenvolve o assunto, mesmo com nossas tentativas de explicar. Já, Rafaela expressa que a forma de se vestir e de se comportar da personagem Jeiza (Paolla Oliveira – *A Força do Querer*) é o que a torna sensual, contrastando com a personagem Bibi (Juliana Paes - *A Força do Querer*): “ela veste aquelas roupas dela e tudo, vestido tubinho, mas nunca vulgar. Nem quando ela vai lá fazer os

treino dela”, ao contrário, “Bibi era fútil. Nada contra, mas ela dançando daquele jeito com a outra lá em cima, e o marido [Rubinho – Emilio Dantas] com outra, cuidando a outra (Carine – Carla Diaz)”. Maria Luísa, apesar de entender que Silvana (Lília Cabral – *A Força do Querer*) não trabalha, vê nela um exemplo de mulher sensual: “bonita [...] o jeito dela, gosto do jeito dela”.

Alice e Luanda atribuem a sensualidade à beleza e a características inatas às atrizes. Alice menciona a personagem Luiza (Camila Queiroz – *Pega Pega*), remetendo ao comercial feito pela atriz que é “bem bonita porque ela é alta”, o que contrasta com o seu fenótipo: “eu sou baixa, né, acho bonito mulher alta”. Enquanto a segunda, que apresenta traços de identificação com personagens negras, cita a atriz Camila Pitanga em todos os papéis que faz “porque eu acho que é dela [...] eu não sei se a beleza dela assim, eu acho que por mais simples que seja o personagem ela consegue ser. Não sei se é porque eu sou fã dela”.

Não conseguimos mensurar exatamente em que medida as percepções das entrevistadas acerca da sensualidade se assemelham às constatações as quais chegamos com Ronsini et al (2017)<sup>72</sup>, no tocante ao “conceito de elegância burguesa”, mas na pesquisa mencionada, o entendimento das entrevistadas sobre o consideravam uma mulher sensual também foi permeado pela ênfase no comportamento considerado adequado e na aparência:

[...] os cuidados com os cabelos e uso da maquiagem, com o vestuário e acessórios de modo que não sejam extravagantes, em suma, o conceito da elegância burguesa; o comportamento discreto que se caracteriza por modos de falar, de olhar, de sentar, etc.” (RONSINI et al, 2017, p. 7)

Como visto, nas telenovelas, as personagens percebidas como sensuais são vistas positivamente por serem bonitas, se comportarem de maneira discreta e usarem roupas que as mulheres aprovam. Inferimos que o fato de a beleza ganhar mais peso nas percepções que as mulheres têm das representações de personagens que consideram sensuais remete ao que Sifuentes (2010) constata nas representações da novela que analisou: a existência de uma relação da beleza feminina com a sensualidade. Além disso, esse peso pode ocorrer pela dificuldade de se perceber a autoestima e a auto aceitação nas personagens, tal como fazem na experiência ao tratarem de si mesmas<sup>73</sup>.

<sup>72</sup> O objetivo dessa pesquisa de recepção de telenovelas realizada com 12 mulheres jovens, maduras e idosas pertencentes às classes populares, foi compreender como eram construídas as identidades femininas e suas relações com os modos de representar o gênero feminino.

<sup>73</sup> Mesmo tendo interpretado isso, não investigamos em que medida as entrevistadas buscam seguir, ou não, os ditames da beleza midiática. A partir de conversas com Maria Luísa e Luanda, as maiores preocupações das mulheres são atreladas à saúde.

As nossas informantes entendem que vulgar é aquela mulher que apresenta modos de se comportar e caráter reprovados por elas. Assim, de maneira geral, a vulgaridade também tem relação com o corpo, mas com comportamentos que são indiscretos e relacionados a modos de falar: ser “escandalosa”, “gritar”. Isso se se liga ainda à moral, sendo que esse vínculo acontece também pelo conteúdo das falas: “fofoca”, “futilidade”. Pelas leituras que fazem das novelas são reafirmados os modos de se comportar que não correspondem aos que elas julgam como adequados e, em menor medida, à irresponsabilidade feminina, sendo que a relação com o corpo passa a ser ainda maior. Maria Luísa entende que Cândida (Gisele Fróes – *A Força do Querer*) é vulgar pelo “jeitão” dela, mesmo que a personagem costume usar blusas decotadas e justas, não podemos afirmar que são essas as características que a tornam vulgar para Maria Luísa, entrevistada que, ao tratar da relação que tem com o feminismo, concorda com a liberdade das mulheres no tocante à vestimenta. Ela também cita Bibi (Juliana Paes – *A Força do Querer*) que é vulgar “até na vida real”. De forma geral, para esta entrevistada, as novelas representam as mulheres de forma a desvalorizá-las e a objetificá-las, o que ocorre pela representação de corpos femininos considerados padrão: “a mulher é mais como um objeto. Aí bota aquele mulherão, coisa mais linda, eu nunca vi uma gordinha se destacar na novela”.

Rafaela, que não concorda com a liberdade das mulheres quanto à vestimenta, cita Bibi pelas “roupas que tava usando”, ao que acrescenta o modo de se comportar, visto como antagonico ao que se espera de uma advogada: “pelo jeito dela também chegando lá no morro, sabe, daquele jeito dela lá. Pra quem ia ser advogada, né”. Luanda, que ao tratar da sua experiência enfatiza que não relaciona a vulgaridade ao corpo, menciona a personagem Tina Fuchs (Karina Bacchi - *Da Cor do Pecado*) associando a atriz à vulgaridade: “uma loira [...] meio bocuda. Eu acho os personagens dela muito vulgar [...] acho que é implicância com a atriz [risos]”.

Alice não se lembra de uma personagem específica e quando incitada a falar sobre Ritinha (Isis Valverde – *A Força do Querer*) atribui essa característica a esta por ser “um pouco escandalosa”, bem como à sua mãe Edinalva (Zeze Polessa). Cenira cita Ritinha pelo comportamento que não corresponde ao de uma esposa e mãe, que beira a irresponsabilidade: “porque ela tá vendo que tá fazendo as coisa errada e continua fazendo as peripécia dela. Ela não se toca, assim, que ela tem marido, tem filho, até aonde ela vai com a mentira dela”, o que não tem a ver com o corpo, mas com o que “ela faz”.

---

A partir dos relatos das experiências femininas, percebemos que existem demarcados os limites entre a sensualidade e a vulgaridade. As constatações que Luanda faz acerca desses termos não se distancia daquelas que as demais entrevistadas realizam, ou seja, ao que parece, a participação na Associação e/ou o envolvimento com os movimentos sociais não conformam percepções em sentidos mais igualitários no tocante a estas temáticas.

### 5.3 RESULTADOS E REFLEXÕES SOBRE TEXTO EM AÇÃO

A aplicação do texto em ação nos serviu para ratificar os dados que foram coletados nas entrevistas, pois, de maneira geral, as leituras que as mulheres realizam acerca de temas como relacionamentos abusivos, infidelidade masculina e feminina e posições ocupadas pelas mulheres em situações de violência, se confirmam a partir das interações que realizam com as novelas durante a exposição das cenas.

Durante a aplicação desta técnica percebemos comentários mais e menos conservadores por parte das entrevistadas. O tema da infidelidade confirma-se como complexo, na medida em que apenas Luanda percebe e critica o fato de as próprias mulheres culparem outras mulheres que são infiéis. As outras duas entrevistadas julgam mais as mulheres que traem – sejam elas infiéis aos cônjuges ou amantes. As maiores críticas que Rafaela e Maria Luísa realizam aparecem quando expressam o “nojo” que sentem com relação aos personagens Dom Pedro e Pedro, que foram infiéis às esposas.

A partir das leituras que realiza das tramas, Luanda confirma o entendimento de que a saída das mulheres de relacionamentos abusivos e/ou violentos envolve questões que vão além das vivências individuais. Apesar de refutar a violência contra as mulheres, Rafaela parece perceber que a saída desse tipo de relacionamento depende mais das próprias mulheres que as vivenciam, o que, em certa medida, pode a levar a culpá-las.

Bem como ocorre no restante da pesquisa, marcas da maternidade ideal, marcada por características como o cuidado e a compreensão para com os filhos, são reforçadas a partir do texto em ação, o que ocorre a partir do endosso de boas mães ou das críticas àquelas que não atendem aos aspectos esperados.

A esfera do trabalho não é tratada pelas mulheres no texto em ação. Inferimos que talvez pela pouca representatividade desse tipo de atividade nas tramas – constatada pelas entrevistadas –, durante a aplicação dessa técnica as mulheres não chegam sequer a lembrar de novelas através deste ponto.

Como em Junqueira (2009, p. 226), confirmamos com o texto em ação a validade das telenovelas em auxiliar as receptoras a fazer “uma narrativa própria da vivência de desigualdades, através de processos diversos como identificações, julgamentos, comparações, análises, etc.” Aqui, as narrativas de experiências a partir das tramas não ocorre apenas por meio das desigualdades, mas de todo e qualquer tema ou núcleo que remeta às experiências das mulheres, seja no âmbito da maternidade, das relações afetivas, da sexualidade ou do trabalho, mesmo que este último em menor medida.

As contribuições do método nessa pesquisa foram além da captura das percepções sobre as relações de gênero. A técnica mostrou-se útil para desvendar e reiterar a presença da telenovela na vida das mulheres, sendo que Rafaela foi a mais detalhista ao tratar sobre vivências, relações e características de atores e atrizes, bem como sobre diferentes personagens vividos pelos mesmos intérpretes.

Por questões relativas ao tempo para a realização da pesquisa, o texto em ação<sup>74</sup> foi aplicado com as entrevistadas que mais problematizaram questões relativas a gênero no decorrer da realização das entrevistas, Maria Luísa, Rafaela e Luanda. Os temas e as cenas das novelas apresentadas às mulheres foram escolhidos pelas próprias, como explicado no subitem 2.1.1. Quase todo o tempo de apresentação das 20 cenas de telenovelas foi permeado por comentários das entrevistadas, mas boa parte deles não foi sobre gênero. Para sintetizar essa apresentação, focaremos nas interações das mulheres acerca das relações de gênero, quando elas o fazem.

*Escrava Isaura*<sup>75</sup> é lembrada pelas entrevistadas a partir dos abusos sofridos pela protagonista por parte do seu “patrão”. A cena da novela retrata o momento em que Leôncio (Rubens de Falco) ataca Isaura (Lucélia Santos) e pede forçosamente que ela lhe beije, deixando nítidas marcas da diferença de classe entre os personagens e os reflexos dessa sobre as configurações das relações de gênero. A partir dessa cena, Luanda e Maria Luísa se detém em comentários relacionados aos vínculos estabelecidos entre classe e gênero. A primeira comenta que já sofreu assédio sexual em mais de um emprego e que, por conta disso, entende a cena como “bem atual, do que tem o dinheiro, tem o poder, achar que a gente é subalterna e que nessa relação de força a gente tem que ser fácil”. Maria Luísa afirma que “ele era dono dela”, no sentido da relação escravo e senhor. Rafaela trata sobre a forma como as novelas vêm cada vez mais abordando temas de cunho social, como abuso sexual e a questão

---

<sup>74</sup> As tabelas com os resultados do texto em ação não serão apresentadas aqui porque ocupariam 15 páginas.

<sup>75</sup> As sinopses das telenovelas mencionadas aqui foram apresentadas no subitem 5.2.

LGBTTTs<sup>76</sup>, mas relaciona a incidência desse tema ao fato de existirem autores de novelas gays, mais do que algo que vem do social.

*Pedra sobre Pedra* é mencionada pelo ritual realizado pelas fãs e ex-amantes de Tadeu (Fábio Jr.), que comem uma flor para que esse apareça. A partir dessa cena, Rafaela cogita a possibilidade de receptores terem comido flores, como faziam as personagens: “deve ter tido gente botando isso na boca [risos]”. Essa observação remete ao poder da novela em auxiliar na conformação do comportamento dos receptores.

A novela *A Viagem* é mencionada pela relação conflituosa entre Diná (Christiane Torloni) e Téo (Maurício Mattar). A partir do cunho religioso da novela, que retratava a vida após a morte, a principal colocação de Luanda foi a crítica que realiza sobre ao modo como a igreja católica percebe os gays: “na missa de sétimo dia da minha tia, quando tinha sido aprovado o casamento gay na Argentina, o padre falou que ali na igreja eles (gays) podiam ficar sentados nos bancos assistindo a missa, mas jamais ir pro altar. Eu fique muito P da vida”. Sem apresentarem opiniões nítidas, Rafaela e Maria Luísa comentam sobre o fato de Diná ter sido apaixonada pelo namorado mais jovem que ela.

A telenovela *O Clone* é mencionada pelo primeiro encontro dos protagonistas Jade (Giovanna Antonelli) e Lucas (Murilo Benício), marcado por amor à primeira vista. Além de comentários mais gerais das entrevistadas, Rafaela refere-se a sua percepção acerca da masculinidade quando entende que Lucas é “bundão” por demorar para assumir o relacionamento com Jade.

As entrevistadas definem *Mulheres Apaixonadas* com base na relação conflituosa estabelecida entre Heloisa (Giulia Gam) e Sérgio (Marcello Antony) devido ao ciúme da mulher. Na cena que as mulheres assistiram, a personagem conta para o marido que realizou uma laqueadura para não dividir o amor do cônjuge com filhos. Luanda e Rafaela intitulam a personagem como “louca” e “obcecada”. A última questiona relacionamentos marcados por diferença de idade: “isso que dá, uma mulher mais velha querer ficar com um cara mais novo e ele querer dar uma de boyzinho da praia. É que nem um véio querer ficar com uma guria mais nova, acha o que, que a guria não vai olhar pros caras mais novo?”.

Essa novela também é indicada pelas entrevistadas pela violência contra os avós praticada pela personagem Dóris (Regiane Alvez). Na cena, ela agride o avô, enquanto briga com o irmão. Luanda coloca a existência do “individualismo” das últimas gerações como um problema comum independentemente das opções políticas das famílias, diferente da forma

---

<sup>76</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

como ela podia comportar-se quando jovem: “eu tenho algumas críticas com relação ao modo como se comporta essa geração. Não sei se é porque eu era muito família, assim, tinha muita preocupação com a minha mãe e os meus irmãos”. Maria Luísa menciona que o pai da personagem foi criticado após agredi-la com uma cinta e Rafaela afirma que “odiava essa gurria aí”.

*Senhora do Destino* marcou a trajetória da maior parte das mulheres pelas relações conflituosas entre Maria do Carmo (Susana Vieira) e Nazaré (Renata Sorrah), porque essa sequestrou a filha de Maria do Carmo. Na cena apresentada às mulheres fica expressa a persistência da mãe no objetivo de encontrar a filha. É sobre isso que versa Luanda quando afirma: “aí mostra o que a gente é capaz de fazer pelos filhos, né”,

Outro ponto dessa mesma novela, lembrado pelas informantes, é a relação abusiva e violenta entre Cigano (Ronnie Marruda) e Rita de Cássia (Adriana Lessa). Na cena, o personagem ameaça a esposa ao perceber a aproximação de Constantino (Nuno Melo), que depois casa com a personagem. Maria Luísa afirma que Rita não traiu o marido na novela. Luanda critica a relação desigual entre homem e mulher e afirma que “esse homem achava que ela era mercadoria, que ela era posse dele”. Ela também critica “essa coisa de mulher casada não poder ter amigo homem” e conta que foi julgada por familiares na época em que trabalhava em uma ONG por viajar demais e, conseqüentemente, ficar pouco em casa.

Durante toda a pesquisa Rafaela posicionou-se contra a violência às mulheres. Entretanto, nos parece que sua percepção de que a saída de relações marcadas pelo abuso ou e/ou violência depende mais da mulher pode a levar a culpar as vítimas de agressões pela permanência nessas relações: “essa parte eu odiava. Ele batia nela na cadeia e ela fazia visita íntima, vai catar coquinho no asfalto!”. Ela relaciona a independência financeira com a emocional: “quem se sustentava não era ela? Ela ainda tinha que conseguir dinheiro pra mandar pra ele na cadeia. A mulher que sabe se sustentar sozinha, se tem dois braços e duas pernas, que se vire!”.

Ao tratarem de *Páginas da Vida*, as entrevistadas relembram o preconceito que Marta (Lília Cabral) tinha com relação à neta com Síndrome de Down. A cena apresenta o momento em que a avó descobre a situação da neta e não aceita cuidar da menina. Maria Luísa e Rafaela julgam o comportamento de Marta como mãe por ser desprovido de cuidado e compreensão. A primeira chega a afirmar que “me deu um nojo dessa mulher que Deus o livre”. A partir de experiências em trabalhos como Assistente Social, Luanda comenta sobre a incidência de pais que abandonam esposas ao descobrir que terão filhos com problemas, estes que fazem com que as crianças fujam das suas “idealizações” masculinas.



A novela *A Lei do Amor* é indicada por aspectos relacionados às relações afetivas. Elas lembram que Pedro (Reynaldo Gianecchini) traiu Heloísa (Claudia Abreu) com Laura (Heloísa Jorge). A cena apresentada às entrevistadas representa justamente o momento em que Heloísa flagra os amantes, na qual fica clara a decepção da personagem com o cônjuge. Luanda critica o posicionamento que indica serem as traições masculinas culpa das mulheres amantes e a consequente “impunidade” masculina: “isso é geral, o quanto sempre a traição o problema é da mulher, é uma mulher criminalizando outra pelo fato, o homem sai muito impune disso tudo”. Essa crítica maior sobre as mulheres fica expressa no comentário de Maria Luísa, que afirma que Laura “foi demais, deu em cima dele e levou ele, aproveitou que eles tavam brigado, ela foi bem vulgar”. Essas percepções de Luanda e Maria Luísa são aqui reafirmadas com relação aos demais dados apresentados. Rafaela posiciona-se contra percepção da traição masculina como um impulso natural: “vem dizer que a carne é fraca, que é instinto do homem! Ai, bebi um pouco de vinho. Ah, vá! [risos]”.

*Novo Mundo* também é lembrada pelas mulheres por aspectos relativos à infidelidade, pelas traições de Dom Pedro (Caio Castro) sobre a esposa. A cena retrata o momento em que, após ter tido um ataque na companhia da amante, o homem é acordado, já em casa, pela esposa Leopoldina (Letícia Colin). Em caráter de arrependimento, a elogia como uma boa esposa e o casal inicia uma relação sexual. Todas as entrevistadas questionam a atitude de Dom Pedro. Maria Luísa comenta que sentia “nojo” nessa parte da novela.

A novela é citada também pela violência psicológica realizada por Thomas (Gabriel Braga Nunes) sobre Anna (Isabelle Drummond). Na cena, ele ameaça a personagem quanto à guarda da filha. Luanda afirma que “tem muita mulher que não se separa por medo de perder o filho, sabe elas que pra uma mãe perder um filho tem que ter uma justificativa muito convincente”. Esse medo é reiterado por Maria Luísa quando comenta: “ele ameaçava com a criança, é o que dói mais”. Rafaela julga Anna por ter casado com um homem sabendo que era violento e faz uma afirmação acerca de sua forma de pensar:

Eu não sei, acho que a minha cabeça ela já é ultrapassada da época, sabe, Se fosse naquele tempo que eles queimavam as mulheres dizendo que eram bruxas eu era queimada também [risos]. Se tu soubesse mexer com ervas deus, ou se tu não aceitasse viver de acordo com o que era o certo”. (Rafaela)

*A Força do Querer* é citada pela forma como a personagem Joyce (Maria Fernanda Cândido) se relaciona com os filhos. Na cena, esta critica Ritinha (Isis Valverde) por sair de casa para passear após apenas uma semana do parto do filho. Isso acarreta uma discussão na

qual Ritinha fala sobre como Joyce tenta moldar aos filhos feito “barro”. Luanda e Maria Luísa referem-se às formas como interferem, ou não, nas vidas dos filhos. A primeira comenta que cuida para não se intrometer na maneira como a nora e o filho educam o neto para evitar parecer “invasiva”. Maria Luísa conta que o marido idealizou um futuro para um dos filhos, o qual este não seguiu.

Essa novela também é mencionada a partir do relacionamento conflituoso de Zeca (Marcos Pigossi) e Jeiza (Paolla Oliveira). A cena que as mulheres assistiram retrata os pontos de vista distintos dos personagens sobre a liberdade de cada um. Zeca apresenta um pensamento mais conservador e sente-se inferiorizado pela mulher, que quer ser lutadora de MMA. Luanda identifica isso ao que ocorre no seu casamento. Ela investiu no desejo de realizar um curso superior e entende que isso já fora também a vontade do marido, que não “saiu da zona de conforto” para fazer: “às vezes, eu tenho que me policiar porque parece que o papel tá sendo invertido, parece que ele tá sendo oprimido e não é isso que a gente, feminista, quer, a gente quer igualdade”. Maria Luísa confirma o que já havia tratado em entrevista sobre a ritualidade ao dizer que “meu marido odiava ela [Jeiza], porque ela era bem independente, não gostava de machismo. Eles não gostam de mulher assim”.

O terceiro ponto ressaltado pelas entrevistadas sobre *A Força do Querer* diz respeito ao envolvimento da personagem Bibi em crimes por conta do marido. Na cena, a personagem atea fogo em um restaurante para eliminar provas contra o marido. Luanda afirma que os índices de pesquisas indicam que a maior parte das mulheres presas envolve-se em crimes por conta dos maridos. Maria Luísa opõe o fato de Bibi ser “uma mulher bem instruída” com o envolvimento dela no tráfico e parece culpar a personagem pelo feito: “ninguém obrigou ela”; referindo-se aos riscos corridos pela personagem, Rafaela acredita “que não faria isso”.

### **5.3.1 Entre mediações e leituras das representações de gênero das novelas**

Neste item intentamos retomar alguns pontos importantes para elucidar a forma como as mediações conformam os contextos em que as entrevistadas se inserem. A partir dos dados empíricos, percebemos que a infância e a adolescência dessas mulheres foram marcadas por aprendizados e exercícios de papéis de gênero. Isso aparece pela educação recebida, pelas liberdades diferenciadas que tiveram em relação aos irmãos, bem como pela divisão de tarefas vigente nas famílias. As entrevistadas foram responsáveis por ajudar as mães nas tarefas do lar desde a infância – o que se repetia nas casas dos empregadores ainda nesse período –

enquanto os irmãos, se o fizeram, foi durante a infância, depois em áreas externas ou não realizavam nenhum tipo de tarefa em casa.

A despeito de diferenças, a educação recebida por meninos e meninas seguiu valores morais rígidos, como a necessidade de respeitar e de ser honesto, da mesma forma que ocorre com os conselhos profissionais, voltados ao estudo e ao trabalho, mesmo que, no caso das entrevistadas, este último tenha perdurado em relação à trajetória escolar.

Cenira, Alice e Maria Luísa, que vivenciaram conflitos estabelecidos entre os pais e as mães, tendem a perceber as relações entre eles como positivas e/ou neutras, entretanto, ao que percebemos, foram marcadas pela submissão feminina. Já Rafaela e Luanda entendem que as relações entre os pais foram marcadas por violências. Inferimos que por trás da forma como foram educadas, há indícios de que as figuras paternas, através de suas investidas violentas ou ausentes na função de educadores, são importantes no envolvimento dessas mulheres com a Associação. As convivências com violências de diversas ordens, seja entre os pais e as mães ou entre pais e filhos, podem fazer com que Luanda apresente maior consonância entre aquilo que fala a respeito de como devem ser as relações entre os gêneros na Associação e o que dialoga com a família.

Para melhor sintetizarmos as percepções das entrevistadas acerca das maneiras como gerenciam as relações na família atual – composta por filhos e maridos - compreendemos que é necessário versarmos acerca da mediação da Associação.

A partir do que apresentamos no capítulo IV, acerca das mudanças nas vidas das mulheres após a participação no grupo, acreditamos que em função da ampliação do capital social - que é chave para compreender a aproximação com o movimento feminista e com a Economia Solidária - a participação na Associação leva ao reconhecimento dos problemas antes tidos como individuais como também integradores das trajetórias de outras mulheres por Rafaela, Maria Luísa e Alice; à maior aceitação das diferenças femininas, por Luanda e Maria Luísa; ao menor julgamento relativo a modos de pensar e atitudes que não concordam com os próprios, por Luanda e Maria Luísa; e ao aprendizado e/ou o reforço dos princípios da solidariedade e da cooperação, por Cenira e Maria Luísa, fatores que as fazem moldar as convivências com outros sujeitos de forma a torná-las mais tolerantes.

O papel da Associação nas trajetórias e nas leituras que as entrevistadas realizam das novelas ocorre também, ou principalmente, em função dos assuntos tratados nas reuniões, geralmente iniciados de forma direta e/ou problematizados por Luanda: a igualdade ou a desigualdade de gênero, classe social e etnia; temas que compõem a agenda do movimento feminista, como questões relativas ao aborto, à liberdade das mulheres no que tange à família,

ao casamento e ao trabalho. As opiniões femininas variam de acordo com os temas comentados e, de alguma maneira, as mulheres auxiliam umas as outras na formulação de pensamentos e opiniões sobre determinados assuntos. Ainda, é interessante perceber a forma como os usos realizados da televisão, da internet e das redes sociais – nos casos de Luanda, Maria Luísa e Rafaela, que usam internet - convergem com alguns dos pressupostos e atividades que as mulheres têm acesso na Associação, como entretenimento, informações, aprendizados sobre o necessário respeito às diferenças, bem como sobre artesanato, culinária e geração de renda.

Como já visto, Luanda é a entrevistada que tem o nível de instrução mais alto – ela é pós-graduada – e a que mais se relaciona com movimentos sociais. Apesar de enfatizar que rompeu as relações com alguns, como o movimento negro ou mesmo com o feminista, as concepções advindas desses espaços permanecem conformando sua visão de mundo. De modo geral, essa entrevistada concorda com a legalização do aborto e com a liberdade que as mulheres têm de se vestir conforme desejam. Bem como afirma Borato (2012) ao concluir sua pesquisa de recepção de telenovela com militantes negros, essa entrevistada tem a etnia como ponto chave de algumas leituras que realiza. Essas percepções auxiliam na formação do posicionamento mais crítico que a entrevistada apresenta acerca das relações de poder e refletem nas leituras que faz das representações de gênero das novelas.

Maria Luísa reconhece que atualmente – após a criação da Associação - é próxima de algumas das pautas do movimento feminista e concorda com a relevância deste para a causa feminina. A entrevistada concorda com a legalização do aborto em casos de estupro e também com a liberdade feminina no tocante à vestimenta. Essa maior afinidade reverbera a fase de transição em que está, marcada por um maior reconhecimento dos discursos e ações conservadores do marido, bem como nos usos que faz das novelas.

Já as trajetórias de Rafaela, Alice e Cenira são mais isentas de relações com movimentos sociais. Rafaela prefere não participar de atos organizados na rua, concorda com o aborto somente em caso de estupro e não concorda com o fato de as mulheres poderem se vestir como desejarem, o que também não permite que sua filha faça. Alice e Cenira, como visto, não conseguem definir o feminismo em termos de fala e Cenira demonstra um posicionamento contrário à liberdade das mulheres no tocante à vestimenta. A despeito dessa opinião, entendemos que a própria participação na Associação formada por mulheres pode ser um ato consonante com o movimento.

A necessidade de compreender o que, para cada uma dessas mulheres, significa gênero, como elas elaboram representações do feminino, nos remete àquela ideia, já

apresentada, de “cosmovisão de gênero” apresentada por Lagarde (1996) e denota a importância de reconhecer que as sociedades, os povos, os grupos e todas as pessoas elaboram visões próprias acerca do que é o gênero com base na cultura e nas classes sociais - sendo essa cosmovisão parte estruturante e conteúdo da identidade de cada um. Compreendemos que a percepção dessas cosmovisões convergem com nossa tentativa de realizar um estudo que atendesse minimamente ao conceito de interseccionalidade, na medida em que as condições de classe, gênero e etnia são conformadoras das construções da feminilidade das entrevistadas.

As percepções acerca do envolvimento das entrevistadas com os movimentos sociais e com a Associação remetem a algumas das conclusões do trabalho de Cisne, intitulado *Feminismo, luta de classes e consciência militante feminista no Brasil* (2013, p. 383), com o qual a autora conclui que o processo de formação da consciência militante feminista envolve, como elementos indispensáveis às mulheres: a) a apropriação de si e a ruptura com a naturalização do sexo; b) o sair de casa; c) a identificação na outra de sua condição de mulher; d) a importância do grupo e da militância política em um movimento social; e) a formação política associada às lutas concretas de reivindicação e enfrentamento<sup>77</sup>. Aqui não tratamos da formação de uma consciência militante feminista, entretanto, as conclusões da autora nos auxiliam a refletir acerca do papel da Associação e dos movimentos sociais na vida das entrevistadas, principalmente no tocante a gênero.

Concordamos com Cisne (2013) que a participação nesses espaços – e suas consequências – envolve a saída de casa, que proporciona o convívio com mulheres que apresentam os mesmos problemas, sejam eles familiares, conjugais e/ou financeiros e que pode haver um enfraquecimento da ideia de que algumas das condições femininas se vinculam exclusiva ou naturalmente ao sexo, o que percebemos principalmente com Luanda, que já se envolveu, e ainda se envolve, com a “militância política em um movimento social”, como o feminismo.

A partir das formas como percebem os conflitos na família atual, podemos perceber a relação com o que foi acima descrito. De forma geral, os conflitos ocorrem por conta da responsabilidade pela educação dos filhos, o que se dá pela maior responsabilidade que Maria Luísa percebe ter em relação ao cônjuge; por comportamentos apresentados pelos filhos com

---

<sup>77</sup> O objetivo da pesquisa foi compreender a formação da consciência militante feminista e seus principais desdobramentos na luta de classes no Governo Lula. Metodologicamente, realizou uma pesquisa bibliográfica, pesquisa documental pesquisa de campo composta por entrevistas e observação participante com militantes dos movimentos feministas: Articulação de Mulheres Brasileiras, Marcha Mundial de Mulheres e Movimento de Mulheres Camponesas.

os quais elas não concordam, como é o caso de Luanda; pelas divergências com os modos de pensar e agir dos maridos – seja quando eles criticam a participação na Associação, como é o caso de Maria Luísa, que atualmente não deixa de sair para os encontros por conta disso; quando não realizam as tarefas domésticas conforme elas acreditam que devem que ser feitas, o que demonstra os conflitos que Luanda apresenta por querer se distanciar dessas atividades, mas compreender que existe um padrão de limpeza, que foi ensinado a ela pela mãe; e/ou pelas discordâncias relativas ao gerenciamento da renda, que também são casos mencionados por Luanda.

Já nos casos de Rafaela, Alice e Cenira, os conflitos nas famílias não se relacionam tanto às relações de gênero, mas ocorrem mais por conta de atividades que a filha não quer realizar, no caso da primeira. Alice diverge do marido quando ele sai sem avisá-la e Cenira entende que não tem conflitos atualmente, o que relacionamos às diferenças que a entrevistada percebe com relação às vivências conjugais anteriores marcadas por violências, as quais ela percebe que com o atual marido não ocorrem.

Percebemos que as relações desiguais entre homens e mulheres – entre elas e os maridos - são vigentes em todos os casos, seja pela maior responsabilidade delas na educação dos filhos ou pela não divisão de tarefas domésticas com os maridos. São Luanda e Maria Luísa as que mais problematizam essas questões – a primeira diretamente ao cônjuge e a segunda nos encontros da Associação - o que, inferimos, deve-se ao modo como percebem a Associação e inserem-se nela. Entretanto, no nível da prática, não conseguem romper com essas relações assimétricas dentro de casa. As outras três entrevistadas tendem a considerar toda e qualquer atividade doméstica realizada pelos maridos e/ou filhos como auxílios que parecem ser suficientes, e principalmente Rafaela e Alice se posicionam a favor da divisão da responsabilidade pelos filhos entre pai e mãe.

Os filhos e as filhas das mulheres têm liberdades restritas e isso acontece mais em função dos perigos aos quais ficam expostos fora de casa, diferente dos parâmetros utilizados na educação que as entrevistadas receberam. Exceto os filhos das duas entrevistadas com idades mais avançadas, Alice e Cenira – cujos filhos também têm maiores idades -, os meninos e meninas estão estudando mais do que trabalhando, de forma que seguem os principais conselhos profissionais passados por essas mães. É interessante pensar que elas têm filhos e filhas adolescentes que fazem com que atualizem formas de pensar e de educar, o que pode ir ao encontro ao que propõe a Associação, como é o caso de Maria Luísa.

É na educação que passam aos filhos que essas mulheres estão enfraquecendo a perpetuação de algumas ideias e práticas: elas ensinam meninos e meninas a realizarem as

tarefas da casa e a pensar que isso é o correto; incentivam filhos e filhas a combater a violência contra as mulheres; incitam meninos e meninas a estudar e a trabalhar fora para que sejam independentes; e debatem e ensinam sobre aspectos sexuais.

Compreendemos as mediações da família e da Associação como sociopolíticas, o que significa dizer que são permeadas por relações de poder. Constatamos que as divergências entre Associação e família-casamento ocorrem principalmente pelo endosso, por parte desta instituição, da divisão social do trabalho baseada no sexo, que é questionada durante os encontros principalmente por Luanda. No caso de Maria Luísa, percebemos que as convergências entre família-casamento e Associação aumentam conforme sua participação na composição do orçamento doméstico pelo rendimento financeiro proporcionado pela associação, pois quanto mais ela ajuda, mais o marido parece aceitar o envolvimento com o grupo. Ainda, na sua família há uma espécie de divisão: o marido diverge ou se distancia daquilo que propõe a Associação, ao passo que os filhos convergem no sentido de fazê-la pensar e atualizar, em alguma medida, as relações de gênero, principalmente no que diz respeito à sexualidade.

Como já afirmamos com Lopes (2009), o caráter de ação pedagógica implícita que as novelas portam pela correspondência do habitus do mundo narrado com o do vivido fica nítido quando se percebe que as telenovelas são responsáveis pela criação de um espaço e de um tempo de sociabilidade permeados por representações femininas mais ou menos conservadoras a partir das quais elas problematizam questões acerca das relações entre homens e mulheres, seja nos lares ou na Associação. A partir dos relatos de Maria Luísa, isso fica nítido através dos diálogos realizados com o marido, que envolvem personagens que são mais libertárias, como Jeiza (Paolla Oliveira – *A Força do Querer*) e Rita de Cássia (Adriana Lessa – *Senhora do Destino*), com as quais ela se projeta e/ou se identifica. Luanda, que teve a trajetória marcada pela academia, considera que as tramas a servem como instrumento de aproximação com moradores do bairro pela possibilidade de diálogo acerca de temas do cotidiano – os quais, segundo ela, não podem ser realizados com base em termos “teóricos”.

Como já visto, é através das experiências dessas mulheres que as telenovelas as fazem refletir sobre assuntos como a violência contra as mulheres, problemas familiares, como vícios, e de casais, como a infidelidade. Podemos perceber aquilo que afirma Junqueira (2009) ao tratar sobre as telenovelas:

os indivíduos fazem naturalmente a passagem para experiências pessoais e de pessoas conhecidas, fazem observações e julgamentos, além de identificações e projeções com os personagens, e tentam a partir deles conhecer, entender ou

apresentar novas formas de pensar e sentir suas experiências de vida e da sociedade em que vivem. (JUNQUEIRA, 2009, p. 26)

De acordo com Meirelles (2009), Jane Sarques em seu trabalho de mestrado, intitulado *A ideologia sexual de Os Gigantes* e publicado em 1986<sup>78</sup>, buscou analisar, a partir do cruzamento entre classe social, gênero e ideologia, os valores sexuais que receptoras de classes distintas constituíam a partir da novela das oito e em que medida esses valores eram compatíveis com aqueles recebidos pela educação que tiveram na família e pela religião.

Ao entrevistar donas de casa e empregadas domésticas de diferentes classes, a autora comprovou que “a telenovela é absorvida pelas espectadoras, de classes sociais variadas, de modo a corroborar uma ideologia sexista dominante”. As mulheres que pertenciam às classes menos abastadas, que tinham menor nível de escolaridade e que começaram a trabalhar mais cedo aceitavam “com facilidade as imposições e o domínio masculino” e interpretavam a novela de forma a “discordar de posições femininas liberais” (MEIRELLES, 2009, p. 97). As donas de casa, mesmo as que tinham grau de instrução maior, “muitas vezes afirmaram-se de modo mais libertário, mas o comentário preponderante é que a mulher deve ser submissa ao marido no casamento, nas relações familiares, estando confinada ao espaço privado do lar”.

Pensando com as constatações de Sarques (1986) a partir do que afirma Meirelles (2009, p. 97), acreditamos que não podemos afirmar que as informantes aqui aceitam “com facilidade” o “domínio” e as “imposições” masculinas. Talvez o advérbio “facilidade” seja demasiado forte para conseguirmos relacionar os dados da autora com os nossos de forma sintética.

Apesar de ainda vivenciarem a dominação – pois, como nos indica a teoria sobre gênero, as mulheres ainda são dominadas e construídas como o Outro a partir do âmbito sexual, que serve como justificativa para tal -, Luanda e Maria Luísa parecem reconhecer – e, no caso da primeira, mais que isso, criticar - a dominação e a exploração quando tratam das suas experiências e das novelas.

Mesmo que em menores proporções no caso de Luanda, elas idealizem um modelo de maternidade que é praticado por todas e que os usos que fazem das novelas sirvam para legitimar esse modo de ser; apesar da defesa da conciliação de trabalho feminino doméstico e público; mesmo que a maioria – exceto Luanda e Maria Luísa – pareça compreender que as tarefas dos lares sejam obrigação das mulheres, ainda assim, não podemos pensar que a aceitação da dominação ocorre “facilmente”, mas, sim, que em alguns pontos elas deixam

---

<sup>78</sup> Não conseguimos ter acesso ao trabalho da autora.



marcas de reprodução. A própria participação na Associação é um indício disso e exercita uma espécie de lente para (re)conhecer as relações desiguais entre os gêneros, principalmente no caso de Maria Luísa.

Bem como afirmamos com Ronsini (et al, 2017, p. 8), “ainda que na prática continuem a reproduzir a dominação masculina, não deixam de demonstrar desconforto com a opressão de gênero, sentimento que pode ser indicativo de mudanças culturais futuras nas relações de gênero”.

Compreendemos que o nível de questionamentos com relação às representações de gênero nas telenovelas é proporcional à forma como as entrevistadas problematizam as desigualdades no seio das famílias, o que se relaciona aos modos como se apropriam da Associação. A consideração de Martín-Barbero (2003), de que a pesquisa em recepção parte das mediações e o entendimento destas como “lugares dos quais provem as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão” (2003, p. 294) é ratificada quando refletimos que é a partir das divergências entre família-casamento e Associação que, no tocante aos usos das telenovelas, as mulheres vêm elaborando suas representações do feminino que são mais e menos conservadoras.



## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o trabalho de dois anos de mestrado ficou nítida a complexidade da pesquisa em recepção, pois o caráter sociológico que buscamos dar ao trabalho nos fez investigar de forma minuciosa a trajetória das mulheres no âmbito familiar, do trabalho e da participação de cada uma na Associação. Estudar parte de um grupo de mulheres muitas vezes nos tornou duvidosas acerca de como articular as individualidades e os aspectos comuns às entrevistadas e, mais que isso, comuns à Associação. Por isso, as constatações as quais chegamos a seguir precisam ser compreendidas com base no caráter qualitativo desta pesquisa.

É importante ressaltar que, mesmo que a telenovela tenha relevância nas trajetórias de vida das mulheres - pois elas convivem com o gênero desde suas infâncias e, mais do que isso, como visto, se identificam e se distanciam das representações de gênero a partir de suas vivências -, bem como nos fizeram compreender autoras como Cogo (2007) e Ronsini (2014), entendemos ser preciso equilibrar o peso que adquirem as mediações com a relevância que adquire a mídia no processo de recepção.

O objetivo geral desse trabalho foi investigar como as mediações sociopolíticas na Associação e na família conformam os usos que as receptoras fazem das representações sobre gênero na telenovela no que se refere à construção da feminilidade. Para tal, estabelecemos os seguintes passos: a) descrever as atividades individuais e coletivas realizadas pelas integrantes da Associação; b) compreender o significado do grupo nas trajetórias de vida das entrevistadas; c) mapear as relações das mulheres com a instituição família; d) tangenciar as representações sobre gênero, em especial as femininas, veiculadas pelas telenovelas e com base em pesquisas já realizadas; e) identificar convergências e divergências existentes entre as mediações sociopolíticas (Associação e família) e como elas medeiam as produções de sentido das mulheres sobre as representações de gênero nas novelas.

A partir do mapeamento das relações das mulheres com a instituição família, constatamos que a infância e a adolescência das cinco mulheres foram marcadas pela desigualdade nas relações de gênero. Inferimos que as figuras paternas, bem como os ex-maridos de algumas delas - através de investidas violentas ou da ausência na função de educadores - são importantes no envolvimento dessas mulheres com a Associação porque podem incentivá-las a buscar uma vida diferente daquela tida até então, principalmente no tocante às relações entre homens e mulheres. É principalmente pela educação que passam aos filhos que essas mulheres estão enfraquecendo a perpetuação de algumas ideias conservadoras advindas principalmente da família.

Descrevemos as atividades individuais e coletivas realizadas pelas integrantes da Associação e compreendemos o significado do grupo nas trajetórias de vida das entrevistadas. Inferimos que a mediação da Associação ocorre pela ampliação do capital social e leva, em alguma medida, ao conhecimento dos problemas antes tidos como individuais como também integradores das trajetórias de outras mulheres; à maior aceitação das diferenças femininas e ao menor julgamento relativo a modos de pensar e atitudes que não concordam com os próprios; e ao aprendizado e/ou o reforço dos princípios da solidariedade e da cooperação, fatores que as fazem moldar as convivências com outros sujeitos de forma a torná-las mais tolerantes. Relacionado a isso, o papel da Associação nas trajetórias e nas leituras que as entrevistadas realizam das novelas ocorre também, ou principalmente, em função dos assuntos tratados nas reuniões, geralmente iniciados de forma direta e/ou problematizados por Luanda, que dizem respeito às igualdades e desigualdades entre homens e mulheres, bem como a pautas do movimento feminista.

Luanda, a atual presidente da Associação, que tem um nível de instrução maior que os das demais entrevistadas, bem como é mais envolvida com as pautas de movimentos sociais, é a mulher que apresenta o modo de pensar mais crítico com relação à classe social, gênero e etnia, o que se reflete em algumas das suas percepções acerca das experiências e das novelas. Maria Luísa, hoje vice-presidente do grupo, é a informante que demonstra de forma mais nítida as mudanças a partir das quais tem passado desde a criação da Associação, que se relacionam ao modo como percebe a convivência com os filhos, marido e família, assim como a um aumento progressivo da sua autoestima.

As demais entrevistadas, Rafaela, Cenira e Alice não apresentam posicionamentos críticos acerca das relações de gênero, de classe social e étnicas. Essas mulheres percebem menos as mudanças nas relações com filhos e com os cônjuges após o ingresso na Associação em termos das relações de gênero e, a partir de diferentes pontos, em maior ou menor medida se posicionam contrárias às desigualdades entre homens e mulheres.

Mesmo que tenhamos focado na investigação nas mediações sociopolíticas, é fundamental compreender que, nesse caso, a escolaridade parece ser um ponto importante para compreender as identificações e os questionamentos realizados acerca das representações de gênero nas novelas.

Concordamos com Guerín (2005) quando afirma que o acesso a atividades geradoras de renda por mulheres não é suficiente para o estabelecimento de uma igualdade real. Mesmo que as informantes consigam adquirir renda e que tenham acesso a formações com profissionais, de forma geral, as mudanças no tocante às percepções das relações de gênero

mais igualitárias ainda são discretas, sendo mais nítidas nos casos de Luanda e de Maria Luísa. São essas duas entrevistadas que, em alguma medida, mais conseguem reconhecer a situação em que se encontram as mulheres: marcadas pela dominação e pela exploração.

Identificamos as convergências e as divergências existentes entre as mediações sociopolíticas (Associação e família) e como elas medeiam as produções de sentido das mulheres sobre as representações de gênero nas novelas. Constatamos que as divergências entre Associação e família-casamento ocorrem principalmente pelo endosso, por parte desta instituição, da divisão social do trabalho baseada no sexo, que é questionada durante os encontros principalmente por Luanda. Além disso, essas divergências são proporcionais à forma como cada entrevistada se apropria da Associação e percebe nas relações entre os gêneros nas famílias.

Investigamos o acesso e o consumo de mídia e constatamos que os meios de comunicação mais importantes são a televisão e o celular. Quatro entrevistadas tem TV por assinatura, nenhuma compra jornal e a leitura de livros é dificultada pelas rotinas atarefadas. Compreendemos que usos realizados da TV, da internet e das redes sociais – neste caso de Rafaela, Maria Luísa e Luanda, que fazem uso da internet - convergem com alguns dos pressupostos e atividades que as mulheres têm acesso na Associação: acesso à informação e ao entretenimento, aprendizados sobre o respeito às diferenças, artesanato, culinária e a possibilidade de geração de renda, portanto, o uso que fazem da internet não ocorre de maneira instrumental.

A partir das entrevistas e do texto em ação, compreendemos que as novelas as ajudam a compreender quem são enquanto mulheres a partir de representações de personagens mais e menos conservadores – características que demonstramos ao tangenciar as representações sobre gênero, em especial as femininas, veiculadas pelas telenovelas e com base em pesquisas já realizadas - com os quais se distanciam ou se aproximam. A maternidade é o ponto principal das trajetórias das informantes e dota suas experiências de sentido, sendo idealizada e reafirmada pelas leituras que realizam das tramas. Isso é menos incipiente no caso de Luanda, que problematiza essa esfera na Associação e no lar. De modo geral, elas se identificam com personagens que são mães cuidadosas, atenciosas, compreensivas, que impõem limites na educação dos filhos. Os questionamentos são realizados sobre as mulheres e personagens que não atendem aos preceitos maternos mencionados acima, sendo Luanda a única que consegue relativizar a crítica às mães que não considera boas, o que não a impede de defini-las.

Percebemos que o trabalho feminino realizado em âmbito público é relacionado por três entrevistadas à independência feminina – Luanda, Maria Luísa e Rafaela - sendo que para Alice e Cenira, que têm idade mais avançada, este é uma forma de conviver com outras pessoas, comprar o que desejam para si e contribuir com a renda dos maridos, os provedores. Apesar dessas diferenças, todas as entrevistadas acreditam nos benefícios da divisão igualitária do trabalho entre homens e mulheres, sabem da capacidade que os homens têm de aprender as tarefas domésticas, e, inferimos que muito a partir da participação no grupo, percebem a necessária valorização do trabalho feminino.

De forma geral, a partir das percepções das entrevistadas, o trabalho feminino – seja ele realizado em espaço privado ou público - não é representado suficientemente nas telenovelas, o que se nota pelas falas a partir das entrevistas e do texto em ação, que denotam a dificuldade de citar personagens que trabalham. Elas identificam-se com as personagens que consideram trabalhadoras e a maioria questiona os comportamentos daquelas que não o fazem, seja no âmbito público ou privado. Luanda percebe que através das representações sobre as empregadas domésticas as telenovelas a auxiliaram a deixar a profissão na busca por uma melhor condição de classe.

A respeito da esfera das relações afetivas e da sexualidade, percebemos que, ao passo que as mulheres utilizam as tramas como forma de reconhecer que já passaram por violências nos relacionamentos conjugais, através da possibilidade de realizarem projeções, as novelas também podem as fazer perceber o quanto as relações de gênero com os cônjuges podem ser mais igualitárias.

Pela participação na Associação, que é atrelada às vivências anteriores e atuais, a partir de diferentes pontos essas mulheres endossam relacionamentos afetivos igualitários e um indício dessa conquista parcial de autonomia é a projeção e/ou identificação com personagens femininas que reagem a violências. Além disso, elas questionam comportamentos de homens e personagens considerados “machistas”, caracterizados por agredirem mulheres e não realizarem tarefas domésticas, ao que podemos acrescentar os que não auxiliam na educação dos filhos. Aqueles descritos por elas como adequados para casar são trabalhadores, inteligentes, tem uma personalidade equilibrada e são “companheiros” das mulheres - características que não determinam os modos de ser de seus cônjuges.

É consenso entre as mulheres que a infidelidade masculina é mais aceita que a feminina e, mesmo que haja questionamentos, exceto no caso de Luanda, os debates tidos nos encontros e a análise de dados das entrevistas e do texto em ação nos levam a perceber que é

demarcada a maior culpa das mulheres que traem, bem como daquelas que se relacionam com homens compromissados.

As entrevistadas refutam a violência contra as mulheres e uma minoria ainda as vivencia. É consenso que as mulheres que se encontram em relação conjugal violenta podem agir e impedir o sofrimento, mas essa percepção nem sempre vem acompanhada de reflexões acerca das condições possíveis para sair de relacionamentos abusivos. A partir das entrevistas e do texto em ação, Luanda é a única que relativiza esta questão ao compreender as instituições e estruturas que conformam situações do tipo.

As mulheres sensuais são vistas pelas informantes positivamente pela autoestima, aceitação de si e comportamentos discretos, que se relacionam à maquiagem usada na quantidade certa, ao cuidado com o cabelo, ao vestuário e a não necessária exposição do corpo – características que elas relacionam a si mesmas. Na novela, as personagens sensuais relacionam-se a fenótipos admirados - marcados pela beleza e estatura corporal - e comportamentos aprovados, os quais elas admiram. Quando tratam da vulgaridade, as características recaem sobre a má índole e comportamentos com os quais elas não concordam. Pelas leituras que fazem das tramas, a relação com o corpo parece ser ainda maior. Entendemos que as novelas podem ter o papel de reforçar a demarcação entre o que é vulgar e o que é ser sensual nos casos de todas as entrevistadas, independentemente do envolvimento com movimentos sociais e com a Associação. Mesmo tendo interpretado isso, não investigamos em que medida as entrevistadas buscam seguir, ou não, os ditames da beleza midiática.

Para além da própria participação na Associação, são algumas constatações, como as projeções com personagens que reagem as violências e a crítica a homens machistas, que não nos permitem afirmar que as mulheres simplesmente aceitam a dominação masculina através das novelas. Bem como aponta Silva (2011), compreendemos a complexidade e as possíveis contradições do processo de recepção, na medida em que a partir dos usos que as mulheres fazem das tramas elas podem se contrapor ou reproduzir modelos hegemônicos do feminino.

A partir da assistência das novelas, as entrevistadas problematizam questões acerca das relações entre homens e mulheres, seja nos lares ou na Associação, o que demonstra, nos termos de Lopes (2009), a capacidade pedagógica das tramas. Luanda ainda considera que as telenovelas a servem como instrumento de aproximação com moradores do bairro pela possibilidade de diálogo acerca de temas do cotidiano.

Ao mesmo tempo em que a mediação da família parece dificultar o processo de algumas dessas mulheres na construção de representações mais liberais do feminino, a

Associação parece incentivá-las nessa direção. Compreendemos que é justamente pelas divergências entre família e grupo que mulheres como Luanda, Maria Luísa, mas também Rafaela, Cenira e Alice, poderão seguir elaborando representações do feminino cada vez menos conservadoras e que o sentido que as novelas adquirem nas suas trajetórias está relacionado às inserções na família e na Associação. É necessário compreender que, de alguma maneira, essas mulheres apresentam indícios de percepção da opressão a qual as mulheres estão sujeitas, o que pode ilustrar como os vetores da dominação e da exploração femininas são abertos a mudanças nos termos das relações de gênero, bem como afirma Saffioti (2004).



## REFERÊNCIAS

- ABI-ABIB, Maron Emile; MIRANDA, Danilo Santos de. Em busca da plena inserção das mulheres na sociedade brasileira. In: VENTURI, Gustavo; GODINHO, Tatau. (Org.). **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública**. São Paulo: Perseu Abramo, SESC, 2013. p. 13-14.
- ABRAMO, Laís; VALENZUELA, Maria Elena. Tempo de trabalho remunerado e não remunerado na América Latina: uma repartição desigual. In: ABREU, Alice Rangel de Paiva; HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa (org.). **Gênero e Trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais**. Tradução de Carol de Paula. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 113-123.
- ADELMAN, Miriam. Vozes Diferentes: a emergência e a construção da teoria feminista contemporânea. In: ADELMAN, Miriam. **A Voz e a Escuta: encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea**. Curitiba: Blucher, 2009. p. 85-126.
- ADORNO, Theodor W. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel. **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- ALMEIDA, Heloisa Buarque de. **Telenovela, consumo e gênero**. Bauru: Edusc, 2003.
- \_\_\_\_\_. As mulheres e as imagens da televisão. In: VENTURI, Gustavo; GODINHO, Tatau. (Org.). **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública**. São Paulo: Perseu Abramo, SESC, 2013. p. 107-119.
- ASSEBURG, Hans Benno; GAIGER, Luiz Inácio. A Economia Solidária diante das Desigualdades. **Revista de Ciências Sociais**, v. 50, n. 3, 2007, p. 499-533. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/dados/v50n3/03.pdf> > . Acesso em: mai. 2017.
- ALVARADO, Mariana. Mujeres de América Latina: des(re)encuentros, tráfico de ideas y traducción. **Revista anual del Grupo de Investigación de Filosofía Práctica e Historia de las Ideas**. Mendoza, vol. 16, nº 1, jun. 2014.
- BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado: o mito do amor materno**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARBIERO, Hellen Panitz. **A recepção do Jornal Nacional por mulheres de classes populares**. 2015. 158 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

BORATO, Roberta de Souza. Mediação das identidades e representações étnicas pela telenovela *Insensato Coração*: estudo de recepção dos militantes negros. 116 f. Dissertação (Comunicação), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

BORDINHÃO, Filipe dos Santos. **Masculinidade em anúncio(s): Recepção publicitária e identidade de gênero**. 2012. 250 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. **Pesquisa Brasileira de Mídia**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2014. Disponível em: <<http://de.slideshare.net/BlogDoPlanalto/pesquisabrasileira-de-mdia-2014>>. Acesso em: mar. 2017.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Brasileira de Mídia**. Brasília: Secom, 2016. Disponível em <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view>. Acesso em: mar. 2017.

BRUNSDON, Charlotte. A thief in the night: stories of feminism in the 1970s at CCCS. In: HALL, Stuart. **Critical Dialogues in Cultural Studies**. London and New York: Routledge, 1996.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **A política dos outros**: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COGO, Denise. **Pesquisa em Recepção na América Latina**: perspectivas teórico-metodológicas. Barcelona, Incom, 2007. Disponível em: [http://www.portalcomunicacion.com/uploads/pdf/48\\_por.pdf](http://www.portalcomunicacion.com/uploads/pdf/48_por.pdf). Acesso em: set. 2016.

CÁRITAS BRASILEIRA. **Cáritas Brasileira: avaliação do quadriênio 2012-2015.** Revista de Avaliação Quadriênio 2012-2015. Brasília, 2015.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero uma perspectiva global: compreendendo o gênero - da esfera pessoal à política - no mundo contemporâneo.** São Paulo: nVersos, 2015.

CORRÊA, Laura G.; SILVEIRA, Fabrício J. N. da. Representações. In: **Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS): Trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação.** FRANÇA, Vera; MARTINS, Bruno G.; MENDES, André M. (Org.). Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - PPGCom - UFMG, 2014.p. 123-126.

DEER, Cecile. Doxa. In: GRENFELL, Michael (Ed.). **Pierre Bourdieu: Key concepts.** Acumen, 2008. p. 119-130.

DILL, Lourdes; BERTUCCI, Ademar; MACHADO, Mara de Oliveira (Org.). **Feira de Economia Popular e Solidária de Santa Maria: uma experiência aprendente e ensinante.** Santa Maria: Editora Evangraf, 2006.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografias dos estudos culturais: Uma versão latino-americana.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

\_\_\_\_\_. **Cartografias dos estudos culturais: Uma versão latino-americana.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

\_\_\_\_\_. Stuart Hall e feminismo: revisitando relações. **Matrizes**, São Paulo, v.10, nº 3, set/dez, 2016. <<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/viewFile/122541/121878>> Acesso em abr. 2017.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; JACKS, Nilda. **Comunicação e Recepção.** São Paulo: Hacker Editores, 2005.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; JACKS, Nilda. Recepção: uma discussão conceitual. In: CAPARELLI, Sergio; SODRÉ, Muniz; SQUIRRA, Sebastião. (Org.). **A comunicação revisitada.** Porto Alegre: Sulina, 2005, p. 67-84.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Representações, mediações e práticas comunicativas. In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. **Comunicação, representação e práticas sociais.** v.1. Rio de Janeiro: PUC Rio; Aparecida: Ideias e Letras, 2004. P. 13-26.

GOHN, Maria da Glória. Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina. **Caderno CRH**, Salvador, v. 21, n. 54, p. 439-455, set/dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v21n54/03>>. Acesso em: mai. 2017.

\_\_\_\_\_. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, p. 333-361, maio-ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf> . Acesso em: mai. 2017.

GOMES, Itania Maria Mota. Efeito e Recepção: a interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media. In: GOMES, Itania; SOUZA, M. Carmen (Org.). **Media e Cultura**. Salvador: EDUFBA, 2002.p. 29-53.

OROZCO-GÓMEZ, Guillermo. La condición comunicacional contemporánea. Desafíos latinoamericanos de la investigación de las interacciones en la sociedad red. In:FERRANTE, Natália; MARROQUIN, Amparo; VILARROEL, Mónica (Org.).**Análisis de recepción en América Latina**: unrecuento histórico con perspectivas al futuro. Quito, Ecuador: Ciespal, 2011.p.377-411.

GUERÍN, Isabelle. **As mulheres e a Economia Solidária**. São Paulo: Loyola, 2005.

HALL, Stuart. Estudos culturais e seu legado teórico. In: HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG/UNESCO, 2003. p. 199-218.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: 11 ed. DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. Codificação/Decodificação. In: SOVIK, Liv (Org.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. 1ª ed. atualizada. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. (p. 365-381)

HAMBURGER, E. **O Brasil antenado: A sociedade da novela**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (Ipea) et al.. **Retrato das desigualdades de gênero e raça: 20 anos**. Brasília: Ipea, 2017. Disponível em

[http://agencia.ipea.gov.br/images/stories/PDFs/170306\\_retrato\\_das\\_desigualdades\\_de\\_genero\\_raca.pdf](http://agencia.ipea.gov.br/images/stories/PDFs/170306_retrato_das_desigualdades_de_genero_raca.pdf). Acesso em: mar. 2017.

JACKS, Nilda; OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Investigación latinoamericana de recepción: Un largo camino andado, una historia viva para contar. In: BOLAÑO, César; DRUETTA, Delia Crovi; CIMADEVILLA, Gustavo (coords.). **La contribución de América Latina al campo de la Comunicación**. Prometeo Libros, 2015. p. 134-174.

JACKS, Nilda (coord. e org.) et al. **Meios e Audiências III: reconfigurações dos estudos de recepção e consumo midiático no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2017.

JODELET, Denise. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2001.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org. e tradução). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autentica, 2010. p. 7-132

JUNQUEIRA, Lília. **Desigualdades sociais e telenovelas: relações ocultas entre ficção e reconhecimento**. São Paulo: Annablume, 2009.

KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. **Novos Estudos**, Cebrap, n. 86, mar. 2010.

\_\_\_\_\_. O cuidado e a imbricação das relações sociais. In: ABREU, Alice Rangel de Paiva; HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa (orgs.). **Gênero e Trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais**. Tradução Carol de Paula. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 17-26.

LAGARDE, Marcela. “El género”, fragmento literal: ‘La perspectiva de género’. In **Género y feminismo**. Desarrollo humano y democracia, Ed. horas y HORAS, España, 1996, p. 13-38.

LEAL, Ondina F. **A Leitura Social da Novela das Oito**. Petrópolis : Ed. Vozes, 1986.

LIMA, Jacob Carlos. Trabalho informal, autogestionário e gênero. **Sociedade e Cultura**, v. 9, n. 2, p. 303-310, 2006. Disponível em < <https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/478>>. Acesso em: mai. 2017.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. A telenovela como recurso comunicativo. **Matrizes**, v. 3, n.1, p. 21-47, dez./ago. 2009. Disponível em: < [http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/32406/art\\_LOPES\\_Telenovela\\_2009.pdf?sequence=2](http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/32406/art_LOPES_Telenovela_2009.pdf?sequence=2)>. Acesso em set. 2016

\_\_\_\_\_. Uma agenda metodológica presente para a pesquisa de recepção na América Latina. In: FERRANTE, Natália; MARROQUIN, Amparo; VILARROEL, Mónica (Org.). **Análisis de recepción en América Latina: um recuento histórico con perspectivas al futuro**. Quito, Ecuador: Ciespal, 2011. p. 409-428.

\_\_\_\_\_; BORELLI, Silva Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção e teleficcionalidade**. São Paulo: Summus, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Oficio de Cartógrafo: Travesías latinoamericanas de la comunicación em la cultura**. Santiago, México: Fondo de Cultura Económica, 2002.

\_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2003.

MATTOS, Patrícia. A mulher moderna numa sociedade desigual. In: SOUZA, Jessé (org.). **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MEIRELLES, Clara F. **Prazer e resistência: a legitimação do melodrama nos contextos acadêmicos anglo-americano e brasileiro**. 2009. 212 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

MESSA, Márcia Rejane Postiglioni. **As mulheres só querem ser salvas: Sex and the City e o pós-feminismo**. 2006. 138 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MOHANTY, Chandra Talpade. **Bajo los ojos de Occidente: Saber académico y discursos coloniales**. In: Estudios Postcoloniales. Traficantes de Sueños: Madrid, 2008. p. 69-102

MORLEY, David. **Da recepção ao consumo de TICs**. Medios, modernidad y tecnología. Hacia una teoría interdisciplinaria de la cultura. Barcelona: Gedisa Editorial, 2008.

MURDOCK, Graham; MCCRON, Robin. Conciencia de classe y conciencia de geración. In: HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony (eds.). **Rituales de resistencia: Subculturas juveniles en la Gran Bretaña de postguerra**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2014, p. 293-314.

NEVEAU, Eric. Richard Hoggart e a família operária: Uma lucidez sem conceitos. In: Chaubaud-Rychter; Descoutures; Devreux; Varikas (Org.). **O gênero nas ciências sociais**. São Paulo/Brasília: UNESP/UNB, 2014.

OLIVEIRA, Jaqueline Pereira de. Mulheres na Economia Solidária: possibilidade de reconhecimento e emancipação social. **Sociedade e Cultura**, v.11, n.2, jul/dez. 2008. p. 325 a 332.

OLIVEIRA, Silvana de; ZANINI, Maria Catarina C.. A feira urbana de Economia Solidária de Santa Maria, RS, nos relatos de alguns participantes à revista de 20 anos do Feirão Colonial. In: OLIVEIRA, Silvana Silva de; DUTRA, Maria Rita Py; ZANINI, Maria Catarina C. (Org.). **Somos todas mulheres iguais!** Estudos antropológicos sobre feira, gênero e campesinato. São Leopoldo: Oikos, 2015. p. 66-76

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, vol. 24, n. 1, 2005.

PERUZZO, Cecília Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009. p. 125-144.

PINTO, Céli Regina. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) Mulher?. In: ANGRANTI, L. (Org). A prática feminista e o conceito de gênero. **Textos didáticos**, n. 48. Campinas: IFCH/Unicamp, 2002, p. 7-42.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**. Goiânia: UFG, v.11, n.2, P.263-274, 2008.

QUADROS, Waldir. A evolução da estrutura social brasileira: notas metodológicas. Texto para discussão. **Texto para Discussão**, Campinas/SP, n.147, p. 2-30, nov. 2008. Disponível em: <<http://www.eco.unicamp.br/docprod/downarq.php?id=1777&tp=a>>. Acesso em: set. 2016.

RONSINI, Veneza Mayora. **Entre a capela e a caixa de abelhas: identidade cultural de gringos e gaúchos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

\_\_\_\_\_. **Mercadores de sentido: consumo de mídia e identidades juvenis**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

\_\_\_\_\_. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). In: GOMES, Itania M. M.; Junior, Jader J.(Org.). **Comunicação e estudos culturais**. Salvador: EDUFBA, 2011.p.75-98.

\_\_\_\_\_. **A crença no mérito e a desigualdade**: a recepção da telenovela do horário nobre. Porto Alegre: Sulina, 2012.

\_\_\_\_\_. El polvo de la tradición en la carretera de los Estudios Culturales. In: MALDONADO, Alberto E. (coord.). **Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil**. Salamanca: Comunicación Social. 2014, p.75-98.

\_\_\_\_\_.; SILVA, R.; WOTTRICH, L. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero no Estudo de Recepção de Telenovela. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba – PR, 2009. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO (NACIONAL) – COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA NA ERA DIGITAL, 32.,2009, Curitiba/PR. **Anais...** Curitiba/PR, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1712-1.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2014.

\_\_\_\_\_.; DEPEXE, Sandra; DHEIN, Gustavo; CHAGAS, Otávio; BARBIERO, Hellen P. Os sentidos das telenovelas nas trajetórias sociais de mulheres das classes populares. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação** | E-compós, Brasília, v.20, n.1, jan./abr. 2017.

\_\_\_\_\_.; CHAGAS, Otávio; BARBIERO, Hellen P.; MACHIAVELLI, Marina. Os sentidos das telenovelas nas trajetórias sociais de mulheres da classe dominante. In: XXV Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – COMPÓS, Goiânia/GO, 2016. **Anais...** Goiânia/GO, 2016. Disponível em: [http://www.compos.org.br/biblioteca/templatexxvcompos\\_3435.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/templatexxvcompos_3435.pdf). Acesso em: mar. 2017.

RUBIN, Gayle . “The traffic in women: Notes on the ‘political economy’ of sex”. In REITER, Rayna. **Towards an Anthropology of Women**. New York: Monthly Review Press, 1975 p. 157-210.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

\_\_\_\_\_. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.



\_\_\_\_\_. **A mulher na sociedade de classes**. 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SARRIA ICAZA, Ana Mercedes; FREITAS, Marcelo Ribeiro de. (Org.). **O Projeto Esperança Cooesperança e a construção da Economia Solidária no Brasil**. Relato de uma experiência. Cáritas Brasileira, Porto Alegre: Gráfica e Editora Pallotti, 2006.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. Campinas: Autores Associados, 1996.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul/dez, 1990.

SCHERER-WARREN, Ilse. Redes de Movimentos Sociais na América Latina: caminhos para uma política emancipatória? **Caderno CRH**, Salvador, v. 21, n. 54, p. 505-517, Set./Dez. 2008.

SIFUENTES, Lírian. **Telenovela e a identidade feminina de jovens de classe popular**. 2010. 234 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

\_\_\_\_\_. **Todo mundo fala mal, mas todo mundo vê**: Estudo comparativo de consumo de telenovela por mulheres de diferentes classes. 2014. 298 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SILVA, Renata Córdova da. **Feminino velado**: a recepção de telenovela por mães e filhas das classes populares. 2011. 145 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Muito além do Jardim Botânico**. Um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo entre trabalhadores. São Paulo: Summus, 1985.

SIMÕES, Paula Guimarães. A centralidade da experiência na constituição das representações: contribuições interdisciplinares para o campo da comunicação. **E-compós**, Brasília, v.13, n.1, jan./abr. 2010.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. 1ª ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SKEGGS, Beverley. **Recusando-se a ser vencida pelo cansaço**. (Entrevista disponibilizada no 1º semestre de 2017) Disponível em: <<http://www.journals.usp.br/matrizes/article/view/131624/0>> Entrevista concedida a Veneza Mayora Ronsini e Gustavo Dhein. Acesso em: jul. 2017.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania**: para uma sociologia política da modernidade periférica. 2.ed. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2012.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa; TONDATO, Márcia Percin; TUZZO, Simone Antoniaci. **Mulheres do sol e da lua**: a televisão e a mulher no trabalho. Goiânia: PUC Goiás, 2012.

THOMSON, Patricia. Field. In: GRENFELL, Michael (Ed.). **Pierre Bourdieu**: Key concepts. Acumen, 2008. p. 67-84

VELOSO, Ana Maria Conceição. **O fenômeno Rádio Mulher**: comunicação e gênero nas ondas de rádio. 2005. 154 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2005.

VILELA, Rosário Sánchez. Técnica método e teoria. A entrevista em profundidade na investigação da recepção. In: JACKS, Nilda; PIEDRAS, Elisa R.; VILELA, Rosário S. (Org.). **O que sabemos sobre as audiências?** Estudos latino-americanos. Porto Alegre: Armazém Digital, 2006.p.44-59.

WINOCUR, Rosalía. **Robinson Crusoe ya tiene celular**. La conexión como espacio de control de la incertidumbre. México: Siglo XXI editores, 2009.

WOOD, Helen . **Talking with television**: women, talk-shows and modern self-reflexivity. Illinois: University of Illinois Press, 2008a.

\_\_\_\_\_. **O texto em ação**. (Entrevista disponibilizada no 1º semestre de 2008b). Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/07/Communicare-vol.-8.1.pdf>>. Entrevista concedida a José Eugênio de Oliveira Menezes, Liráucio Girardi Jr., Luís Mauro Sá Martino. Acesso em: set. 2016.

\_\_\_\_\_; SKEGGS, Beverley; THUMIM, Nancy. ‘Oh goodness, I am watching reality TV’: How methods make class in audience research. **European Journal of Cultural Studies**, v. 11, p. 5-24, 2008.

\_\_\_\_\_. Talking with Television: Women, Talk Shows and Modern Self-Reflexivity. University of Illinois, 2009. Resenha de SADLER, Barbara. **Participations: Journal of Audience & Reception Studies**, v. 7, p. 180-182, 2010.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

WOTTRICH, Laura Hastenpflug. **Envelhecer com Passione: a telenovela nas vidas de idosas das classes populares**. 2011. 236 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

### Lista de sites consultados

Informações sobre “PEC das Domésticas”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/seu-dinheiro/noticia/2015/06/regulamentacao-dos-direitos-das-domesticas-e-publicada.html>>. Acesso em jun. 2017.

Globo Play. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/>> Acesso em: jun. 2017.

Memória Globo. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/> Acesso em: jun. 2017.

Personagens *A Força do Querer*. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/a-forca-do-querer/personagem/>> Acesso em: jun. 2017.

Personagens e sinopse de *A Lei do Amor*. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/a-lei-do-amor/personagem/>> Acesso em: jun. 2017.

Personagens e sinopse de *A Viagem*. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/a-viagem.html> Acesso em: jun. 2017.

Personagens e sinopse de *Escrava Isaura*. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/escrava-isaura.html> Acesso em: jun. 2017.

Personagens *Laços de Família*. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/lacos-de-familia/galeria-de-personagens.html>> Acesso em: jun. 2017.

Personagens e sinopse de *Mulheres Apaixonadas*. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/mulheres-apaixonadas.html>> Acesso em: out. 2017.

Personagens novela *Novo Mundo*. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/novo-mundo/personagem/>> Acesso em: jun. 2017.

Personagens novela *Rock Story*. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/rock-story/personagem/>> Acesso em: jun. 2017.

Personagens *Senhora do Destino*. <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/senhora-do-destino/galeria-de-personagens.html>> Acesso em: jun. 2017.

Religião Umbanda. Disponível em: <[umbanda-orixas.info](http://umbanda-orixas.info)> Acesso em fev. 2018.

Religião evangélica. Disponível em: <[religião.culturamix.com](http://religião.culturamix.com)> Acesso em fev. 2018.

**APÊNDICE A – Formulário exploratório**

1. Qual o número de horas dedicadas à televisão/dia?
  2. Tem TV fechada ou só aberta? Tem NET.
  3. Qual o seu canal de televisão favorito?
  4. Quais são os três Canais mais assistidos  
 Globo                     SBT             Bandeirantes    Record  
 MTV                         Cartoon     Discovery     Globo News  
 People and arts     Sony             TNT             Universal  
 Warner                     National     GNT     Rede TV  
 Telecines                 Outro qual?
  5. Qual seu programa favorito? Por quê?
  6. Você costuma assistir a telenovelas (ou gênero de preferencia)?
  7. O que você mais e menos gosta nas novelas (ou gênero de preferencia)?
  8. Qual mulher chama a atenção na novela (ou gênero de preferencia)?
  9. Identifica-se com alguma mulher (ou gênero de preferencia)?
- Tem computador?
10. Qual o numero de horas dedicadas ao computador?
  11. Qual número de horas dedicado ao celular? Tem internet no celular?
  12. Local de acesso à internet:
  13. Atividades realizadas na internet.
- Coletivo
14. Quais são os objetivos no coletivo?
  15. Quais atividades realiza no coletivo?
  16. Se considera feminista?
  17. Qual é a visão sobre isso?
  18. Que tipo de feminismo busca?
  19. Participa da marcha das vadias ou de outros movimentos/encontros?

**APÊNDICE B – Instrumento socioeconômico****Dados Pessoais/Socioeconômico**

- 1) Idade:
- 2) Origem étnica:
- 3) Religião:
- 4) Escolaridade:
- 5) Estado Civil: Se casada/namora/noiva/divorciada/separada, há quantos anos?
- 6) Filhos? Idade dos filhos:
- 7) Escolaridade dos filhos:
- 8) Profissão dos filhos:
- 9) Escolaridade da entrevistada:
- 10) Profissão da entrevistada. Se aposentada, desde quando e como?
- 11) Escolaridade do marido:
- 12) Profissão do marido/namorado/noivo: (Se falecido dizer / Se aposentado, desde quando e como)
- 13) Mora com quem?
- 14) Profissões dos moradores da casa:
- 15) Os moradores da casa contribuem com as despesas?
- 16) Quem é o responsável pelo sustento da família?
- 17) O imóvel próprio ou alugado?
- 18) Número de banheiros.
- 19) Possui carro? Se sim, quitado ou em pagamento?
- 20) Possui máquina de lavar roupas?
- 21) Possui plano de saúde? Qual?
- 22) Endereço:

### APÊNDICE C - Instrumento acesso e consumo de mídias

- 1) Qual é o meio de comunicação que você mais utiliza?
- 2) Você tem acesso à internet? De que tipo? (3g, 4g, WiFi)
- 3) Você utiliza internet?
- 4) Se sim, em que local acessa? (casa, trabalho, *lanhouse*)
- 5) Se sim, por meio de qual dispositivo? (PC, celular, *tablet...*)
- 6) Busca informações sobre novelas na internet? Em que sites?
- 7) Tem computador? Se sim, é próprio?
- 8) Com que frequência utiliza o computador? O que consome?
- 9) Tem tablet? Se sim, o que consome?
- 10) Tem celular? Se sim, o que faz nele?
- 11) Participa de quais redes sociais? É ativa?
- 12) O que você gosta de ver nas redes sociais?
- 13) Com quem e com que frequência conversa?
- 14) Você aprende algo nas redes sociais?
- 15) Tem Netflix? Se sim, o que consome? (gênero)
- 16) Tem TV por assinatura? Quantos canais? O que consome?
- 17) Tem antena parabólica? O que consome?
- 18) Assina jornal? Qual?
- 19) Qual editoria/parte chama sua atenção? Por que?
- 20) Lê jornal com que frequência?
- 21) Assina revista? Qual?
- 22) O que mais chama atenção nas revistas?
- 23) Com que frequência lê?
- 24) Escuta rádio? Quais emissoras?
- 25) Com que frequência?
- 26) Lê livros?
- 27) Quantos livros, mais ou menos, você lê por ano?
- 28) Que tipo de livro consome e com qual objetivo?
- 29) Lembra-se do título do último livro que leu?

#### Televisão

- 30) Qual o número de horas dedicadas à televisão?  
 menos de 1h  entre 1h e 2h  entre 2h e 3h  entre 3h e 4h  mais de 4h
- 31) Qual o canal de televisão favorito? Por que?
- 32) Quais são seus gêneros de programa preferidos? Por que?  
 desenho  documentário  esporte  entrevista  
 filme  humorístico  auditório  musical  
 noticiário  telenovela  talk-show  seriados  
 reality show
- 33) Qual o programa favorito? Por que?
- 34) A televisão é importante na sua vida?
- 35) Com qual finalidade assiste tv?

## APÊNDICE D – Instrumento gênero

### Feminilidade “a partir da experiência”

- 1) O que é ser mulher para você?
- 2) Você gosta de ser mulher? Por que?
- 3) Qual é o seu exemplo de mulher? Por que?
- 4) Quais são as melhores coisas de ser mulher?
- 5) Quais são as piores coisas de ser mulher?
- 6) Quais são as principais qualidades das mulheres?
- 7) Você acha que nascemos com elas ou que as adquirimos?
- 8) Você se considera uma mulher independente ou dependente? Com relação a quem e por que?
- 9) Alguma vez você já foi discriminada por ser a mulher que você é?
- 10) Você como mulher (negra) mãe e trabalhadora, se sente valorizada pela sociedade?
- 11) Pelo que você observa na sociedade, como a mulher pobre (e negra) é vista pelos outros?  
(Habitação, escolaridade, família, lazer, relações sociais, vestuário)
- 12) De que modo a sua condição econômica determina a sua maneira de viver?

### Categorias empíricas

#### Maternidade “a partir da experiência”

- 13) A experiência da maternidade foi importante para você?
- 14) Você acha possível uma mulher se sentir completa/realizada sem ter a experiência da maternidade?
- 15) O que seus filhos significam para você?
- 16) Como você define uma boa mãe?
- 17) Como você define uma “má” mãe?
- 18) Você se considera uma boa mãe? Por que?
- 19) O que faria diferente com relação aos filhos?
- 20) A maternidade mudou sua relação com o marido/parceiro?
- 21) Você considera que as mães ou os pais tem maior ou menor responsabilidade sobre a educação dos filhos?
- 22) Você contou/conta com o auxílio do marido para cuidar e educar as crianças?
- 23) Você sacrifica/sacrificaria sua vida pelos seus filhos? Se sim, acha isso certo?
- 24) Você considera que o amor e o afeto que as mulheres têm para com os filhos é maior/diferente que aqueles que o pai sente?  
**Obs.:** Ser mãe/Não ser mãe; Ser boa mãe /ser “má” mãe; Responsabilidade-educação-sentimento para com os filhos;

#### Trabalho produtivo-reprodutivo “a partir da experiência”

- 25) O que significa o trabalho na vida de mulheres de classe popular?
- 26) Você acha possível conciliar as atividades domésticas com aquelas realizadas fora de casa?  
Caso sinta dificuldade, quais são?
- 27) O que você acha da mulher que trabalha fora de casa e da mulher do lar?
- 28) Qual deve ser a prioridade de uma mulher? (trabalho, família)
- 29) Você acha que as atividades domésticas que as mulheres realizam são valorizadas na sociedade?
- 30) Como são vistas as mulheres que trabalham em casa?
- 31) Como são vistas as mulheres que trabalham fora?
- 32) Você considera importante que haja divisão de tarefas ou os homens não têm habilidade para limpar, cozinhar, cuidar dos filhos?
- 33) Você considera que os homens ou as mulheres trabalham mais?



**Obs.:** Significado do trabalho; Trabalho produtivo-reprodutivo (divisão de tarefas, conciliação, valores); Prioridade feminina.

**Sexualidade/relações entre construções de gênero “a partir da experiência”**

- 34) Com quantos parceiros já se relacionou? (Deixar entrevistada à vontade para tratar de namorados, maridos, tipos de relações que manteve)
- 35) O que você acha sobre fazer sexo sem sentir amor?
- 36) O que você acha da infidelidade feminina? (razões e consequências)
- 37) O que você acha da infidelidade masculina? (razões e consequências)
- 38) Você já foi infiel ou pensou em ser? Por que?
- 39) Você já foi traída?
- 40) Para você, o que é sensualidade?
- 41) Que comportamento você associa a uma mulher sensual?
- 42) Para você, o que é vulgaridade?
- 43) Que comportamento você associa a uma mulher vulgar?
- 44) Você se considera sensual?
- 45) Você se considera vulgar? Por que?
- 46) Que tipo de mulher os homens desejam para casar?
- 47) Que tipo de homem as mulheres desejam para casar?
- 48) O que há de ruim no casamento?
- 49) O que há de bom no casamento?
- 50) Por que você acha que algumas mulheres decidem não casar?
- 51) O que mais te incomoda em um homem?
- 52) Quais são as principais diferenças entre homens e mulheres?
- 53) A vida das mulheres é mais fácil ou mais difícil que a dos homens? Por que?
- 54) Se você pudesse mudar alguma coisa na relação com seu marido, o que mudaria?
- 55) Você acha que geralmente as relações das mulheres com os companheiros é de dominação, igualdade ou violência?
- 56) Em uma relação que a mulher é humilhada pelo marido ou sofre algum tipo de violência, ela é vítima ou pode agir e impedir o sofrimento?

## APÊNDICE E – Instrumento ritualidade - telenovela

### Novela para a amostra

- 1) Lembra quando começou a assistir novela?
- 2) Por que assiste novela?
- 3) A quais telenovelas assiste atualmente?
- 4) Você sabe dizer do que tratam as telenovelas que você assiste?
- 5) Qual foi a telenovela que mais lhe marcou? Por que?
- 6) Qual foi/Quais foram a cena de telenovela que mais lhe marcou? Por que?
- 7) O que você acha da novela?
- 8) Você se lembra de a telenovela ter lhe ajudado a:  
Refletir sobre alguma coisa? (valores, família, relacionamento)  
Sonhar com algo?
- 9) Em qual cômodo da casa assiste?
- 10) Que companhia costuma ter quando assiste novela?
- 11) Que atividades costuma realizar enquanto assiste?
- 12) Você costuma conversar com outras pessoas sobre telenovela? Se sim, com quem?
- 13) Quais são os(as) personagens cujas trajetórias são mais realistas da novela? (classe, gênero, etnia)
- 14) Quais são os(as) personagens cujas trajetórias são menos realistas da novela?

### Feminilidade/relações entre construções de gênero “a partir da telenovela” (pensando sexualidade, maternidade e trabalho)

- 15) O que a novela mostra sobre o que é ser mulher?
- 16) Você considera que a novela ajuda a entender o que é ser mulher? Por que?
- 17) Você acha que a novela ajuda a pensar sobre que mulher você é? Por que?
- 18) O que você já aprendeu e/ou aprende com a telenovela? (Questionar sobre educação dos filhos; relacionamentos mais ou menos igualitários; independência feminina...)
- 19) Você se identifica com alguma personagem pertencente à classe popular que é retratada na novela? Por que?
- 20) Com qual personagem feminina você não se identifica? Por que?

### Categorias empíricas

#### Maternidade “a partir da novela” (abrir para tipos de maternidade/família)

- 21) Como a maternidade é representada na novela?
- 22) Você concorda com as representações sobre a maternidade?
- 23) O que a maternidade significa para as personagens femininas na novela?
- 24) Comente sobre uma personagem que você considera boa mãe.
- 25) Comente sobre uma personagem que você considera uma má mãe.
- 26) Na telenovela, a responsabilidade dos filhos recai mais para os pais ou para as mães?
- 27) Dê exemplo de um ou mais casais que educa os filhos de forma compartilhada.
- 28) Na telenovela, o amor e o afeto que as mulheres têm para com os filhos é maior/diferente que aqueles que o pai sente?
- 29) No que se refere à maternidade, você se identifica com qual personagem feminina?
- 30) Você aprende sobre ser mãe com a novela? Se sim, o que?

#### Trabalho “a partir da novela”

- 31) Cite e comente sobre uma personagem trabalhadora da novela.
- 32) O que o trabalho significa para as personagens da novela?
- 33) Como as mulheres que trabalham fora são retratadas na novela? (Pedir exemplos)

- 34) Como as mulheres que trabalham em casa são retratadas na novela? (Pedir exemplos)
- 35) Comente sobre as seguintes relações na novela: (procurando citar personagens femininas como exemplo para pensar nas conciliações)
- Trabalho fora e maternidade. Trabalho doméstico e maternidade:  
 Trabalho fora e casamento. Trabalho doméstico e casamento.  
 Trabalho fora e trabalho doméstico:
- 36) Qual você acha que é a prioridade feminina nas novelas?
- 37) Na novela as mulheres realizam as tarefas domésticas mais sozinhas ou dividem com os homens?
- 38) Você acha que os personagens masculinos ou femininos trabalham mais? Por que?

### **Sexualidade “a partir da novela”**

- 39) O que você acha das cenas de sexo que aparecem na novela?
- 40) Você acha que a infidelidade masculina é mais aceita do que a feminina na telenovela?
- 41) Cite uma personagem que você considera sensual. Por que?
- 42) Cite uma personagem que você considera vulgar. Por que?
- 43) Você identifica sua relação com marido/parceiro com qual relacionamento da telenovela? Por que?
- 44) Qual é o personagem masculino que chama sua atenção? Por que?
- 45) Descreva a trajetória dessa personagem a partir dos seguintes pontos: Família, escola, relacionamento, trabalho e aparência.
- 46) Qual é a personagem feminina que chama sua atenção? Por que?
- 47) Descreva a trajetória dessa personagem a partir dos seguintes pontos: Família, escola, relacionamento, trabalho e aparência.
- 48) Você considera que as relações entre homens e mulheres na telenovela são de igualdade, dominação ou violência? Cite exemplos.

## APÊNDICE F – Instrumento socialidade

### **Família primordial (formada por pais e irmãos)**

- 1) O que a família significa para você?
- 2) Lembra-se de conflitos com a família?
- 3) Como era a relação dos seus pais? (boa relação ou conflitos no casamento/relacionamento)
- 4) Como foi a educação que você recebeu?
- 5) Havia diferenças na educação dos meninos e das meninas? Quais?
- 6) Quais foram as principais exigências dos seus pais? (sexo dos irmãos)
- 7) Como era a liberdade que você tinha? (sexo dos irmãos)
- 8) Como funcionava a organização da sua casa? Quem fazia o que? (Divisão de tarefas)
- 9) O que sua família lhe ensinou sobre ser mulher?
- 10) Como é sua relação com sua mãe?
- 11) Como era sua relação com seu pai?
- 12) O que você aprendeu sobre ser homem? (a partir do pai, irmãos, primos)
- 13) Como e por que ocorreu a saída de casa?
- 14) Quais foram os conselhos profissionais que recebeu? (sexo dos irmãos)
- 15) Você acha que eles (os conselhos) influenciaram no trabalho que você exerce hoje?

### **Família atual (formada por marido e filhos)**

- 16) O que a família significa para você?
- 17) Quais são os conflitos que sua família tem?
- 18) Como é sua relação com seu marido?
- 19) Você considera que trabalha mais ou menos que seu marido/companheiro? Por que?
- 20) Como é a sua relação com seus filhos? E do seu marido?
- 21) Como é a educação que passa aos filhos?
- 22) Como é sua relação com seus filhos/filhas?
- 23) Quais são as principais exigências que você tem com relação aos seus filhos? (sexo)
- 24) Como é a liberdade que você dá para os filhos? (sexo)
- 25) Qual e o maior ensinamento que passa aos filhos?
- 26) O que ensina aos filhos sobre o que é ser mulher?
- 27) O que ensina aos filhos sobre o que é ser homem?
- 28) Quais são os conselhos profissionais que oferece aos filhos? (sexo)
- 29) Como funciona a organização da sua casa? Quem faz o que? (Divisão de tarefas)

### **Trajatória no trabalho produtivo-reprodutivo “a partir da experiência”**

- 30) Conte sua trajetória no trabalho. (Idades, lugares em que trabalhou...)
- 31) Qual a profissão você gostaria de ter? O que gostaria de ser?
- 32) O que o trabalho representa para você?
- 33) Você faz quais atividades domésticas?
- 34) Você gosta de fazer as atividades domésticas?
- 35) Você divide as atividades domésticas com alguém?

### **Associação (\* para A e Z)**

- 36) \*Quando e como surgiu o grupo?
- 37) \*Quais foram as principais dificuldades que o grupo enfrentou?
- 38) \*Quais são os princípios do grupo e como eles funcionam na prática? (autogestão; cooperação; solidariedade)
- 39) \*Como iniciou o vínculo com o Projeto?
- 40) \*Por que o nome da Associação?

- 41) \*A Associação tem vínculo com a igreja a partir do grupo?
- 42) \*Como funciona a organização no grupo? (organização/divisão de trabalho, divisão de lucro, valores)
- 43) Como ficou sabendo da existência do grupo?
- 44) Há quanto tempo e por que começou a participar do grupo?
- 45) Por que parou de trabalhar e entrou no grupo? O que faz se manter nele?
- 46) O que você faz na auto-organização?
- 47) Você consegue tirar seu sustento do trabalho que realiza no grupo?
- 48) Qual é o principal objetivo do grupo?
- 49) Vocês tem apoio de quem? (Instituições – Estado...)
- 50) Como são as relações na auto-organização?
- 51) Você já teve conflitos na auto-organização? Quais?
- 52) Você tem algum impedimento para participar do grupo? Se sim, qual?
- 53) O que você aprende participando da auto-organização? (mão de obra, valores)
- 54) Qual é a importância da auto-organização na sua vida?
- 55) O que mudou na sua vida depois que entrou na auto-organização?
- 56) Conte como era e como é atualmente (antes e depois do ingresso na auto-organização) a relação com o seu marido.
- 57) Conte como era e como é a relação com os filhos/filhas (antes e depois do ingresso no grupo).
- 58) Conte como era e como é a relação com as mulheres da família (antes e depois do ingresso no grupo).
- 59) Você costuma participar das feiras promovidas pelo projeto? De quantas já participou?  
Como foram as experiências?

#### **Relações com o movimento feminista/movimentos sociais**

- 60) Como você define o feminismo?
- 61) Como tem contato com o movimento feminista?
- 62) Você se considera feminista?
- 63) Para você, por que o feminismo é importante?
- 64) Você participa de outros movimentos sociais? Quais?
- 65) Se não participa, gostaria participar? De qual?
- 66) Você participa de outros grupos ou associações? Quais?
- 67) Para que partido ou presidente você votou/votaria? Por que?